

Instituto Sedes Sapientiae

Conselho de Direção do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae – gestão 2013/2015

Ana Maria Alcantara do Amaral (Cursos), Anna Mehoudar (Administração e Tesouraria), Célia Klouri (Representante da Comissão de Admissão), Cristiane Curi Abud (Eventos), Eva Wongtschowski (Relações Internas e Representante do Departamento no Núcleo de Departamentos), Gisela Haddad (Publicações), Maria Auxiliadora de Almeida Cunha Arantes (Relações Externas), Noemi Moritz Kon (Grupos de Formação Contínua), Paulo Jeronimo Pessoa de Carvalho (Transmissão e Pesquisa), Rita de Cássia Cardeal (Clínica)

Percurso

REVISTA DE PSICANÁLISE : ANO XXV : JUNHO DE 2013

Conselho Editorial

Eliana Borges Pereira Leite, Leda Maria Codeço Barone, Lilian Quintão, Mania Deweik, Maria de Lourdes Caleiro Costa

Coeditora convidada

Ana Helena de Staal

Grupo Administrativo

Anna Mehoudar, Eva Wongtschowski, Maria Antonieta Whately, Renato Mezan

Grupo de Entrevistas

Ana Patitucci, Bela M. Sister, Cristina Parada Franch, Danielle Breyton, Deborah Jean de Cardoso, Silvio Hotimsky

Grupo de Debates

Cristiane Abud, Gisela Haddad, Vera Blondina Zimmermann, Thiago Majolo

Conselho Editorial de Resenhas

Camila Salles Gonçalves (coordenadora), Darcy Haddad Daccache, Elisa Ulhôa Cintra, Janaina Namba, Mania Deweik, Maria de Lourdes Caleiro Costa, Renata Udler Cromberg, Sergio Telles

Conselho Científico, Consultores *ad hoc*

Abrão Slavutzky (Porto Alegre), Ana Cecília Carvalho (Universidade Federal de Minas Gerais), Ana Helena de Staal (Paris), Arthur Nestrovsky (São Paulo), Benny Lafer (Universidade de São Paulo), Daniel Orlievsky (Universidade de Buenos Aires), David Levisky (Sociedade de Psicanálise de São Paulo), Dominique Fingermann (Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano), Elias M. da Rocha Barros (Sociedade de Psicanálise de São Paulo), Gilda Sobral Pinto (Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro), Heitor O'Dwyer de Macedo (Quatrième Groupe), Inês Marques (Société Psychanalytique de Paris), João A. Frayze-Pereira (Universidade de São Paulo), Joel Birman (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), Luís Celes (Universidade de Brasília), Luis Cláudio Figueiredo (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Luiz Eduardo Prado de Oliveira (Quatrième Groupe), Marcelo Marques (Association Psychanalytique de France), Marcia Neder Bacha (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul), Maria Helena Fernandes (Instituto Sedes Sapientiae), Maria Rita Kehl (Associação Psicanalítica de Porto Alegre), Marlise Bassani (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Nelson Coelho Jr. (Universidade de São Paulo), Purificacion Barcia Gomes (Instituto Sedes Sapientiae), Rosine Perelberg (British Psychoanalytic Society), Urania Tourinho Peres (Colégio de Psicanálise da Bahia)

Linha editorial

Percurso é publicada pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. É uma revista científica dedicada ao avanço dos conhecimentos psicanalíticos em suas vertentes clínica, teórica, metodológica e epistemológica. Visando a estimular o debate entre as várias correntes da Psicanálise, aceitamos trabalhos de todas as orientações, tanto de membros do Departamento quanto de colegas de outras instituições brasileiras e estrangeiras. Pautamo-nos por um ideal exigente de qualidade científica, literária e estética, pela abertura às inovações consistentes, pelo respeito à complexidade da vida psíquica e dos fenômenos socioculturais, pela recusa do dogmatismo, da intolerância e dos reducionismos, pelo diálogo com as áreas conexas. Acreditamos que o pensamento crítico contribui para libertar o espírito das amarras que o prendem à ignorância e ao sofrimento. Como disse Freud, “a voz da razão é suave, mas termina por se fazer ouvir”.

Revisão

Simone Zaccarias • Tel.: (11) 9-9897-1362 • simonezac@yahoo.com.br

Projeto e produção gráfica

Sergio Kon • A Máquina de Ideias • Tel.: (11) 3062-6086 • amaquina@aclnet.com.br

Assinaturas

Angela Maria Vitorio • Tel./Fax: (11) 3081-4851 • percurso@uol.com.br

Capa

Serge Poliakoff (1906-1969). Litografia. Acervo Família Green.

Coordenação editorial / Recepção de originais para publicação

Renato Mezan • Rua Amália de Noronha, 198 • 05410-010 São Paulo • Tel./Fax: (11) 3081-4851

Grafia atualizada segundo o Novo Acordo Ortográfico.

Site na Internet: <http://revistapercurso.uol.com.br> • e-mail: percurso@uol.com.br

Percurso é indexada em *Psychoanalytic Abstracts*, Washington, D.C., USA.



Instituto Sedes Sapientiae
R. Ministro de Godoy, 1484
05015-900 São Paulo SP
Tel.: (11) 3866-2730
Secretário dos Departamentos:
Juliano Pedrosa Chrisostomo
deptodepsicanalise@sedes.org.br



Gráfica e Editora Santuário
Rua Pe. Claro Monteiro, 342
12570-000 Aparecida SP
Tel.: (12) 3104-2000
Fax: (12) 3104-2036
0800-16-00-04

André Green

Percorso $\frac{49}{50}$
REVISTA DE PSICANÁLISE : ANO XXV : JUNHO DE 2013

Sumário

Table of contents

TEXTOS PAPERS

- 09 Editorial
Letter from the editors
- 13 André Green: biografia
André Green: biography
- 17 Melanie Klein, ou a destrutividade generalizada
Melanie Klein, or generalized destructivity
André Green
- 23 Última atualização sobre a pulsão de morte
Last formulations on the death instinct
André Green
- 27 O legado de André Green: recordar, elaborar, assumir
The legacy of André Green: reminiscing, elaborating, accepting
Fernando Urribarri
- 31 Envelhecer, morrer
Ageing, dying
Litza Guttieres-Green
- 35 André
André
Christopher Bollas

- 39 A psicanálise do fronteiroço: André Green, entre Freud e Winnicott
Psychoanalysis of the borderline: André Green, between Freud and Winnicott
Decio Gurfinkel
- 51 André Green, Donald Winnicott e Wilfred Bion: uma ponte Paris-Londres
André Green, Donald Winnicott and Wilfred Bion: a bridge between Paris and London
Alain Gibeault
- 65 André Green e o trabalho do negativo
André Green and the work of the negative
Elisa Maria de Ulhôa Cintra
- 77 O negativo, sua construção e sua origem
The negative, its construction and its origin
Daniel Delouya
- 83 André Green, ou a arte do contador
André Green, or the art of the teller
Maurice Corcos + Alejandro Rojas-Urrego
- 89 O incriável e o criável: considerações sobre a sublimação e a experiência estética a partir de André Green
The uncreable and the creable: considerations on sublimation and aesthetic experience, based upon André Green's concepts
Adriana Barbosa Pereira
- 101 Entre a mãe morta e o assassinato da mãe, um percurso
Between the dead mother and the murder of the mother: a journey
Luiz Eduardo Prado de Oliveira

- 109 Dois modelos de transferência para os estados-limite:
da mãe morta à analidade primária
*Two models of transference for the borderline states:
from the dead mother to primary anality*
Talya S. Candi
- 121 O inconsciente e a linguagem na psicanálise
contemporânea
*The unconscious and language in contemporary
psychoanalysis*
Fernando Urribarri
- 133 A pesquisa clínica em psicanálise: reflexões a partir
de André Green
*Clinical research in psychoanalysis. thoughts based
upon André Green's ideas*
Luis Cláudio Figueiredo
- 141 A importância de André Green para a psicanálise
contemporânea
*The importance of André Green for contemporary
Psychoanalysis*
Nelson Ernesto Coelho Junior

5

ENTREVISTA

INTERVIEW

- 153 André Green
A representação e o irrepresentável
Representation and the unrepresentable
Fernando Urribarri

DEBATE

DEBATE

- 161 Vacância
Vacancy
José Martins Canelas Neto + Octavio Souza + Renato Mezan

LEITURAS

BOOK REVIEWS

- 173 Retrato calado [*Retrato calado*]
Silent portrait
Marilena Chauí

- 177 A luz da palavra [*Porvir que vem antes de tudo – literatura e cinema em Lavoura arcaica*]
The light of the word
Priscila Nobre David
- 180 Viva o ódio! [*Os ódios: clínica e política do psicanalista*]
Long live to hate!
Marilúcia Melo Meireles
- 183 Balint: relações de objeto, história das ideias e do movimento psicanalítico [*Balint em sete lições*]
Balint: object relations, history of ideas and of the psychoanalytic movement
Paulo de Carvalho Ribeiro
- 187 Para pensar a clínica contemporânea [*La clinique psychanalytique contemporaine*]
Thinking about contemporary psychoanalytic practice
Marie-France Brunet
- 190 Tecendo fios: a transmissão da feminilidade [*De mãe em filha: a transmissão da feminilidade*]
Weaving yarns: the transmission of femininity
Ana Sanchez Barini e Elisa Maria de Ulhôa Cintra
- 193 Green desvenda articulações entre o narcisismo e a pulsão de morte [*Narcisismo de vida, narcisismo de morte*]
Green unveils points of contact between narcissism and the death instinct
Renata Udler Cromberg
- 195 Do indivíduo à cultura ao indivíduo [*Do indivíduo à cultura: um estudo sobre Freud*]
From the individual to the culture to the individual
Janaina Namba

- 199 Psicanálise e linguística: desencontros e reencontros
[*Du signe au discours. Psychanalyse et théories du langage*]
Psychoanalysis and linguistics: misunderstandings and new encounters
Marie-France Brunet
- 202 Dos limites à poesia dos conceitos [O duplo limite: o aparelho psíquico de André Green]
From limits to the poetry of concepts
Rubens Marcelo Volich
- 208 Colaboradores deste número
Contributors to this issue
- 209 Normas para envio de artigos e resenhas
Rules for contributors
- 211 Onde encontrar *Percurso*
Where to find Percurso
- 213 Para assinar *Percurso*
How to subscribe to Percurso



André Green em Roma, nos anos de 1990.
Foto: G. Giovannetti/Coleção André Green

Editorial

Este ano *Percurso* comemora 25 anos. Tempo de investimento e prazer no trabalho de expressar e divulgar a produção escrita do Departamento de Psicanálise, bem como de veicular textos de autores de fora que contribuam para as discussões que aí se dão. Este é também um número especial, de colaboração e solidariedade. Pois, como poucas vezes ocorreu, foi feito em co-editoria, desta vez com nossos colegas e amigos residentes na França, em homenagem a André Green.

A discussão para a pauta do número 49 coincidiu com o falecimento de Green, e na ocasião decidimos fazer um número sobre o autor e sua obra. André Green foi um dos grandes psicanalistas do século xx, que, como Laplanche, Rosolato, Pontalis, perdemos no ano passado e no início deste. Foram expoentes de uma geração de analistas que retomou Freud de maneira inovadora e contribuiu para mudanças decisivas no panorama da psicanálise. Green, em particular, aportou contribuições teóricas da maior importância, como conceituações a respeito do negativo, da pulsão de morte, da terciaridade, da linguística, da sublimação. Dialogou com Lacan, Winnicott, Bion, Melanie Klein, entre outros. Voltou-se também para o estabelecimento de uma ponte entre a psicanálise americana e a européia.

O projeto de fazermos um número especial, temático, estava colocado. Tínhamos em mente convidar alguns autores brasileiros que havíamos escolhido em função do já conhecido interesse pelo autor, e também contatamos Ana Helena de Staal, nossa companheira do Conselho Científico de *Percurso*. Sabíamos que esta colega, analista brasileira residente em Paris, era ligada a Green, tendo inclusive publicado seus últimos livros através da editora que dirige, a Editions d'Ithaque. Qual não foi nossa surpresa ao vermos que ela não só se dispôs a colaborar, como também abriu as portas a todos os seus contatos, entre aqueles do grupo mais próximo de Green. E deste feliz encontro resultou este número duplo, 49/50, que comemora o aniversário da revista e presta homenagem a este pensador tão influente no cenário psicanalítico atual.

Assim, ao longo dos meses de preparo deste número foram se somando as colaborações de autores franceses e brasileiros. E ao rever o conjunto dos artigos, não se pode deixar de notar que, entre os chegados da França, há alguns em que predomina o coração, como o de Litza Green, viúva do homenageado, que escreve um depoimento apaixonado e ao mesmo tempo teórico (se é que isso é possível) sobre a perda. E há também o texto de Christopher Bollas, que, sob a perspectiva de sua amizade com Green, fala da interação deste com o meio analítico americano. São trabalhos em que se nota a perda do companheiro, do amigo, do pai intelectual.

Outros artigos, ainda entre os vindos da França, optam por examinar com rigor aspectos teóricos da obra de André Green. Fernando Urribarri trata das suas contribuições à teoria da linguagem e da representação, Maurice Corcos e Alejandro Rojas abordam a articulação entre a arte e a psicanálise no seu pensamento, e no artigo de Alain Gibeault se evidencia a maneira pela qual a psicanálise inglesa está presente em várias noções importantes no pensamento de Green. Por sua vez, a concepção da mãe morta é retomada no texto de Luiz Eduardo Prado de Oliveira.

O mesmo interesse e a abordagem rigorosa do legado intelectual e conceitual de André Green estão presente nos artigos dos autores brasileiros que convidamos, dando testemunho do reconhecimento da perda de um mestre respeitado, cuja obra estudamos e admiramos. Reflexões instigantes em torno da noção de *trabalho do negativo* surgem nos artigos de Elisa Ulhôa Cintra, de Daniel Delouya e de Adriana Barbosa, que, por sua vez, também aborda a riqueza das contribuições de Green sobre a sublimação e a experiência estética. Em acréscimo, os artigos de Décio Gurfinkel e

Talya Candi se aprofundam nas inestimáveis contribuições de Green ao estudo do *fronteiriço*, dos *casos limite*. As posições de Green como intransigente defensor das especificidades da pesquisa em psicanálise clínica são lembradas no texto de Luís Cláudio Figueiredo e a importância do autor no cenário da psicanálise contemporânea é retomada no artigo de Nelson Coelho Jr.

A entrevista realizada com André Green nos foi cedida por Fernando Urribarri, e o debate contou com a participação de José Martins Canellas Neto, Octávio Souza e Renato Mezan

Gostaríamos de agradecer em especial a Ana Helena de Staal, por sua generosidade e rigor de trabalho como nossa co-editora. Sem a sua disponibilidade e participação – desde o convite aos autores na França e o encaminhamento dos artigos, inclusive de dois textos inéditos do próprio Green, até a imensa contribuição no acompanhamento das traduções e revisões - esse número tão especial não teria acontecido.

A Litza Green e família, endereçamos também nossa gratidão por colocar à disposição as fotos que fazem parte dessa edição, inclusive a do quadro de Poliakov que ficava na sala de atendimento de Green.

Vida e morte, ganhos e perdas, se impõem nesse número, em que contamos também, entre outras, com a preciosa resenha do livro *Retrato Calado*, do saudoso Luis Roberto Salinas, por Marilena Chauí.

Que a experiência desses anos de trabalho e convivência, assim como as contribuições desses mestres, não sejam jamais perdidos de vista, e que possamos – como sugeriu F. Urribarri em sua fala no funeral de Green – recordar, elaborar e assumir o seu legado

Boa leitura a todos.

*Men must endure
Their going hence, even as their coming hither:
Ripeness is all. Come on.*

*Os homens precisam suportar
Ir para o além, assim como vir de lá.
Estar preparado é tudo. Vamos.*

[Shakespeare, *Rei Lear*, ato V, cena 2.]

*A pedido de André Green, estas palavras
foram lidas na cerimônia do seu funeral
por seu grande amigo John Jackson*



Green durante seminário do Instituto de Psicanálise de Paris, nos anos de 1960. Coleção André Green

André Green: biografia

Nascido em 12 de março de 1927, no Cairo, de origem judaica sefardita, André Green fez seus estudos no Liceu Francês, onde foi apresentado a uma França fascinante e idealizada. Na juventude, lá esteve diversas vezes com a mãe, devido a uma doença de uma irmã 15 anos mais velha. A mãe passa por longo período depressivo por conta da perda dessa filha, e esses dois episódios parecem marcá-lo em sua vocação psíquica e em sua obra sobre a mãe morta.

Devido a uma quebra financeira, guarda do pai uma imagem frágil, apesar de afetiva e tolerante. De suas conversas com ele, Green recorda uma frase, que lhe é repetida várias vezes: “você compreenderá mais tarde”... De fato, esta compressão é ressignificada quando, no momento final da análise, depara com a morte de seu analista, Maurice Bouvet.

Falecido em 22 de janeiro de 2012, em Paris, Green exerceu a psicanálise por mais de cinquenta anos. Foi membro da Sociedade Psicanalítica de Paris, ocupou as posições de Presidente e de Diretor do Instituto de Psicanálise. Foi vice-presidente da IPA, Associação Psicanalítica Internacional, professor honorário na Freud Memorial Chair do University College de Londres e na Universidade de Buenos Aires, membro honorário da Sociedade Britânica de Psicanálise, além de membro da Academia de Ciências Humanas de Moscou. Era ainda detentor do Mary Sigourney Award e, em 2007, foi condecorado pela IPA por serviços excepcionais prestados à psicanálise. Recebeu a Légion d’Honneur, a mais elevada medalha atribuída pela República francesa.

Green inicia sua carreira na psiquiatria em 1983, como aluno de Henry Ey. Ao mesmo tempo, estuda com os mestres Pierre Mâle, em psiquiatria infantil, e Julian de Ajurriaguerra, em neurologia de crianças e adultos.

Entre 1956 e 1960, fez sua primeira análise com Maurice Bouvet (Catherine Parat será, mais tarde, sua segunda analista), e dedica-se em seguida ao campo da psicanálise, à qual se entrega inteiramente.

Seu percurso psicanalítico começa marcado por uma forte influência de Jacques Lacan, cujos seminários Green frequenta em meados dos anos 1960, e cujos ensinamentos transmite em um ciclo de conferências (1962-1963) ministrado na École Pratique des Hautes Études, no curso de Roland Barthes. Em 1967, afasta-se de Lacan e inaugura seu próprio seminário no Instituto de Psicanálise de Paris, para o qual convida Jacques

Derrida, Marcel Detienne, René Girard, Michel Serres e Jean-Pierre Vernant, construindo pontes fortes entre o campo especificamente psicanalítico e as diferentes disciplinas das ciências sociais. Volta-se também para o estudo das obras de D. W. Winnicott e, principalmente, de W. R. Bion, com quem mantinha uma calorosa relação pessoal e intelectual. Colocando-se assim em contato com dois dos mais ilustres autores da literatura psicanalítica de sua época, integra em seu trabalho importantes referências da psicanálise anglo-saxã, inclusive de alguns autores americanos que apreciava, como Harold Searles e Bertram D. Lewin.

Seu extenso conhecimento das obras psicanalíticas faz de André Green um dos analistas franceses mais a par da literatura psicanalítica mundial, sem nunca perder de vista a imprescindível contribuição de Freud. Desde o final dos anos

André Green no centro, na primeira fila, ao lado de Jacques Lacan, durante o Congresso de Psicoterapia de Barcelona, em 1958. Coleção André Green/Ithaque.





Consultório de André Green, na rue de l'Observatoire, em Paris. Na parede de fundo, obras de Poliakov e Zao-Wu-Ki. Foto: Emmanuel Berry/Arquivo Les éditions d'Ithaque.

1970, seu campo de investigação se amplia ao estudo das estruturas clínicas limítrofes (*borderline*). Green se atribui a tarefa de melhor definir os parâmetros desses estados, e de pensar uma psicanálise nova, coerente com os desafios lançados pela clínica contemporânea. Seus trabalhos permitem melhor compreender as relações entre as neuroses, indicações clássicas da psicanálise, e as estruturas limítrofes, que exigem novas elaborações conceituais e variações da técnica.

Seu outro polo de pesquisa será a psicanálise aplicada. Durante toda sua vida, além da sua produção voltada à psicanálise clínica, Green fará numerosas contribuições à compreensão das obras de arte, em particular literárias. Seu interesse volta-se para o estudo de importantes criações artísticas do passado e do presente, resultando em aportes fundamentais para a elucidação dos processos criativos nelas implicados. Sua produção foi considerável. Foi autor de um grande número de obras

dedicadas à antropologia psicanalítica, à literatura, à história da arte e à epistemologia. Nos últimos anos, dedicou-se a trabalhos sobre epistemologia psicanalítica e sobre os grandes textos da literatura universal. Suas principais obras psicanalíticas são: *O discurso vivo* (sobre a concepção psicanalítica de afeto), *La folie privée* (sobre psicanálise dos casos-limite), *Narcisismo de vida, narcisismo de morte* (sobre os destinos do narcisismo após a introdução da pulsão de morte), *Le travail du négatif*, *Le temps éclaté* (sobre a concepção psicanalítica do tempo), *Orientações para uma psicanálise contemporânea* (por uma refundação da teoria e da prática psicanalítica), *Pourquoi les pulsions de destruction ou de mort?* (sobre a radicalidade e a atualidade do conceito freudiano de pulsão de morte), e *Ilusions et désillusions du travail psychanalytique*.

O campo preferido de suas pesquisas se constitui em suas investigações a partir do que, no tratamento analítico, se afasta do modelo

clássico das neuroses: tenta fazer uso dos aspectos da obra freudiana negligenciados pelo próprio Freud. André Green ampliou a abrangência da literatura psicanalítica clássica, e, graças a muitos conceitos inovadores, estendeu as fronteiras da compreensão das formas clínicas que se tornam conhecidas com a prática da psicanálise contemporânea.

No campo da psicanálise aplicada, podem ser citadas as obras: *Un œil en trop* (o complexo de Édipo na tragédia), *Hamlet et Hamlet* (uma concepção psicanalítica da representação), *Le*

premier commandement (sobre Joseph Conrad) e *L'aventure négative* (leitura psicanalítica de Henry James).

Nas últimas publicações, organizou tematicamente diferentes aspectos de sua pesquisa: *Du signe au discours* (sobre a linguagem em psicanálise), *La clinique psychanalytique contemporaine* (uma refundação teórica da clínica atual) e *Penser la psychanalyse avec Bion, Lacan, Winnicott, Laplanche, Aulagnier, Anzieu, Rosolato* (exegese das principais contribuições teóricas de seus contemporâneos).

Livros publicados

Un Œil en trop. Le complexe d'Edipe dans la tragédie, Minuit, 1969.

Le Discours vivant. La conception psychanalytique de l'affect, PUF, 1973. [O Discurso vivo. Uma teoria psicanalítica do afeto, Francisco Alves, 1982.]

L'Enfant de ça. Pour introduire la psychose blanche, com J.-L. Donnet, Minuit, 1973.

Narcissisme de vie. Narcissisme de mort, Minuit, 1983. [Narcisismo de vida. Narcisismo de morte, Escuta, 1988.]

Le complexe de castration, PUF, "Que sais-je?", 1990.

La folie privée. Psychanalyse des cas-limites, Gallimard, 1990.

La déliaison. Psychanalyse, anthropologie et littérature, Les Belles Lettres, 1992. [O desligamento, Imago, 1994.]

Révélation de l'inachèvement. À propos du carton de Londres de Léonard de Vinci, Flammarion, 1992. [Revelações do inacabado, Imago, 1994.]

Le travail du négatif, Minuit, 1993.

Un psychanalyste engagé. Conversations avec Manuel Macias, Calmann-Lévy, 1994. [Um psicanalista engajado. Conversas com Manuel Macias. Casa do Psicólogo, 1999.]

La causalité psychique. Entre nature et culture, Odile Jacob, 1995.

Propédeutique. La métapsychologie revisitée, Champ Vallon, 1995.

Les Chaînes d'Éros, Odile Jacob, 1997.

L'intrapsychique et l'intersubjectif en psychanalyse. Pulsions et/ou relations d'objet, Ouremont, Québec, Lactôt, 1998.

La diachronie en psychanalyse, Minuit, 2000.

Le temps éclaté, Minuit, 2000.

André Green at The Squisgle Foundation, Karnac Books, 2000.

Idées directrices pour une psychanalyse contemporaine, PUF, 2002. [Orientações para uma psicanálise contemporânea, Imago, 2008.]

La pensée clinique, Odile Jacob, 2002.

Hamlet et Hamlet. Une interprétation psychanalytique de la représentation, Bayard, 2003.

La Lettre et la Mort. Promenade d'un psychanalyste à travers la littérature: Proust, Shakespeare, Conrad, Borges... Entretiens avec Dominique Eddé, Denoël, 2004.

Sortilèges de la séduction. Lectures critiques de Shakespeare, Odile Jacob, 2005.

Jouer avec Winnicott, PUF, 2005.

Associations (presque) libres d'un psychanalyste. Entretiens avec Maurice Corcos, Albin Michel, 2006.

Joseph Conrad. Le Premier Commandement, In Press, 2008.

L'aventure négative. Lecture psychanalytique de Henri James, Hermann, 2009.

Illusions et désillusions du travail psychanalytique, Odile Jacob, 2010.

Pourquoi les pulsions de destruction ou de mort ?, Ithaque, 2010 (1ª ed.: Panama, 2007).

Du signe au discours. Psychanalyse et théories du langage, Ithaque, 2011.

La clinique psychanalytique contemporaine, Ithaque, 2012.

Penser la clinique avec Winnicott, Bion, Lacan..., Ithaque, 2013.

Obras coletivas

Langages. Le langage dans la psychanalyse, Les Belles Lettres, 1984.

L'Avenir d'une désillusion, com Otto Kernberg, PUF, 2000.

Les voies nouvelles de la thérapeutique psychanalytique. Le dedans et le dehors, PUF, 2006.

16

André Green: biografia

Melanie Klein, ou a destrutividade generalizada

André Green

Resumo Neste artigo, André Green retoma as grandes linhas da teoria kleiniana e enumera as principais críticas dirigidas a ela. Destaca o espaço exagerado que Klein atribuiu à destrutividade em sua prática, e o pouco interesse dela pelos estados narcísicos, em função de uma extrema valorização das relações de objeto. Contudo, reconhece a importância capital de Klein no movimento psicanalítico. De fato, em resposta ao trabalho dela, surgiram conceitualizações inovadoras e vigorosas, em particular as de W. R. Bion e D. W. Winnicott. [Este texto foi extraído de *Pouquoi les pulsions de destructions ou de mort* (Paris, Éditions L'Infini, 2010, p. 71-78), livro que Green considerava como um dos seus trabalhos mais importantes.]

Palavras-chave teoria kleiniana; relações de objeto; pulsão de morte; destrutividade; psicose; estados narcísicos; desenvolvimento da criança.

Tradução Claudia Berliner

Revisão Ana Helena de Staal

Melanie Klein fez uma primeira análise com Ferenczi. Insatisfeita com essa experiência, fez uma segunda com Abraham, que lhe agradou mais¹. Não lhe custou muito formular seu próprio sistema de pensamento, pois havia adquirido fortes convicções. Contudo, no começo ela não cita outros autores além de Freud, do qual, evidentemente, se considera a herdeira legítima². Não é nada simples apresentar a evolução do sistema kleiniano do princípio até nossos dias. Elizabeth Bott Spillius³ poderá guiar o leitor interessado nesse percurso. Abordaremos apenas os pontos concernentes à pulsão de morte.

Com efeito, Klein se distingue dos outros psicanalistas por sua adesão sem reservas à pulsão de morte. Se às vezes se opõe a Freud, certamente não é porque este tenha feito um uso excessivo da última teoria das pulsões, mas, ao contrário, porque limitou bastante as concepções para as quais ela imagina uma aplicação bem mais ampla.

Seu campo preferido é a psicanálise das crianças e dos adultos gravemente regredidos. E cumpre dizer logo de início que a teoria, por mais apaixonante que seja, interessa-a menos que a técnica e a clínica das crianças, as quais, na época, ainda estavam em grande medida por construir, e colocavam problemas quanto à adaptação da técnica utilizada com os adultos. O que chama sua atenção é a importância da interpretação precoce da transferência negativa. Transferência que, segundo ela, em nada difere da do adulto, a ser interpretada em profundidade. Essa transferência se exprime por um medo claramente perceptível.

¹ O primeiro livro de Melanie Klein, *A psicanálise de crianças*, de 1932, será dedicado a ele.

² “Minha contribuição inspira-se em todos os aspectos no que Freud nos ensinou.” M. Klein, *op. cit.*, prefácio da primeira edição. Algumas linhas adiante, há também um agradecimento a Ferenczi.

³ *Melanie Klein Today*.



*para ela, o conflito edipiano
nasce na metade
do primeiro ano de vida
e irá durar até o terceiro ano*

Klein levará certo tempo para elaborar sua teoria, que em seguida irá expor em todas as oportunidades de modo repetitivo. De maneira muito geral, a teoria kleiniana se apoia – pretendendo estar em continuidade com o último Freud – na predominância das pulsões destrutivas sobre as pulsões eróticas. A busca do prazer é apenas secundária e defensiva em comparação com a preocupação de neutralizar o efeito das pulsões destrutivas.

As primeiras elaborações teóricas estruturadas datam de 1928, no artigo sobre “Os estágios iniciais do conflito edipiano e da formação do superego”⁴. Para ela, o conflito edipiano nasce na metade do primeiro ano de vida e irá durar até o terceiro ano. Klein segue Abraham: originalmente prazer de sugar, seguido do prazer de morder (segundo subestágio oral). Às vezes, inibição derivada de um sadismo oral anormalmente elevado. Contudo, uma libido particularmente forte pode preceder uma frustração e sua inibição. Portanto, é o aparecimento prematuro do sadismo que é nocivo. Segundo Klein, o desenvolvimento do Eu⁵ vem antes do da libido. A frustração que disso resulta é acompanhada de uma angústia decorrente dos “estímulos que se acumulam sem descarga possível”, afirmação que é reiterada de Freud a Bion. Os temores da criança convergem para o objeto externo, posição que o desenvolvimento dissipará, com a realidade que irá reconhecer a “mãe boa” e substituir a destruição do objeto por sua conservação. Como em Freud, há derivação do instinto de morte para fora. Ao mesmo tempo, contudo, ao lado dos perigos vindos de fora, constituem-se outros, internos. O sadismo oral atinge seu apogeu durante e

após o desmame. Dirigido contra o seio da mãe, estende-se para o interior de todo o seu corpo.

Porém, é com o sadismo uretral que o sadismo oral se prolonga. A criança, encharcada, afogada, queimada, envenenada, emite grandes quantidades de urina contra a mãe, vingando-se assim da frustração que ela lhe inflige (enurese, brincadeiras com o pênis). O pênis é investido de atividades cruéis, o que repercute na função sexual e a inibe. Os desejos sádico-orais associam-se aos desejos sádico-anais.

O objetivo primitivo consiste em devorar e destruir o seio materno⁶.

Como se vê, o estágio fálico é essencialmente sádico. Klein segue, aqui, Abraham:

Sei, por experiência, como é difícil fazer reconhecer que essas ideias revoltantes correspondem à realidade, mas as análises de crianças muito pequenas não deixam lugar a dúvidas, pois nos mostram com precisão e evidência a imagem de crueldades imaginárias que acompanham esses desejos em toda a sua abundância, força e multiplicidade⁷.

Ela é efetivamente a “verdadeira” filha de Freud, assumindo e reforçando suas posições. Lembremos a data: 1928, ano dos artigos do último período de Ferenczi, particularmente “A criança no adulto”.

Seguindo, portanto, Abraham, Klein afirma que o prazer que o bebê extrai dessas satisfações sádicas não se deve apenas à libido, mas está ligado a um violento apetite de destruição “que visa a danificar e aniquilar o objeto”. Isso supostamente

4 M. Klein, *La Psychanalyse des enfants* (1932), p. 137 (ed. bras.: p. 145).

5 Embora, na tradição herdada de Strachey, os textos de Melanie Klein traduzidos ao português adotem a terminologia Ego, Id e Superego, empregaremos os termos Eu e Superego no presente artigo, por corresponderem à tradução encontrada nas versões francesas dos textos em questão, aos quais André Green recorreu para elaborar suas considerações [nota da tradutora].

6 M. Klein, *La psychanalyse des enfants*, *op. cit.*, p. 143. [Nota da tradutora: Todas as citações de Melanie Klein serão traduzidas conforme a versão francesa consultada por A. Green. Forneceremos também a referência da página na versão brasileira. Esta citação está na p. 151.]

7 M. Klein, *op. cit.*, p. 144 (ed. bras.: p. 151-2).

ocorre entre os seis e os doze meses de idade. Essa situação conduz à *intensificação* de um sadismo causado pela frustração ligada à impossibilidade de satisfazer as necessidades libidinais. Os ataques estendem-se aos pênis do pai (no plural, pois ele dispõe de vários) incorporados pela mãe. Ele se torna o mais temível agente destruidor. Segundo Klein, o pai cumpre um papel muito importante na etiologia dos distúrbios mentais. Mas, notemos, somente sob essa forma de pênis-incorporado-no-ventre da mãe, e constituindo com ela a fantasia do pai e mãe combinados.

No que concerne à cena primária, o sadismo é temido pelos desejos de morte que gera, e que dão lugar a uma destruição mútua exacerbada, sinal de maus-tratos trocados entre os dois parceiros: pênis transformado em animal perigoso ou carregado de armas explosivas, vagina imaginada paralelamente como ratoeira envenenada.

Um Édipo se constituiu: “A meu ver, o conflito edipiano se instaura no menino a partir do momento em que ele sente ódio pelo pênis do pai e deseja se unir à mãe de maneira genital, para destruir o pênis do pai que supõe estar dentro do corpo da mãe”. Segundo Klein, as pulsões genitais não surgem depois das pré-genitais, mas simultaneamente a estas. Passado certo tempo, essa destrutividade produz uma culpa reparadora. Pois, antes disso, o que ocorre é uma guerra impiedosa, acompanhada de fantasias de vingança por parte dos pais.

A culpa relativa às fantasias masturbatórias genitais deriva das fantasias sádicas dirigidas contra os pais, e não de seu conteúdo incestuoso⁸. Klein apoia-se aqui numa citação de Freud sobre a precedência do ódio sobre o amor, bem como em outros trechos que tratam da dissolução do complexo de Édipo, em *Inibição, sintoma e angústia* e, finalmente, em *O Eu e o Isso*. Não há dúvida de que Melanie Klein leu Freud, mas, nas suas próprias palavras, ela prefere um processo mais simples e mais direto⁹. Em outros termos,

8 M. Klein, *op. cit.*, p. 148-149 (ed. bras.: p. 156).

9 M. Klein, *op. cit.*, p. 150 (ed. bras.: p. 156).

10 M. Klein, *op. cit.*, p. 153 (ed. bras.: p. 160).

»
*segundo Klein, as pulsões
genitais não surgem
depois das pré-genitais,
mas simultaneamente a estas*

é contra as pulsões destrutivas que o Supereu se edifica precocemente. A coisa toda é ainda mais inevitável na medida em que essas pulsões se voltam para fora, ou seja, contra o objeto, não podendo, em troca, senão suscitar hostilidade, por um mecanismo de origem filogenética.

Em nenhum outro período da vida a oposição entre o Eu e o Supereu é tão forte quanto na primeira infância¹⁰.

Freud ergueu-se contra essa opinião. De fato, Melanie Klein se apoia – ao contrário de Freud – exclusivamente em processos endopsíquicos. As relações do Eu com os objetos serão reproduzidas pelas relações posteriores entre Supereu e Eu: o que Freud já afirmara em 1915 em “Luto e melancolia”.

A interpretação de Klein não estará influenciada por seus modelos de referência: a projeção paranoica, a esquizofrenia, a hipocondria, a catatonía? Lembremos a relação privilegiada destes com o narcisismo. No que concerne à anialidade, a interpretação do papel desempenhado pelos excrementos como projéteis dotados de imensas capacidades destrutivas é caricaturalmente “traduzida”. Esses objetos não estão presentes sob uma forma única, mas repetem-se em muitos exemplares. A posse do interior do corpo representa a posse da mãe externa “e ao mesmo tempo simboliza o mundo externo e a realidade”. Vale lembrar que Klein também menciona o papel desempenhado pela libido (erótico) e a influência da realidade. Frágil contrapeso, que está na origem do que será chamado “objeto bom”.

Em seguida, Melanie Klein irá reunir essas observações e descrever as duas grandes fases características da sexualidade infantil: a fase esquizoparanoide, marcada na criança por posições



*Melanie Klein procura
teorizar o que Freud não
explorou ou só desenvolveu
de modo insuficiente*

20

PERCURSO 49/50 : junho de 2013

persecutórias e angústias profundas de aniquilamento, provocando a clivagem, a negação, a idealização e a onipotência, defesas estas contemporâneas ao surgimento de angústias paranoides que acompanham uma vivência de despedaçamento, de fragmentação e de ataques destrutivos por parte do objeto. Sucede-lhe a fase depressiva, que começa com os primórdios da unificação do objeto, quando se assiste ao aparecimento da culpa com desejos de reparação dos danos que lhe são causados, sentimento de responsabilidade pelas destruições destrutivas. A separação entre fase esquizoparanoide e fase depressiva era justificada pela evolução, a segunda dando sequência à primeira. Posteriormente, essa sucessão será contestada e a opinião dos kleinianos irá se inclinar por uma simultaneidade (que se repete várias vezes) de ambas as fases. Serão esclarecidos os papéis da introjeção e da projeção. As moções pulsionais e as fantasias inconscientes são apenas as duas faces de uma mesma realidade. As fantasias são a expressão da pulsão (Susan Isaacs). A psicopatologia kleiniana tende a recuar cada vez mais na evolução da criança para compreender as raízes do psiquismo.

Em 1946 aparece um artigo importante, “Notas sobre alguns mecanismos esquizoides”¹¹. Até então, embora falasse de fase esquizoparanoide, Melanie Klein na verdade tinha abordado apenas a face “paranoide”, desconsiderando a face “esquizo”. Trata-se, outra vez, de um movimento que obedece ao desejo de recuar cada vez mais na evolução. Ela vê nisso as marcas das primeiras fixações psicóticas resultantes das primeiras relações objetais, que existiriam desde o princípio da vida. Concentra-se nas relações do

primeiro vínculo e descreve os processos de clivagem (*splitting*) que ocasionam as fragmentações do Eu. A clivagem é simultaneamente interna e externa. Clivagem, negação e onipotência desempenham um papel comparável ao do recalque nos estágios posteriores implicados na neurose. Fixação oral e efeitos das pulsões destrutivas convergem. As projeções se dão *dentro da mãe* (e não apenas *sobre a mãe*).

É quando é descrita a *identificação projetiva* (projeção do ódio de partes da própria pessoa, dirigido contra a mãe; identificação com as partes projetadas). A expulsão também pode incluir as partes boas, tendo por consequência o medo de ter perdido a capacidade de amar a despeito da idealização. O Eu pode experimentar o sentimento de não ter nem vida nem autonomia. Clivagem violenta e projeção excessiva colorem a tonalidade persecutória do objeto. Melanie Klein insiste – o que merece ser destacado por ser bastante raro nela – na *natureza narcisista* derivada dos processos introjetivos e projetivos infantis, pois o objeto nada mais faz senão refletir uma parte do sujeito. Um sentimento de artificialidade emana deles. Um narcisismo excessivo impede a elaboração da fase esquizoparanoide rumo à fase depressiva.

Assim, se a posição depressiva tinha ajudado a entender a psicogênese dos estados maníaco-depressivos, o estudo dos mecanismos esquizoides lança luz sobre os estados esquizofrênicos. Uma vez mais, Melanie Klein procura teorizar o que Freud não explorou ou só desenvolveu de modo insuficiente.

Melanie Klein provocou um interesse fulgurante na British Society. Juntaram-se a ela Joan Rivière, Susan Isaacs, Hanna Segal, John Sutherland, Paula Heimann (que em seguida se afastaria dela) e Herbert Rosenfeld. Não cabe fazer o recenseamento dos membros da escola kleiniana. Devido ao interesse deles pelas psicoses, campo em que as ideias kleinianas se impuseram, todos esses autores tornaram-se representantes da

¹¹ M. Klein, *Développements de la psychanalyse*, p. 274-300 (ed. bras.: in *Obras Completas de Melanie Klein*, vol. 3, Rio de Janeiro, Imago, 1991).

escola kleiniana clássica, mantendo-se bastante próximos às teses propostas por Melanie Klein. Bion, embora viesse dessa linha, logo iria se distinguir pela originalidade de suas contribuições.

Rosenfeld foi sem dúvida o melhor clínico do grupo kleiniano. Ganhou reputação como especialista nos estados psicóticos. Uma de suas contribuições mais originais concerne aos estados narcisistas. A tendência kleiniana de pôr o acento sobretudo nas relações de objeto tinha levado a desconsiderar a patologia narcísica. Rosenfeld descreveu um narcisismo destrutivo que, tal como eu mesmo já propus anteriormente, é apenas uma das expressões da pulsão de morte. Ele também aprofundou a identificação projetiva, os estados de despersonalização e confusionais. Esmiuçou a noção de psicose de transferência. A toxicomania e o alcoolismo também foram objeto de seus estudos.

Que dizer, a título de conclusão, desta breve revisão das ideias de Melanie Klein? Se elas despertaram entusiasmo e fervor, também deram origem a objeções e críticas radicais. Sem voltar até Edward Glover¹², exporemos algumas delas:

I. A ênfase muito predominante no papel das pulsões destrutivas mais desnatura do que prolonga a teoria freudiana. Para Freud, o que importava era a intricação e desintricação das pulsões de amor e de vida com a libido. Em Melanie Klein, já não se respeita nenhum equilíbrio; o campo fica todo ocupado pelas pulsões destrutivas.

II. Para muitos analistas, os kleinianos ignoram a noção de inconsciente, pois apenas traduzem para os termos de sua teoria os efeitos conscientemente percebidos da destrutividade.

III. A insistência exagerada nos estados precoces desemboca numa teoria em que o anterior sempre explica o posterior e leva a recuar constantemente os pontos de fixação para a oralidade e até mesmo antes.

IV. A realidade externa não desempenha nenhum papel por si só. Depende exclusivamente

»
*a ênfase muito predominante
no papel das pulsões
destrutivas mais desnatura
do que prolonga a
teoria freudiana*

da aceitação da realidade interna. Isso será objeto da contestação winnicottiana.

v. O Édipo desaparece, pois não pode se resumir ao que dele diz Melanie Klein, e o pai é algo mais que sua representação enquanto “pênis do pai no ventre da mãe”.

VI. Existe um Supereu precoce antes do Édipo, ponto contestado pelo próprio Freud.

VII. O Eu fica reduzido a seus mecanismos primitivos. A clivagem tal como concebida por Freud desaparece em prol de uma interpretação kleiniana desse conceito; a cisão separa essencialmente os aspectos subjetivos do objeto mau daqueles relativos ao objeto bom.

VIII. As relações de objeto estão presentes desde o começo. A evolução das relações entre Eu e objeto praticamente não desempenha nenhum papel.

IX. Os kleinianos apenas leem, citam e levam em conta o que escrevem os outros kleinianos. As bibliografias de seus artigos são de um sectarismo caricatural.

O tempo não corrigirá esse estado de coisas, que se resolverá sozinho por um quase cisma com o pensamento de Bion. Ademais, uma oposição aberta às ideias de Klein surgirá sob a pena de Winnicott.

Ao reler Melanie Klein nos dias de hoje, a comunidade dos analistas se divide entre a admiração dessa nova visão, invenção que não hesita em levar a hipótese das pulsões de morte até um ponto frente ao qual o próprio Freud teria recuado, e aqueles que resistem a essa visão infernal, apocalíptica, difícil de reconhecer se considerarmos o que nos ensina a experiência com a criança, que parece, em Klein, ter afogado sua libido de

12 E. Glover, “An examination of the Klein system of child psychology”, *The Psychoanalytic Study of the Child* 1, p. 75-118.

amor no banho de sangue das pulsões destrutivas. É sabido que os próprios kleinianos posteriores se viram tentados a transigir com essa concepção extremista que suscita muitas reservas. Formulações alternativas surgiram no seio do movimento kleiniano sob a pena de Bion ou pelo lado de seus companheiros de estrada como Winnicott.

Todos aqueles que se relacionaram diretamente com Klein destacaram seu grande rigor, sua prudência antes de propor uma interpretação e seu conhecimento do mundo infantil. Por outro lado, com o passar do tempo, reconhece-se que não era uma grande teórica, e que não deveria ser

avaliada nesse terreno. Resta dizer que ela marcou a evolução da psicanálise de modo decisivo, embora tenha provocado ataques virulentos e sido muito combatida. Na IPA, foi posta de escanteio antes de conseguir ser reconhecida. Ainda que conserve muitos opositores, já não se pode ignorar quem foi ela. O mais interessante, porém, foi o fato de ter possibilitado a eclosão de obras como as de Wilfred R. Bion e Donald W. Winnicott. A França, que tem em Jacques Lacan sua menina dos olhos, passou ao largo dessa influência por muito tempo. Intuição precoce de uma verdade por descobrir, ou trágico engano?

Referências bibliográficas

- Glover E. (1945). An Examination of the Klein System of Child Psychology. In: *The Psychoanalytic Study of the Child*, vol. 1. Nova York: International U.P.
- Klein M. (1932/1959). *La Psychanalyse des enfants*. Paris: PUF. [Ed. bras.: (1997) A psicanálise de crianças. In: *Obras completas de Melanie Klein*, vol. 2. Rio de Janeiro: Imago.]
- Klein M. (1946/1966). Notes sur quelques mécanismes schizoïdes. In: Klein M. *Développements de la psychanalyse*. Paris: PUF. [Ed. bras.: (1991) Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: *Obras completas de Melanie Klein*, vol. 3. Rio de Janeiro: Imago].
- Spillius E. B. (1988) *Melanie Klein Today*, 2 vol. Londres/Nova York: Routledge.

Melanie Klein, or generalized destructivity

Abstract In this article, André Green reviews the major axes of Kleinian theory, and enumerates the major criticisms it has elicited. For his part, he highlights the exaggerated space Klein accorded to destructivity in her practice, and notes its little import with respect to narcissistic states, as a consequence of an extreme valorization of object relations. Green nevertheless recognizes Klein's capital importance within the psychoanalytic movement. In effect, as a response to her work, innovative and vigorous conceptualizations came to light, specifically by W. R. Bion and D. W. Winnicott. (This text is an extract from *Pourquoi les pulsions de destructions ou de mort*, Paris, Éditions Ithaque, 2010, a book which Green considered to be one of his most important works.)

Keywords Kleinian theory; object relations; death instinct; destructivity; psychosis; narcissistic states; infant development.

Recebido em: maio/2012.

Aprovado em: junho/2012.

Última atualização sobre a pulsão de morte

André Green

Resumo Nesta breve comunicação, Green resume suas ideias definitivas sobre a pulsão de morte. Afirma claramente sua importância na vida psíquica e enumera alguns pontos nos quais discorda da formulação freudiana original quanto a essa pulsão.

Palavras-chave pulsão de morte; destrutividade; impotência do ego; expressões da negatividade na clínica.

Tradução Claudia Berliner

Revisão Ana Helena de Staal

Já faz mais de oitenta e cinco anos que a ideia de pulsão de morte foi proposta, e mais de sessenta e cinco que Freud parou de poder defendê-la contra seus detratores. Vimos que acreditava nela com crescente firmeza de 1920 até sua morte em 1939. Contudo, não conheceu:

- ✦ a destruição dos judeus da Europa nos campos de extermínio nazistas;
- ✦ os campos soviéticos de “reeducação”;
- ✦ os danos causados pela bomba atômica na Ásia;
- ✦ o destino dos oponentes do regime de Pol Pot no Camboja.

Tristes confirmações de uma ideia nascida de seu pressentimento. Nada que permita a esperança de exorcizar o perigo, pelo contrário, só fatos – e meramente os principais fatos – confirmando as piores apreensões de Freud.

Do ponto de vista da clínica, seja qual for a teoria que adotemos ou que tenhamos desenvolvido, trata-se sempre – na psicanálise contemporânea – de responder à questão da destrutividade, recente entre as formas clínicas enfrentadas pelos psicanalistas. Freud apontara três ocorrências ilustrativas da pulsão de morte: a consciência de culpa, o masoquismo e a reação terapêutica negativa. Enunciado sem dúvida incontestável, mas ao qual a clínica moderna acrescenta muitos outros quadros.

Uma atualização do conceito de pulsão de morte não é nada fácil. Primeiro, por causa da massa de dados que é preciso incluir. Pois é necessário passar em revista não só as interpretações de Freud, para pensar outras soluções menos especulativas, como

23

PERCURSO 49/50 : p. 23-26 : junho de 2013



*talvez seja necessário
ser claro e explicar que
a morte e a pulsão de morte
são coisas diferentes*

também tudo que pertence à literatura pós-freudiana, cuja diversidade de posições não se deixa reduzir a um conceito integrador. Além disso, há tudo que a clínica contemporânea nos ensinou e que Freud não considerou – sem contar com o que isso acarreta em termos de variações da técnica ou de adoção de novos parâmetros.

Para começar, uma questão ao mesmo tempo terminológica e conceitual. Designar a sexualidade como manifestação das pulsões sexuais parece nunca ter chocado ninguém, e a substituição delas por Eros também não levantou objeções. Mas falar de *pulsão* de morte suscita uma reação totalmente oposta.

Talvez seja necessário ser claro e explicar que a morte e a pulsão de morte são coisas diferentes. A morte é um fato, cientificamente comprovável. Podemos defini-la por sinais objetivos (eletroencefalograma plano durante certo tempo, etc.), qualquer um pode constatá-la. E se sabe muito bem que prolongar – mesmo que por vários anos – a sobrevivência de uma pessoa que é um verdadeiro morto-vivo não passa de artifício. Uma simples desconexão dissipa a ilusão de vida artificial que ainda subsistia. Mas uma pulsão que impele a morrer não é algo óbvio. O que se quer dizer com isso? Se evitarmos o termo controverso “pulsão de morte” e lembrarmos que se trata, sobretudo, de destruição (auto e hetero), as coisas ficam mais claras.

Destruição de quê? Destruição da vida com certeza, ou seja, destruição do corpo físico animado que vive e respira – porque, para a vida e para a alma, é a parada do sopro (*pneuma*) que identifica imediatamente a morte. Mas destruição também da alma e do psiquismo, já mais

difícil de perceber, pois sempre se supõe que, por trás das aparências, há vida. A destruição da alma é o que qualquer projeto de submetimento e de dominação busca alcançar na guerra que o opõe ao outro: o estrangeiro, o mau, o odiado. Não há triunfo sobre o outro que conserve para este a liberdade de pensar, e, conforme o caso, de desprezar o adversário. O que se busca é o abandono de tudo o que pareça ser da alçada de uma vontade individual, e que teria o direito de exprimir sua diferença, seu repúdio ou sua oposição ao outro.

Talvez se deva distinguir, como tentei fazer, um masoquismo paterno (sofrer *para o pai*) de um masoquismo materno, em que a mãe sacrifica tudo para evitar que o filho sofra (o espírito de sacrifício da mãe). Na verdade, ambos se juntam: trata-se de ir até o esquecimento da autoconservação para servir a uma imagem colocada acima de tudo (Deus, a criança). Indagar-se sobre a validade da denominação “pulsão” justifica-se menos que lembrar que tudo parte da compulsão à repetição, para além do princípio do prazer. Portanto, aqui, *pulsão* quer dizer organização primitiva sobre a qual o Eu não tem controle, e que tende a se reproduzir sem estar ligada à busca repetitiva do prazer, mas sim tentando, segundo Freud, restabelecer um estado anterior.

A pulsão (de morte) existe porque Freud precisava dela para compor seu sistema teórico. A verdadeira pergunta passa a ser: a pulsão serve para pensar? A partir do momento em que o conteúdo do conceito reforça a coerência da sua teoria, o resto passa para o segundo plano. O que importa é o par construção-destruição, com seu correlato intricação-desintricação. Há, com efeito, dois modos de conceber a pulsão de morte. Se ela for algo próprio dos casos que revelam uma aspiração incoercível ao fracasso, ao desprazer, ao sofrimento, trata-se de uma aplicação limitada que se justifica sem maiores dificuldades. Mas há também os objetivos do par pulsional Eros-destruição, de aplicação bem mais ampla, propondo uma nova visão da vida psíquica.

Quando, em análise, eu me vejo diante de certas formas de sentimento de culpa inconsciente, de

masoquismo e de reação terapêutica negativa extrema, busco o que dará conta delas. Mas quando, extrapolando esse quadro, reflito sobre o sentido do sentimento de culpa inconsciente, do masoquismo ou das outras formas da negatividade no tratamento, penso que, *em última instância*, todas estão ligadas a manifestações da pulsão de morte. E, se chego a essa conclusão, não é considerando uma realidade qualquer que eu teria apanhado na minha rede, mas porque reconheço a natureza essencialmente especulativa desse conceito “supremo”, como o chama Freud. Ele reivindicava, para os conceitos supremos, o direito de não terem de ser provados. Será isso um “biologismo” imaginário ou uma metabiologia encoberta? Talvez se trate, na verdade, da busca de uma coerência conceitual constitutiva do psiquismo.

Mas faço um questionamento. Não consigo decidir se a natureza essencial da pulsão de morte é de origem interna, visando à morte do sujeito, ou se prevalece sua orientação externa, visando à morte do outro. Parece-me que a experiência não ajuda a concluir. O importante é a referência a uma destrutividade originária de orientação dupla, que em geral permanece inconsciente. Cheguei a especificar em outro texto¹ que, na educação das crianças pequenas, é preciso tomar cuidado para que a pulsão de morte, devido a maus-tratos, não destrua a experiência do viver.

Dando sequência a essa tese, diria que quando as experiências dolorosas põem em xeque o princípio do prazer, invadindo a psique, dão lugar a experiências de destrutividade irrepresentáveis devido a seu poder devastador generalizado, isto é, externo e interno. Angústia mortal e destruição ilimitada ocupam todo o psiquismo. Sua ressurgência no adulto costuma ser de difícil interpretação. O “*daimônico*” se torna *demoníaco*. Nesses casos, entende-se que não se possa falar de regressão a um estágio libidinal anterior, mas que se trata de uma regressão global em que a destrutividade não sabe como lidar com a dor psíquica, nem como acabar com ela.

Em suma, estaríamos mais perto daquilo que Pierre Marty chama de desorganização do que de uma regressão em sentido estrito. Da mesma maneira, já não haveria espaço para o prazer em um lugar onde, paradoxalmente, só reina o gozo.

1 A. Green, “La mort dans la vie. Quelques repères pour la pulsion de mort”, in J. Guillaumin et al, *L’Invention de la pulsion de mort*, p. 166.

»
*ao contrário, a pulsão de morte
não implica nem supremacia
sobre a pulsão de vida, nem
irreversibilidade definitiva quando
acontece de ela preponderar*

Ele é ininterpretável, ou seja, as interpretações não produzem efeito algum sobre ele. Ainda assim, sinto-me obrigado a evocar a ideia de uma força pulsional, no sentido de um ciclone que nada deteria. Ela é sem dúvida causada pelo sentimento de um Eu reduzido à impotência, como o analista quando se torna objeto dessas reações tempestuosas, sem ter a sensação de as haver provocado. Não esqueçamos o papel, nas formas menos extremas, da coexcitação libidinal.

Falta discutir alguns pontos, decorrentes do exposto acima. Trata-se da consideração insuficiente da participação do objeto na criação dessa situação. Isso virou uma verdade estabelecida, que Winnicott tentou remediar. Não esqueçamos o papel essencial da intricação (é a principal contribuição do objeto), e a possível desintração, com a qual fica marcado seu fracasso.

Para terminar, destacaremos alguns aspectos:

1. Ao contrário do que Freud dá a entender, a pulsão de morte não implica nem supremacia sobre a pulsão de vida, nem irreversibilidade definitiva quando acontece de ela preponderar;
2. No estado normal, a intricação, favorecida pelo objeto, é a forma sob a qual devemos adivinhá-la. Contudo, penso que pode acontecer de a observarmos em estado quase totalmente desintricado (a anorexia);
3. A pulsão de morte tem de levar em consideração seu polo complementar: a relação de objeto, da qual depende amplamente;
4. A experiência da transferência pode chegar a ligar novamente o que se desligou sob a influência da pulsão de morte. Portanto, a função do analista na transferência não pode ser

minimizada. Ela depende de seu modelo originário: o objeto;

5. O campo da pulsão de morte é interno ou externo. Estende-se à psicopatologia criminológica e às psicossomatoses.

Sejam quais forem as opções adotadas por uns e outros – pois não há nenhum argumento decisivo que encerre o debate – o que temos de admitir – essencialmente – é a *centralidade do conceito de destruição*. Claro que ele pode ser interpretado de diversas maneiras, mas o importante é não ocultá-lo.

Referências bibliográficas

Green A. (2000). La mort dans la vie. Quelques repères pour la pulsion de mort. In Guillaumin J. (org.). *L'Invention de la pulsion de mort*. Paris: Dunod.

Para lembrar-nos disso existe a reflexão sobre o campo sociocultural e sobre a psicocriminalidade. Tentei descrever uma função objetualizante e, correlativamente, uma função desobjetualizante. A primeira teria por finalidade transformar as funções em objetos, outro modo de descrever o trabalho de Eros; a segunda teria o papel de tornar os objetos indiferentes à sua utilização em termos de gozo e de destrutividade. Pulsão e objeto também formam um par indissociável.

Last formulations on the death instinct

Abstract In this short communication, Green summarizes his final views on the death instinct. He states clearly its importance in psychical life and enumerates some points on which his ideas differ from Freud's original conception of this drive.

Keywords death instinct; destructivity; ego weakness; expressions of negativity in the psychoanalytic treatment.

Recebido em: novembro/2012.

Aprovado em: janeiro/2013.

O legado de André Green: recordar, elaborar, assumir

Fernando Urribarri

Resumo Discurso pronunciado em 27 de janeiro de 2012, no Cemitério do Père Lachaise (Paris), durante a cerimônia de adeus a André Green.

Palavras-chave paixão; amizade; pluralismo; Psicanálise.

Tradução Lilian Quintão

Revisão Ana Helena de Staal

Fernando Urribarri é psicanalista, membro da Associação Psicoanalítica Argentina (APA), na qual dirige o Seminário de Pesquisa André Green. Em 2005, codirigiu o Colloque International de Cérisy dedicado à obra de Green, cujas atas foram publicadas pela PUF. É fundador da revista *Zona Erógena* (Buenos Aires), e autor de *Entretiens avec André Green. La psychanalyse contemporaine chemin faisant* (Ithaque).

Men must endure

The going hence, even as they coming hither;

Ripeness is all. Come on.

[W. Shakespeare, *King Lear*, act V, scene 2.]

Há alguns dias, perdemos André Green. Pouco depois, fui informado de que no seu testamento, escrito em 2008, constava o desejo de que nesta despedida eu tomasse a palavra em terceiro e último lugar.

Com este gesto, André me legava o compromisso de testemunhar uma história compartilhada e assumir essa herança nos tempos que estão por vir.

“O afeto – dizia ele – é movimento em busca de forma.” E me pergunto: Como dar forma transmissível ao legado de uma relação de mais de vinte anos? Como traduzir nossa extensa e intensa comunicação neste breve e solitário discurso? Como dar testemunho da generosidade e da coerência de seu fazer e pensar, tanto em público quanto na intimidade, que constituem o fundamento ético e afetivo de sua obra? Aqui estou eu como Santo Agostinho ante a questão do tempo: “Se ninguém me pergunta, sei; quando me perguntam, já não sei.”

Buscando a saída do labirinto, recorro a Jorge Luis Borges, nosso amigo em comum: “A amizade é a paixão que salva os argentinos”. É um bom ponto de partida. A amizade como paixão cosmopolita. A improvável amizade entre um porteño, bisneto de bascos e judeus russos, filho do movimento psicanalítico argentino, com um judeu do Cairo, descendente

27

PERCURSO 49/50 : p. 27-30 : junho de 2013



*passou-me então pela cabeça –
e eu lhe disse – que talvez seu
estilo no palco tivesse sido forjado
no grupo de teatro da Sorbonne.
Com um olhar sério e um tom
de cumplicidade, respondeu:
“Meu estilo é a paixão
pela verdade!”*

de espanhóis e egípcios, que assumiu seu desejo de ser um grande psicanalista francês. Uma paixão freudiana com sede em Paris. E pontes com Buenos Aires.

Quando digo *paixão*, tenho certeza de que todos nos recordamos dele. Por exemplo, me lembro de uma conversa num táxi que tomamos juntos, em Buenos Aires, em 1996. Foi na saída de uma palestra maravilhosa, polêmica, vibrante. André havia investido ali toda sua capacidade oratória. Passou-me então pela cabeça – e eu lhe disse – que talvez seu estilo no palco tivesse sido forjado no grupo de teatro da Sorbonne¹. Com um olhar sério e um tom de cumplicidade, respondeu: “Meu estilo é a paixão pela verdade!”

Enquanto o ouvia no táxi, desfrutava do prazer de ter dirigido essa cerimônia, na qual o título de Professor Honorário da Universidade de Buenos Aires acabara de lhe ser outorgado. André estava feliz, agradecido, orgulhoso. Porém, confessou, não tanto pelos vários “Prêmios Nobel” com quem compartilharia agora essa honra, mas sim porque isso o aproximava um pouco mais, uma vez mais, de Borges. Esse amigo literário a quem visitou em sua casa em Buenos Aires em duas oportunidades inesquecíveis.

Amizades literárias, intelectuais, psicanalíticas. Amizades inspiradoras e cativantes. A paixão

pela amizade impregnava André Green. Ela marcou sua vida, sua obra, sua relação comigo.

Será que não fui escolhido para falar a vocês justamente porque, mais que amigos, fomos mestre e discípulo e, no fundo, quem sabe, como pai e filho? Isto é tão claro quanto é claro que, para entender o que digo, mais vale evitar o lugar-comum, retrógrado, que opõe as figuras do mestre e do pai à do amigo. É preciso, pelo contrário, considerar quão coerentes foram as ideias de André a respeito do pai como figura terceira (e terciarizante) com sua prática da análise, da transmissão e da amizade.

Lembremo-nos de sua formulação a respeito da função do pai marcada por suas teorias do trabalho do negativo e da terciaridade – ou seja, o pai como motor da subjetivação, como fonte do trabalho do negativo e da posição terceira do analista.

Além do pai edípico (e poderíamos dizer também: antes e depois dele), André Green postula uma outra figura do pai. Retoma o Freud de *Psicologia das massas*, que propõe uma identificação primária com o pai admirado, tomado como modelo, e *não* como rival. Sustenta que a relação com este pai idealizado e inspirador é a fonte da ideiação, da simbolização, da sublimação, do pensamento. Este pai motor de subjetivação é a fonte da alteridade: como abertura amistosa não só ao outro semelhante, mas também à relação consigo mesmo.

E é esta figura terciária do pai que funda a posição transformadora do analista. Posto que, neste caso, a questão fundamental é: Do que é modelo o pai da identificação primária? A letra e o espírito da obra de André Green respondem: da *autonomia subjetiva*.

Sua paixão pela verdade era também uma paixão pela alteridade. Verdade e alteridade se conjugam em uma espécie de princípio freudiano contemporâneo: a psicanálise é um projeto que só pode se sustentar e avançar através da paixão pela autonomia – inseparavelmente individual e coletiva.

¹ Como vários intelectuais de sua geração, André Green participava do famoso *Groupe de théâtre antique de la Sorbonne*, fundado por Roland Barthes em 1936 [nota do editor].

Dentro e fora do consultório, estes princípios foram assumidos em ato por André Green. Isto bem o comprova seu percurso intelectual, especialmente a partir do que chamamos “a guinada do ano 2000”. Começando pelo próprio título do livro que abre esta fase: *Ideias diretrizes para uma psicanálise contemporânea*. Seu autor se lança a reinscrever todas as suas principais ideias no interior de um projeto coletivo de renovação pluralista da psicanálise, que busca superar a crise dos dogmáticos modelos pós-freudianos. O projeto de uma psicanálise ampliada, transformada, contemporânea de sua própria prática e do mais avançado do saber de seu tempo.

Ninguém ignora que André Green se lançou neste projeto no exato momento em que estava sendo consagrado na comunidade psicanalítica internacional como o mais reconhecido dos autores. Em outras palavras, em vez de sua própria teoria e de seu nome próprio, priorizou a construção de um novo paradigma freudiano, aberto, hipercomplexo, especificamente contemporâneo. Um novo programa de investigação clínica e teórica no interior do qual suas ideias pudessem intervir e promover um diálogo pluralista, um pensamento crítico e criativo.

Não creio que tenhamos ainda a medida da transcendência histórica (tanto ética quanto epistemológica) desta posição freudiana inédita, pluralista, construída por André Green. Possivelmente é o primeiro Grande Autor da história da psicanálise que milita contra o estabelecimento de mais uma corrente militante, de um enésimo discurso dogmático identificado com seu nome.

Poderíamos quase dizer que – quer se admita, ou não –, graças a ele, todos nos tornamos (ou poderemos nos tornar) psicanalistas contemporâneos. Já que nos movemos em um terreno que ele mapeou como ninguém, enfrentando os problemas que circunscreveu e nomeou. Sua obra é uma bússola que aponta para o futuro da psicanálise.

2 O primeiro dos quais, *La clinique psychanalytique contemporaine*, foi publicado em outubro de 2012 (Paris, Ithaque) [nota do editor].



a partir de 2000,
Green se lança a reinscrever
todas as suas principais
ideias no interior de um
projeto coletivo de renovação
pluralista da psicanálise

Tendo colaborado com André Green em cada um de seus livros e nos seus principais projetos dos últimos dez anos, tive a oportunidade de viver intimamente seu compromisso com a verdade e sua comovente abertura ao outro. Desde que me propus a ajudá-lo na preparação de *Idées directrices* (2001), compartilhando uma semana juntos, gravando nossas conversas para então elaborá-las e reescrevê-las como livro, até o ano passado, quando enfrentamos a tarefa de seleção e discussão de seus artigos inéditos a fim de compilar os dois volumes que serão publicados em breve². Passando, é claro, pelos seus convites para escrever o posfácio de *Illusions et désillusions* (2010), ou o prefácio de *Du signe au discours* (2011). Eu sempre perguntava o que ele estava esperando, o que gostaria que eu abordasse ou priorizasse quanto à forma ou ao conteúdo. Em todas as ocasiões, me deu a mesma resposta: “Meu querido Fernando, deixo isso em suas mãos”.

Hoje, mais do que nunca, me parece necessário compartilhar esta experiência. Queridos amigos e colegas de André Green: agora, está em nossas mãos. Cabe a nós recordar, elaborar e assumir sua herança. Cabe a nós fazer de seu fecundo legado um pensamento vivo.

The legacy of André Green: reminiscing, elaborating, accepting

Abstract Enlogy delivered on Jan. 27, 2012, at the Père Lachaise Cemetery (Paris), as a part of the farewell ceremony for André Green.

Keywords passion; friendship; pluralism; Psychoanalysis.

Recebido em: setembro/2012.

Aprovado em: dezembro/2012.

Envelhecer, morrer

Litza Guttieres-Green

Resumo Escrevi estas linhas quando a morte de André novamente me colocou face a face com a perda de um ente querido. Mas desta vez foi diferente, pois o desaparecimento dele me fez também confrontar o meu próprio declínio e a perda dos meus investimentos mais importantes: amor, trabalho, projetos. Estas linhas são uma reflexão sobre este momento de guinada na vida, uma tentativa de lutar, por meio do pensamento, contra o desinvestimento mortífero.

Palavras-chave investimento/desinvestimento; pulsão de morte; renúncia; envelhecimento.

Tradução Claudia Berliner

Revisão Ana Helena de Staal

Litza Guttieres-Green é psiquiatra e psicanalista, membro titular da Sociedade Psicanalítica de Paris e da Sociedade Suíça de Psicanálise. Escreveu vários artigos sobre a histeria, a dor psíquica e o feminino. Entre 2010 e 2011, André Green estava terminando duas novas obras, inéditas no momento em que faleceu. A autora estabeleceu a edição final desses textos, cujo primeiro volume foi publicado em outubro de 2012, pela Éditions d'Ithaque, em Paris, sob o título: *La clinique psychanalytique contemporaine*.

1 S. Freud (1923), *Essais de psychanalyse*, p. 273. [Ed. bras.: "O Eu e o Id", *Obras Completas*, vol. 16, p. 72.]

2 A. Green (1982) Postface à *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*, Minuit, 2007. [Ed. bras.: posfácio de *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*, p. 284.]

Depois da morte de meu marido, André Green, sempre que meu neto de cinco anos vinha me visitar, perguntava: "Mas onde está o André? Dormindo? Trabalhando?" Eu respondia: "Não, ele não está mais aqui. Morreu!" E meu neto continuava: "Tá, mas então, *onde* ele está?" E seu irmão mais velho, de sete anos e meio: "Eu queria ir com ele para ver o Paraíso!" Havia, portanto, um *lugar* em que essa criança conseguia imaginar o avô falecido! E esse é exatamente o lugar que todas as religiões nos proporcionam, oferecendo-nos uma esperança de sobrevivência, uma explicação da morte: voltaremos a nos encontrar *lá*, para todo o sempre. Não sabendo o que dizer para aquelas crianças, percebi que eu tampouco entendia realmente o que é a morte. A morte não tem porquê, sejam quais forem as explicações biológicas ou racionais. A morte é algo que o inconsciente desconhece, é "um conceito abstrato de teor negativo", escreveu Freud em "O Eu e o Isso"¹.

Podemos dizer que, para o inconsciente, a morte não existe. Mas será que ela existe para o consciente? "O homem não pode saber o que é a morte, nem consciente nem inconscientemente"². Face à morte dos entes queridos, experimentamos a recusa dessa realidade. O Eu clivado "sabe" que a morte existe, que a pessoa amada está morta, mas não acredita. Não consegue imaginá-lo. Assim como não imagina o infinito no espaço ou no tempo, o afeto não percebe o que a razão acredita saber. Sei que a morte existe, que não voltarei a ver aqueles que morreram, mas não acredito nisso. A morte é sentida como uma ausência. E, pouco a pouco, nos acostumamos a esperar.



é nesse momento que o idoso
volta-se para o passado, no qual
lembranças tornam-se consolo

Os mortos continuam a viver em nossa memória de sobreviventes. Quando lutamos por um “dever” de memória, é por nossos mortos que lutamos. Porque não conseguimos aceitar essa injustiça, o desaparecimento deles. Eles se apagarão aos poucos, quando aqueles que os conheceram desaparecerem. Nos sonhos, é comum eles reaparecerem. Estão aqui, de novo, continuam jovens, enquanto nós envelhecemos com nossos cabelos brancos e nossa idade. Ficamos às vezes espantados de os ver, e perguntamos: “Onde você estava?” Eles não respondem e desaparecem de novo, deixando-nos perplexos.

Na verdade, é a nossa própria morte que não conseguimos imaginar nem representar. Como é possível abandonar a si próprio? De M’Uzan falou do “trabalho de falecimento”³, renúncia à vida, às vezes precedida de um pico de vitalidade, de um desejo de se apegar, de encontrar um novo investimento, negação da velhice e da perda de esperança que ela implica.

A velhice vem nos preparar para essa renúncia final. Pouco a pouco, já “não vale mais a pena” viver a vida. Para aceitar a perda de tudo que nos importava, temos, primeiro, de suportar o viver. O declínio de nosso corpo transforma-o, de objeto valorizado, fonte de prazer, em fonte de preocupação, que conduz ao desligamento e ao nada. À medida que os investimentos diminuem como uma pele de onagro⁴, o corpo-dor ocupa o primeiro plano. O narcisismo é atacado por todos os lados, e é preciso haver investimentos para evitar que desmorone.

Em *La Mort dans la vie de Freud*⁵, Max Schur descreve a garra de Freud, a persistência, até o fim, de seu interesse intelectual, de sua vontade de continuar pensando, escrevendo, atendendo seus pacientes, apesar do sofrimento físico e das dificuldades externas, das decepções, do nazismo, da

imigração, da perda de seu país e de seus familiares e conhecidos. Podemos, é claro, dizer que Eros era mais forte. Mas como e por quê? Numa carta dirigida a Abraham em 1924, ele escreveu: “Tenho, profundamente arraigada em mim, a certeza de meu fim próximo... uma espécie de depressão senil, centrada na distorção entre um desejo irracional de viver e o bom senso da resignação”⁶. Ainda sofreria por 15 anos até chegar à renúncia: “Não vale mais a pena”. Sem qualquer crença num além consolador. Se Freud conseguiu superar tudo por tanto tempo, foi porque a psicanálise, sua obra, tinha se tornado a razão de continuar esperançoso, o objeto de amor que o fazia tolerar as perdas sofridas.

A velhice é sinônimo de castração, perda das faculdades psíquicas e físicas. Para os intelectuais, depois da perda da sedução, ela é a perda da capacidade de pensar, pois o prazer, a esperança, os projetos e as perspectivas estão relacionados com as sublimações. É nesse momento que o idoso, já não tendo um futuro para construir, volta-se para o passado, no qual lembranças tornam-se consolo. “A velhice”, escreve Jean Améry⁷, “nos torna... cada vez mais dependentes da lembrança. [O jovem] não é só o que é, é também o que será.” Eu acrescentaria: um idoso é só o que foi.

Talvez isso explique o suicídio daqueles que, como Jean Améry e Primo Levi, sofreram o trauma da deportação. Não conseguiram enfrentar a ferida infligida pelo envelhecimento porque não tinham um passado para investir positivamente; tinham-lhes roubado a juventude. Para eles, era impossível enfrentar a irreversibilidade do tempo que passa e a castração derradeira representada pela proximidade da morte, como se repetissem

3 “Le travail du trépas”, in M. De M’Uzan, *De l’art à la mort: itinéraire psychanalytique*, p. 182-99.

4 Da obra de Honoré de Balzac com o mesmo título, talismã feito da pele de um tipo de jumento, o onagro, que realiza os desejos de seu proprietário, mas que a cada desejo atendido encolhe e encurta a vida de seu dono, até a morte [nota da tradutora].

5 Ed. bras.: *Freud: Vida e agonia. Uma biografia*.

6 S. Freud-K. Abraham, *Correspondance complète: 1907-1926*.

7 E. Traverso, *L’Intellectuel à Auschwitz: notes sur Jean Améry et Primo Levi*, p. 99.

a passividade insuportável já vivida no passado, e eles não pudessem se decidir a renunciar definitivamente ao que jamais viera a ser, ao que lhes tinha sido recusado.

Não somos todos iguais perante a velhice e a morte. Alguns aceitam seu destino, descobrem passatempos, compensações, resignam-se e até encontram paz na renúncia, quando, por fim, não precisam provar mais nada. Outros se empenham em encontrar prazer na vida restrita que agora lhes cabe. E a serenidade deles provoca nossa admiração e incredulidade. Não se queixam de nenhuma perda. Terão alcançado a sabedoria? Talvez apenas a aceitação de sua sorte, sem revolta, sem raiva, sem sentimento de injustiça, livres da inveja e da rivalidade para com aqueles que ainda lutam para viver – mas curvados sobre seu mundo passado. Pois, “tal como para a humanidade em seu todo, também para o indivíduo a vida é difícil de suportar”⁸. Ela é uma alternância entre sensações de prazer de viver e sensações de sofrimento. “A dor”, dizia Freud⁹, “é uma coisa intermediária entre percepção externa e interna.” Ora, com o envelhecimento, ela é principalmente interna. O objeto que sofre é o corpo próprio, é ele que inquieta e persegue. Torna-se um objeto de amor cujo abandono tememos e do qual cuidamos constantemente, numa espécie de relação sadomasoquista em que amamos nosso perseguidor. Para continuar gostando de si, é preciso erotizar o sofrimento físico, desfrutar assim mesmo, graças ao masoquismo de vida de que falava Benno Rosenberg¹⁰. (É comum ouvir, no ônibus, pessoas idosas se deleitando em contar suas doenças e visitas aos médicos...)

Há também aqueles que se revoltam, que se recusam a se resignar e que vivem seu declínio como uma desgraça insuportável, aqueles que não conseguem encontrar a paz, nos quais o padecimento físico destrói as reservas narcísicas, comprometidas pela imagem degradada que

»
“tal como para a humanidade em seu todo, também para o indivíduo a vida é difícil de suportar” [S. Freud]

têm de si mesmos. O desprezo – que esconde a inveja do que eles imaginam que outros tiveram a chance de conseguir – não os impede de sofrer um desespero sem trégua. Isso porque o trabalho de desobjetalização necessário para haver luto é impossível: eles não conseguem se retirar da vida, não conseguem viver sem investir, e, por não conseguirem amar seu sofrimento, o ódio toma conta de tudo. Eles se odeiam, odeiam os outros: os médicos impotentes, as crianças que ousam viver a vida, as pessoas que os sucederam e todos os que os cercam. Ante sua fúria de viver, podemos pensar que, nessas pessoas, a pulsão de vida é mais forte que naquelas que se resignam, mas, na verdade, o que presenciamos é uma desintração pulsional em que Tânatos triunfa, cortando os laços que tais pessoas mantêm com quem as cerca, acabando por destruí-las. O exemplo mais bonito disso é o do rei Lear, monstro de egoísmo patético. André Green escreveu:

[...] A velhice de um homem não é apenas o tempo passado de sua vida, todo o percurso que seu corpo fez – desabrochando para depois encolher até se apagar – do nascimento até a morte, mas a acumulação nele, pela lembrança, não só do que conheceu, viveu e guardou pessoalmente, mas também de seus vínculos com os outros: contemporâneos, ascendentes e descendentes, essa cadeia de vida que une seus mortos àqueles da sua estirpe que o sucederão¹¹.

Essa visão otimista da velhice ignora o caráter inelutável das perdas que se sofrerá. Quando as circunstâncias, os sofrimentos físicos ou os lutos fazem com que os laços se desmanchem, o desinvestimento costuma acarretar o reforço da pulsão de morte na forma da busca de paz, de nirvana, e por meio da evitação das perturbações ligadas a Eros.

8 S. Freud, *L'avenir d'une illusion* (1927), p. 16 [Ed. bras.: *O futuro de uma ilusão*, p. 55.].

9 “Le Moi et le Ça”, *op. cit.*, p. 234. [Ed. bras.: *op. cit.*, p. 27.]

10 B. Rosenberg, *Masochisme mortifère et masochisme gardien de la vie*.

11 “Mémoire” (1990), *La Diachronie en psychanalyse*.

Para André, enquanto os objetos de investimento continuaram satisfatórios e fonte de recompensas narcísicas, ele pôde superar as frustrações infligidas pelas doenças. O declínio do corpo era algo secundário. Ele não se queixava. O que importava era sua obra, o reconhecimento de que gozava, a música, a pintura, as sublimações. Até o fim, quando já tinha dificuldade de andar, ele ia ao museu, ao teatro, a concertos, à ópera e assistia a colóquios, onde tomava a palavra. Não podia renunciar a esses investimentos que lhe eram necessários, e lutava contra o cansaço, ignorando-o. Proust (*O tempo redescoberto*) achava que “a velhice é como a morte. Alguns a enfrentam com indiferença, não por serem mais corajosos que outros, mas por terem menos imaginação”. Para André, não se tratava de falta de imaginação, mas da recusa a ceder ante a adversidade, da vontade de continuar apesar de tudo, de se proteger de uma depressão destruidora.

Envelhecer é também confrontar-se com repetidos lutos devido à morte dos contemporâneos. Nosso mundo vai se esvaziando aos poucos daqueles que amamos e de nossos valores. Sentimo-nos na linha de frente, tendo por único horizonte a decadência, a dependência e a morte. Agarrados a nossos hábitos, já não nos sentimos

capazes de evoluir, de mudar de interesses e de modo de vida. Ficamos cada vez mais isolados, acuados. Sartre descreveu o inferno como esse “entre quatro paredes” que vai nos encerrando aos poucos, a antecâmara da morte. No melhor dos casos, resta-nos o espetáculo de nossa descendência, filhos ou alunos: eles vão continuar depois de nós, lembrar-se de nós, ser as testemunhas de nossa vida passada e da obra que deixaremos. Porém, para nos consolarmos, temos de ser capazes de nos identificar a eles, assistir à vida deles em vez de viver a nossa, aceitar ver nossas certezas e hábitos serem abalados.

Depois do acidente vascular que o levaria embora, André foi progressivamente renunciando ao que o fazia viver. Até aquele momento, continuava pensando e escrevendo. Inicialmente, esperava se recuperar e voltar à ativa, retomar suas atividades. Ainda lia no hospital, debatia com seus visitantes e ouvia música. Eu me perguntava se ele tinha entendido que já não havia esperança de recuperação, de que ele retomasse seu trabalho: escrever e ensinar. Foi quando já não deu para continuar que ele nos disse: “Chega!” Então a luz se apagou e ele se retirou do mundo dos vivos.

Cabe-nos agora aceitar sua ausência e preferir seguir vivendo... por um certo tempo.

Referências bibliográficas

- Freud S. (1923/1981). *Le Moi et le Ça*. In: *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot. [Ed. bras.: (2011) *O Eu e o Id*, trad. Paulo César de Souza. *Obras completas*, vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras.]
- Freud S. (1927/1995). *L'avenir d'une illusion*. Paris: PUF. [Ed. bras.: (2010) *O futuro de uma ilusão*, trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM].
- Freud S.; Abraham K. (2006). *Correspondance complète: 1907-1926*. Paris: Gallimard.
- Green A. (1982/2007). *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*. Paris: Minuit. [Ed. bras.: (1988) *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*, trad. Claudia Berliner. São Paulo: Escuta.]
- Green A. (1990/2000). *Mémoire*. In *La Diachronie en psychanalyse*. Paris: Minuit.
- M'Uzan M. de. (1977). *Le travail du trépas*. In *De l'art à la mort: itinéraire psychanalytique*. Paris: Gallimard.
- Rosenberg B. (2003). *Masochisme mortifère et masochisme gardien de la vie*. In: *Monographies de la Revue française de psychanalyse*. Paris: PUF.
- Schur M. (1982). *La Mort dans la vie de Freud*. Paris: Gallimard. [Ed. bras.: (1981) *Freud: Vida e agonia. Uma biografia*. Rio de Janeiro: Imago.]

Traverso E. (1993). *L'Intellectuel à Auschwitz: notes sur Jean Améry et Primo Levi*, *Bulletin de la Fondation Auschwitz*.

Aging, dying

Abstract I wrote these lines when the death of André Green made me face the loss of a dear one. This time, however, with a difference: his departure led me to realize my own ageing, and the loss of my most important investments: love, work, projects. this writing is a reflection on a turning point in life, an attempt to fight, through the activity of thinking, against a deathly disinvestment.

Keywords investment/disinvestment; death instinct, ageing.

Recebido em: outubro/2012.

Aprovado em: dezembro/2012.

André

Christopher Bollas

Resumo Neste curto e comovente relato, Christopher Bollas presta homenagem a André Green. Afetuosamente, recorda a longa amizade que compartilharam e relembra algumas etapas do diálogo entre Green e os colegas americanos, identificando no grande psicanalista uma das maiores figuras da psicanálise contemporânea, ao lado de W. R. Bion e D. Winnicott.

Palavras-chave anos 1980; psicanálise americana; psicanálise francesa; psicanálise contemporânea.

Tradução Lilian Quintão

Revisão Ana Helena de Staal

Christopher Bollas é membro da Sociedade Britânica de Psicanálise, do Instituto e da Sociedade de Estudos Psicanalíticos de Los Angeles, do Instituto de Formação e Pesquisa de Nova York, e do ESGUT (Grupo Europeu de Estudos do Pensamento Inconsciente). Publicou entre outros: *A sombra do objeto*, *Hysteria*, *A questão infinita* (estes três traduzidos no Brasil), *Cracking up the work of unconscious experience* e *The mystery of things*.

Que me expliquem *como* escrever sobre um André Green!

Aqui estou eu, remexendo apressado lembranças fugazes, e a maioria diz respeito a nossos momentos lado a lado – em si, elas não têm o menor sentido para os outros. Que venham da época em que descobrimos juntos a nova interpretação de Glenn Gould para as *Variações Goldberg* de Bach, das nossas conversas durante os passeios que fazíamos em Londres, Paris, Nova York... Ou desse dia (estávamos com J.-B. Pontalis) em que disse ao André que lê-lo era como ouvir Bruckner, um elogio um tanto *gauche*, que ele guardava com carinho.

Os momentos se diluem no cotidiano e, como insiste Blanchot, o dia a dia só acontece se não percebemos que estamos ali. No entanto, alguns momentos ficam gravados em nós para sempre, precisamente porque o momento era um possível que, bem ou mal, pôde ser.

Com a idade, André foi angariando a reputação de ser muito crítico com os outros, especialmente em público. Acho que nós, que o conhecíamos, sabíamos por que, e era algo que contrastava agudamente com sua forma de tratar as pessoas em particular. Ninguém me ouviu mais atentamente que André, nem se preocupou com a minha esposa e meus filhos dessa maneira tão profundamente comovente. Ele nunca, nunca, esquecia nada, fosse um detalhe mínimo. Era uma das formas de expressar seu amor pelas pessoas.

Então, de todos os momentos possíveis, qual escolher?

A resposta me veio assim que fiz a pergunta.

Foi o dia em que o vi se transformar em um guerreiro.



André se “enfureceu
contra o apagar da chama”,
e com isso quero dizer
que declarou guerra
à estupidez mortífera
das perguntas

36

PERCURSO 49/50 : junho de 2013

No meio da década de 1980, fui durante três anos Diretor de Educação do Austen Riggs Center em Stockbridge, Massachusetts. Uma das tarefas de que mais gostava era convidar analistas para visitar Riggs, e tinha dado um jeito para que os visitantes chegassem primeiro a Nova York, dessem uma palestra em uma Sociedade, subissem o Hudson de trem, antes de passarem a semana em Riggs, participando de reuniões e dando supervisões.

Naquele momento da história da psicanálise, poucos analistas franceses viajavam para os Estados Unidos tentando comunicar suas ideias. Joyce Mc Dougall vinha com frequência, mas creio que estava mais preocupada com sua vida na Nova Zelândia. Janine Chassaguet-Smirgell se aventurou a atravessar o fosso, buscando comunicar o pensamento francês aos americanos. Outros abandonaram a causa: Victor Smirnoff e J.-B. Pontalis logo desistiram. Acharam que era muito difícil varar o matagal plantado por Heinz Hartmann, e por isso pensaram que não seriam ouvidos. Tendo estado com eles em vários desses encontros, eu ficava, como americano, profundamente constrangido ao ver os franceses sempre mal compreendidos.

Em guerra contra o apagar da chama

Num dia lindo, nos anos 1980, indo de Austen Riggs para uma importante Sociedade de Psicanálise na Nova Inglaterra, André estava nervoso e um tanto mal-humorado. “Vou lhe dizer as cinco primeiras perguntas que eles vão me fazer”, ele disse. Eu respondi: “Ah, André, não seja tão pessimista. Tenho certeza de que eles estão ansiosos para saber o que você vai falar.” “Você pode até ter razão”, ele respondeu com aquela voz arrastada que usava quando queria ser mais afetuosos, “mas só se eles se derem ao trabalho de me ouvir.” Ele estava certo de que não iriam entender o que tinha a dizer. Tentei dissuadi-lo, ele insistiu e listou as cinco primeiras perguntas.

Depois de uma conferência brilhante que deixou o grupo em silêncio por uns cinco minutos, os augustos membros daquela Sociedade permitiram que seus decanos passassem a fazer “perguntas”. Eram analistas famosos, ícones da cena americana. Curiosamente, ninguém levantou a mão: todos sabiam que se deveria respeitar a ordem da antiguidade. As questões colocadas não tinham absolutamente *nada* a ver com a conferência. Só me lembro da primeira: “Dr. Green, quais são os *dados estatísticos* de que o senhor dispõe para as afirmações que faz em seu artigo?”

Dizer que André tenha “preenchido as expectativas” seria um eufemismo. Citando Dylan Thomas – um verso que evocava a morte – André se “enfureceu contra o apagar da chama”, e com isso quero dizer que declarou guerra à estupidez mortífera das perguntas, que não eram perguntas mas simplesmente becos sem saída. Depois da quinta resposta, André parou, levantou da cadeira e apontou para mim. Eu estava no fundo da sala. “Não disse?!” Sentou-se de novo e retomou a palavra.

Ele havia previsto, *exatamente*, as cinco primeiras perguntas.

Pouco depois, quando alguns membros daquela Sociedade vieram, um tanto quanto perplexos, me perguntar o que André queria dizer, expliquei que ele havia adivinhado as perguntas.

Naquela época, eu andava bastante irritado, não apenas por conta do que se passara com o André, mas também porque os analistas americanos mais velhos – com raras exceções – eram então alérgicos ao pensamento francês. (Cabe dizer que os analistas franceses, por sua vez, também não estavam lá muito interessados a explorar a visão de mundo da psicologia do ego!)

Demorou muito até que o trabalho de André fosse considerado nos Estados Unidos. Antes do famoso “episódio Jacobs”¹ no Congresso da IPA, o *Journal of the American Psychoanalytical Association* havia publicado uma despropositada resenha, negativa e boçal, sobre a sua obra. Quis um destino infeliz que, pouco tempo depois dessa publicação, Jacobs se encontrasse frente a frente com André no dito Congresso... Acho que poucas pessoas na plateia sabiam por que Green estava sendo tão duramente crítico.

Imperturbável, ele perseverou.

Ele nunca cedeu aos americanos – como fez a maioria – e, ao final, sua persistência foi recompensada, pois acabou abrindo caminhos para uma nova geração de analistas. Embora sempre tenha recebido apoio de grandes amigos em Nova York, como Martin Bergmann e Graciella Avelin, ele era agora lido, e os cursos sobre sua obra se multiplicavam. De fato, à medida que seu trabalho foi se tornando cada vez mais popular no meio psicanalítico americano, André foi se apaixonando pela sensibilidade dos americanos e sua capacidade de integrar ideias “estrangeiras”.

Eu o conheci uns 15 anos antes desse período e vi um homem dado a debates transformar-se em guerreiro, apesar de ser capaz de tirar a armadura e revestir seu *self* bondoso, afável e receptivo. Devo dizer, no entanto, que

1 Bollas se refere aqui a um episódio histórico da psicanálise contemporânea. Em 1993, no XXXVIII Congresso de Amsterdam, Green critica sem cautelas nem piedade a noção americana de intersubjetividade defendida então por Jacobs. Arrancado da maciez muito politicamente correta do encontro, Jacobs se sente profundamente ofendido e provoca um escândalo. Ver A. Green, “Two discussions of the ‘inner experience of the analyst’ and a response from Theodore Jacobs”, *Int. J. Psychoanal.* 74, 1993, p. 1.131-1.136 [Nota da tradutora].

»
ele nunca cedeu aos americanos – como fez a maioria – e, ao final, sua persistência foi recompensada, pois acabou abrindo caminhos para uma nova geração de analistas

foi o homem mais corajoso que conheci. Nunca vi ninguém se lançar em batalhas intelectuais como ele, não porque gostasse – na verdade pagou o preço em dor –, mas sim porque suas convicções o impeliam. Mencionando o fato com ele, me respondeu que não tinha escolha. Era *fundamental* para ser quem ele era.

Sabia muito bem que assumir tais posições em público não era político. Conversamos muitas vezes sobre a consciência de ele estar renunciando a qualquer futuro mais sério na IPA, apesar da existência, de longa data, do desejo de que ele fosse Presidente. Ele sabia que esse não era o seu destino. A coragem raramente anda de braços dados com a política. Mas não no caso de André. Ele ficou profundamente gratificado, sobretudo no final da vida, ao descobrir que era sem dúvida o maior pensador psicanalítico de seu tempo; de fato, assim como ocorre com Bion, levará muitas gerações de leitores para que o seu pensamento seja assimilado e ampliado.

Outubro de 2012

André

Abstract In this short, moving text, C. Bollas pays homage to André Green. He warmly reminisces on their long friendship, and mentions some interesting exchanges between him and American analysts. For him, Green is one of the greatest among contemporary psychoanalysts, on the same level as Bion and Winnicott.

Keywords the eighties; American Psychoanalysis, French Psychoanalysis, contemporary Psychoanalysis

Recebido em: novembro/2012.

Aprovado em: janeiro/2013.

A psicanálise do fronteiriço: Andre Green, entre Freud e Winnicott

Decio Gurfinkel

Resumo O objetivo do artigo é apresentar a contribuição de Green para a psicanálise do fronteiriço. Partindo de uma retomada do tema na história da psicanálise, são discutidos os dois elementos principais propostos por Green para caracterizar o campo do fronteiriço – a dissociação e o vazio de sentido –, e é colocado em destaque o eixo histórico-conceitual subjacente ao trabalho de Green, que vai de Freud a Winnicott.

Palavras-chave Green; fronteiriço; Freud; Winnicott; história da psicanálise.

Decio Gurfinkel é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e professor dos cursos Psicanálise, Psicossomática Psicanalítica e Drogas, Dependência e Autonomia, no mesmo Instituto. Pós-doutor pela FUC-SP e doutor pelo IUPERJ. Autor de *Adições: paixão e vício e Sonhar, dormir e psicanalisar: viagens ao informe*, entre outros livros.

O Eu poderá evitar um desenlace prejudicial em qualquer sentido (neurose ou psicose) deformando-se espontaneamente, tolerando danos à sua unidade ou inclusive dissociando-se em alguns casos.
[Sigmund Freud¹]

Por um momento, me encontro na interessante posição de não saber se o que vou dizer [a proposição do conceito de dissociação] deveria ser considerado algo familiar e evidente há muito tempo, ou algo completamente novo e surpreendente. Inclino-me a pensar conforme a segunda alternativa.
[Sigmund Freud²]

A integração é um processo de tal tipo que certas características da vida infantil reaparecem na psicanálise dos casos limítrofes.
[Donald W. Winnicott].³

É Winnicott que, especificamente, em minha opinião, é o analista do fronteiriço.
[André Green⁴]

Uma das dimensões mais marcantes da obra de André Green – tão extensa e diversificada – é, certamente, sua contribuição para uma psicanálise do fronteiriço. O estudo clínico e metapsicológico desta categoria, por assim dizer, pós-freudiana, tem despertado um interesse crescente na comunidade psicanalítica, ainda que de modo desigual e cercado por uma certa polêmica. No mundo da psicanálise contemporânea, três linhas de pesquisa sobre o tema se destacam, encabeçadas respectivamente por Otto Kernberg, nos EUA, Peter Fonagy, na Inglaterra, e Green, na França. Quanto à abordagem de Fonagy,

- 1 S. Freud (1923), “Neurosis y psicosis”, p. 2744.
- 2 S. Freud (1938), “Escisión del ‘yo’ en el proceso de defensa”, p. 3375.
- 3 D. Winnicott (1967), “O conceito do indivíduo saudável”, in *Tudo começa em casa*, p. 11.
- 4 A. Green (1977), “O conceito do fronteiriço”, in *Sobre a loucura pessoal*, p. 74.



“após 1966, minha obra seguiu duas principais orientações: o estudo clínico e teórico do narcisismo, e o estudo da patologia fronteira” [André Green]

Green deixa claro sua divergência; para ele, o trabalho de Fonagy está claramente inspirado nos cognitivistas, o que marca de saída uma distância significativa com sua própria visão do assunto⁵.

A abordagem de Green sobre o fronteiro se desenvolveu ao longo de algumas décadas, de modo consistente e continuado, e teve um papel proeminente na direção e na forma que tomou o conjunto de sua obra. Ele mesmo, com sua costumeira abordagem histórica do fluxo das ideias, assinalou: “após 1966, minha obra seguiu duas principais orientações: o estudo clínico e teórico do narcisismo, e o estudo da patologia fronteira”⁶. Deve-se frisar que o seu interesse nasceu, como se pode ver, de uma inquietação bastante clínica: “aqueles que se mantêm longe de pacientes fronteiros, para se dedicarem somente à análise de neuróticos, sem dúvida têm a felicidade de se beneficiarem de repressões mais intensas ou mais eficientes. Porém, que analista pode, hoje [e isto Green escreveu no final da década de 1980!], praticar sua profissão alijando de seu sofá todos os pacientes que não apresentam uma neurose clássica?”⁷ Ora, a questão se repõe, de modo cada vez mais agudo, nos dias de hoje...

Uma psicanálise do fronteiro comporta diversas dimensões que se entrecruzam de modo bastante complexo; Green procurou abarcar cada uma delas e, a partir daí, propor um modelo mais ou menos coerente e articulado. Dentre estas dimensões, destaca-se a pertinência e o lugar desta categoria no interior de uma psicopatologia propriamente psicanalítica, todos os problemas clínicos e ditos *técnicos* no manejo com estes pacientes e, por fim, em um grau maior de abstração conceitual, aquilo que Green denominou uma “metapsicologia do fronteiro” que,

além de buscar uma compreensão estrutural da psicodinâmica em questão, amplia a problemática do fronteiro para além de um quadro psicopatológico específico⁸. É claro que, subjacente a todas estas dimensões, o que está em jogo é uma concepção de psicanálise que possibilitou organizar o problema e proporcionar os caminhos de compreensão possíveis – e que Green adotou e ajudou a construir.

Neste artigo, proponho-me a recapitular brevemente a contribuição de Green para a psicanálise do fronteiro, ressaltar alguns aspectos pertinentes ao tema que me parecem interessantes e assinalar o eixo histórico-conceitual subjacente ao trabalho de Green, que vai de Freud a Winnicott.

Origem e história de uma psicanálise do fronteiro

Tal como se vê em certo perfil de estudos psicanalíticos rigorosos e consistentes – característicos da tradição da psicanálise francesa –, Green parte de uma retrospectiva histórica e crítica para propor o seu próprio modelo de pensamento. Em seu trabalho clássico sobre o conceito de fronteiro de 1977, ele identifica três grandes linhas de pensamento sobre o tema na história da psicanálise: uma freudiana, uma kleiniana e uma winnicottiana.

As referências de base da primeira vertente encontram-se, naturalmente, na própria obra de Freud. Assim, em “Neurose e psicose”, quando Freud se refere aos recursos utilizados

5 A. Green (1999), “Génesis y situación de los estados fronterizos”, in J. André (org.) *Los estados fronterizos: nuevo paradigma para El psicoanálisis?*, p. 28.

6 A. Green (1988), “Introdução”, in *Sobre a loucura pessoal*, p. 18.

7 A. Green (1988), “Introdução”, in *Sobre a loucura pessoal*, p. 21.

8 Ao comentar as diferenças de abordagem quanto a considerar se há uma oposição, uma demarcação mais ou menos nítida ou um *continuum* entre as histerias graves e os estados-limite, Green advertiu: “seja qual for a atitude adotada, não podemos prescindir de definições metapsicológicas”. A. Green (2000), “Histeria e estados-limite: quiasma. Novas perspectivas”, in *Revista Brasileira de Psicanálise*, p. 469.

pelo Eu para evitar uma ruptura (vide epígrafe), há uma primeira menção de um caminho alternativo à neurose e à psicose: a autodeformação ou dissociação do Eu. Já o texto sobre a negação contém, para Green, a dinâmica do pensamento fronteiro: trata-se da “estrutura mental nem-Sim-nem-Não”⁹. Esta resposta particular e específica ao teste de realidade é “uma recusa negativa da escolha”, segundo a qual perguntas tais como “o objeto está morto/perdido ou vivo/encontrado?” ou “Estou morto ou vivo?” ganham como resposta: “nem sim, nem não”. Green destaca, ainda, a ênfase dada por Freud, em “Análise terminável e interminável”, aos traumas precoces e às fixações em primitivos mecanismos de defesa deles decorrentes, assim como o lugar proeminente que a agressividade veio a ganhar, a partir da hipótese da pulsão de morte, na etiologia da psicose e dos estados fronteiros.

Para Green, Bergeret é um autor que se situa claramente nesta linha teórica, uma vez que este considera que os estados fronteiros se relacionam a traumas infantis muito precoces. Tais traumas têm como efeito uma séria desorganização acompanhada de ameaça de perda objetal, em contraste com um segundo tipo de trauma desorganizador que ocorre na adolescência, relacionado, por sua vez, à neurose, à psicose e às regressões psicossomáticas. A teoria de Kernberg sobre a organização *borderline* da personalidade é vista por Green também como alinhada à vertente freudiana, ainda que *faça fronteira* com a psicologia do ego e com a teoria kleiniana. Diferentemente de sua visão mais ácida sobre o trabalho de Fonagy – que é colocado mais do lado da psiquiatria do que da psicanálise –, Green trata a contribuição de Kernberg com muito mais respeito e consideração: “suas formulações são apoiadas não só por sua própria experiência clínica, como também por seu vasto conhecimento

9 A. Green (1977), “O conceito do fronteiro”, in *Sobre a loucura pessoal*, p. 71.

10 A. Green (1977), “O conceito do fronteiro”, in *Sobre a loucura pessoal*, p. 72-73.

11 A. Green (1977), “O conceito do fronteiro”, in *Sobre a loucura pessoal*, p. 74.

»
*a contribuição de M. Klein à
psicanálise do fronteiro encontra-se
especialmente, segundo Green, no seu
estudo dos mecanismos esquizoides*

da literatura, que ele é capaz de reinterpretar e integrar de um modo original e imaginativo”¹⁰. Curiosa ironia do destino que hoje, entre estes dois gigantes decanos da psicanálise contemporânea, temos, por um lado, um Kernberg ainda vivo e atuante e, por outro, acompanhamos a comunidade psicanalítica internacional comovida e mobilizada em homenagear a perda recente de Green.

A contribuição de M. Klein à psicanálise do fronteiro encontra-se especialmente, segundo Green, no seu estudo dos mecanismos esquizoides. Os elementos que aqui se destacam são a suposição de relações objetais desde o início e a ênfase no potencial destrutivo e nas defesas primitivas de divisão, idealização e identificação projetiva. H. Segal, H. Rosenfeld e, mais particularmente, Bion, com sua teoria sobre o pensar, são os analistas que levaram adiante esta linha de pesquisa.

Bem, após recapitular estas duas *linhas de pensamento*, Green afirma, em um tom um tanto bombástico: “entretanto, é Winnicott que, especificamente, em minha opinião, é o *analista do fronteiro*”¹¹. Este epíteto – o *analista do fronteiro* – não é pouca coisa, especialmente quando formulado por um pensador equilibrado – profundo conhecedor da literatura e do campo psicanalítico – e não afeito a dogmas. A contribuição de Winnicott para uma psicanálise do fronteiro abrange, de fato, uma considerável diversidade de aspectos. Dentre eles, Green assinala, já de saída, a importância dada por Winnicott à área do intermediário, a função primordial cumprida pelo trabalho de simbolização e as consequências nefastas de suas falhas no caso dos pacientes fronteiros, a relação entre trabalho de simbolização,



são as proposições de Winnicott que proporcionam o caminho através do qual Green construiu sua própria psicanálise do fronteiroço

processos transicionais e sustentação necessária proporcionada pela mãe-ambiente, a problemática do *falso self*, o estudo da não comunicação e do vazio e, muito especialmente, todo o legado que Winnicott generosamente nos deixou a respeito dos enormes desafios no manejo deste casos clínicos, incluindo-se aqui as diversas descobertas e invenções técnicas que pôde fazer a respeito e a ênfase especial no trabalho de contra-transferência. Green insere, ainda, nesta terceira vertente de pesquisa psicanalítica sobre o fronteiroço, o complemento significativo proporcionado pelos trabalhos de M. Khan e M. Milner.

Ora, um exame cuidadoso da obra de Green nos permite reconhecer as marcas que este *analista do fronteiroço* deixou em seu próprio trabalho. Segundo penso, são as proposições de Winnicott que proporcionam o caminho através do qual Green construiu sua própria *psicanálise do fronteiroço*, e que lhe permitiu renovar, a partir daí, a tradição freudiana. Assim, por exemplo – e só para abrir a discussão –, podemos lembrar que se o recalçamento é o mecanismo por excelência no âmbito da psicose, é a dissociação – conforme trabalhada por Winnicott – que será o mecanismo *princeps* dos estados-limite¹². Ou, ainda: se o *nem-sim-nem-não* do fronteiroço reflete uma negatividade radical do funcionamento mental e da relação do sujeito com a realidade, ele é o negativo de um positivo, a saber: o negativo do *sim-e-não* inerente à apreensão paradoxal do objeto transicional, que é e não é o seio a um só tempo. A proposição desta apreensão paradoxal do objeto representa, de fato, uma incrível inovação na história das ideias da psicanálise, já que abre um novo campo de possibilidades para além do *apenas sim* – próprio da tirania

princípio do prazer e do processo primário do inconsciente – e do *sim ou não* – a exigência que o princípio da realidade coloca para o sujeito de encontrar um veredicto sobre a existência do objeto. Se o *sim-e-não* cria o espaço potencial da criatividade e do brincar, o *nem-sim-nem-não* joga o sujeito no abismo do vazio de sentido, marca registrada dos estados fronteiroços.

Bem, se esta versão da história das ideias nos é apresentada por Green em 1977, podemos acompanhar, em trabalhos mais recentes, como ele reconta esta história, reafirmando seus pontos principais e acrescentando alguns elementos bastante elucidadores. Aliás, de modo geral, os escritos de Green foram se transformando ao longo dos anos de modo muito interessante: tornaram-se cada vez mais claros e menos herméticos, mais sintéticos e menos prolixos e, certamente, cada vez mais comunicativos e agradáveis de ler.

Em memorável seminário realizado na França em 1996-1997 e dedicado ao tema dos estados fronteiroços¹³, Green nos brindou com uma apresentação bastante estimulante. A questão que orientava o encontro era: os estados fronteiroços constituem um novo paradigma para a psicanálise? A resposta dada por Green a esta pergunta foi inequivocamente positiva, o que indica, a meu ver, um novo passo na ampliação do lugar ocupado e da significação implicada na problemática fronteiroça na história da psicanálise. Isto porque Green nos sugere que *um novo modo de pensar a psicanálise emergiu a partir do momento em que a problemática clínica do fronteiroço se apresentou na história da psicanálise*.

Green localiza alguns antecedentes desta virada conceitual na obra do próprio Freud, em duas passagens conceituais bastante precisas. A primeira deles é a substituição do modelo calcado na polaridade neurose/perversão – sendo

12 Em artigo especificamente dedicado ao tema, discuti o contraste entre uma “clínica do recalçamento” e uma “clínica da dissociação”. D. Gurfinkel (2000), “Clínica da dissociação”, in *Do sonho ao trauma: psicossoma e adições*.

13 O seminário foi organizado por Jacques André, em Saint-Anne, e contou com a participação de C. Chabert, J.-L. Donnet, P. Férida e D. Widlöcher, além de Green e J. André.

a neurose o negativo da perversão – por aquele baseado na polaridade neurose/psicose. Esta mudança se anuncia, como assinalado anteriormente, no artigo sobre neurose e psicose, mas é complementada pelo texto sobre o fetichismo de 1927, uma verdadeira *revolução*; pois, neste momento, é formulada a ideia da *dissociação* como um mecanismo de defesa horizontal, em contraste com o recalçamento como um mecanismo vertical. Green nos sugere, aqui, a partir de uma observação arguta, que a tendência à organização da libido resultante do processo de desenvolvimento em direção à genitalidade é, de certa maneira, um processo de *integração* das pulsões parciais anárquicas originais, processo que pode sofrer descaminhos na forma de perversões. Ora, algo análogo será posteriormente sugerido por Freud quanto ao desenvolvimento do Eu. Em ambos os casos, o que está em jogo é a dialética entre processos de integração e seus possíveis extravios, na forma de dissociações. A segunda passagem da obra de Freud relacionada à virada conceitual aludida por Green é a substituição do modelo do relato / interpretação de sonhos pelo da compulsão à repetição e o agir de descarga, a partir de 1920. Trata-se, aqui, de uma passagem crucial, já que nela a questão da simbolização e suas possíveis falhas encontra seus fundamentos conceituais¹⁴.

Mas é sobretudo na obra de Winnicott que Green vê o surgimento do novo paradigma, reafirmando aqui o que já havia declarado em 1977. O ponto mítico da virada se encontra, para ele, mais precisamente, no estudo de Winnicott¹⁵ sobre a regressão. Green reconhece, também, o

14 Tratei mais extensamente deste tema em “A clínica do agir”, in R. M. Volich, F. C. Ferraz & M. H. Fernandes (orgs.) (2008), *Psicossoma IV: corpo, história, pensamento*.

15 D. W. Winnicott (1954), “Metapsychological and clinical aspects of regression within the psycho-analytical set-up”, in *Through paediatrics to psychoanalysis: collected papers*.

16 A. Green (1999), “Génesis y situación de los estados fronterizos”, in J. André (org.) *Los estados fronterizos: nuevo paradigma para El psicoanálisis?*, p. 29.

17 A. Green (1999), “Génesis y situación de los estados fronterizos”, in J. André (org.) *Los estados fronterizos: nuevo paradigma para El psicoanálisis?*, p. 30.

»
o conceito do fronteiroço nasce da premissa proposta por Green de adotar o limite (ou a fronteira), em si mesmo, como um conceito

papel das parcerias importantes de seus companheiros de *middle group* – Balint, Fairbairn e Guntrip –, mas mantém Winnicott em um lugar de destaque: “suas ideias são as mais eloquentes para mim”¹⁶. Ele acrescenta, ainda, uma observação muito importante no que tange à história da psicanálise: é na obra tardia de Ferenczi que se encontra a raiz de todo este movimento – “pessoalmente, considero Ferenczi o verdadeiro antecedente de Winnicott”¹⁷. Por fim, é digna de nota a crítica veemente de Green ao enorme atraso da psicanálise francesa, em comparação com o mundo anglo-saxão, no que se refere à psicanálise do fronteiroço – e isto em grande parte devido aos dogmas do pensamento laciano.

O conceito do fronteiroço: dissociação e vazio de sentido

O conceito do fronteiroço é mais do que a caracterização de um quadro psicopatológico ou a proposição de uma psicodinâmica característica; ele nasce, na verdade, da premissa proposta por Green de adotar o *limite* (ou a *fronteira*), em si mesmo, como um conceito. Como veremos, retomar esta premissa nos possibilita compreender com mais clareza os dois mecanismos fundamentais que caracterizam a patologia fronteiroça: a dissociação e o esvaziamento de sentido.

O *limite* enquanto conceito nasce na obra de Freud. É o que se vê no caso da pulsão como conceito-limite entre o somático e o psíquico, mas também, indiretamente, na referência aos limites entre instâncias, nas duas tópicas, como fronteiras – à maneira das cartas cartográficas – que são, também, zonas de elaboração, e na



esta extensão do conceito de limite não é pouca coisa, e nos permite redescrever a concepção psicanalítica do psiquismo sob um novo ângulo

consideração pelos limites do Eu com o objeto, com a dimensão intersubjetiva que aí se coloca. Assim, é preciso “tomar consciência que toda a concepção do aparelho psíquico contém uma referência a limites, que os limites são zonas de elaboração e que estas zonas de elaboração são tanto intrapsíquicas quanto intersubjetivas”¹⁸. Green nos chama a atenção para o fato de que, em Freud, em nenhum lugar as divisões são nítidas ou estritas, nem entre o somático e o psíquico das pulsões, e nem na diferenciação do Eu com o Id, o Supereu e a realidade, e que, portanto, “temos de considerar o fronteiroço como uma fronteira *móvel e flutuante*, tanto na normalidade como na doença grave, e como o conceito mais básico da psicanálise”¹⁹.

Bem, esta extensão do conceito de limite não é pouca coisa, e nos permite redescrever a concepção psicanalítica do psiquismo sob um novo ângulo²⁰. O trabalho do psíquico pode ser descrito em termos da dialética entre processos disjuntivos e conjuntivos: se, para se obter a individuação e a autonomia é preciso separar, torna-se igualmente necessário ser capaz de, em seguida, reunir, estabelecendo-se assim uma comunicação entre os elementos divididos. Este é, de fato, o trabalho de simbolização: a divisão de dois elementos e sua conjunção, a fim de criar um terceiro elemento.

Como é sabido, a consideração pela dimensão intersubjetiva é essencial para uma psicanálise do fronteiroço, e nos remete à chamada tradição psicanalítica das relações de objeto. Para Green, a teoria da transicionalidade de Winnicott, que trata justamente dos processos de passagem e de intermediação e do paradoxo da união-separação Eu-objeto, é aqui extremamente valiosa. Se

ela nos proporciona, por um lado, o fundamento para uma maneira de trabalhar com os pacientes fronteiroços muito operativa, ela também nos brinda, por outro, com “uma concepção de simbolização completamente diferente da de Lacan; a ideia de um espaço potencial para o psiquismo é uma ideia absolutamente fundamental, pois dá acesso a toda dimensão da virtualidade”²¹.

E o que se passa com os pacientes fronteiroços? Em síntese, podemos dizer que o que neles fracassa é o processo de simbolização. A tentativa de separar (bom e mau, prazeroso e desprazeroso, *self* e objeto, dentro e fora, somático e psíquico, fantasia e realidade), que deveria gerar a divisão de fronteiras e conduzir ao movimento subsequente de reunião em um novo espaço psíquico, resulta em uma exclusão radical: a *dissociação*. Esta *divisão radical* se distingue da separação inerente à simbolização, descarta fatores indispensáveis ao trabalho de representação e produz a amputação do Eu. Não podendo dispor de um espaço potencial de re-união dos elementos separados, é no abismo do vazio de sentido que o fronteiroço irá cair.

Green explora a patologia dissociativa do fronteiroço em diversos âmbitos.

Em primeiro lugar, deve-se considerar a problemática da perda-intrusão nas relações primárias da criança. A divisão está relacionada, aqui, à *confusão* gerada pelos problemas no processo de fusão-diferenciação Eu-outro, e é o resultado da reação da criança à atitude inadequada do outro cuidador, em geral a mãe. Esta pode ser incapaz de uma fusão com seu bebê, que depara com *seios em branco*, ou ser excessivamente fusionante,

18 A. Green (1999), “Génesis y situación de los estados fronterizos”, in J. André (org.) *Los estados fronterizos: nuevo paradigma para El psicoanálisis?*, p. 38.

19 A. Green (1977), “O conceito do fronteiroço”, in *Sobre a loucura pessoal*, p. 80.

20 Vale lembrar que uma reconfiguração semelhante da teoria dos processos psíquicos se encontra na obra de Kaës, através do conceito de intermediário. R. Kaës (1985), “La catégorie de l’intermédiaire chez Freud: un concept pour la psychanalyse?”, in *L’évolution psychiatrique*.

21 A. Green (1999), “Génesis y situación de los estados fronterizos”, in J. André (org.) *Los estados fronterizos: nuevo paradigma para El psicoanálisis?*, p. 39.

impedindo o crescimento psíquico de seu filho. Nestes casos, ou alguma coisa será definitivamente excluída e extraviada, ou os elementos divididos serão uma ameaça constante, na forma de uma intrusão persecutória; a divisão resulta, aqui, na polaridade perda-intrusão.

A dissociação incide, também, na relação entre psique e soma e no âmbito da ação. De um modo amplo e terrivelmente mutilador, observamos, nas patologias fronteiriças, um isolamento e desarticulação entre representação, afeto e pensamento e, de modo mais específico, a presença de diversos sintomas psicossomáticos que, ao contrário dos sintomas conversivos, não implicam o trabalho de simbolização que reúne a psique e o corpo através de um enlace libidinal de sentido²². Do mesmo modo, é característica desses pacientes o uso da ação como mera descarga e com a finalidade de expulsão da realidade psíquica, em contraste com todas as formas expressivas, representacionais e simbólicas de uso da ação humana, que poderíamos qualificar como gestuais²³.

Bem, é especificamente na esfera intrapsíquica que a dissociação do fronteiroço se apresenta de maneira mais típica, incidindo justamente na estrutura do Eu; e é aqui que compreendemos o sentido mais profundo do eixo histórico-conceitual que vai de Freud a Winnicott, no qual o conceito de dissociação do Eu é o elemento-chave e o fio condutor. Os limites do Eu – sua membrana protetora – são, usualmente, bastante elásticos, produzindo uma situação de mobilidade e variabilidade nas fronteiras que enriquece a experiência continuamente. O fronteiroço, em contraste, sofre devido a uma extrema porosidade do Eu, e devido a uma extrema

»
*o aspecto mais dramático
e característico do Eu
do fronteiroço é a falta
crônica de coesão*

sensibilidade à intrusão do outro. Trata-se de um Eu hiper-vulnerável que se enrijece para se proteger das invasões, cujas fronteiras são sempre um escudo insuficiente, e para quem a mobilidade das fronteiras constitui uma constante ameaça de perda de controle.

Mas o aspecto mais dramático e característico do Eu do fronteiroço é a falta crônica de coesão. Green sugeriu que, nesses casos, o Eu é composto de núcleos diferentes e incomunicáveis, e propôs uma excelente metáfora para descrever tal estado de coisas: trata-se de um arquipélago. Mas as ilhas que compõem esse arquipélago não constituem um conjunto ou uma nação, e não são banhadas pelo mar que as une; não há possibilidade de conexão entre as ilhas, e o que se encontra entre elas é um *espaço vazio*. Essa falta de integração produz a fenomenologia típica do fronteiroço: ausência de vitalidade, futilidade, falta de consciência da presença, contato limitado, um discurso que parece um “colar de pérolas sem fio” e – retomando Winnicott – a lacuna básica do sentimento de que a vida vale a pena ser vivida. Como bem sintetizou Green, esta é a “vacuidade básica que caracteriza a experiência da pessoa fronteiroça”²⁴.

Assim, dos processos dissociativos somos conduzidos ao *branco* do psíquico, e chegamos ao segundo aspecto que caracteriza o funcionamento do fronteiroço: para além da perda do objeto, trata-se, mais radicalmente, da perda do sentido. Retomando sua descrição anterior, em conjunto com Donnet, de uma *psicose em branco*, Green postula que deparamos aqui com uma espécie de *depressão primária: o desinvestimento radical* que gera estados de mente em branco sem quaisquer componentes afetivos, dor ou sofrimento. Os sintomas

22 Um dos méritos de Green, entre tantos outros, foi o de resgatar o valor da chamada “psicossomática psicanalítica”, especialmente na figura de P. Marty, e de reintegrá-la ao corpo da psicanálise como um todo.

23 Tratei deste tema em “Por uma psicanálise do gesto”, in R. M. Volich, F. C. Ferraz & M. H. Fernandes (orgs.) (2008), *Psicossoma IV: corpo, história, pensamento*, e, mais extensamente, em *Sonhar, dormir e psicanalisar: viagens ao informe* (2008), onde proponho a “gestualidade do sonhar” como modelo para o trabalho de simbolização.

24 A. Green (1977), “O conceito do fronteiroço”, in *Sobre a loucura pessoal*, p. 85.



O longo e profundo estudo de Green sobre o negativo também guarda uma correlação bastante significativa com a psicanálise do fronteiroço

característicos são a dificuldade de representações mentais, o prejuízo na concentração e a dificuldade geral de pensar, denotando uma perda fundamental da capacidade de ligação psíquica. Esse estado de coisas pode se perpetuar na forma de um sentimento crônico de inexistência, ou pode, ainda, ensejar uma série de tentativas desordenadas de fuga da depressão através de reinvestimentos aleatórios, que produzem atuações ruidosas e aberrantes tais como perversões polimorfos e adicção a drogas. Como pano de fundo de tudo isto, encontra-se uma “falha em criar subprodutos funcionais do espaço potencial”²⁵, ou seja, uma falha na área da transicionalidade; ao tratar de um paciente fronteiroço, estamos diante de uma série de ilhas cercadas pelo vazio, sem um mar que sirva como espaço potencial que as una.

A psicanálise do fronteiroço e os caminhos da psicanálise contemporânea

Como a *psicanálise do fronteiroço* reverberou no conjunto da obra de André Green? E quais os seus efeitos nos rumos que a psicanálise tem tomado nos dias de hoje?

Do meu ponto de vista, a psicanálise do fronteiroço não deve ser tomada apenas como um setor ou um campo de interesses específico do trabalho de Green; creio que se trata, segundo ele mesmo propôs, de um *novo paradigma* que reorientou o conjunto de sua obra, e que contribuiu significativamente para a eleição de diversos temas de pesquisa.

Isto se deu, por exemplo, em seu estudo sobre o *branco* e a depressão primária, tão brilhantemente tematizada e desenvolvida no ensaio sobre a *mãe morta*²⁶. Aqui, o desinvestimento

radical nos fala de uma outra dimensão da depressão diferente daquelas até então descritas – seja a melancolia, sejam as depressões neuróticas. Neste ensaio – talvez seu trabalho mais conhecido –, observamos um rico entremear entre a problemática das falhas iniciais de presença materna com a constelação edipiana, e uma delicada articulação conceitual que vai da problemática da perda do seio à da castração. Um estudo detido deste trabalho, em conjunto com o riquíssimo texto sobre o *silêncio do psicanalista*²⁷, nos permite compreender como se faz necessária uma revisão geral da técnica e da ética do psicanalista em seu trabalho clínico, especialmente com os casos mais graves e fronteiroços; a presença viva do analista e sua função transicional recolocam a sua tarefa terapêutica em novas bases. O silêncio do analista pode ser experimentado, por alguns pacientes, como o abismo do vazio – um “analista morto” que reedita uma mãe morta –, situação que mobiliza o campo da contratransferência de maneira particularmente aguda²⁸.

O longo e profundo estudo de Green²⁹ sobre o negativo também guarda uma correlação bastante significativa com a psicanálise do fronteiroço. Se a negatividade é parte do funcionamento psíquico, há também uma negatividade radical – própria do fronteiroço – que interrompe qualquer possibilidade do trabalho de simbolização: não se dá nenhuma possibilidade de reunião dos elementos dissociados em um espaço potencial, e “o negativo é o único positivo”. Esta frase, aliás, é emprestada por Green de *O brincar e a realidade* de Winnicott; Green veio a reconhecer a obra de Winnicott, e mais particularmente este seu livro-testamento, como sendo uma das

25 A. Green (1977), “O conceito do fronteiroço”, in *Sobre a loucura pessoal*, p. 86.

26 A. Green (1980), “A mãe morta”, in *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*.

27 A. Green (1979), “O silêncio do psicanalista”, *Psychê – Revista de Psicanálise*.

28 Para maior desenvolvimento do tema, ver “O ódio na contratransferência”, de Winnicott (1947), in *Through paediatrics to psychoanalysis: collected papers*, e meu artigo “O sonho de contratransferência” (2012), in S. Alonso, L. Fuks & F. C. Ferraz, *Psicanálise em trabalho*.

29 A. Green (1993), *El trabajo de lo negativo*.

fontes de sua reflexão sobre o tema³⁰. Na clínica do fronteiroço, o que se instala com a negatividade da presença do objeto não é a perda, a falta ou o luto, mas simplesmente o vazio, o nada e o sem-sentido da existência.

Ora, sabemos como o tema do negativo e a problemática do fronteiroço correram lado a lado com a reelaboração de Green³¹ sobre o conceito freudiano da pulsão de morte. Ao redefini-la como um *desinvestimento desobjetalizante*, Green condensou de maneira particularmente feliz os aspectos mais sombrios da alma humana, ou seja: a predominância do vazio sobre a potencialidade simbolizante, a negatividade radical que aniquila o investimento significativo sem abrir espaço para reinvestimentos compensatórios, de modo que o que se pulveriza é o próprio objeto e, por conseguinte, o si-mesmo. Mas, afinal, o que vem antes, o ovo ou a galinha? Uma *mãe morta* ou uma tendência intrínseca do indivíduo para o desligamento, para o ataque ao vínculo, como um impulso endógeno? Green parece se situar neste *entre* – entre a pulsão de morte freudiana e a mãe morta de Winnicott, entre o modelo pulsional e o modelo das relações de objeto; mas é preciso reconhecer que sua reflexão pende mais para o segundo lado, como se verifica nas seguintes passagens: “o que tem sido chamado, provavelmente de maneira imprópria, pulsão de morte,

»
o tema do negativo e a problemática do fronteiroço correram lado a lado com a reelaboração de Green sobre o conceito freudiano da pulsão de morte

está baseado numa *função desobjetalizante* [...] a assim chamada pulsão de morte torna-se uma tendência ao desaparecimento do *self*, e está menos ligada à agressão do que à inexistência”³².

Bem, e com qual psicanálise nos encontramos hoje, a partir deste novo paradigma³³?

Creio que reconhecemos hoje uma forte tendência a se adotar uma concepção sobre o funcionamento psíquico que coloca em primeiro plano o trabalho de simbolização, que pode ser compreendido, conforme Green sugeriu, como um interjogo entre tendências disjuntivas e conjuntivas. As funções de ligação e de intermediação passam a ser tomadas como o fundamento da vida psíquica, e seu extravio se relaciona com uma série de formações psicopatológicas que têm no fronteiroço uma referência marcante, e que são por vezes agrupados sob a rubrica de *patologias contemporâneas*; nelas, a dissociação e o vazio são aspectos cruciais. Outras formas de dissociação se desdobram a partir daquelas assinaladas por Green em seu estudo do fronteiroço – a saber, a dissociação psicossomática e o agir de descarga – e merecem também ser examinadas. Assim, por exemplo, tenho ressaltado as falhas de simbolização relacionadas à impossibilidade de construção de uma gestualidade³⁴, assim como a dissociação que pode se estabelecer entre a excitação oriunda das fontes pulsionais e a experiência de si-mesmo³⁵.

A diferenciação entre um campo teórico-clínico-psicopatológico mais clássico, calcado na psicose e no recalçamento, e um outro campo, digamos, ligados às formações não-neuróticas, se mostra cada vez mais presente na reflexão dos analistas. Dessa diferenciação, se desdobram diversas polaridades: a distinção entre neurose e não neurose, entre recalçamento e dissociação, entre falta

30 Cf. A. Green (1997), “A intuição do negativo em *O brincar e a realidade*”, in *Livro anual de psicanálise – tomo XIII*.

31 A. Green (1986), “Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante”, in A. Green et al., *A pulsão de morte*.

32 A. Green (1977), “O conceito do fronteiroço”, in *Sobre a loucura pessoal*, p. 250.

33 Optei por não entrar aqui na polêmica sobre o conceito de “paradigma” ou de “modelo” e suas implicações para a epistemologia da psicanálise, e nem discutir a complexa questão da dialética entre ruptura e continuidade na história da psicanálise; adoto aqui, simplesmente, a proposição de um novo paradigma conforme sugestão do próprio Green, a fim de assinalar brevemente seus possíveis desdobramentos.

34 Cf. “A clínica do agir” e “Por uma psicanálise do gesto”, in R. M. Vollich, F. C. Ferraz & M. H. Fernandes (orgs.) (2008), *Psicossoma IV: corpo, história, pensamento*, assim como *Sonhar, dormir e psicanalisar: viagens ao informe* (2008).

35 D. Gurfinkel (2013), “Excitação e trabalho de simbolização”, in L. C. Figueiredo & O. Souza (orgs.), *Elasticidade e limite na clínica contemporânea* (em preparo).



Green foi capaz
de assimilar, de Winnicott,
o valor do paradoxo

e falha básica, entre perda do objeto e vazio objetal, entre depressão comum e depressão primária (ou *depressão essencial*, como queria Marty), entre desejo e necessidade, entre mãe-objeto e mãe-ambiente (termos de Winnicott), entre o *acting-out* enquanto uma *ação que representa* e um puro agir de descarga, “entre o sonho e a dor” – conforme o propôs Pontalis³⁶, em título de um célebre livro da década de 1970 – ou entre o sofrimento e a dor sem nome – ou, ainda, a polaridade entre o sonho e o trauma que produz o *colapso do sonhar*, como propus em outro lugar³⁷. Que tal, também, a distinção entre angústia ligada e angústia pura, esta capaz de desagregar tanto a psique quanto o soma?

Bem, diversas polaridades semelhantes podem ser lembradas, mas também aqui é preciso seguir o exemplo de Green, que nos adverte sobre os riscos de uma simplificação excessiva: “durante muitos anos procurei opor as obras de Freud às de seus sucessores, como eu via as estruturas neuróticas sendo opostas a estruturas não neuróticas. Hoje inclino-me a acreditar que essas oposições, que parecem válidas, não são tão nítidas como pensava”³⁸. Nesse sentido, seu trabalho recente que propõe um estudo comparativo entre a histeria e os estados-limite é, sem dúvida, um exemplo de sua capacidade de sustentar uma visão complexa e não esquemática das polaridades acima referidas. Green reconhece a enorme dificuldade de distinguir de modo estrito certas situações de histeria grave e os estados-limite, e propõe a genial figura do *quiasma* para descrever tal estado de coisas: “o uso que demos à noção de quiasma nos levaria antes a pensar em um movimento oscilatório. Com efeito, tudo acontece como se o histérico mostrasse uma tendência

regressiva para a repetição, mas em geral lábil, aquela que se observa no percurso que vai da histeria fálica e genital até a chamada histeria oral, ao passo que, do outro lado, os casos-limite, embora situados na fronteira de diversas entidades mais profundamente regressivas, quer se trate das psicoses, das depressões ou das estruturas narcísicas e perversas, têm pelo contrário tendência a se agarrar a um polo objetal depois de tentativas regressivas marcantes, das quais a histeria é uma saída entre outras”³⁹.

Green, entre Freud e Winnicott, foi capaz de reconhecer e assimilar deste último o valor do paradoxo, e utilizá-lo sobretudo no próprio trabalho de teorização. Pois se “existe uma lógica do inconsciente que começamos a compreender cada vez melhor desde Freud, talvez a um ponto que ele jamais suspeitasse, Winnicott mostrava-nos o interesse heurístico dos paradoxos no âmbito da teoria, tal como o paradoxo que opõe o objeto subjetivo e o objeto percebido subjetivamente”⁴⁰. Assim, se Winnicott⁴¹ propunha que existem *dois tipos de pessoa* – aqueles que tiveram um *bom começo* e os que estão indelivelmente marcados por experiências traumáticas precoces –, ele também sempre nos advertiu que “somos pobres se somos apenas são”⁴². Pois na fuga para a saúde e para a realidade corremos o risco de perder contato com nossos *selves* mais primitivos, de onde se originam os sentimentos mais intensos e as sensações mais arrebatadoras!

36 EM TEMPO: impossível não mencionar aqui a recente morte também de Pontalis – um ano após a de Green –, esta figura discreta e elegante cujas ressonâncias pessoais e imaginativas atingem muito mais em cheio o coração daquele que aqui escreve, e cujo verdadeiro *self* parece ter sido continuamente cultivado e preservado, para além da sobrevivência e da conservação da própria imagem no mundo social psicanalítico...

37 D. Gurfinkel (2001), “O colapso do sonhar”, in *Do sonho ao trauma: psicossoma e adições*.

38 A. Green (1988), “Introdução”, in *Sobre a loucura pessoal*, p. 20.

39 A. Green (2000), “Histeria e estados-limite: quiasma. Novas perspectivas”, in *Revista Brasileira de Psicanálise*, p. 482.

40 A. Green (1988), “Introdução”, in *Sobre a loucura pessoal*, p. 20.

41 D. W. Winnicott (1967), “O conceito de indivíduo saudável”, in *Tudo começa em casa*.

42 D. W. Winnicott (1945), “Primitive emotional development”, in *Through paediatrics to psychoanalysis: collected papers*, p. 150 – nota de rodapé n.1.

Green soube compreender mais este paradoxo, quando nos chamou a atenção para o valor de nossa *loucura pessoal* e privada; aliás, é esta mesma loucura que o analista usa no exercício de sua profissão impossível, e também – nos lembra Green⁴³ – no seu trabalho de escrita. Os pacientes fronteirios sofrem, paradoxalmente, da incapacidade de usufruir de sua própria loucura pessoal, siderados que estão pelo vazio de sentido. Estão privados de experimentar a não integração e o informe, fonte da criatividade e do sentido do viver, de onde emerge o sentimento de que a vida vale a pena. Em seu abismo, lhes falta um espaço potencial, um mar-mãe que envolva suas diversas ilhas, um mar cuja substância – como bem assinalou Winnicott – é a ilusão.

* * *

Para finalizar, gostaria de comentar algo sobre o impacto que tenho experimentado no contato com a obra de Green.

Quando apresentei o trabalho “Nas fronteiras do psique-soma e do ato-gesto”, no V Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental em Campinas (em 2000), conhecia a obra de Green de maneira fragmentária e parcial, e não havia lido em profundidade seu artigo seminal sobre o conceito de fronteirio; ao retomar tal trabalho, me surpreendo até hoje com a enorme semelhança na linha de abordagem. O mesmo se deu quanto ao meu trabalho sobre a “Clínica da dissociação”, apresentado em Ciclo de Debates no Instituto Sedes Sapientiae em 1999 – no qual adoto a dissociação como referência básica para se compreender as formas clínicas não neuróticas, e retraço tal conceito a partir do eixo histórico Freud-Winnicott –, assim como no trabalho “Pulsão de morte ou mãe morta?”, apresentado em 2000 no Colóquio Heidegger da PUC-SP, no qual realizei uma reavaliação retrospectiva e

43 A. Green (1988), “Introdução”, in *Sobre a loucura pessoal*.

44 Cf. “Sono branco, sono pleno”, in *Sonhar, dormir e psicanalisar: viagens ao informe* (2008).

»
*Os pacientes fronteirios
sofrem, paradoxalmente,
da incapacidade de usufruir
de sua própria loucura pessoal*

crítica do conceito de pulsão de morte a partir das sugestões de Winnicott, e propus a alternativa *pulsão de morte* ou *mãe morta*. E, ainda, quando propus a expressão *colapso do sonhar* para designar as falhas de simbolização nas adições, fenômenos psicossomáticos e casos fronteirios: na época, havia tido pouca oportunidade de explorar mais detidamente formulações próximas feitas por Green! No entanto, anos depois, quando propus a expressão *sono branco*⁴⁴ para descrever o vazio de sonhar – em contraste com o *sono pleno de sonhar*, já estava bastante impregnado da leitura da *mãe morta* de Green, e totalmente rendido à sua proposição da *série branca*!

Bem, após vencer a vergonha e deixar entrever, no parágrafo anterior, meus devaneios edipianos frente a André Green, ousou brincar de *aprendiz de psicanalista* diante do *mestre feiticeiro* – grandioso mestre de uma das obras mais ambiciosas e consistentes da psicanálise contemporânea, que chegou aos pontos semelhantes aos que tenho chegado com décadas de antecedência e em uma obra – agora definitivamente acabada – de muito maior envergadura. O sentimento é sinistro: o estranhamente familiar de uma forte identificação, e o *déjà vu* da antecipação de um caminho semelhante. Vejo-me entre a inveja e a gratidão de um dos maiores talentos da psicanálise contemporânea, e vejo-me entre o medo da perda da identidade daquilo que pude *criar psicanaliticamente* – ameaça à ilusão de originalidade do *self* – e o júbilo advindo do efeito de reconhecimento que brota de um *bom encontro*.

Eis a minha própria homenagem, nascida também de minha “loucura pessoal”, ao “mestre do fronteirio”.

Referências bibliográficas

- Freud S. (1923/1981). Neurosis y psicosis. *Obras completas*. Madrid, Biblioteca Nueva, v. 3.
- _____. (1938/1981). Escisión del “yo” en el proceso de defensa. *Obras Completas*. Madrid, Biblioteca Nueva, v. 3.
- Green A. (1977/1988). O conceito do fronteiro. In *Sobre a loucura pessoal*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1979/2004). O silêncio do psicanalista. *Psychê – Revista de Psicanálise*, ano VIII, n.14, dez.
- _____. (1980/1988). A mãe morta. In *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.
- _____. (1986/1988). Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In Green, A. et al. *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta.
- _____. (1988). Introdução. In *Sobre a loucura pessoal*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1993/1995). *El trabajo de lo negativo*. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1997/1999). A intuição do negativo em *O brincar e a realidade*. In *Livro anual de psicanálise – tomo XIII* [compilação oficial do *International Journal of Psycho-analysis*]. São Paulo: Escuta.
- _____. (1999/2000). Génesis y situación de los estados fronterizos. In André J. (org.) *Los estados fronterizos: nuevo paradigma para El psicoanálisis?* Buenos Aires: Nueva Visión.
- _____. (2000/2002). Histeria e estados-limite: quiasma. Novas perspectivas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 36, n. 2, p. 465-486.
- Gurfinkel D. (2000/2001). Clínica da dissociação. In *Do sonho ao trauma: psicossoma e adições*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- _____. (2001). O colapso do sonhar. In *Do sonho ao trauma: psicossoma e adições*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- _____. (2008). A clínica do agir. In R. M. Volich, F. C. Ferraz & M. H. Fernandes (orgs.) *Psicossoma IV: corpo, história, pensamento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- _____. (2008). Por uma psicanálise do gesto. In R. M. Volich, F. C. Ferraz & M. H. Fernandes (orgs.), *Psicossoma IV: corpo, história, pensamento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- _____. (2008). *Sonhar, dormir e psicanalisar: viagens ao informe*. São Paulo: Escuta.
- _____. (2012). O sonho de contratransferência. In S. Alonso, L. Fuks & F. C. Ferraz (orgs.), *Psicanálise em trabalho*. São Paulo: Escuta.
- _____. (2013). Excitação e trabalho de simbolização. In L. C. Figueiredo & O. Souza (orgs.), *Elasticidade e limite na clínica contemporânea* (em preparo).
- Kaës R. (1985) La catégorie de l'intermédiaire chez Freud: un concept pour la psychanalyse? *L'évolution Psychiatrique*, vol. 50, n. 4, p. 893-926.
- Winnicott, D. W. (1945/1992). Primitive emotional development. In *Through paediatrics to psychoanalysis: collected papers*. London: Karnac.
- _____. (1947/1992). Hate in the countertransference. In *Through paediatrics to psychoanalysis: collected papers*. London: Karnac.
- _____. (1954/1992). Metapsychological and clinical aspects of regression within the psycho-analytical set-up. In *Through paediatrics to psychoanalysis: collected papers*. London: Karnac.
- _____. (1967/1999). O conceito de indivíduo saudável. In: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes.

Psychoanalysis of the borderline: André Green, between Freud and Winnicott

Abstract This paper presents Green's contribution to the understanding of borderline states. Starting with a brief overview of the subject in the history of Psychoanalysis, it examines the two basic elements that, according to Green are essential to them: dissociation, and an emptiness (or absence) of sense. The author also stresses the historical/conceptual axis underlying Green's work on the subject, which goes from Freud to Winnicott.

Keywords André Green; borderline; Freud, Winnicott; history of Psychoanalysis.

Recebido em: dezembro/2012.

Aprovado em: março/2013.

André Green, Donald Winnicott e Wilfred Bion: uma ponte Paris-Londres

Alain Gibeault

Resumo O texto apresenta algumas das principais ideias de A. Green (trabalho do negativo, tipos de representação, psicose branca) e as vincula ao que ele aprendeu com Winnicott e com Bion. Também insere a obra greeniana no contexto da Psicanálise francesa durante a segunda metade do século XX.

Palavras-chave psicose; alucinação; trabalho do negativo; recepção da Psicanálise britânica na França.

Tradução Luciano Loprete

Alain Gibeault é membro titular fundador da Sociedade Psicanalítica de Paris e diretor do Centro de Psicanálise e de Psicoterapia Evelyne e Jean Kestenberg (Associação de Saúde Mental do XIII Distrito de Paris). Desempenhou um papel importante no cenário internacional, em particular como ex-presidente da Federação Europeia de Psicanálise (1995-1999) e ex-secretário geral (2001-2003) da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Em 2006, foi nomeado Professor Honorário da Universidade estadual Lomonossov, de Moscou.

Celebrar a obra dos autores que admiramos permite expandir seus conceitos, e aprimorar nossa própria teoria.
[André Green, *Jouer avec Winnicott*, p. 64.]

Na introdução de seu principal livro, *Le travail du négatif*, André Green situa muito bem a importância das trocas recíprocas entre os trabalhos de Winnicott e Bion para a elaboração de seu próprio pensamento:

Os psicanalistas podem chegar ao trabalho do negativo sem que Hegel jamais tenha sido para eles objeto da menor reflexão. É o caso da tradição que reina na Sociedade Britânica de Psicanálise. E eis que deparo com o negativo na obra desses dois autores que sempre considere, sob vários pontos de vista, como referências primordiais¹.

E esses dois autores, prossegue Green, são Winnicott e Bion.

Tais referências indicariam uma filiação ou uma possível paternidade? Green reconheceu muitas vezes sua dívida para com esses dois autores britânicos. Eles lhe forneceram a possibilidade de encontrar um caminho independente de Lacan, cuja obra foi muito influente no início de sua reflexão. Mas, se por um lado Winnicott e Bion foram seus antecessores e não sofreram diretamente tal influência, por outro lado, Green soube ampliar e levar adiante as contribuições desses dois pensadores. Eis aqui a aventura internacional que eu gostaria de retratar neste artigo, que pretende ser também uma homenagem a

1 A. Green, *Le travail du négatif*, p. 14-15.



*os franceses apreciaram
em Winnicott a impertinência
e o inconformismo de seu caráter,
sua rejeição às escolas ortodoxas;
foram também seduzidos
pelo humanismo de seu estilo*

André Green, pela importância de sua obra na psicanálise contemporânea.

André Green e Winnicott: um episódio de uma “história de amor”

Se Winnicott desempenhou um papel no pensamento de André Green, foi em parte por uma “história de amor” entre a obra de Winnicott e a psicanálise francesa. Enquanto Lacan havia exercido uma forte influência na renovação da psicanálise francesa do pós-guerra, o pensamento de Winnicott foi considerado como um verdadeiro antídoto à abordagem filosófica e linguística da psicanálise lacaniana, baseada na hipótese do “inconsciente estruturado como uma linguagem”.

Os franceses apreciaram em Winnicott a impertinência e o inconformismo de seu caráter, sua rejeição às escolas ortodoxas; foram também seduzidos pelo humanismo de seu estilo, sempre próximo da clínica, e sua aversão pelos vocabulários abstratos. Resumindo, apreciaram em Winnicott, ao mesmo tempo, o individualismo, caro à imagem que os franceses têm deles mesmos, e a recusa das grandes teorias, que nem sempre vai ao encontro de sua prática! Essa é a dívida que André Green reconhece.

Winnicott era um grande pensador, mas um tipo de pensador *espontâneo*. Para ele, o pensamento estava profundamente ligado à experiência. Mesmo que sua obra nos faça bastante cogitar, ela não propõe um verdadeiro

pensamento teórico, como a de Bion, que, a meu ver, lhe é bastante próxima².

Nesse processo, os primeiros a mostrar interesse por Winnicott foram os psicanalistas de crianças. O próprio estilo de Winnicott – cuja espontaneidade criativa sempre foi reconhecida – contribuiu muito para dar originalidade à psicanálise de crianças na França, em particular na recusa em distinguir a psicanálise e a psicoterapia unicamente com base no número de sessões. A preocupação de Winnicott em priorizar o desenvolvimento da “capacidade de brincar”, como condição do processo analítico, teve forte repercussão na psicanálise das crianças na França, principalmente nos trabalhos de Serge Lebovici e de René Diatkine.

Cabe notar que o encontro dos psicanalistas franceses com Winnicott seguiu um outro caminho. J.-B. Pontalis³ é uma prova disso. A leitura de Winnicott não o interessou de imediato: “Não sendo nem pediatra, nem psicanalista de crianças, pensei, tolamente, que não era um autor para mim”⁴. Mas, nos encontros com os colegas ingleses durante os colóquios franco-britânicos, ele ficou impressionado com a “qualidade das trocas “que eles mantinham com seus pacientes, e com a importância dada aos afetos. Segundo Pontalis, Winnicott contribuía para tal qualidade por ter descrito a importância de um espaço transicional aberto, onde se podia “deixar surgir o paradoxo em vez de exacerbar e congelar as contradições”⁵.

Seduzido pela obra e pela escolha feita por Winnicott de um caminho do “meio”, entre kleinianos e freudianos, Pontalis favoreceu a tradução e a divulgação de seus textos na *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, que fundara no início dos anos 1970. Entusiasmado com aquele pensamento que dizia tê-lo inspirado em seus próprios trabalhos “sobre o sonho-objeto, sobre a

² “L’expérience et la pensée dans la pratique analytique” (1987), in A. Green, *Jouer avec Winnicott*, p. 67.

³ A. Clancier; J. Kalmanovitch, *Le paradoxe de Winnicott: de la naissance à la création*.

⁴ A. Clancier; J. Kalmanovitch, *op. cit.*, p. 213.

⁵ A. Clancier; J. Kalmanovitch, *op. cit.*, p. 214.

discrepância (*écart*) ou até mesmo a antinomia entre a produção dos sonhos e a capacidade de sonhar”⁶, ele empreendeu, com Claude Monod, a tradução para o francês de *Jeu et réalité* que foi publicada em 1975, quatro anos depois da edição original. No admirável prefácio que redigiu para *Jeu et réalité*, J.-B. Pontalis ressalta sua importância na obra de Winnicott. Esse livro retoma seu grande artigo de 1951, “Objets transitionnels et phénomènes transitionnels”, deslocando a tônica do objeto para o espaço transicionais. Durante bastante tempo, grande parte dos analistas franceses tinha muitas reservas em relação ao conceito de objeto transicional, que frequentemente foi *coisificado*: como observa René Diatkine, “hoje, falta pouco para que objetos transicionais sejam vendidos em hipermercados, e esse conceito serve de chamariz em publicações pouco inspiradas”⁷.

A tônica dada por Winnicott na quadra da *ilusão* que deve ser mantida entre mãe e criança para que a *desilusão* relativa ao investimento no objeto seja possível permitiu explicitar a teoria freudiana da satisfação alucinatória do desejo e explicar as condições de passagem do princípio de prazer ao princípio de realidade. Área intermediária de experiência e espaço potencial do brincar designam aqui o cadinho ou a matriz de toda simbolização, nessa fusão do eu e do não eu (*me and not-me*), que permite justamente sua diferenciação.

Se o objeto transicional implica sempre a necessidade de uma “realidade material” entre a criança e a mãe, seu destino é se deixar esquecer a fim de ser retomado por essa área intermediária intrapsíquica, o pré-consciente, área terceira, cuja função é essencialmente a de proteger pelo contrainvestimento e de articular o interno e o externo. Essa interpretação dos “processos transicionais”, que sublinha o papel do pré-consciente

»
se o objeto transicional implica sempre a necessidade de uma “realidade material” entre a criança e a mãe, seu destino é se deixar esquecer a fim de ser retomado por essa área intermediária intrapsíquica, o pré-consciente

no funcionamento mental, foi objeto de numerosos trabalhos psicanalíticos franceses sobre os processos de simbolização, atestados especialmente nos escritos de André Green.

Na entrevista concedida a Anne Clancier, André Green⁸ lembra que em 1975, no congresso da IPA em Londres, ele apresentou uma comunicação intitulada “L’analyste, la symbolisation et l’absence dans le cadre analytique”, dedicada à memória de Winnicott. Ele o conhecera no início dos anos 1960, durante um seminário sobre o *squiggle*, e fora seduzido por sua “autenticidade, o estilo direto de seu contato, a maneira como se envolvia imediatamente com o material que apresentava”, o que, segundo Green, revelava “o caráter indissociável entre a originalidade do pensamento de Winnicott e a originalidade do personagem”⁹. Mas, no início dos anos 1970, depois de ter se dedicado à exegese de Freud e à reflexão sobre os trabalhos de Lacan, ele se “aplicou a Winnicott”, segundo suas próprias palavras; foi, como diz, menos uma descoberta que um “encontro”, a partir de pontos de convergência em relação ao enquadre analítico:

Caso se queira tentar uma sistematização das descobertas de Winnicott, é preciso dizer que a partir do modelo do enquadre se abre o campo da área intermediária, da área da ilusão, do analista como objeto transicional, das relações do analista e do brincar, das relações entre o eu e o brincar¹⁰.

E acrescenta:

6 A. Clancier; J. Kalmanovitch, *op. cit.*, p. 215.

7 A. Clancier; J. Kalmanovitch, *op. cit.*, p. 184.

8 A. Clancier; J. Kalmanovitch, *op. cit.*

9 A. Clancier; J. Kalmanovitch, *op. cit.*, p. 188.

10 A. Clancier; J. Kalmanovitch, *op. cit.*, p. 192.



a partir dos anos 1970, o encontro entre Green e Winnicott nunca mais parou, e é realmente o caso de se falar de uma “ponte” entre Paris e Londres

Abre-se então uma categoria de pensamento totalmente extraordinária que é o pensamento paradoxal.

Se Green atribui a Winnicott a paternidade de uma teoria do enquadre, ele mostra ao mesmo tempo como sua própria reflexão sobre a psicanálise dos estados fronteira se enriqueceu num diálogo com o pensamento winnicottiano: “O conceito de limite é central para Winnicott, diz Green, já que se trata de uma área de intersecção”¹¹. Igualmente, o pensamento paradoxal representa a suspensão do julgamento de existência, pois o objeto não é nem criado, nem encontrado, nem interior, nem exterior, mas sempre “na fronteira”.

A partir dos anos 1970, o encontro entre Green e Winnicott nunca mais parou, e é realmente o caso de se falar de uma “ponte” entre Paris e Londres. André Green foi convidado de 1987 a 1997, pela *Squiggle Foundation* de Londres, a fazer uma série de conferências que mostram essa convergência entre os dois pensadores, assim como entre as duas culturas psicanalíticas. Essas conferências foram publicadas em inglês em 2000, sob o título *André Green at the Squiggle Foundation*, e em francês, em 2005, com modificações, sob o título *Jouer avec Winnicott*.

Nesses encontros, André Green ressaltou o interesse dos trabalhos de Winnicott e a influência que eles exerceram em suas reflexões sobre o negativo a partir dos temas da ausência, da perda e da não existência. Essa dimensão do

negativo pode ser deduzida do paradoxo winnicottiano do objeto transicional como “possessão não eu” ou negativo do eu. Além disso, também provém da problemática do “desinvestimento do objeto”, que, segundo Winnicott, pode levar ao apagamento da “lembrança da representação interna” do objeto – o que André Green aproxima de sua concepção da alucinação negativa como representação interna do negativo e fonte dos afetos de vazio, de futilidade e de perda de sentido. Mas, essa dimensão do negativo é claramente apontada no caso clínico descrito por Winnicott (1971) no primeiro capítulo de *Jeu et réalité*, que é uma nova versão do artigo de 1951 “Objets transitionnels et phénomènes transitionnels”. A propósito da observação de Winnicott sobre o aparecimento do “aspecto negativo das relações” nessa análise, André Green sugere que esse negativo “se torna o real, mais real que os objetos existentes que o cercam”¹² e se impõe “como uma relação objectal organizada, independente da presença ou da ausência do objeto”¹³.

Muitos trabalhos foram publicados na França sobre a problemática da transicionalidade no funcionamento psíquico. Cabe mencionar os de Joyce McDougall¹⁴, que conheceu Winnicott pessoalmente e contribuiu para torná-lo conhecido na França ao fazer com que fosse convidado pela Société Psychanalytique de Paris. Em relação às neossexualidades, ela levantou a hipótese que tais pacientes teriam dificuldade para utilizar os “fenômenos transicionais” e a “atividade criativa primária” que Winnicott descrevera.

Os trabalhos de Jean-Luc Donnet¹⁵ sobre o enquadre e as condições de um “divã bem temperado” se inscrevem também no campo das ideias winnicottianas sobre a necessidade de tolerar o paradoxo do objeto encontrado/criado sem procurar resolvê-lo em favor do desenvolvimento do processo analítico, qualquer que seja o enquadre

11 A. Clancier; J. Kalmanovitch, *op. cit.*, p. 195.

12 A. Green, *Jouer avec Winnicott*, *op. cit.*, p. 27.

13 A. Green, *Le Travail du négatif*, *op. cit.*, p. 15.

14 J. McDougall, *Eros aux mille et un visages*.

15 J.-L. Donnet, *Le divan bien tempéré*.

adotado. René Roussillon¹⁶, por sua vez, elaborou a problemática da transicionalidade no trabalho analítico, ao retomar especialmente a metáfora de Marion Milner do *malleable environment*, e ao sublinhar o interesse da utilização do objeto.

Em uma das conversas com Anne Clancier, Evelyne Kestemberg, que encontrou com Winnicott em Londres nos anos 1950, também fala da importância dessa herança para o trabalho com os pacientes psicóticos:

Quando tratamos psicóticos, precisamos ter ilusão suficiente para sair da repetição, porém não demais a ponto de encerrar o paciente num esconderijo ilusório e reduzir seu modo de funcionamento ao nosso¹⁷.

Para ela, como para muitos outros, Winnicott foi um “incentivador do pensamento”, que favoreceu a criatividade tanto na teoria quanto na prática analítica.

Na mesma perspectiva, Paul-Claude Racamier¹⁸, um dos analistas franceses mais eminentes no trabalho com pacientes esquizofrênicos, introduziu a ideia de um “espaço para delirar”, derivado do “espaço transicional” de Winnicott, e que se constitui a partir da negação das origens e da busca de certezas absolutas. Diante do paciente delirante, deve-se excluir o confronto perceptivo entre realidade interna e realidade externa e, ao contrário, segundo a hipótese de Winnicott, introduzir a dimensão do “brincar” com as representações, as imagens e as palavras. É também sobre a problemática dessa capacidade de brincar, ilustrada particularmente pelo psicodrama psicanalítico individual, que eu mesmo baseei minha abordagem dos processos

16 R. Roussillon, “La métapsychologie des processus et la transitionnalité”, *Revue française de psychanalyse*, t. 59, 5, (1995), p. 1375-1519.

17 A. Clancier; J. Kalmanovitch, *Le paradoxe de Winnicott*, op. cit., p. 204.

18 P.-C. Racamier, “Un espace pour délirer”, *Revue Française de Psychanalyse*, t. 64, 3 (2000), p. 823-829.

19 A. Gibeault, *Chemins de la symbolisation*.

20 D. Rybas, *Donald Woods Winnicott*.

21 A. Clancier; J. Kalmanovitch, *Le paradoxe de Winnicott*, op. cit.

»
Daniel Widlöcher observa com razão que Winnicott serviu de fato como “antídoto” ao formalismo psicanalítico inspirado por Lacan, que, justamente, havia sido um líder

de simbolização no tratamento psicanalítico dos pacientes apresentando um funcionamento psicótico¹⁹.

Poder-se-ia pensar que muitos dos analistas franceses fossem winnicottianos incondicionais. Porém, isso seria ignorar as objeções que lhe eram feitas, principalmente quanto à negação da sexualidade infantil, à omissão do papel do pai, à recusa da pulsão de morte, à falta de uma reflexão sobre a linguagem²⁰. Ainda que essas objeções devam ser relativizadas, não se trata de pedir a Winnicott que ele seja o que não quis ser: um teórico sistemático e um fazedor de escolas – pois é exatamente essa recusa que o tornou popular na França. Daniel Widlöcher²¹ observa com razão que Winnicott serviu de fato como “antídoto” ao formalismo psicanalítico inspirado por Lacan, que, justamente, havia sido um líder. Os analistas franceses viram em Winnicott um analista que, ao contrário, priorizava a relação terapêutica, o afeto e a criatividade.

André Green e Bion: o trabalho do negativo e a representação

Foi com Bion, um teórico do *pensamento*, que André Green manteve ainda um outro diálogo, pois essa abordagem correspondia à sua própria preocupação de aprofundar a problemática do negativo. Foi André Green quem sugeriu trazer Bion à Sociedade Psicanalítica de Paris no início dos anos 1980, quando suas teorias ainda não



da teoria de Bion, Green
retém principalmente a distinção
entre a não coisa (*no-thing*),
a ausência da coisa,
e o nada (*nothing*),
a inexistência

eram bem conhecidas na França. Bion surpreendeu o auditório, ao discutir um caso clínico através de uma longa digressão sobre as relações entre homens e mulheres, sem sequer mencionar o caso clínico em questão.

Para Green, a teoria do pensamento e seus laços com as condições da representação de um ponto de vista psicanalítico foram importantes:

Uma distinção importante que Winnicott não faz é entre o intelecto e o pensamento. Nesse ponto, Bion é útil ao nos dizer que o pensamento, no que o distingue da intelectualização, provém da experiência emocional; em outras palavras, o pensamento se enraíza nas manifestações pulsionais, desenvolvendo-se a partir da elaboração imaginativa, isto é, em relação fantasmática com a realidade²².

Da teoria de Bion, Green retém principalmente a distinção entre a *não coisa* (*no-thing*), a ausência da coisa, e o *nada* (*nothing*), a inexistência²³. Para Bion²⁴ tratava-se de frisar a função da ausência do objeto na organização dos processos de pensamento, e de fazer a distinção entre esse processo na base da capacidade de representar, de fantasmar e de sonhar e o funcionamento mental da psicose, no qual os “ataques contra os laços” conduzem, ao contrário, à experiência catastrófica do nada, da angústia sem nome e da angústia de aniquilação. Green levou adiante essa reflexão distinguindo ainda o negativo que é condição da representação e repousa sobre a alucinação negativa da percepção do objeto, e o negativo

que é destruição do objeto e de seus representantes psíquicos:

Fundamentalmente, a *tolerância* à ausência do seio é necessária para a construção dos processos de pensamento. Esse “não seio” (esse não nada) é totalmente diferente do outro termo “nada”. Deve haver aí um estado entre a perda total e a presença excessiva, uma tolerância do psiquismo infantil à qual estamos habituados em termos de fantasma e de representação²⁵.

Entre o *negativo da ausência* que permita um trabalho de representação e o *negativo da falta*, que Green descreveria como o “negativo do negativo”, organiza-se todo o campo das diferentes modalidades do funcionamento mental entre a neurose e a psicose. Foi esse interesse de Bion pela psicose que Green retomou por sua conta, particularmente em todos os seus trabalhos sobre os estados fronteiros e o funcionamento psicótico em geral. Green já mencionara essa ideia do negativo do negativo no *Le travail du négatif*, sobre o qual ele me afirmou um dia ser seu livro mais importante; e era sobre isso que ele pensava ainda alguns meses antes de sua morte, como lembrou Sara Botella, por ocasião da homenagem que lhe foi prestada pela Sociedade Psicanalítica de Paris, em 17 de novembro de 2012.

Na introdução do *Le travail du négatif*, Green já ressaltava a importância da distinção entre um negativo que comportasse potencialidades criativas e as vicissitudes “negativistas” desse negativo essencial ao desenvolvimento psíquico; ele reconhece uma filiação importante com Bion nessa dupla valência atribuída ao negativo:

A inspiração de Bion e a minha concordam em relação ao duplo alcance estruturante ou desestruturante do negativo²⁶.

22 A. Green, *Jouer avec Winnicott*, op. cit., p. 14.

23 A. Green, *Le travail du négatif*, op. cit., p. 13.

24 W. R. Bion (1962), *Aux sources de l'expérience*.

25 A. Green, *Le travail du négatif*, op. cit., p. 71.

26 A. Green, *Le travail du négatif*, op. cit., p. 21.

Green é sensível a essa tônica dada por Bion ao negativo na função de Conhecimento (c), que Bion acrescentou à problemática do Amor (A) e do Ódio (o): um terceiro termo que Green aproxima da sua hipótese dos processos terciários que “funcionam como um intermediário e ligam os processos primários e secundários”²⁷. Bion insiste num duplo valor, positivo e negativo, atribuído ao Conhecimento (c e -c) e distingue entre os efeitos do *equivoco* ou do *mal-entendido* e os efeitos da *in-compreensão* ou *não compreensão*; Green (1993), no plano do conhecimento, sublinha a importância da distinção entre a ausência e o nada²⁸.

A fecundidade de uma herança

Se, por um lado, André Green reconheceu muitas vezes sua dívida com Winnicott e com Bion, por outro lado, ele também prolongou as pesquisas de ambos, contribuindo para a especificidade desse pensamento psicanalítico francês que pode ser considerado um herdeiro fiel do pensamento freudiano. Trata-se menos de fidelidade a um homem que a uma obra, a qual favoreceu a investigação dos conceitos fundamentais da psicanálise. Como ressalta Lacan, o “sentido de um retorno a Freud é um retorno ao sentido de Freud”²⁹. Essa fórmula lacaniana muito conhecida condensa as diversas orientações da psicanálise francesa durante esses anos dourados que vão da década de 1950 até a morte de Lacan em 1981. Toda uma geração de analistas franceses famosos, em grande parte analisando de Lacan, iriam contribuir, cada um à sua maneira, para essa renovação analítica na França e, quem sabe, até para o seu verdadeiro nascimento. O sentido de Freud só pode ser pesquisado com a descoberta de suas

27 A. Green, *Jouer avec Winnicott*, op. cit., p. 93.

28 A. Green, *Le travail du négatif*, op. cit., p. 19.

29 J. Lacan, “Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse (1956), in J. Lacan, *Ecrits*, p. 405.

30 V. Smirnoff, “De Vienne à Paris. Sur les origines d’une psychanalyse à la française”, *Nouvelle Revue de Psychanalyse* 20 (1979), p. 13-58.

31 D. Birksted-Breen, S. Flanders, A. Gibeault (dir.), *Reading French Psychoanalysis*.

»
André Green se inscreve, sem dúvida alguma, nessa tradição freudiana. Contudo, a importância dada por ele aos contatos internacionais favoreceu trocas científicas com outros pensadores

primeiras obras, de seus primeiros conceitos, de seus textos mais antigos e fundadores como *Esboço de uma psicologia científica*, *Interpretação dos sonhos*, ou *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Daí esse paradoxo: “foi pela submissão à Viena freudiana que em 1955 a psicanálise tornou-se francesa”³⁰.

André Green se inscreve, sem dúvida alguma, nessa tradição freudiana. Contudo, a importância dada por ele aos contatos internacionais favoreceu trocas científicas com outros pensadores, como Winnicott e Bion, e com analistas de todos os continentes. Muitos de seus trabalhos foram escritos como contribuições para colóquios ou congressos internacionais, sempre na perspectiva da abertura de seu pensamento para outras abordagens psicanalíticas. A maioria de seus livros e artigos foi traduzida para várias línguas. *Reading French Psychoanalysis*³¹, recentemente publicado, foi considerado por ele como um “livro histórico”, na medida em que contribuiu a tornar mais conhecida a *especificidade do pensamento psicanalítico francês*.

Pode-se pensar que uma diferença importante entre o pensamento francês e outras abordagens psicanalíticas reside na forma de entender o conceito de *representação*. A tradução em francês e inglês dos conceitos freudianos de *Vorstellung* e *Darstellung* ilustra, por exemplo, o que Bion poderia ter interpretado como fonte de possíveis equívocos. *Vorstellung* é traduzido em francês por *représentation* e em inglês por *idea*, o termo *Darstellung* é traduzido em francês por



a reflexão de Green
sobre o funcionamento psicótico
levou-o a introduzir, juntamente
com Jean-Luc Donnet, em 1973,
o conceito de “psicose branca”

figuration e em inglês por *representation*. Daí as dificuldades originadas pela diferença entre os conceitos de *représentation* em francês, que remete à representação de coisa inconsciente, e de *representation* em inglês, que remete antes à figuração pré-consciente e consciente.

Desse ponto de vista, os trabalhos de Green contribuíram de modo essencial para superar esses possíveis equívocos. Particularmente, suas pesquisas sobre o “trabalho do negativo” permitiram conceituar de forma original a problemática do trabalho de representação e de simbolização no funcionamento psíquico. Green atribui, como foi ressaltado, uma função positiva ao trabalho do negativo. Assim, este se torna a condição essencial da capacidade representativa do sujeito. Porém, levou mais adiante suas pesquisas, ao introduzir os conceitos corolários de “estrutura de enquadre”, de “função objetalizante”, de “organização narcísica”, de “enquadre interno do analista” e de “pensamento clínico”.

O autor mostra claramente que esse conceito tem suas origens no funcionamento psicótico, no qual a alucinação negativa é o *signal* dessa angústia de aniquilação consecutiva à negação e ao desinvestimento da realidade externa. Por isso, a alucinação positiva pode participar do processo de cura e de reinvestimento da realidade no delírio, o que leva Green a dizer que ela se torna o *sentoma* desse nada. A esse respeito, ele cita uma nota de Freud, que já observava “que uma tentativa de explicação da alucinação não deveria começar pela alucinação positiva, mas,

ao contrário, pela alucinação negativa”³². A partir daí, o funcionamento psicótico pode ser associado aos conceitos de “função desobjetalizante”, “narcisismo negativo” e “destruição dos processos terciários”.

Contudo, Green atribui uma dimensão metapsicológica ao conceito de alucinação negativa que se torna então “pré-condição a toda teoria da representação”: trata-se de frisar a importância de uma descontinuidade entre a alucinação e a percepção para que se organize um processo de representação; a economia do funcionamento psíquico está na base de uma diferença entre os sistemas psíquicos – o que já era subjacente à hipótese de Breuer retomada por Freud de uma distinção entre memória e percepção no funcionamento psíquico. “Uma nota sobre o bloco mágico”³³ atesta a importância dada por Freud a esses dois tempos consecutivos e não simultâneos: a percepção aparece realmente *no lugar* do traço mnésico. Ou seja, percepção e traço mnésico não podem existir ao mesmo tempo. A simultaneidade nunca é absoluta. No ponto onde eles coexistem, como na psicose, há uma clivagem da tópica e não uma regressão. Desse ponto de vista, a alucinação negativa se torna de fato, como observou Green, a “matriz comum” do sonho e da alucinação positiva, da atividade de representação na neurose e na psicose.

A reflexão de Green sobre o funcionamento psicótico levou-o a introduzir, juntamente com Jean-Luc Donnet, em 1973, o conceito de “psicose branca”. A psicose branca remete a uma estrutura psicótica em estado latente, podendo se assemelhar a um estado fronteiriço, mas constituindo de fato o ponto de partida (ou o próprio núcleo) de uma psicose entre o retraimento autista ou uma tentativa de cura pelo delírio. No plano sintomático, há principalmente sensações de vazio, de marasmo, uma depressão sem afeto e uma inibição do pensamento. No plano

32 S. Freud (1915 [1917]), “Complément métapsychologique à la doctrine du rêve”, p. 255.

33 S. Freud (1924 [1925a]), “Note sur le “bloc magique””, in *Œuvres complètes, Psychanalyse XVII*, p. 137-143.

metapsicológico, os autores descrevem essa estrutura psicótica a partir de três elementos que demonstram a inclusão das contribuições britânicas: a) a organização edipiana remete a uma falsa triangulação (a relação com a mãe e com o pai reduz-se a relações entre bons e maus objetos); b) a relação de objeto traduz, segundo a hipótese de Winnicott, a impossibilidade de organizar a capacidade de estar só em presença da mãe; c) finalmente, seguindo Bion, trata-se de um ataque contra o pensar, tanto contra o pensar que envolve a realidade externa quanto aquele que representa a pulsão, isto é, a fantasia.

O conceito de trabalho do negativo permitiu que Green descrevesse mais detalhadamente os aspectos metapsicológicos do funcionamento psicótico e esclarecesse o que constitui a catástrofe psicótica. Desse ponto de vista, Green se aproximou de outro analista francês, Paul-Claude Racamier, que também descreveu a angústia psicótica em termos de experiência do *branco*. A angústia psicótica foi definida por Freud como uma ameaça aniquilante, ao mesmo tempo de indiferenciação e de confusão com o objeto, que provoca a violência da destruição do objeto ou a do próprio sujeito, o que Green chamou de “conjurção do objeto”³⁴. Esse retraimento provoca essa catástrofe psicótica que os pacientes descrevem muitas vezes como um *branco* que corresponde, segundo Racamier “a uma sobrecarga econômica e a uma vacuidade fantasmática”³⁵, ou seja, uma experiência de aniquilamento do sujeito sem possibilidade alguma de recorrer a afetos e representações, pura sensação vertiginosa de queda sem fim; o que explica a necessidade de sair dessa angústia catastrófica por meio de um movimento de reinvestimento objetal criador de

34 A. Green, “Passions et destins des passions. Sur les rapports entre folie et psychose” (1980), in A. Green, *La Folie privée. Psychanalyse des cas-limites*, p. 180.

35 P.-C. Racamier, *Le génie des origines*.

36 E. Kestemberg, J. Kestemberg, S. Decobert, *La faim et le corps*; E. Kestemberg (1981), “‘L’appareil psychique’ et les organisations psychiques diverses” in E. Kestemberg, *La psychose froide*, p. 179-199.

37 A. Green, “Pulsion de mort, narcissisme négatif, fonction désobjectalisante” (1986), in *Le travail du négatif*, op. cit., p. 113-112.

»

O conceito de trabalho do negativo permitiu que Green descrevesse mais detalhadamente os aspectos metapsicológicos do funcionamento psicótico e esclarecesse o que constitui a catástrofe psicótica

uma neorrealidade delirante (no caso das psicoses delirantes), ou de um ato autodestruidor ou heterodestruidor (nos estados fronteiriços).

Numa perspectiva análoga, Evelyne e Jean Kestemberg³⁶ introduziram o conceito de “psicose fria”, ou “psicose não delirante”, a partir de seus trabalhos sobre a anorexia mental: trata-se igualmente de uma tentativa defensiva a fim de enfrentar a excitação pulsional em ausência da capacidade de representação, inclusive numa atividade delirante. Esses pacientes lembram a problemática fronteira, cujo retraimento autoerótico exclui todo trabalho projetivo a partir do objeto e deixa apenas o recurso ao masoquismo erógeno mortífero, manifestando-se particularmente por comportamentos auto ou heterodestruidores.

Tais soluções psicopatológicas são justamente o que, para André Green, confirma a hipótese da pulsão de morte. Num livro recente, *Pourquoi les pulsions de destruction ou de mort?*, o autor levanta o debate em torno dessa hipótese bastante controversa que nunca granjeou a unanimidade dos psicanalistas: trata-se de saber se é necessário e justificado postular a existência de uma pulsão de morte, e tomar posição a seu favor.

Green já abordara a questão numa importante comunicação apresentada no primeiro simpósio científico da Federação europeia de psicanálise, dedicado a esse conceito, em 1984, e retomada em seu livro *Le travail du négatif*³⁷. Nessa comunicação ele já se pronunciava a favor da pulsão de morte a partir de argumentos clínicos atestando a importância de uma função



a pulsão de vida caracterizada pelos mecanismos de ligamento e de desligamento visa a garantir uma função objetualizante

60

PERCURSO 49/50 : junho de 2013

autodestrutiva na psique e de formas de destruição que só podem ser explicadas por um completo desatrelamento entre a pulsão de vida e a pulsão de morte: em particular a melancolia e as psicoses revelam angústias de aniquilamento ou desmoronamento. Entretanto, observava muito justamente que os argumentos clínicos não podiam nunca constituir “uma prova em favor da pulsão de morte”³⁸. E acrescentava:

Se sabemos que a teoria das pulsões pertence à ordem dos conceitos e, logo, nunca poderá ser inteiramente provada pela experiência, esses conceitos têm por objetivo esclarecer a experiência e não podem dela ser separados³⁹.

Como a experiência clínica demonstra que “o objeto é o revelador das pulsões” que em si mesmas nunca poderão ser diretamente apreendidas, André Green introduz sua hipótese econômica do funcionamento psíquico: a pulsão de vida caracterizada pelos mecanismos de ligamento e de desligamento visa a garantir uma *função objetualizante*, ou seja, de investimento do objeto; a pulsão de morte visa, ao contrário, a cumprir uma *função desobjetualizante* por meio do simples desligamento: “A manifestação própria à destrutividade da pulsão de morte é o desinvestimento”⁴⁰.

Em outras palavras, enquanto formas relativamente estáveis e delimitadas, o objeto e o Eu constituem de certo modo manifestações da ligação libidinal e da neutralização dos processos de destruição; mas suas interrelações recíprocas

fazem aparecer uma tendência à oposição, ao conflito entre uma visão de ligamento objetual (sustentação da relação com o objeto) e uma visão de desligamento narcísica (rejeição da relação com o objeto). Daí a ideia de André Green de defender a hipótese correlativa de um “narcisismo negativo”⁴¹, que ele descreve em termos de narcisismo de morte em oposição a um narcisismo positivo e definido como narcisismo de vida.

O nascimento da pulsão sexual, no momento do autoerotismo associado à instalação da relação com o objeto, suscita um conflito onde amor e ódio procedem reciprocamente de uma pulsão libidinal de ligamento com o objeto e de uma pulsão destrutiva de desligamento. Compreende-se então que Freud sempre tenha afirmado o dualismo pulsional, já que a ambivalência está no centro do conflito psíquico observado pela clínica psicanalítica: a duplicidade do investimento do objeto faz com que a pulsão seja dualista desde o início. Green chega até a conceber esse dualismo pulsional como uma manifestação suplementar da pulsão de morte como princípio de divisão e de oposição.

Em seus trabalhos mais recentes sobre a pulsão de morte, Green descreve esse conflito a partir da oposição interiorização/exteriorização, retratando a pulsão de morte como um movimento de exteriorização análogo ao movimento de evacuação demonstrado por Bion, embora sem sua dimensão projetiva: trata-se unicamente de um movimento de excorporação sem vocação objetual. Em sua última teoria das pulsões Freud havia introduzido o conceito de pulsão de morte situando sua tendência repetitiva “além do princípio de prazer”, o qual funciona segundo o princípio de constância. A pulsão obedece mais ao princípio de inércia, na medida em que tende não apenas a reduzir a tensão, mas a abolir toda tensão de maneira a conduzi-la a zero. Por isso o empenho de André Green em descrever a pulsão

38 A. Green, *Le travail du négatif*, op. cit., p. 117.

39 A. Green, *Le travail du négatif*, op. cit., p. 117.

40 A. Green, *Le travail du négatif*, op. cit., p. 119.

41 A. Green, *Le travail du négatif*, op. cit.

de morte a partir do *Isso* (como força que tende a descarga de qualquer excitação), e não em relação ao *inconsciente* (o qual supõe o ligamento da excitação nas representações).

Como mostram as referências a Winnicott e a Bion, André Green inscreveu-se então numa tradição internacional de pesquisas sobre a psicose. Ao mesmo tempo, pertenceu a uma tradição francesa igualmente interessada pela problemática do funcionamento psicótico. Pois, na realidade, esse campo do negativo foi também aquele que Paul-Claude Racamier explorara em suas pesquisas sobre o tratamento psicanalítico dos pacientes esquizofrênicos. Citemos ainda o caso de Francis Pasche, grande especialista da psicose, cuja metáfora do “escudo de Perseu” – a exemplo da estrutura enquadrante descrita por Green – negativiza o olhar petrificante da Medusa⁴² e oferece uma proteção contra a excitação e um espelho propício ao desenvolvimento das representações. Ou os trabalhos de Piera Aulagnier sobre a psicose, que podemos considerar como uma pesquisa minuciosa da catástrofe psicótica a partir da clivagem das sensações e da destruição da intersensorialidade. Nessa tentativa de descrever o desinvestimento característico da perda do objeto que fundamenta o negativo destruidor, diferentes conceitos foram assim utilizados, no intuito de compreender uma mesma experiência de sideração e de fratura psíquica remetendo ao negativo do negativo: função

»
*a angústia primordial
do ser humano não é
a perda do objeto mas a perda
da representação do objeto*

desobjetalizante⁴³, dissociação fragmentadora⁴⁴, experiência fulgurante do branco⁴⁵, automutilação do órgão e da função sensorial e destruição dos objetos de excitação⁴⁶, automutilação afetiva e corpórea do Eu⁴⁷.

Mas Green também suscitou pesquisas sobre o negativo entre os colegas de outra geração. É o caso, por exemplo, dos trabalhos de Sara e César Botella⁴⁸ que deram continuidade à teoria da alucinação negativa e confirmaram a pertinência clínica dessa concepção. Eles mostram como a destrutividade endereçada ao objeto leva a um desinvestimento equivalente ao “branco da alucinação negativa”, que aliás não é outro que “o preto da não representação”⁴⁹. A angústia primordial do ser humano não é a perda do objeto mas a perda da *representação* do objeto, consecutiva à ameaça de não existir, em razão da presença destrutiva do objeto. A alucinação positiva seria ao mesmo tempo consequência do desejo pulsional e do medo da não representação.

A solução psíquica para essa angústia de não representação, semelhante à angústia sem nome de Bion e da agonia primitiva de Winnicott está, segundo os autores, no investimento narcísico de um duplo. A problemática do duplo, iniciada por Lacan através da ideia do duplo especular, encontra aqui uma evolução diferente na hipótese de um duplo narcísico, que permite ao sujeito aceitar momentaneamente os desafios da diferenciação com o objeto. Outros autores, como Evelyne Kestemberg, abordaram também a ideia análoga de um papel estruturador da homossexualidade

42 F. Pasche, “Le bouclier de Persée ou psychose et réalité” (1971), in F. Pasche, *Le sens de la psychanalyse*, p. 27-41.

43 A. Green, *Le travail du négatif*, op. cit.

44 F. Pasche, *Le sens de la psychanalyse*, op. cit.

45 P.-C. Racamier, *Le génie des origines*, op. cit.

46 P. Castoriadis-Aulagnier, *La violence de l'interprétation. Du pictogramme à l'énoncé*.

47 C. Smadja, “La place du traumatique dans l'ordre psychosomatique” (2012), *Psychanalyse et Psychose*, revue du Centre de psychanalyse et de psychothérapie Evelyne et Jean Kestemberg, ASM 13, n° 12 (“Trauma et vécu catastrophique”), p. 75-87.

48 C. e S. Botella, “L'homosexualité inconsciente et la dynamique du double en séance”, *Revue Française de Psychanalyse* (1984), p. 687-708.

49 C. e S. Botella, “L'homosexualité inconsciente et la dynamique du double en séance”, *Revue Française de Psychanalyse* (1984), p. 699.



todas essas pesquisas
sobre o negativo foram
completadas por uma reflexão
sobre as condições da superação
do negativo do negativo

primária, que corresponderia ao investimento do semelhante durante a passagem da identificação primária para a identificação secundária⁵⁰.

Sara e Cesar Botella incluem aqui o “trabalho de figuratividade” do analista, passível de conjurar a angústia de não representação vivida pelo analisando na sessão. Mais tarde, eles desenvolveriam essa hipótese no livro intitulado *La figurabilité psychique*. Formulariam e definiriam a noção metapsicológica de *alucinatório* para descrever um processo permanente da vida psíquica: “o representante nocional da pulsão”, ao lado do afeto e da representação. Nas sessões, a figuratividade se manifestaria em particular por meio desse reviver quase alucinatório e não psicótico, justificando, segundo Freud, as “construções” em análise, eficientes num plano terapêutico, e diferentes das “reconstruções” baseadas na rememoração e na representação. Essa noção permitiria abrir espaço, no tratamento, a uma introdução de significado no irrepresentável do paciente.

Conclusão: da terciaridade

Todas essas pesquisas sobre o negativo foram completadas por uma reflexão sobre as condições da superação do negativo do negativo. Green abriu a via ao introduzir o conceito de *terciaridade*, tomado do filósofo americano Charles Sanders Peirce (a quem Lacan se referia). Deu-lhe, porém, uma dimensão teórica e clínica original. Foi durante um colóquio da

Sociedade Psicanalítica de Paris, em janeiro de 1989, que Green apresentou esse conceito⁵¹; a “teoria da triangulação generalizada com terceiro substituível”⁵² deve ser levada em conta em todo trabalho analítico. Esse papel terceiro pode ser desempenhado por uma coisa ou uma pessoa, e eventualmente pelo pai edipiano. Numa mesma perspectiva, Francis Pasche sublinhou a função econômica que há para o filho de poder interpor uma *matéria sensível* (objetos, joias, etc.) entre sua mãe e ele, a fim de se proteger da realidade física ameaçadora da mãe⁵³. Da mesma forma, Evelyne Kestemberg propusera a hipótese de um terceiro personagem cuja função seria proteger o paciente psicótico das angústias de intrusão ou englobamento pelo objeto materno arcaico⁵⁴.

Mas se, por vezes, esse terceiro deve se materializar – em particular para marcar espaços materiais distintos capazes de favorecer a interiorização de espaços psíquicos igualmente distintos –, é também preciso pensar a referência ao terceiro como referência essencial de toda relação dual. E foi assim que Green (2005) completou as pesquisas winnicottianas sobre a relação mãe-bebê. Winnicott disse: “O bebê não existe”. Green acrescentou: “A relação mãe-bebê, tampouco”⁵⁵, indicando justamente que é aí que Bion vem completar Winnicott! “Os devaneios da mãe” propiciam a transformação dos elementos beta em elementos alfa com a condição de se pressupor “o papel de um terceiro, não diretamente presente na relação, mas transmitido, *in absentia*, por um membro da dupla em questão”⁵⁶. É uma interpretação de Bion que Green associa

50 E. Kestemberg, “‘Astrid’ ou homosexualité, identité, adolescence. Quelques propositions hypothétiques” (1984), in E. Kestemberg, *L’adolescence à vif*, p. 239-265.

51 A. Green, “De la tierceité” (1990), in A. Green, *La pensée clinique*, p. 259-308.

52 A. Green, “De la tierceité” (1990), in A. Green, *La pensée clinique*, p. 266.

53 F. Pasche, “Réalités psychiques et réalité matérielle” (1975), in F. Pasche, *Le sens de la psychanalyse*, op. cit.

54 E. Kestemberg, “‘L’appareil psychique’ et les organisations psychiques diverses” (1981), in E. Kestemberg, *La psychose froide*, op. cit.

55 A. Green, *Jouer avec Winnicott*, op. cit., p. 88.

56 A. Green, *Jouer avec Winnicott*, op. cit., p. 89.

as ideias de Lacan, segundo o qual “o terceiro elemento não se restringe à pessoa do pai”, pois “ele é também simbólico”⁵⁷.

É essa função econômica da mãe que Michel Fain e Denise Braunschweig descreveram em seus trabalhos a partir da hipótese da “censura da amante” – conceito que permite investigar os elementos da relação pré-objetal e mostrar o que pode favorecer ou contrariar a tendência de criar um espaço de representação na relação objetal. Num livro importante, escrito em colaboração com Denise Braunschweig, Michel Fain desenvolveu essa reflexão distinguindo o investimento, pela mãe, de um “bebê diurno” (que confirma a filiação a um pai real) e o de um “bebê noturno” (evocando a fantasia incestuosa da mãe com o próprio pai)⁵⁸. Daí a importância, para um funcionamento psíquico satisfatório, do contrainvestimento pela mãe do filho imaginário, o filho noturno, de maneira que o filho real, diurno, possa existir por si mesmo.

O papel do terceiro, de início virtual na mente da mãe e mais tarde real na pessoa do pai, ratifica tanto as pesquisas de Bion sobre a função do devaneio da mãe, como as de Winnicott sobre esse espaço potencial do brincar, pilar da transicionalidade. Eis aí as condições necessárias para a elaboração de um negativo estruturante e claro na vida do indivíduo, e no decorrer de todo trabalho analítico. De fato, é a dimensão da terciaridade que contribui para o surgimento das representações, as quais possibilitam o ligamento dos afetos que, senão, só poderiam

»
*o papel do terceiro,
de início virtual na mente
da mãe e mais tarde real
na pessoa do pai, ratifica
tanto as pesquisas de Bion
quanto as de Winnicott*

submergir o Eu e remeter o sujeito às soluções mutilantes do negativo do negativo. Bion não dizia outra coisa quando pressupunha a necessidade de se constituir um aparelho de pensar pensamentos para que o próprio pensamento pudesse existir, e a necessidade de um continente que se referisse aos conteúdos. Winnicott, por sua vez, valorizou a função do brincar, no intuito de desenvolver esse vasto campo da atividade criativa. Só nos falta então ressaltar nosso débito em relação a André Green, que evidenciou o essencial da descoberta freudiana, e cuja criatividade permitiu que ligássemos entre eles todos esses grandes analistas:

Todas essas ideias, quer decorram de Bion, de Winnicott, de Lacan, ou mesmo de desenvolvimentos das concepções ou representações de Freud, consideram a ausência como pré-condição da representação. Do contrário, a percepção entrará cena⁵⁹.

57 A. Green, *Jouer avec Winnicott*, op. cit., p. 89.

58 M. Fain; D. Braunschweig, *La nuit, le jour. Essai psychanalytique sur le fonctionnement mental*.

59 A. Green, *Jouer avec Winnicott*, op. cit., p. 114.

Referências bibliográficas

- Botella C.&S. (1984). L'homosexualité inconsciente et la dynamique du double en séance, *Revue Française de Psychanalyse*, vol. 48, n. 3, p. 687-708.
- Botella C.&S. (2001). *La figurabilité psychique*. Paris-Lausanne: Delachaux et Niestlé. 261p.
- Castoriadis-Aulagnier P. (1975). *La violence de l'interprétation*. Du pictogramme à l'énoncé. Paris, PUF, 363 p.
- Bion W. R. (1962/1979). *Aux sources de l'expérience*. Paris, PUF, 137 p.
- Birksted-Breen D.; Flanders S.; Gibeault A. (eds.) (2010). *Reading French Psychoanalysis*. Hove et New York: Routledge, 817 p.
- Clancier A.; Kalmanovitch J. (1984). *Le paradoxe de Winnicott. De la naissance à la création*. Paris: Payot. 245 p.
- Donnet J.-L. (1995). *Le divan bien tempéré*. Paris: PUF. 308 p.
- Fain M.; Braunschweig D. (1975). *La nuit, le jour. Essai psychanalytique sur le fonctionnement mental*. Paris: PUF. 302 p.
- Freud S. (1915 [1917]). Complément métapsychologique à la doctrine du rêve. In *Oeuvres complètes, Psychanalyse XIII*. Paris: PUF, p. 243-258.
- _____. (1924 [1925a]). Note sur le "bloc magique". In *Oeuvres complètes, Psychanalyse, XVII*, Paris, PUF, p. 137-143.
- Gibeault A. (2010). *Chemins de la symbolisation*. Paris, PUF, 356 p.
- Green A.; Donnet J.-L. (1973). *L'Enfant de ça. Psychanalyse d'un entretien: la psychose blanche*, Paris, Minuit, 350 p.
- Green A. (1980/1990). Passions et destins des passions. Sur les rapports entre folie et psychose. In A. Green, *La folie privée. Psychanalyse des cas-limites*. Paris: Gallimard. p.141-193.
- _____. (1986/1993). Pulsions de mort, narcissisme négatif, fonction désobjectalisante. In A. Green, *Le travail du négatif*. Paris: Minuit. p.113-122.
- _____. (1987/2005). L'expérience et la pensée dans la pratique analytique. In A. Green, *Jouer avec Winnicott*. Paris: PUF, p. 67-82.
- _____. (1990/2002). De la tiercéité. In A. Green, *La pensée clinique*. Paris: Odile Jacob. p. 259-308.
- _____. (1993). *Le travail du négatif*. Paris: Minuit. 400 p.
- _____. (2000). *André Green at the Squiggle Foundation*. Londres: Karnac Books. 131 p.
- _____. (2005). *Jouer avec Winnicott*. Paris: PUF. 131p.
- _____. (2007). *Pourquoi les pulsions de destruction ou de mort?* Paris: Panama. 255 p. (2^e édition: Paris, Ithaque, 2010).
- Kestemberg E.; Kestemberg J.; Decobert S. (1972). *La faim et le corps*. Paris: PUF. 303 p.
- Kestemberg E. (1981). "L'appareil psychique" et les organisations psychiques diverses. In E. Kestemberg, *La psychose froide*. Paris: PUF, p.179-199.
- _____. (1984/1999). "Astrid" ou homosexualité, identité, adolescence. Quelques propositions hypothétiques. In E. Kestemberg, *L'adolescence à vif*. Paris: PUF, p. 239-265.
- Lacan J. (1956/1966). Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse. In J. Lacan, *Écrits*. Paris: Seuil. p. 237-322.
- McDougall J. (1995/1996). *Eros aux mille et un visages*. Paris: Gallimard. 307 p.
- Pasche F. (1971/1988). Le bouclier de Persée ou psychose et réalité. In F. Pasche, *Le sens de la psychanalyse*. Paris: PUF, p. 27-41.
- _____. (1975/1988). Réalités psychiques et réalité matérielle. In F. Pasche, *Le sens de la psychanalyse*. Paris: PUF, p. 43-59.
- Racamier P.-C. (1992). *Le génie des origines*. Paris: Payot. 420 p.
- Racamier P. C. (2000). Un espace pour délirer, *Revue Française de Psychanalyse*, t. 64, n. 3, p. 823-829.
- Ribas D. (2000). *Donald Woods Winnicott*. Paris: PUF. 127 p.
- Roussillon R. (1995). La métapsychologie des processus et la transitionnalité, *Revue Française de Psychanalyse*, t. 59, n. 5, p. 1375-1519.
- Smadja C. (2012). La place du traumatique dans l'ordre psychosomatique, *Psychanalyse et psychose*, revue du Centre de Psychanalyse et de Psychothérapie Evelyn et Jean Kestemberg, Association de Santé Mentale de Paris 13^e, n. 12 (Trauma et vécu catastrophique), p. 75-87.
- Smirnov V. (1979). De Vienne à Paris. Sur les origines d'une psychanalyse "à la française", *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, n. 20, 13-58.
- Winnicott D. W. (1951/1969). Objets transitionnels et phénomènes transitionnels. Une étude de la première possession non-moi. In D. W. Winnicott, *De la pédiatrie à la psychanalyse*. Paris: Payot. p. 109-125.
- _____. (1971). *Jeu et réalité. L'espace potentiel*, Paris: Gallimard. 213 p.

André Green, Donald Winnicott and Wilfred Bion: a bridge between Paris and London

Abstract This paper presents some of Green's main contribution (work of the negative, types of representation, white psychosis) and links them to what he learned from Winnicott and from Bion. It also situates his work in the context of French Psychoanalysis during his lifetime.

Keywords work of the negative, psychosis; hallucination, reception of British psychoanalysis in France.

Recebido em: novembro/2012.

Aprovado em: janeiro/2013.

André Green e o trabalho do negativo

Elisa Maria de Ulhôa Cintra

Resumo Este trabalho busca esclarecer as raízes da noção de trabalho do negativo no pensamento de André Green a partir dos pacientes sujeitos a angústias de aniquilação, invasão, abandono e separação de sua leitura de Freud, Lacan, Bion e Winnicott. A intuição do trabalho do negativo na obra de Winnicott, *O brincar e a realidade*, e o seminário sobre o negativo que ministrou aos psicanalistas em formação na década de 1980 foram fontes importantes para a pesquisa.

Palavras-chave trabalho do negativo; Green; Winnicott; luto; objetos e fenômenos transicionais.

Elisa Maria de Ulhôa Cintra é psicanalista, professora da Faculdade de Psicologia da PUC-SP e do programa de Psicologia Clínica da PUC-SP. Autora de *Melanie Klein: estilo e pensamento*.

Pois as coisas lindas, muito mais que lindas, estas ficarão
[Carlos Drummond de Andrade]

Em 1988 André Green ministrou um *Seminário sobre o Negativo*¹ no Instituto de Psicanálise de Paris. Ele era então movido por uma preocupação com os pacientes-limite, nos quais o trabalho psíquico não parece ser determinado *exclusivamente* pelo jogo pulsional. Através deles se podia vislumbrar a importância, em sua história e em seu funcionamento, das diversas qualidades de presença e ausência dos objetos primários. Embora a maior parte das elaborações de Green a esse respeito se encontrem no livro *O trabalho do negativo* e em *La folie privée*, desde os anos 1960 ele já havia mergulhado em uma leitura renovadora do texto “A Negação” de Freud e, um pouco mais tarde, nos trabalhos de Klein, Fairbairn, Winnicott e Bion, buscando inspiração para pensar a presença das *figuras do negativo* em suas múltiplas aparições no universo da clínica e da teoria.

A expressão *trabalho do negativo* é uma invenção de Hegel que irá reaparecer em Marx e outros filósofos. Nos anos 1960, um grande número de analistas estudava com Lacan a obra de Hegel, através de Kojève e Jean-Hippolyte, e de certa maneira foi a leitura lacaniana da obra de Freud que permitiu a Green nela discernir a presença da negatividade como um operador de leitura significativo.

Entretanto, depois de ter lido Winnicott, autor que não tinha muito interesse pelos meandros da filosofia, Green escreveu um texto: “A intuição do negativo em *O Brincar e a*

¹ Este seminário está no livro de A. Green *Le travail du négatif* (em português: *O trabalho do negativo*).



*a própria necessidade
de figurar e representar evoca
uma certa negativização do vivido
em sua plenitude corporal e social:
algo da excessiva intensidade
do acontecimento tem que ser aplacada
e domesticada através do âmbito
das representações*

Realidade”, que permite reler a noção de objeto transicional, do brincar e de outros fenômenos transicionais sob a ótica de um trabalho do negativo em contínua expansão, e permite pensar a possibilidade de acesso à realidade e ao outro, enfim uma importante ampliação do pensamento clínico, mesmo para aqueles que de início não se sentem tão atraídos pela escola inglesa. A intuição do negativo em Winnicott confirma a ideia de que:

Os psicanalistas podem chegar ao trabalho do negativo sem jamais terem refletido minimamente sobre Hegel. É o caso da tradição que reina na Sociedade Britânica de Psicanálise. E eis que encontro o negativo em dois desses autores que sempre considerei em muitos outros aspectos, como referências essenciais².

O primeiro desses dois autores foi Winnicott, o segundo Bion³, dois interlocutores que lhe foram *imprescindíveis* para a compreensão dos casos-limite e dos pacientes difíceis. Nesses dois autores ele encontrará diferentes formas de conceber e teorizar o trabalho psíquico como um trabalho do negativo.

A partir dos anos 1960, então, Green se interessa pelos cuidados recebidos dos objetos primários e pela importância da reconstrução

histórica dos excessos de presença e de ausência na história de pacientes graves.

Freud já tinha se detido em torno das questões relativas à importância do objeto, quando pensou sobre o luto e foi levado a articular o objeto à questão da ausência, da perda e portanto da negatividade do objeto, em *Luto e Melancolia*. Por outro lado, a noção de *trabalho* psíquico provém de Freud com seus *trabalho do sonho* e *trabalho do luto*, entre os quais transcorre toda a vida psíquica.

A própria necessidade de figurar e representar evoca uma certa negativização do vivido em sua plenitude corporal e social: algo da excessiva intensidade do acontecimento tem que ser aplacada e domesticada através do âmbito das representações, e esta é a tarefa *princeps* do psiquismo. O trabalho do negativo traça a fronteira entre um irrepresentável que, por seu excesso, é traumático, e o âmbito do figurável e representável. Green passou a se preocupar com esta região limítrofe entre o campo dos sentidos e o que Winnicott chamou de agonias impensáveis, Bion, de terrores sem nome e Meltzer, de terrores de objetos mortos.

Os pacientes sujeitos a tais angústias sem medida são o ponto de partida de seu *Seminário sobre o Negativo*, de 1988. Ele dirá que, além do jogo pulsional que *determina* o funcionamento do paciente e o trabalho analítico, será preciso levar em consideração a participação traumática dos objetos primários na constituição destas subjetividades. É justamente quando os objetos fracassam ou produzem efeitos “extra-ordinários” que mais somos obrigados a reconhecer o seu papel constitutivo. Quando lidamos com pacientes cujos psiquismos puderam contar com objetos suficientemente eficazes, a parte do objeto tende a se tornar invisível e inaudível, vale dizer, e neste caso o trabalho do negativo realiza sua tarefa constitutiva, o que inclui o esquecimento dos

2 A. Green, *O trabalho do negativo*, p. 18.

3 Recomendo a leitura do trabalho de Talya Candi, *O duplo limite: o aparelho psíquico de André Green*, uma pesquisa de doutorado em Psicologia Clínica da PUC-SP, recém-publicada, que faz um trabalho minucioso de reconstruir a filiação de Green a Lacan, Klein, Bion e Winnicott.

objetos. Quanto mais um objeto falha em suas funções constitutivas, mais barulho faz; quanto mais ele se ausenta em suas funções, quando necessitava estar presente, mais sua presença é ofuscante e perturbadora, atraindo a atenção do clínico e do teórico. Green dirá:

Eu me explico: da mesma forma que um enquadre analítico que preenche sua função deve se fazer esquecer, o que Donnet chamou de ocultação, eu diria, do mesmo modo, que o objeto absolutamente necessário para a elaboração da estrutura psíquica deve se apagar⁴.

Estas considerações levaram-me a lembrar que, na saúde, todo o funcionamento, seja físico ou psíquico, permanece silencioso, ou – para usar uma expressão de Merleau-Ponty que me é cara – na saúde, os processos de constituição ficam *ausentemente disponíveis*, o corpo funciona sem fazer barulho, sem dor, sem níveis de quebra de homeostase que chamem a atenção e saltem à vista. São justamente as perturbações e o adoecimento que despertam a atenção do clínico e tornam necessário cuidar, no sujeito, as marcas *gritantemente presentes* ou *assustadoramente ausentes* em seu corpo e em sua história, decorrentes das falhas e traumas vividos.

Funções do objeto *absolutamente necessário*: fazer-se lembrar, deixar-se esquecer

Na citação anterior, Green falava de um *objeto absolutamente necessário*. Quem é ele?

Por mais que nos queiramos referir aos pais da primeira infância, vale a pena pensar que o *objeto absolutamente necessário* é mais do que um cuidador: ele é o conjunto de funções absolutamente necessárias para a recepção de um recém-nascido. A ideia de *mãe-ambiente* pode ser útil aqui e também a noção de função

»
o objeto absolutamente necessário é mais do que um cuidador: ele é o conjunto de funções absolutamente necessárias para a recepção de um recém-nascido

materna. A expressão *mãe suficientemente boa* de Winnicott, cujo advérbio *suficientemente* foi uma estratégia do autor para *desidealizar* a ideia da bondade materna, deve ter inspirado Green, ao afirmar, por contraste com o termo *suficientemente*, que este objeto primário é *absolutamente necessário*, não apenas para a sobrevivência física, mas principalmente para a constituição psíquica. Não é difícil adivinhar a razão de esta necessidade ser tão absoluta se considerarmos o grau de desamparo do neonato. Quais seriam as funções que o objeto absolutamente necessário precisa desempenhar, que o tornam tão *absoluto*, ao mesmo tempo que precisa se tornar silencioso e invisível, deixar-se apagar e esquecer, deixando-se mesmo desaparecer?

As funções do objeto primário – *sustentação e continência, reclamação e interpelação, testemunho e reconhecimento* – são funções que podemos chamar de *funções antitraumáticas*⁵, que coexistem com os aspectos inevitavelmente traumatizantes do objeto primário.

Mais de vinte anos antes de o olhar de Green ter se voltado para a importância dessas funções maternas, Winnicott (1955) tinha insistido nelas, através da noção de *holding*, e Bion (1967), através da função de conter e sonhar – a *rêverie* – que “podem ser exercidas por um outro englobante, o *ambiente* (social e físico) ou um

4 A. Green, *O trabalho do negativo*, p. 301.

5 Ver o texto de E. Cintra, “As funções antitraumáticas do objeto primário: *holding*, continência e *reverie*”, in *Tempo Psicanalítico*, p. 37-55.



*este objeto que pode ser
efetivamente perdido
e do qual se pode fazer o luto –
ao contrário do objeto da melancolia –
é o que mais contribui para
os processos de constituição
da subjetividade*

objeto que desempenha as funções de *acolher, hospedar, agasalhar e sustentar*⁶. São estas funções que dão um senso de continuidade e possibilitam as transformações necessárias para a constituição do sujeito psíquico.

Outros autores também já vinham explicitando a importância dessas funções, como Fédida, ao falar do espaço terapêutico como um espaço de jogo, e, bem mais tarde, Ogden, ao se lembrar da necessidade de *sonhar-se* mais plenamente *para dentro da existência – to dream oneself more fully into existence*.

De qualquer modo, Green foi um dos primeiros analistas franceses a enfatizar as funções de reclamação e interpelação, por parte da mãe e do analista, que visam despertar a pulsionalidade, chamar à vida e à vivacidade de uma vida psíquica que possa ser partilhada e ao mesmo tempo contida e transformada.

Green falará extensa e pertinentemente dessas funções em numerosos trabalhos seus, mas o que importa neste momento é assinalar que o objeto, quando pode desempenhá-las e *ao mesmo tempo* se deixar apagar e esquecer, fica *ausentemente* disponível, ou, em outras palavras, possui uma *qualidade* de presença que permite que seja usado e metaforizado, isto é, ele pode ser transformado e gerar transformações⁷ e não apenas ser substituído por outros objetos.

Algumas linhas acima Green dizia então que o objeto absolutamente necessário para a elaboração psíquica *deve se apagar, ou se deixar apagar*. Eis aqui o trabalho do negativo em ação.

Esta ideia de um apagamento do objeto coloca-nos diante do que, na leitura de outros textos de Green, aprendemos a reconhecer como *alucinação negativa* em sua função de constituir uma *estrutura enquadrante*. A alucinação negativa implica uma negação da presença, um fazer desaparecer o outro. Eis-nos também diante da posição do “objeto absolutamente necessário” sendo um objeto que se deixa apagar, negar, rasurar, que se mantém oculto, em reserva, como se fosse um solo rasurado. Ou seja, a mãe suficientemente boa comparece, realiza as funções de pulsionalização e, ao mesmo tempo, de contenção da pulsionalidade, e precisa ainda se deixar desaparecer, através da alucinação negativa, vindo a formar a estrutura enquadrante; ou seja, de presença viva e plena, torna-se solo da psique, tela branca onde o sonhar forma figuras; transforma-se portanto em ambiente ou cenário da vida psíquica.

Se retomarmos a questão do luto neste momento, diremos também que este objeto que pode ser efetivamente perdido e do qual se pode fazer o luto – ao contrário do objeto da melancolia – é o que mais contribui para os processos de constituição da subjetividade. O luto traz o objeto perdido para uma condição que transforma e renova o sujeito – integra-se ao eu – e o torna apto a novas ligações.

É um objeto que permite a atenuação de sua presença para dar lugar, de um lado, à representação e, de outro, e mais profundamente, ao vazio internalizado na forma de uma estrutura. O *objeto absolutamente necessário* não é introjetado como *objeto interno*, mas, tal como ocorre no luto, como elemento estrutural e estruturante do psiquismo.

6 L. C. Figueiredo, “A metapsicologia do cuidar”, in *As diversas faces do cuidar*, p. 139.

7 Ver sobre o *objeto transformacional* C. Bollas (1987), *A sombra do objeto*.

Green fala ainda de uma outra forma de trabalho do negativo, à qual dará o nome de *excorporação*. Baseando-se no texto “A Negação”, de Freud, ele lembra que as moções pulsionais orais podem se manifestar através de uma dupla abordagem: “Isto eu gostaria de comer, aquilo eu gostaria de cuspir”. O movimento de cuspir leva a uma *excorporação* do objeto, uma ação que tira algo do interior para colocá-lo no exterior, ainda que o limite Eu-não-Eu não tenha se estabelecido claramente, mas o desconforto leva a querer expulsar algo para o mais longe possível de si.

A expulsão do mau permite a criação de um espaço interno onde o Ego como organização pode nascer pela instauração de uma ordem fundada no estabelecimento de ligações em relação com as experiências de satisfação. Essa organização facilita o reconhecimento do objeto em estado separado, dentro do espaço do que será o Não eu, e facilita também o seu re-encontro [...] para poder dizer Sim a si mesmo é preciso poder dizer Não ao objeto⁸.

De modo que o *objeto absolutamente necessário* desaparece como *objeto* no sentido estrito do termo, seja objeto externo, seja objeto interno, e também desaparece como *ambiente*; mais que isso, sua posição como elemento constituinte da estrutura psíquica é *esquecida* e, por isso mesmo, muitas vezes subestimada em termos teóricos.

No momento, entretanto, em que é *excorporado*, o objeto negado reaparece à distância em sua diferença como objeto de atração e repulsa. Isto é o que deve acontecer em um processo bem-sucedido, quando os objetos parentais primários podem ser, em um primeiro instante, encontrados, depois perdidos e mais tarde ainda poderão ser reencontrados, através dos objetos exogâmicos, suscitando atrações e repulsões e convidando ao estabelecimento de novas ligações e novos investimentos. Os objetos exogâmicos são, ao mesmo tempo, negação dos objetos primários e, paradoxalmente, um reencontro destes, em estado transformado.

8 A. Green, *O trabalho do negativo*, p. 292.

»
*no momento em que é
excorporado, o objeto negado
reaparece à distância
em sua diferença como objeto
de atração e repulsa.
Isto é o que deve acontecer
em um processo bem-sucedido*

No entanto, quando algo falha, isto vai provocar uma distorção: o objeto se ausenta quando devia estar presente e se impõe quando deveria deixar-se rasurar. Ironicamente, o fracasso consiste na impossibilidade de o objeto falhar, enganar-se negativar-se: trata-se aí do objeto que fracassa em sua função de objeto que é de ser falível de algum modo.

Através desta função objetal que consiste em saber desaparecer e reaparecer, ser falível e imperfeitamente corrigir suas falhas, o objeto promove um duplo movimento de negação: é negado *para dentro*, sendo esquecido e convertendo-se em estrutura psíquica, em uma espécie de vazio interno, base da vida desejante e dos processos de procura e conhecimento; é negado *para fora*, deixando-se perder e distanciar-se para reaparecer no mundo sob a forma dos outros *objetos* que vão suscitar atração e ou repulsão.

Podemos distinguir dois tempos: no *primeiro* tempo a função do objeto é paradoxal, ele deve estimular e despertar a pulsão ao mesmo tempo que está lá para contê-la. Além de estimular e erotizar, ele ameaça, sendo difícil estabelecer uma nítida distinção entre estas duas qualidades – excitação e ameaça – ambas contendo um potencial traumatizante. Mas, neste mesmo primeiro momento, o objeto deveria conter a pulsão, o que já fora enfatizado por Melanie Klein e



para o paciente borderline,
tanto a presença como
a ausência são absolutas
e contraditórias, manifestam-se
através de demandas
e retraimentos impetuosos

70

PERCURSO 49/50 : junho de 2013

Bion. São estas duas funções intrínsecas que deveriam ser internalizadas, deixando-se o objeto cair no esquecimento. É preciso que isso ocorra para que se tenha acesso ao que vem depois, mas isso depende de que o *objeto absolutamente necessário* seja bem-sucedido.

Tudo isso tem reflexos na teoria da técnica, seja na condução de uma análise padrão, seja, mais ainda, nos processos que envolvem os pacientes difíceis, casos em que a função estimulante e a de continência foram no início da vida precariamente exercitadas e mal internalizadas⁹. A importância da função continente ou de *holding* costuma ser bem enfatizada, com base em Bion e Winnicott. Mas a teorização de Green nos leva a conceder mais atenção à função estimulante, excitante, pulsionalizante, cujo manejo é mais difícil.

O *segundo* tempo exige que o objeto absolutamente necessário se deixe negar e colocar à distância, desdobrando-se em uma multiplicidade de objetos substitutivos e contingentes, sempre inadequados e falíveis. Entretanto, neste distanciar-se e multiplicar-se, e como sua condição, é preciso que se dê uma proximidade absoluta como aquela que se dá com o objeto de que se pôde fazer o luto. Nesta proximidade, o objeto fica então *ausentemente disponível*, inscrito no psiquismo como estrutura e vazio, condição esta que cria tolerância a todas as distâncias,

ausências e inadequações dos objetos substitutivos, e é portanto a base de todos os movimentos desejan-tes; indo mais longe, é a base de todo ato de pensar. Quando há uma *ausência de ausência* ou uma *presença de presença*, o que no fundo é a mesma coisa, pois ambas desconhecem o vazio, o processo de constituição psíquica fica obstruído, o *primeiro tempo* não se consome e o *segundo tempo* não se instala.

A partir disto, Green alcança uma outra compreensão da angústia de separação, tão forte nos pacientes *borderline*.

Não se deixando esquecer e não sendo, ao mesmo tempo, introjetado como função, estrutura e vazio, o *objeto absolutamente necessário* não pode ser negado no que chamamos acima do *primeiro tempo* do trabalho do negativo. Ele se torna excessivo e intrusivo, seja em suas funções estimulantes, seja, paradoxalmente, em suas funções de *continência*. Sem esta *perda para dentro*, o objeto estará sempre em um *excesso de presença*. No entanto, o excesso de presença resulta de uma *falta* que, ao contrário do que poderia ocorrer no *segundo tempo*, o da distância e da multiplicação dos objetos, é uma falta insuportável. Para o paciente *borderline*, tanto a presença como a ausência são absolutas e contraditórias, manifestam-se através de demandas e retraimentos impetuosos, e em um plano inconsciente, o analista, por exemplo, é sentido, ao mesmo tempo, como demasiado próximo e invasivo e demasiado distante e inacessível.

Neste caso, acontece um efeito de intensificação mortífera entre objeto e pulsão: em vez de o objeto tornar tolerável a força da pulsão, através de uma série de mediações e contenções, acaba sendo o que a torna ainda mais intolerável. Quando a função materna não pode se deixar negar e esquecer, por um trabalho do negativo, ela vai sempre traumatizar. Pode-se deduzir que o objeto teria que realizar um trabalho do negativo com relação à pulsão, limitando-a, dirigindo-a, como se estivesse dizendo à pulsão *tudo não é possível, alguma coisa, sim*.

⁹ Ver casos com falhas graves dos objetos primários na tese *A clínica do continente*, de B. Biasotto Mano.

Uma mãe superprotetora é sempre excessivamente sedutora e traumatizante, não importa quais sejam suas intenções, pois é incapaz de exercer uma função de continência, antitraumática. Por outro lado, com um objeto assim ameaçador e do qual o indivíduo deve se proteger, a função estimulante também não pode ser internalizada, pois seria excessivamente perturbadora; assim o indivíduo não consegue manter-se vivo e ativo sem um aporte contínuo de estimulação externa e de preferência autoproduzida artificialmente: práticas de masturbação, droga adicção, promiscuidade. Do outro lado disso, uma depressão narcísica está sempre à espreita.

O que falta ao objeto em sua potencialização mortífera das pulsões é o deixar-se esquecer, o deixar-se negar pelos movimentos pulsionais. Estes, por seu turno, não podem nesse caso ser negados pelos objetos e neles contidos, por eles dirigidos e transformados. Há, nesse encontro, uma mortífera potencialização dos aspectos traumáticos, tanto os provenientes das pulsões como os que vêm dos objetos.

Neste caso, não há como pensar em constituição de desejo ou presença de nostalgia. A nostalgia pressupõe que tenha havido o encontro, e, em seguida, alguma perda do objeto. O desejo requer o distanciamento e a multiplicação dos objetos, uma negação *para fora*, a partir de um esquecimento do objeto introjetado na forma de um vazio estruturante e, em decorrência, a tolerância à diferença entre o psiquismo e os objetos de atração ou repulsão. Esta tolerância só é alcançada quando há um psiquismo suficientemente organizado em torno do vazio estruturante possibilitado pelo *objeto absolutamente necessário* que se deixou esquecer, transformando-se, ele mesmo, em parte do aparelho mental. É por isso que o excesso de presença não dá lugar à representação, nem ao pensamento, mas às formas não representacionais, como passagens ao ato, uso de drogas, estados depressivos e delirantes, e sintomas psicossomáticos. Nesses casos, a

»
quando o objeto absolutamente necessário não se deixa esquecer – seja porque nunca pôde ser bem encontrado, seja porque não tolera as próprias falhas e as separações – ele, com seu excesso, produz uma intrusão intolerável

transferência analítica, diz Green, é muito maltratada.

O que isso quer dizer? Quando o objeto absolutamente necessário não se deixa esquecer – seja porque nunca pôde ser bem encontrado, seja porque não tolera as próprias falhas e as separações – ele, com seu excesso, produz uma intrusão intolerável, e não dá lugar à representação e ao pensamento, à nostalgia e ao desejo, pois em todos esses processos o objeto deve estar ausente. Na presença maciça e contínua do objeto primário não se dão os processos de simbolização. Instala-se um modo psicótico de funcionamento, se entendemos a psicose como uma interdição do pensar¹⁰. Nos casos em que o mundo das representações não emergiu e os processos de pensamento estão paralisados, as angústias de separação e de intrusão são intoleráveis. E aí a relação com o analista vai muito além ou fica muito aquém do desejo ou do temor diante dos objetos substitutos. Não se trata aqui de que o paciente venha procurar o velho, através do novo objeto. O paciente *borderline* procura objetos capazes de responder às necessidades mais básicas de constituição psíquica. Nesses casos, descobre-se que os objetos foram tanto intrusivos quanto abandonadores, e as pulsões são tanto invasivas, quanto encontram-se muito amortecidas. Para que o mundo das representações e o pensamento possam se instalar, pulsões

10 Cf. J-L. Donnet & A. Green . *L'enfant de ça*.



em toda constituição psíquica há uma prolongada e interminável dialética do dom e da recusa. Sempre pensei nesta dialética como o interjogo entre todos os dons maternos tecida em séries complementares, a do doador e a do receptor, a do mundo pulsional e a do universo de gestos e trocas intersubjetivas presentes ou ausentes

e objetos precisam submeter-se mutuamente ao trabalho do negativo, deixando-se modular entre si. Quando a modulação recíproca entre pulsão e objeto não acontece, pode-se gerar um mundo em que o existente é totalmente mau e se encontra completamente estragado, e o inexistente é totalmente bom e preservado, ambos absolutos, sendo que a equação pode ser invertida, sem perder seu caráter pernicioso.

O trabalho do negativo na saúde e na doença.

As considerações acima nos permitem voltar à ideia de que em toda constituição psíquica há uma prolongada e interminável dialética do dom e da recusa. Sempre pensei nesta dialética como o interjogo entre todos os dons maternos – a voz, as palavras, o leite, o seio, as carícias, o colo –, enfim, a lista é interminável, progredindo da etapa oral através de todas as outras etapas que vão formatando e figurando a relação entre o neonato e o seu ambiente social – e tecida em séries complementares, a do doador e a do receptor, a do mundo pulsional e a do universo de gestos e trocas intersubjetivas presentes ou ausentes.

De um lado a mãe, doadora e também receptora (digamos dos sorrisos e balbucios do

bebê), está mais ou menos presente, oferece ou recusa os dons que são o suporte por onde acontece o fluxo da libido e, de outro lado, o bebê, receptor e também doador, que aceita ou recusa os dons que lhe são oferecidos, dependendo de uma complexa rede de aspectos pulsionais que se expressam nas dimensões do espaço e do tempo.

A dimensão espacial se revela através dos processos de *incorporação/excorporação* e de engolir/cuspir, que são a modalidade *pulsional* de aceitar ou recusar os dons maternos e, por outro lado, todos os mecanismos de defesa, que são as modalidades psicológicas de dizer Sim e Não às demandas pulsionais: recalçamento, recusa, clivagem, forclusão. Os dados temporais referem-se ao tempo de resposta do objeto que precisa ser levado em conta.

Diz Green:

Se a resposta (do objeto) é imediata, sem intervalo, instala-se a onipotência simbiótica, privando o Ego da criança de dizer Não ao objeto, e portanto, Sim a si mesmo. A idealização do objeto materno acompanha-se do esmagamento do desejo próprio do sujeito. Ao contrário, quando o intervalo é excessivamente grande, é o desespero, com inscrição de uma experiência de dor, que faz dizer Não a tudo inclusive a si mesmo. Há destruição das ligações, aumento da intolerância à frustração e utilização de uma identificação projetiva excessiva. O trabalho do negativo toma a forma de uma exclusão radical e o aspecto negativo das relações (Winnicott) predomina¹¹.

Quando o intervalo de resposta do objeto é muito grande, ou ausente, o trabalho do negativo se extravia, o que se torna mais nítido através do caso de uma paciente atendida por Winnicott, registrado ao final do texto “Objetos e fenômenos transicionais” e que foi posteriormente atendida pelo próprio Green¹². Esta mulher, que tinha vivido uma separação por demais longa e insupportável de seus pais, quando criança, na Segunda Guerra Mundial, constituiu-se, por assim dizer, através da própria experiência de dor que a levava a dizer Não a tudo, inclusive a si mesma. Sua

¹¹ A. Green, *O trabalho do negativo*, p. 293.

¹² A. Green, *André Green at the Squiggle Foundation*, p. 211.

capacidade de espera de uma resposta *ardentemente desejada* dos pais tinha sido posta à prova e, na falta desta, ela chegou a um estado no qual somente o negativo era considerado *real*.

A marca dessas experiências traumáticas é tal que desaparece a esperança no retorno do outro e, a partir de determinado momento, o sujeito se torna indiferente ao fato de o objeto aparecer ou desaparecer. Somente o Não é então esperado e acolhido: isto será chamado de *negativo do negativo*, pois o negativo acaba por impor-se como a fórmula da relação ao outro, fórmula esta que se organiza unicamente em torno da ausência, dando um caráter *irreal* à presença e ao retorno da pessoa amada. Em um dado momento durante uma sessão, a paciente esquece o que ia dizer. Ora, o que Winnicott percebe é que a maior importância disso era comunicar o branco, a única coisa real era a amnésia, pois aquilo que tinha sido esquecido tinha já perdido a sua realidade.

Além disso, essa paciente fica de certa forma indiferente à presença do analista atual, de quem está ali, a seu lado. Junto a Winnicott, lança-se em um queixar-se sem fim que deseja “fazer ressuscitar” a qualquer custo o primeiro analista, mesmo reconhecendo que se sentia melhor neste trabalho do que no anterior. O analista do passado, por estar ausente, era *mais real* que Winnicott – “o negativo dele é mais real do que o positivo em você” – e a mesma coisa voltou a acontecer quando se tornou paciente de Green: nessa terceira análise, os dois analistas anteriores assumiam um caráter muito mais real para ela, pois não estavam mais lá. Comparado ao trabalho do negativo que acontece na saúde, essa “negatividade” não pode mais se abrir para a esperança de um novo encontro.

A contribuição de Winnicott é mostrar como este negativo, a não existência, tornar-se-á, num determinado momento, a única coisa real. O que acontece posteriormente é que, mesmo se o objeto reaparecer, a realidade do objeto permanece relacionada à sua não existência.

13 A. Green, *André Green at the Squiggle Foundation*, p. 218.

»
*a questão é que, nesses casos,
pode haver algum progresso
no início da análise,
mas rapidamente chega-se
a um impasse, instalando-se
uma reação terapêutica negativa*

O retorno da presença do objeto não é suficiente para curar os desastrosos efeitos de sua longa ausência. A não existência tomou posse da mente, apagando as representações do objeto que precederam sua ausência. Este é um passo irreversível, pelo menos até o tratamento¹³.

A questão é que, nesses casos, pode haver algum progresso no início da análise, mas rapidamente chega-se a um impasse, instalando-se uma *reação terapêutica negativa*, o que aconteceu com a paciente em questão, de forma mais radical em sua primeira análise, e finalmente nas duas análises seguintes, aquela com Winnicott e aquela com Green. A impossibilidade de progredir na análise é um outro exemplo do trabalho do negativo que se extraviou. Em determinados momentos tanto o analista quanto o paciente passam a “não existir” durante a sessão, pois a mente do paciente para de registrar a presença e as interpretações do analista; entra em um estado de não associações e se percebe vazia.

E o trabalho do negativo na saúde?

O caráter de “posse não eu” que define o objeto transicional como uma negatização do eu aponta na direção de uma relativa perda de onipotência, o que é um exemplo de um trabalho do negativo.



*é um trabalho do negativo
que dá acesso a múltiplas
possibilidades que conduzem
à saúde. Green ressalta
a qualidade dinâmica da jornada
que se torna possível através
do objeto transicional*

74

PERCURSO 49/50 : junho de 2013

O fato de conter em si essa negatividade diferencia o objeto transicional do objeto de desejo e do objeto que satisfaz as necessidades, estes últimos contendo em si certo grau de positividade – o Sim ao desejo e o Sim à necessidade. Pensemos ainda: o objeto transicional localiza-se em uma área intermediária entre a boca e o seio, tornando-se então um terceiro objeto entre eles. Além de ocupar este *espaço*, ocupa um lugar no *tempo* que separa o encontro da espera. É o objeto transicional, aliás, que permite esperar pelo reencontro, sendo este o sentido forte da noção de “espaço potencial”: o fato de ser um (pré)–(a) núncio do encontro futuro, “um encontro em potencial” com o objeto ausente. E, de modo ainda mais marcante, o fato de ser um prenúncio do sujeito por vir, que está se tornando capaz de fazer a jornada do puramente subjetivo até o objetivo.

Esse espaço potencial assim criado é, portanto, o resultado de um trabalho do negativo criador de um sujeito em devir, em movimento. E também criador da tolerância à falta de contato com o outro. E ainda é nele que pode se dar a constituição do outro como objeto que se situa fora da área de onipotência. Aí tem sua origem a ideia de um terceiro objeto, que foi depois aplicada por Green ao campo da transferência e da contra-transferência, a que ele deu o nome de *terceiro analítico*, noção mais tarde retomada por Ogden¹⁴. O

terceiro analítico que se constitui através da análise resulta de um trabalho do negativo com predominância de Eros, capaz de negar, preservar, constituir e transformar os dois participantes da dupla analítica. Através do terceiro analítico é preciso viver a dura experiência da exclusão e da opacidade do outro, sempre a lembrar que há dimensões do outro e de si mesmo para sempre inacessíveis, no limite irrepresentáveis. E que é preciso conviver com essa face escura de si e do outro para viabilizar e tornar viva qualquer relação de amor. Ao mesmo tempo, é o terceiro analítico que permite acesso ao outro, criando a singularidade em movimento daquele encontro.

A criação do objeto transicional introduz o sujeito em um paradoxo – pois este objeto *é e não é o Eu*, a mãe e a relação entre ambos. Entrar no paradoxo é algo que exige uma tolerância ao negativo: é também o início do pensamento metafórico, da possibilidade de fazer uma experiência, da capacidade de brincar de faz de conta, do acesso ao senso de humor e à alteridade do outro e do mundo. Ou seja, é um trabalho do negativo que dá acesso a múltiplas possibilidades que conduzem à saúde. Green ressalta a qualidade dinâmica da jornada que se torna possível através do objeto transicional – do puramente subjetivo até a objetividade ou, como afirmava Winnicott, a importância, não tanto do objeto usado, quanto do uso que se pode fazer desse objeto.

Entretanto, a simples coexistência do Sim e do Não, implícita no paradoxo, não é suficiente para caracterizar um trabalho do negativo da saúde. Essa coexistência pode ser conjuntiva ou disjuntiva. No caso do objeto transicional, tal convivência entre dimensões de Sim e dimensões de Não é uma série conjuntiva, pois articula, superando-os, sem recusá-los, o subjetivo e o objetivo. O objeto assim criado é alvo de um intenso investimento libidinal abrindo para pensar, sentir, brincar e criar que podem ainda ampliar-se através de infinitos fenômenos transicionais com suas ramificações. Green afirma que os fenômenos

¹⁴ T. Ogden, The analytic third: working with intersubjective clinical facts, *International Journal of Psychoanalysis*, n. 75, p. 3-19.

transicionais ensinaram-lhe a reconhecer que, também através da sublimação, criamos objetos novos e que não existiam anteriormente. “O objeto da sublimação do pintor não é apenas o corpo desnudo da mulher, mas a própria pintura. É a pintura que se torna nosso objeto compartilhado, além da representação do que é pintado – o nu e suas origens na experiência infantil”¹⁵.

Há, porém, outros casos, onde se observa a coexistência *disjuntiva* do Sim e do Não, por exemplo, no fetichismo, com a sua dimensão de clivagem e recusa, na qual a dimensão da falta tem que ser abolida e desautorizada, e não transformada. A dificuldade, nestas situações, é a que descrevemos acima com a paciente que se organizava unicamente em torno da ausência, dando um caráter *irreal* à presença e ao retorno do objeto. No caso do fetichismo, o trabalho do negativo impede qualquer investimento positivo fora do fetiche; isto é também o que ocorre no caso do Homem dos Lobos: as defesas impedem a capacidade de pensar, escolher e julgar. Ele mantinha sempre duas opiniões sobre o mesmo assunto, não podia decidir se era homem ou mulher, era incapaz de decidir se uma coisa era boa ou má. “...o Eu paralisado pela ambivalência em sua relação com a realidade psíquica e com a realidade material só admite a coexistência (do sim e do não) com a condição de responder a ela por um *nem sim nem não*”. O trágico nessas situações é chegar à constatação de que “a recusa de optar, a recusa de crer, a recusa de investir não é nada mais do que a recusa de viver”¹⁶.

O negativo do negativo leva portanto a uma abolição simbólica e, no limite, a uma abolição da própria vida. Se a elaboração simbólica só pode se constituir através de um campo de diferenciações e semelhanças, de continuidades e rupturas, de familiaridades e estranhezas que possam ser compostas em uma trama conjuntiva, isto é, sob a égide de Eros, por outro lado,

15 A. Green, *André Green e a Fundação Squiggle*, p. 85.

16 A. Green, *O trabalho do negativo*, p. 294.

17 J.-B. Pontalis, *Encontrar, acolher, reconhecer o ausente*, in *Entre o sonho e a dor*, p. 201.

»
*no caso do fetichismo,
o trabalho do negativo impede
qualquer investimento positivo
fora do fetiche; isto é também o que
ocorre no caso do Homem dos Lobos:
as defesas impedem a capacidade
de pensar, escolher e julgar*

uma desautorização radical, ou da *presença* ou da *ausência* cria a dificuldade ou até a impossibilidade de fazer um contato com o outro, que parece estar sempre perto demais ou longe demais. A paciente na qual observamos um dilaceramento entre o Sim e o Não achava que poderia até gritar pelo outro, que não seria ouvida, e vivia sobressaltada com a angústia de não mais encontrar o caminho de volta para casa. Ela havia perdido a possibilidade de “encontrar, acolher, reconhecer o ausente”, como nos aponta Pontalis em um de seus belos textos¹⁷.

Encontrar, acolher, reconhecer o ausente é celebrar um luto, que é, por excelência, um trabalho do negativo na saúde. As relações que se mantêm vivas precisam de ar, é preciso deixá-las respirar: é preciso um trabalho do negativo lavrando-se na surdina, de modo invisível. Não só no momento de constituir o psíquico, mas durante a vida inteira das histórias de amor, o objeto precisa se deixar esquecer, apagando-se, silenciando-se. São os movimentos de fazer-se lembrar e deixar-se esquecer e a capacidade de estar só na presença de alguém – que aí se engendram. Só assim – neste tecer conjuntivo de Sim e Não – as coisas findas se transfiguram, ficam *lindas*.

Ái, sim, podemos dar razão ao poeta, e dizer com ele que “as coisas findas, muito mais que lindas, estas...”

Referências bibliográficas

- Bion W. (1967/1994). Uma teoria sobre o pensar. In: *Estudos psicanalíticos revisitados*. São Paulo: Imago.
- Bollas C. (1987/1992). *A sombra do objeto*. Rio de Janeiro: Imago.
- Candi T. (2010). *O duplo limite*. O aparelho psíquico de André Green. São Paulo: Escuta.
- Cintra E. M. U. (2003). As funções antitraumáticas do objeto primário: *holding*, *continência e reverie*. In: *Tempo Psicanalítico*. Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, v. 35, p. 37-55.
- Donnet J.-L.; Green A. (1973). *L'enfant de ça*. Paris: Minuit, 1973.
- Fédida P. (1978). L'“objeu”. Objet, jeu et enfance. L'espace psychothérapeutique. In: *L'absence*. Paris: Gallimard.
- Figueiredo L. C. (2003). *Psicanálise*. Elementos para a clínica contemporânea. São Paulo: Escuta.
- _____. (2009). *As diversas faces do cuidar*. Novos ensaios de psicanálise contemporânea. São Paulo: Escuta.
- Freud S. (1925/1969) A negação. In: *Edição brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XIX.
- _____. (1917/1969) Luto e melancolia. In: *Edição brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XIV.
- Green A. (1990). *La folie privée*. *Psychanalyse des cas-limites*. Paris: Gallimard, 1990.
- _____. (1993). *Le travail du négative*. Paris: Minuit.
- _____. (2010). *O trabalho do negativo*. Porto Alegre: Artmed.
- _____. (2002). *La pensée clinique*. Paris: Odile Jacob.
- _____. (2000). *André Green at the Squiggle Foundation*. Londres: The Squiggle Foundation.
- _____. (2003). *André Green e a Fundação Squiggle*. São Paulo: Roca.
- Mano B. B. (2012). *A clínica do continente*. Tese defendida no Programa de Psicologia Clínica da PUC-SP.
- Ogden, T. (2005). *Esta arte da psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.
- _____. (1994). The analytic third: working with intersubjective clinical facts. *International Journal of Psychoanalysis*, n. 75, p. 3-19.
- Pontalis J.-B. (2005). Encontrar, acolher, reconhecer o ausente. In: *Entre o sonho e a dor*. São Paulo: Ideias e Letras.
- Winnicott D. (1955/1965) Group influences and the Maladjusted Child. In: *The Family and Individual Development*. London: Tavistock.
- _____. (1971/1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

André Green and the work of the negative

Abstract This paper situates the origins of Green's concept of the work of the negative in the anxieties of annihilation, abandonment and separation presented by some patients, and also in his reading of Freud, Lacan, Bion and Winnicott. The intention of a “work of the negative” in Winnicott's *Playing and reality*, and the seminar on the negative given by Green at the French Institute in the 1980's, were important sources for the research that led to the elaboration of this paper.

Keywords work of the negative; André Green; Winnicott; mourning; transitional phenomena; transitional objects.

Recebido em: novembro/2012.

Aprovado em: janeiro/2013.

O negativo, sua construção e sua origem¹

Daniel Delouya

Resumo O negativo e sua constituição são contemplados no pensamento de André Green, assim como os impasses e falhas na sua construção. Esses acarretam vários modos e diferentes graus do negativismo (segundo afirma Freud em 1925) ou algo que se pode denominar como o negativo do negativo. Além de circunscrevê-las na obra de Green, duas vinhetas clínicas são trazidas como ilustração.

Palavras-chave alucinação negativa; duplo-limite; negativo; tempo.

Daniel Delouya é analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e autor entre outros de *Torções na razão freudiana* (Unimarco, São Paulo, 2005).

Ao definir o psiquismo como “efeito da relação entre dois corpos, um dos quais está ausente”, Green² carimba de próprio punho o selo da psicanálise que matiza a vida psíquica em relação à falta. E ele o faz com o aval de Shakespeare que constata *And nothing is, but what is not – e nada é a não ser o não* (o negado)³. A ausência, porém, se coloca em evidência pela relação simbólica. O simbólico constitui o meio pelo qual o que é negado – recalcado, memória, experiência – se presta ao trabalho da percepção, da presença, do encontro, ou seja, à atividade psíquica em face à realidade. Assim, o sintoma é, para Freud, o símbolo do mnêmico, do trauma; e a neurose, o negativo da perversão. Este é o trabalho do negativo, do psíquico, no qual prefiro destacar o *trabalho do tempo*: do sonho, do luto, do pensar, do julgar e do crescimento; e com seus variados produtos culturais: os outros, os sintomas, a vida, o amor, a arte.

O negativo desse negativo seria a perda parcial ou quase total do tempo: uma desesperança pelo gozo, levando à atuação perversa, drogadita, psicopática, melancólica, e psicossomática; assim como na exasperada busca de salvação junto aos fetiches, aos bezerros de ouro de religiões, da política e das terapias. Negativar o negativo significa a destruição da falta, a destruição da vida psíquica.

Até aqui Green não é tão original, mas ele passa a sê-lo pela perícia que efetuou na busca dos eixos e dos elementos de construção do negativo. O negativo, o psíquico, precisa ser construído! Com sua *junta médica* de Ferenczi, Bion, Winnicott e Lacan, entre outros assistentes, Green se vale da clínica para encontrar em

- 1 A partir de duas intervenções em homenagem a A. Green, no CEP em 6/10 e na FEPAL 12/10/2012.
- 2 A. Green (1998), “Sur la discrimination et indiscrimination affect-representation”, p. 213.
- 3 Citado em A. Green (1993), “Le travail du négatif”, p.123 e em W. Shakespeare (1996), *Macbeth*, Act I, Sec.,3, p.860.



segundo Green, o objeto revela a pulsão, a traz para o palco da vida! Ao reconhecer no bebê um futuro parceiro, o adulto o convida (seduz), por assim dizer, para adentrar a cultura

Freud uma construção do negativo entre a pulsão e o trabalho do objeto. Aqui, a grande variável está no objeto, no trabalho do objeto!

O negativo, como vimos, pressupõe a circunscrição do sujeito em relação ao outro, ao mundo, mas isso só é possível ao se assegurar de posses próprias, de seu recalçado, ou seja, onde se delimita nele uma reserva ou dispensa própria. Essa dupla circunscrição, entre o eu e o outro, e entre o eu e o seu inconsciente, caracteriza o *duplo limite*⁴, fruto de duas negativas entrelaçadas.

A vida, dizia Freud, é o ruído oriundo dos estímulos do, no e sobre o corpo e, portanto, do contato, da dor, que pede alívio, descarga. Isso que Green enxerga como moção primária de ex-corporação⁵. Porém, existe na vida uma tendência que constitui o *interno*⁶, agindo em *silêncio*, e numa direção contrária: não de descarga, mas de fuga, retraimento. Entre esses vetores, centrífugo e centrípeto, Freud postula, em 1924, uma potencialidade masoquista erógena. O que isso significa? O adulto, em sintonia com tal polaridade, contém e seduz, fixa e convida, ao servir de tela, *estrutura enquadrente*⁷ pela e sobre a qual se tricotam ligações e trilhas para constituir referências para o eventual nascimento do corpo psíquico. Segundo Green, o objeto *revela* a pulsão, a traz para o palco da vida! Ao reconhecer no bebê um futuro parceiro, o adulto acolhe, denomina os seus movimentos oriundos das moções e dos anseios do corpo, e com isso o convida (seduz), por assim dizer, para adentrar a cultura. O adulto fixa os movimentos, interpreta-os, e deles faz derivar *pulsões*, delegados do corpo ante o mundo humano; os movimentos se imprimem na psique como “*imagens de movimento*” e “*notícias de si*”⁸, precipitando-se

através da área de contato entre os corpos, sobre o manto psíquico da criança, sua futura alma. Assim, o adulto constitui para elas um lugar, um espaço. [Tal revelação implica que, em meio à *ajuda alheia* do adulto (Freud)⁹ – *nebenmenche*, vizinho, estrangeiro – ele se torna, para o bebê, uma fonte de enigmas; impõe-lhe um esforço de tradução (Laplanche), expresso na modulação contínua dos movimentos, criando e revelando-os]. Ao mesmo tempo, para tudo o que exige, devido à dor, se ex-corporar (a se desligar e se descarregar), o adulto proporciona um endereço, circunscreve um terreno fora *vis a vis* o corpo, e tece, com isso, imaginariamente, canais (de “esgoto”), levando o excesso para fora. Assim se constitui o duplo limite, com dispensa dentro, e a delimitação de um fora, e as vias até este. Com a progressão dessa empreitada criam-se condições para o “*bota-fora*”, onde as respectivas forças de reunião e expulsão no trabalho do objeto culminam, em seu feito, na separação, na diferenciação do sujeito em relação ao objeto; desembocam em botar o objeto fora, ou fazem o corpo psíquico se botar fora de seu objeto, o que Green reidentifica como alucinação negativa¹⁰. Tudo depende deste ato de apagar o objeto, pois tudo o que se reuniu sobre a tela e sob o cuidado enquadrante do objeto pode agora se destacar dele – negatizando-o alucinadamente – e configurar-se como pano de fundo próprio; um lugar, vazio, receptivo a futuros investimentos de objetos com os quais o sujeito vai poder brincar, gerando cenas sobre um palco próprio.

O que toda essa empreitada implica? O psiquismo do adulto. Se o negativo é mal constituído no próprio adulto, ele não tem como se identificar com o novo ser, não o enxergará como tal, portanto não poderá validar os seus movimentos, mas

4 Um conceito desenvolvido entre 1976 e 1982 e se encontra no livro de 1990, *La folie privée*.

5 A. Green (1990), *La folie privée*.

6 S. Freud (1920), “Além do princípio do prazer”.

7 A. Green, A (1966/7) no livro de 1982, *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*.

8 In Freud, *Projeto de uma psicologia*, de 1895, cap. 11 da I parte.

9 *Op. cit.*

10 Originalmente descrita por Breuer na conduta de Anna. O.

os perturbará, os invadirá, em prol de um consolo das próprias (do adulto) carências, narcísicas e perversas. Desse modo, também não vai poder aliviar o bebê dos excessos dos estímulos, da dor e de suas intoleráveis cargas: não o poupará do mal e não o protegerá. O que será vivido/ sentido como desprezo, indiferença, abandono.

Estes distúrbios por parte do objeto não se limitam apenas a essas figurações espaciais (invasão e abandono), mas têm um corolário na escansão temporal: se diante das urgências do bebê haverá a resposta rápida, invasiva, sem intervalo – devido ao ímpeto maníaco e fusional do adulto –, freia-se a criatividade e o desenvolvimento dos movimentos, estimulando a onipotência do sujeito, como ela se manifesta na drogadição que eclode pós-latência. Aqui, *a falta da falta* (Lacan) revela seus gritantes danos. Por outro lado, se houver demora na resposta do adulto para além do tolerável, perde-se uma grande parte do que constitui a confiança, a esperança. Ultrapassar esta resiliência, da espera, esgarça o tecido psíquico e os seus elos trançados pelos fios do binômio pulsional. Isso pode resultar nas afecções-limites, de desesperança congênita (Winnicott), entre as quais as esquizoidias, as psicoses e depressões brancas¹¹, além de poder promover esforços de remenda do desenlace pulsional através das atuações perversas e, outras, masoquistas, que se encontram, amplamente, na clínica contemporânea.

A moção negativa que caminha silenciosa, no decorrer do trabalho do objeto, para uma alucinação negativa, isto é, para a separação do objeto, para poder descobri-lo fora, e se descobrir num mundo compartilhado, num mundo terceiro¹², denunciará aqui essas patologias, ou seja,

11 Cf. A. Green (1973), *L'enfant de Ça*.

12 Cf. A. Green (1989), "Da tercieidade", in *La pensée clinique*.

13 D. W. Winnicott (1971), *Playing and reality*.

14 W. R. Bion (1970) empresta esta noção do romântico poeta J. Keats, que define tal capacidade como uma qualidade que forma as personalidades de êxito, por serem capazes de tolerar (estar no estado de) incertezas, mistérios e dúvidas sem se irritar e recorrer a fatos e razões para se defender dos mesmos.

15 A. Green (1980) in *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*.

16 A. Green (1993a), "A analidade primária", in *La pensée clinique*.

17 A. Green (2000), "A posição fóbica central", in *La pensée clinique*.

»
*a função analítica implica
a restauração dessa estrutura
enquadrante, o que coloca
o enquadre analítico
em outra perspectiva*

as falhas do trabalho do objeto. Winnicott e Bion já os haviam explicitado; o primeiro em relação aos impasses no alcance da "possessão não eu" e, em consequência disso, do "uso de objeto"¹³; o segundo, no colapso da "capacidade negativa"¹⁴. Green tem descrito várias manifestações do fracasso do negativo. Os fortes testemunhos deste encontram-se na "mãe morta"¹⁵, na "analidade primária"¹⁶ e na "posição fóbica central"¹⁷. Em linhas gerais, no primeiro trabalho, a retirada abrupta do objeto, de sua função enquadrante – por exemplo, em consequência de um luto agudo na mãe – equivale a sua morte repentina, deixando o bebê à sorte da ferrenha luta em seguir, sem ajuda, na costura das moções contrárias das pulsões. Uma violência que ameaça o desfazimento do tecido psíquico em suas várias regiões. No segundo, a impermeabilidade de defesa narcísica dos próprios pensamentos assemelha-se à demarcação de território nos animais através do resguardo dos valorizados produtos fecais e urinários. A armação em volta de um universo mínimo se deve à intrusão ameaçadora a qual foi suscetível precocemente o ambiente de origem. No terceiro, há subversão no uso das vias associativas. Em vez de aproveitá-las para o encontro, na experiência e no pensar – o que Freud designa como função de juízo –, essas vias associativas do tecido psíquico são rastreadas para encontrar caminhos de fuga. Uma estratégia de evitação, de fuga se instala para se poupar do reencontro dos focos traumáticos gerados junto a objetos significativos da infância.

Tais configurações clínicas atestam falhas na estrutura enquadrante do objeto, flagrando-se como tais em consequência da alucinação negativa, para a separação do objeto. Por isso, a



*nesse paciente a tentativa
de nascer – de colocar-se fora do
objeto, alucinando-o negativamente –
fracassa em função da intrusão
do objeto*

função analítica implica a restauração dessa estrutura enquadrante, o que coloca o enquadre analítico em outra perspectiva: como algo interior¹⁸ no analista, e desafiado continuamente pela transferência.

A seguir, trago duas vinhetas de pacientes com configurações diversas e que ilustram os fracassos do negativo:

Um jovem é acometido de um acidente cardíaco durante uma viagem a trabalho, quando a esposa perpassava o final da gravidez da segunda filha do casal. Após o susto, o médico recomenda a psicoterapia. Ele aceita na condição da presença da esposa. Nas entrevistas é a esposa que fala e fico sabendo que, quando ele contava com dois anos, sua mãe perdeu um feto menina nos últimos meses de gestação. [Que o soma possa imitar um episódio cardíaco fatal no feto-irmã, talvez seja o nexos possível com o acidente na véspera de nascimento de sua segunda filha.] Ele cresceu como filho único sob o mando rígido e estreito da mãe (que se agrava ao visar, inconscientemente, garantias absolutas de vida ao filho, projetando nele, em face à perda da menina, uma idealizada completeza). Rigidez ao qual a esposa atribui uma revolta enquistada nele, de outrora, que vez e outra salta para fora em forma de acessos de ira. Explosões ocasionais, mas que persistem, pondo a continuação do casamento em perigo, porque apavoram a esposa pela transfiguração da pessoa introvertida do marido e de sua costureira companhia dócil e complacente. Após um ano, a esposa, porta-voz do casal, se retira dos encontros e ele permanece vindo duas vezes por semana. A cena muda de figura: ele fala e só ele. É só ele que pode existir bloqueando – imagino – uma reincidência de invasões. Predomina, então, o

pensamento operativo, e, ao mesmo tempo, onipotente, de arrogância onipresente e onisciente. Nenhuma possibilidade de interrompê-lo ou dele me ouvir. Assim permanece durante anos, em uma armação betonada por detrás da qual o medo – advindo da ameaça sobre sua posição no trabalho ou em reação às teimosias de sua filha primogênita – acaba sofrendo uma reversão: transforma-se em maquinaria onisciente acerca do conjunto da empresa, e de outro, na busca de princípios rígidos de conduta a impor à filha, reeditando, com este, as de sua mãe da infância. Na terapia, era preciso que eu sobrevivesse, não reagindo a tamanha avalanche, e que essa só se amansasse pelas ameaças de rompimento após as explosões em casa ou no trabalho. Após quase nove anos, ele gera, pela primeira vez, um sonho, e de angústia. Nele, ele vinha à sessão para encontrar, em seu lugar e horário, um colega de trabalho, que na sessão anterior eu apontara como pondo em risco a posição que ele almejava conquistar. Sonho que constitui um marco de mudança que se instala, abrindo um espaço ao vislumbre da área terceira, de “eu e você”. Já se passaram doze anos, e, de fato, o convívio denota a diminuição considerável da defesa onipotente inicial.

Nesse paciente a tentativa de nascer – de colocar-se fora do objeto, alucinando-o negativamente – fracassa em função da intrusão do objeto. A expressão somática na tentativa de se separar do objeto denuncia a inaptidão do objeto originário em reconhecer o bebê e, portanto, em poder *seduzi-lo*, e derivar de seu soma pulsões, seus representantes, verdadeiros delegados (*vorstellungstriebrepresentanz*)¹⁹ para sua inserção na cultura. A demanda narcísica torna-se evidente, na onipotência e na onisciência, com uma lógica inicial “ou eu ou você”, ilusão narcísica do eu-ideal que o adulto deve celebrar em pequenas crianças para lhes transmitir, “*sim, é você, só você*” para que, em seguida, se dê a passagem para a área terceira “*eu*

18 A. Green (2000a), “Le cadre psychanalytique: son interiorization chez l’analyste et son application dans la pratique”, in *L’avenir d’une désillusion*.

19 “Representantes da representação da pulsão” (cf. Freud, 1915, “O inconsciente”), ou seja, frutos do trabalho do objeto.

e você”. Suportar e permitir esse difícil processo, caminho, no campo da transferência significa reeditar e, de alguma forma, corrigir as funções da estrutura enquadrante do objeto de origem.

A fragilidade em sustentar o negativo, o recalçado, encontra outra modalidade em outro paciente que passo a descrever. Nesse caso, o não reconhecimento pelo objeto como futuro sujeito se deve não à intrusão, como acima, mas a partir de certa indiferença.

Neste paciente a ação – incluindo a adicção a drogas e ao sexo – visa dominar e afagar francos ou iminentes mal-estares. Executivo de notáveis habilidades, ele vem esbarrando, de tempos em tempos, desde sua adolescência, com estados agudos de depressão que o levavam, de início, a planos e execuções suicidas. Itinerante, tem estudado e trabalhado em vários países de diferentes continentes. Sua filosofia de vida se resume em nada se prender (casamento, filhos, país) e tudo aproveitar. Sente-se incapaz de manter a moderação seja no número de relações sexuais, modalidades e pares, seja no consumo de drogas entre outras fugas de prazer como comida, bebida e esportes; além de, continuamente, expor-se a riscos, físicos e outros. Quanto ao nosso trabalho, iniciado há quase três anos, ele conduz nossos encontros pela fala ininterrupta sobre si, racionalizando posições ao recrutar conhecimentos gerais que vem acumulando de diversas áreas, mas com utilidade questionável. O silêncio lhe é intolerável, e, no início, qualquer intervenção de minha parte parece incomodá-lo, atropela-o. Só recentemente, ele consegue vez e outra registrar algo que eu digo, sobretudo quanto aos seus sonhos. Curiosamente, acabei submetendo-me às suas imposições de frequência das sessões, seus valores e a forma de pagamento: ele determinou e eu aceitei! No final de cada encontro, marca sua próxima sessão após verificar a minha disponibilidade, e paga de acordo. Aos poucos, o temor da depressão, de um lado, e sua voracidade atuada, de outro, vão se ligando ao mesmo movimento de domínio que remonta a uma vivência de infância que ele atribui às consequências do infeliz casamento e separação dos pais. A

curiosamente, acabei
submetendo-me às suas imposições
de frequência das sessões,
seus valores e a forma de pagamento:
ele determinou e eu aceitei!

situação à qual ele se reporta, com frequência, é da mãe nunca ter tido tempo para ele – ou passando o maior tempo no trabalho ou, na volta, fixando-se na tela da televisão. Sozinho, desde pequeno, tentava ocupar-se – dominar – lendo tudo que aparecia a sua frente, desde a bula de remédio até os livros de ciência e de literatura e ensaiando experimentos com qualquer objeto disponível. A ocupação de então, de uma criança hiperativa, persiste no modus vivendi de seu cotidiano e na relação estabelecida com a realidade (a análise inclusa), mesmo depois de completar seus 40 anos de idade. “Viver para mim é como estar diante de uma enorme checklist, tanto no trabalho (workaholic como minha mãe), como nos prazeres (bon-vivant como meu pai)”. É ele, não eu, quem liga o estado da solidão da criança com uma suplantação voraz e atuada. Na sua incessante autoavaliação, além da insaciabilidade, ele atribui a sua incansável entrega às tarefas, e a generosa recepção dos amigos, à inquieta busca de admiração – aqui, a palavra amor surge em mim, nunca em seu discurso (nas sessões, a docilidade nunca falta à exibição de menino prodígio e refinado). Espanta-o descobrir-se, nas suas palavras, um ser “egocentrado”. A essas genéricas notas, eis uma particular: ele se indaga por que diante de notícias chocantes, como o abuso de meninas pelo pai, tio ou padrasto (como o pai austríaco que engravidou a filha e a confinou), ele fica indignado – e prestes a chorar, mas as lágrimas nunca surgem a não ser pelo nó na garganta – e, de outro lado, excita-se, identificando-se com o adulto na cena de abuso.

Não podendo ficar só (falha do negativo) do qual o estado de agonia da infância é seu



protótipo, atesta a fragilidade de sua fiação psíquica, montada junto ao objeto pela via do masoquismo erógeno. O acarretado afrouxamento no enlace pulsional prenuncia o desamparo. Um mal-estar que a hiperatividade – desesperada busca de religação – tenta aquietar, para alcançar a passividade, o masoquismo feminino (figurado no atentado a frágeis meninas), em vista da restauração da terna atenção infantil, e assim, acordando o roteiro de subjetivação via o universo incestuoso. Reanimação na qual Freud ressalta a incitação do masoquismo onde desperta a culpa inconsciente. Culpa-se pela intolerância à árdua solidão da vida adulta, o que faz clamar pelo alívio, gozo, redenção e salvação infantil de outrora. O trabalho de negativo aqui implica a recorrência aos modos sensoriais de aquisição da ternura, em função do seu saldo deficitário nos confins do eu – herança da falha na estruturação enquadrante proporcionada pela mãe da infância²⁰.

Referências bibliográficas

- Bion W. R. (1970/2004). *Attention and interpretation*. Jason Aronson Book.
- Breuer J.; Freud S. (1895/1974). *Studies on hysteria*. In: *Pelican Freud Library* (vol. 3). London: Cox and Wyman.
- Freud S. (1915/1991a). The unconscious. In: PFL, vol. II, p.159-222.
- _____. (1920/1991b). Beyond the pleasure principle. In: PFL, vol. II, p. 269-338.
- _____. (1924/1991c). The economic problem of masochism. In: PFL, vol. II, p. 409-427.
- _____. (1923/1991d). The ego and the id. In: PFL, vol. II, p. 339-408.
- _____. (1925/1991e). Negation. In: PFL, vol. II, p. 435-442.
- _____. (1895/1995). *Projeto de uma psicologia*. Trad. O. F. Gabbi Jr. Rio de Janeiro: Imago.
- Green A. (1967/1988). Narcisismo primário: estrutura ou estado. In: *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.
- Green A.; Donnet J. L. (1973). *L'enfant de ca*. Paris: Minuit.
- Green A. (1980/1988). A mãe morta. In: *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.
- _____. (1989/2002). Da tercieidade. In: *La pensée clinique*. Paris: Odile Jacob.
- _____. (1990). *La folie privée*. Paris: Gallimard.
- _____. (1993). *Le travail du négatif*. Paris: Minuit.
- _____. (1993a/2002). A analidade primária. In: *La pensée clinique*. Paris: Ed. Odile Jacob.
- _____. (1998/2002). Sur la discrimination et indiscrimination affect-representation. In *La pensée clinique*. Paris: Ed. Odile Jacob.
- _____. (2000/2002). A posição fóbica central. In: *La pensée clinique*. Paris: Ed. Odile Jacob

Acredito que essas vinhetas ilustram os impasses na instauração do negativo, deste pano de fundo que possibilita o juízo²¹. A invasão, de um lado, e a indiferença, de outro, dão lugar aos respectivos terrenos selvagens, destrutivos, onde a onipotência, de um lado, e a ação voraz, de outro, acordam para salvaguardar o desmantelamento do tecido psíquico: o controle, seja pela vigilância onisciente, seja pela desenfreada ação, pretende escapar, nos dois casos, do fosso depressivo, e a quem dele, da franca insanidade.

- 20 A reivindicação pela ternura infantil neste paciente não pode se valer de experiências significativas com os objetos primários. Os vestígios destes são tão escassos que se desenlaçam e se dissolvem em desamparo, e em uma alienação que desemboca em um desespero para recorrer ao socorro via voracidade indiscriminada. Por exemplo, uma despedida de uma namorada no aeroporto é insuportável a ponto de, logo, minutos depois, dar vez a uma caça ansiosa por um envolvimento sexual. É nessa diferença, da perda da singularidade, que Freud em 1924 situa o retorno do masoquismo moral para o desamparo de origem e suas vias de busca de compensação voraz e atuada.
- 21 Ver *O Projeto...* de 1895 e o artigo "A negativa" de 1925.

_____. (2000a). Le cadre psychanalytique: son interiorization chez l'analyste et son application dans la pratique. In: Green & Kernberg (ed.), *L'avenir d'une désillusion*. Paris: PUF.

Shakespeare W. (1564-1616/1996). *The complete works of William Shakespeare*. Wordsworth Editions.

Winnicott, D. W. (1971). *Playing and reality*. Harmondsworth: Penguin Books.

The negative, its construction and its origin

Abstract The work of André Green gives full attention to the negative: its contribution, its dead ends, its failures. The latter are at the root of several degrees and modes of negativism (according to Freud's paper "On negation", 1925). This is what Green names "the negative of the negative". The present paper focuses on this part of his work, and illustrates it with two clinical vignettes.

Keywords negative; hallucination; double limit; time.

Recebido em: novembro/2012.

Aprovado em: fevereiro/2013.

André Green, ou a arte do contador

Maurice Corcos + Alejandro Rojas-Urrego

Resumo Para André Green, no início há a pulsão e o afeto, e o corpo antes da mente. Alguns entre nós, artistas em potencial, são movidos pela necessidade imperativa de criar para fazer surgir uma presença que, embora imaginária e virtual, irá compensar a dor da ausência. Este modelo é evidentemente valioso e de interesse para o tratamento.

Palavras-chave afeto; criação; psicanálise aplicada; pulsão.

Maurice Corcos é psiquiatra e psicanalista, professor de psiquiatria da criança e do adolescente na universidade René Descartes Paris-V, e chefe do serviço de psiquiatria do adolescente e do jovem adulto no Institut Mutualiste Montsouris, em Paris. Entre suas publicações, destacam-se: *Le Corps insoumis. Approche psychosomatique, traitement et prévention des troubles des conduites alimentaires* (Dunod); *Babel, psychanalyse et littérature* (com um prefácio de André Green), (EDK); *La terreur d'exister. Fonctionnement limite à l'adolescence* (Dunod); *L'homme selon le DSM* (Albin Michel). Grande leitor de André Green, participou, com Alejandro Rojas Urrego, da obra de André Green *Associations (presque libres) d'un psychanalyste* (Albin Michel).

Alejandro Rojas-Urrego é psiquiatra e psicanalista, membro da IPA e da Sociedad Colombiana de Psicoanálisis (SCP). É chefe do serviço de psiquiatria e psicoterapia de crianças e adolescentes na Fundação de Nant, em Vevey, Suíça. É autor, entre outros, de *Le phénomène de la rencontre et la psychopathologie* (PUF); *Psiquiatria clínica, diagnóstico y tratamiento em niños, adolescentes y adultos* (Panamericana, Madrid). No Brasil, publicou o artigo "Shibboleth de Doris Salcedo. Reflexões sobre a representação do negativo", *Revista Brasileira de Psicanálise* 1, 45, 2011, p. 89-94.

Tradução Claudia Berliner

Revisão Ana Helena de Staal

1 "Ni mien, ni tien: lien." A. Green, "L'angoisse et le narcissisme" (1979), p. 155 [p. 173 da ed. bras.]

O Poliakoff, na parede do consultório, tinha essa cor arroxeada e vermelha, essa cor de meio-luto da paixão quando soçobra no medo ou renasce do pavor. Ele o tinha colocado ao lado de um magnífico Zao Wou-Ki, pois o geometrismo fauvista do pintor francês de origem russa opunha certa resistência ao esforço de sublimidade do pintor chinês naturalizado francês. Houve um tempo em que o Poliakoff esteve diante do divã, mas ele logo entendeu que era preciso desistir da ideia, porque no fundo do quadro um matiz de cinza, como nas últimas telas de Rothko, parecia germinar cada dia mais rápido. Por chamar excessivamente a atenção, acabara por obstruir qualquer possibilidade de movimento psíquico em seus pacientes. Essa cor psicológica parecia querer barrar até a menor veleidade de transcendência.

Bastava fazer a André Green uma pergunta sobre um dos quadros que o rodeavam em seu consultório para que seu olhar se tornasse mais profundo e sua voz mais suave, como se ele aceitasse, *dessa maneira*, que alguém sondasse seu coração de exilado. André Green ou a possibilidade de favorecer, no encontro com o Outro, a circulação psíquica, a arte de fazer vínculos sobre vínculos: "nem meu, nem teu: vínculo", escreveu ele¹.

Ele – que pretendia ser um "francês honorário", que se fizera francês por escolha e se tornara um grande pensador francês – dizia ter tido, ao chegar a Paris, uma "fantasia de repatriamento" escutada por uma sensação de desenraizamento. Ele – que insistira para que não o considerassem por suas tradições familiares, culturais ou religiosas, ou seja, não



*André Green não é o psiquiatra
da pulsão, mas sim do afeto...
Os ramos e as folhas lhe interessavam
mais que as raízes e o tronco*

pelo passado, mas sim pelas escolhas: de partir, de se desprender, de se reconstruir num futuro eleito por ele –, que nunca havia deixado de buscar suas raízes, terminou virando um filho de Shakespeare: “Por que crescem os ramos quando a raiz está seca?”

Pintores, músicos, poetas:
companheiros de estrada e de loucura

André Green não é o psiquiatra da pulsão, mas sim do afeto... Os ramos e as folhas lhe interessavam mais que as raízes e o tronco. Contudo, ele habitava um corpo sem o qual suas construções psíquicas não tinham sentido. Um corpo que – sendo o psíquico, na esteira de Freud sobre a pulsão, sempre uma “delegação do corporal” – só podia se construir sobre uma pulsionalidade por definição sempre em excesso. Sem meia medida: André Green era igualmente um homem de paixão. Suas teorias são grandiosas (como talvez seus sonhos), porque o combate contra a parte sombria da sua loucura privada só pode ser ganho à custa de trabalho e de elaboração teórica.

Como sua vida, seu pensamento e sua escrita nunca deixavam de se encarnar na experiência. Para ele, o trabalho do pensamento e da escrita pressupunham até “uma chaga e uma perda, uma ferida e um luto dos quais a obra [seria] a transformação”³.

Como tornar visível o inaudito e audível o invisível? Como deixar de ser surdo à queixa surda do corpo? Como figurar o informe e fazer falar as vozes do silêncio? Uma psicanálise que desse espaço à liberdade, à criatividade e à

invenção seria capaz de responder a tais questões – concluímos nós.

Esse analista, homem do pulsional e da paixão, ancorado no seu corpo, que falava todas as idades como outros falam todas as línguas, capaz de silêncios calorosos antes de retomar a guerra contra a perversão dos conceitos, desarraigado que conhecia a psicanálise como alguns conhecem seu bairro, sua pátria e seu país natal, ele jamais poderia ter realizado isso que, na falta de outras palavras, chamamos de sua “obra” sem o concurso desses companheiros de estrada que foram, para ele, aqueles cuja loucura privada conseguia convocar a sua própria: pintores, escritores, músicos, poetas, gente do teatro. Green certamente sentia que partilhava com eles esse polo de loucura e esse polo de sabedoria que tão bem sabia reconhecer em si mesmo.

A loucura é esse mar furioso que rugue com uma voz vinda das entranhas e nos atrai com tanta força que pode nos precipitar em seu seio para nos engolir⁴.

À beira do abismo...

Muitos são os psicanalistas que escrevem – e muitos mais aqueles que se limitam a dizê-lo, sem o assentar na página em branco – que mantêm um diálogo com “seu” André Green interior. Uma presença interior que nos faz companhia quando mergulhamos em nosso trabalho cotidiano, para em seguida nos aventurarmos numa reflexão pessoal. Uma testemunha interna que nos ajuda a pensar, que nos obriga a pensar, que nos acompanha quando pensamos. Por muito tempo, o próprio André Green dialogou internamente com autores secretos, mais frequentemente escritores que psicanalistas... Ele, que tantas vezes sublinhou a importância da amizade na adolescência (pois, nessa fase da vida, descobriu que *esta* era sua

² Ricardo III.

³ A. Green, “Le double et l’absent”, *Critique* 312 (1973), p. 319; republicado in A. Green, *La Déliaison, Psychanalyse, anthropologie et littérature* [Ed. bras.: *O desligamento, psicanálise, antropologia e literatura*].

⁴ A. Green, *Hamlet et Hamlet. Une interprétation psychanalytique de la représentation*, p. 103.

verdadeira família), pressentiu nos escritores um parentesco redescoberto. Lá estavam os trágicos gregos, os clássicos, Shakespeare acima de tudo e de todos, Proust, James, Conrad, mas também alguns encontros identificatórios, em particular Jorge Luis Borges, esse pai reencontrado num labirinto povoado de tigres, que conseguiu pôr frente a frente, nele, o homem de palavra que tentava ser e a fera que nunca deixou de ser.

Vidas e obras: o analista é o analisado do texto

Na origem de algumas de suas concepções teóricas mais famosas podem, é claro, ser encontrados acontecimentos ou circunstâncias particulares da sua vida, mas o mesmo se aplica à literatura. Encontros marcantes com autores e obras estiveram na origem de alguns de seus conceitos teóricos essenciais. Sua obra psicanalítica é muitas vezes prova de seu amor pela literatura e da dívida que contraiu com ela. Ele era um desses psicanalistas que ousava falar de “psicanálise aplicada”, chegando a ver nela uma das fontes essenciais da psicanálise propriamente dita. Portanto, para ele, não se tratava apenas de poetizar essa ciência singular que é a psicanálise, mas de torná-la possível. Uma maneira também de dar prosseguimento à sua (interminável) autoanálise, uma vez que, no caso da “psicanálise aplicada”, o analista se torna “o analisado do texto”⁵.

Explorador dessas regiões ingratas, André Green não temia nelas se perder como psicanalista. Certamente, concordava com esta concepção da posição epistemológica da psicanálise que sua terceira e “verdadeira” analista, Catherine Parat, tão bem descreve:

É delicado ligar-se a um tema não psicanalítico conservando ao mesmo tempo uma posição de psicanalista [...]. Manter uma posição de psicanalista é conservar

5 A. Green, *La Déliaison...*, p. 20.

6 C. Parat, *L'Inconscient et le sacré*, Introdução.

7 A. Green, *Associations (presque libres) d'un psychanalyste. Entretiens avec Maurice Corcos. Avec la participation de Alejandro Rojas Urrego*, p. 15.

»
Green não via no estabelecimento de relações entre obra e vida nenhum procedimento reducionista

como referência a metapsicologia que experimentamos em nossa análise e que experimentamos todos os dias com nossos pacientes. Ela exprime, explica e ilustra a organização psíquica corrente de nossa cultura ocidental [...]. A outra vertente [...] é do domínio da arte. Trata-se, portanto, de um misto que mantém a análise fora do domínio da ciência (rumo ao qual Freud teria gostado de vê-la evoluir...), conservando-lhe ao mesmo tempo um certo ar científico⁶.

O próprio Freud reconhecia, na *Selbstdarstellung [Autobiografia]*, ter consertado certas dimensões oscilantes da metapsicologia e ter se distanciado dela.

André Green recomendava cruzar a biografia e a obra do autor de seus livros de cabeceira. Pretendia, assim, apreender o processo teórico de um autor como o processo psicanalítico, ou seja, como sendo em grande parte independente das intenções conscientes de seu autor. E foi o que fez em suas inúmeras abordagens psicanalíticas das obras culturais. Com efeito, Green não via no estabelecimento de relações entre obra e vida nenhum procedimento reducionista, desde que não houvesse aplicação direta dos dados biográficos à produção da obra.

Os “fatos” não podem deixar de ter importância, mas há todo o trabalho de elaboração que faz com que, efetivamente, nunca tratemos da biografia, e sim mais do romance, do relato interior, da ficção biográfica tal como é vivida pelo sujeito⁷.

O próprio pensamento de André Green não seria de todo compreensível, se as alegrias e desventuras de sua vida não viessem esclarecê-lo.



em Green, a dessacralização
é evidenciação da arquitetura
da obra e de seus
procedimentos ficcionais

Criatividade e interpretação psicanalítica

André Green não era nada criacionista. Não hesitava, com razão, em dessacralizar tanto a obra de arte quanto o gênio artístico. Escreveu:

Deve-se questionar muito fortemente o narcisismo dos homens de arte que não suportam que alguém toque em seu objeto sagrado, que não suportam que alguém encontre determinações para a criatividade⁸.

Estes certamente não deixariam de lhe retorquir que há uma tendência nosográfica demasiado frequente e demasiado desagradável em querer pensar, analisar e, depois, classificar a obra até o ponto de compartimentá-la em modalidade psicológica de escrita. Pode-se até notar, às vezes, em alguns analistas, certa inveja ou um desejo frustrado que transparece na gana com que destrincham a intimidade de uma obra, depois de ter autopsiado seu autor. Estão apenas se justificando, ao dizer: “A capacidade criativa do autor (que nós não temos, embora não queiramos reconhecê-lo) é *essa* que estou lhes mostrando... Ele não inventou nem criou nada, já que posso dizê-lo de outro modo... Uma questão de forma, só isso...” Não uma questão bem mais profunda de estilo, tanto assim que a teoria não atinge, até as mesmas profundezas que a arte, a doença humana de cada um.

Em Green, a dessacralização não é, evidentemente, uma tentativa de destruição numa ilusão de tradução primordial. É, antes, evidenciação da arquitetura da obra e de seus procedimentos ficcionais, revelação de sua parcela de verdade. Um

acréscimo de prazer – que o leitor percebe bem – para um psicanalista que se abstém de desmistificar a criação literária por meio dessa outra mistificação que por vezes a psicanálise se torna.

E a psicanálise em tudo isso? A interpretação psicanalítica não é exaustiva, é específica – como André Green nos lembrava durante nossas conversas. Ela não pretende dar conta da totalidade dos aspectos de uma obra, mas revela alguns daqueles que tomam parte em sua criação; possibilita, às vezes, elucidar algumas articulações, mostrar como um texto funciona.

[A interpretação psicanalítica] está presente em todo lugar onde houver o psíquico, tanto em antropologia, quanto em história da arte. Legitimar sua presença não significa que ela profere discursos igualmente coerentes quando se manifesta. Dizer que ela não pode intervir é uma coisa, mostrar como ela intervém é outra⁹.

Ela fornece meios para nos aproximarmos do núcleo ...a reserva do incriável... porém não demais, senão – como lhe disse um dia um de seus pacientes – “a música para”...

Olhos da carne, olhos da alma

Green, ainda jovem, trabalhou no teatro antigo da Sorbonne, sob a direção de seu amigo Jean Gillibert. Lá, foi visto representando em *Anfitrião* e em *Agamêmnon*. Disse certo dia a seu amigo John E. Jackson: “Agamêmnon é a maior obra teatral jamais escrita!” Muito cedo, representou Cassandra, profetiza de catástrofes, a cujos presságios ninguém dá ouvidos. Mas André Green sonhava com o único papel à sua desmedida: não o de Orestes queixando-se de sua mãe assassina, mas o de Clitemnestra. E acabamos por pensar que, se não tivesse se tornado psicanalista (preditor do passado), teria querido ser essa fantástica mãe passional (adivinha de destinos):

8 A. Green, *Associations (presque libres) d'un psychanalyste...* p. 20.

9 A. Green, *Associations (presque libres) d'un psychanalyste...* p. 104.

10 A. Green, *Associations (presque libres) d'un psychanalyste...* p. 97.

É uma personagem absolutamente esmagadora, nova no teatro. Claro que encontramos nela as figurações de todas as projeções sobre a mulher perigosa. Encontramos, ao mesmo tempo, desculpas para ela: o marido matou sua filha e chega em casa com a concubina, o prêmio do vencedor – coisa corrente na época. Em seguida, ela vai ao seu encontro, enfeitada. E depois de tê-lo matado diante do coro, ela diz, como uma espécie de provocação monumental: “Este é Agamêmnon, meu esposo, e minha mão fez dele um cadáver”. Aqui já se encontra essa espécie de pulsionalidade que nada mais detém. Uma mulher ferida, ferida em sua maternidade [...]”¹⁰.

Com Shakespeare também foi uma questão de teatro, de paixão e de amor. E entre suas personagens, havia tantas que o cativavam:

Macbeth, Lear, Cleópatra, Hamlet... Este último talvez mais que tudo e todos. Este mesmo que, com o despertar da lembrança da grandeza de seu pai desaparecido, diz a Horácio tê-lo visto “*In my mind’s eye*”. Com “o olho da minha mente”, segundo certas traduções, ou com “os olhos da alma”, segundo a formulação escolhida por Yves Bonnefoy. “Como vemos uma peça de teatro?”, pergunta Green. Com os olhos da carne ou com os olhos da mente¹¹?” Pergunta difícil que, no entanto, bem poderia aplicar-se a uma sessão de psicanálise. Vemos, então, os quadros afetivos, que decidem retornar para nos visitar projetando-se nas paredes do consultório do analista, com os olhos da carne ou com os olhos da alma?

Fica-se tentado a dizer que a “psicanálise aplicada” serve para isto: pela frequência das obras de arte e da literatura que pressupõe, ela permite, justamente, que o analista não tenha de escolher entre essas duas possibilidades. Que

»
“A obra de arte é objeto transnarcísico
arrancado ao corpo da mãe
para ser elevado ao ser do tempo”

[A. Green]

consiga, portanto, olhar *ao mesmo tempo* com os olhos da carne e com os da alma. Eis aí mais uma marca de nossos encontros e de nossas dívidas para com André Green: *a evidência da coexistência da psicanálise, da arte e da literatura*. E seu amor por esses três domínios era, como sempre são as verdadeiras paixões, imoderado, extremo, sem medida.

“A obra de arte resulta de uma transferência de existência”... Ela é “objeto transnarcísico arrancado ao corpo da mãe para ser elevado ao ser do tempo”... Um devir que exige “a aceitação de uma paternidade”. Sim, com certeza. Ela é também – com a ajuda da espiral da origem e do fim –, o reencontro tão aguardado, por fim, com uma relação de parentesco. E fomos muitos os que sentimos, nas concepções teóricas de Green, o trabalho de uma inteligência penetrante, aliada a um imaginário extraordinário, que lhe dava esse estilo fantástico de contador (talento que ele nos disse ter herdado de seu pai, esse tradutor do tempo e do espaço, coordenadas primeiras desenhadas pela mãe para o filho...). Desejamos a este que tanto nos ensinou, em transferências de experiências clínicas, que, como ele mesmo quis para Jorge Luis Borges, possa dormir o doce sono dos inocentes.

11 A. Green, *Hamlet et Hamlet...*, p. 93.

Referências bibliográficas

- Green A. (1979/1983). L'angoisse et le narcissisme. In: Green A. *Narcissisme de vie. Narcissisme de mort*. Paris: Minuit. [Ed. bras.: (1988) *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*, trad. Claudia Berliner. São Paulo: Escuta]
- Green A. (1982/2003). *Hamlet et Hamlet. Une interprétation psychanalytique de la représentation*. Paris: Bayard (1ª ed. Balland).
- Green A. (1973) Le double et l'absent. In: *Critique* 312; republicado in Green A. (1992/1998) *La Déliaison, Psychanalyse, anthropologie et littérature*. Paris: Hachette Littérature (1ª ed. Les Belles Lettres) [Ed. bras.: (1994) *O desligamento, psicanálise, antropologia e literatura*. Rio de Janeiro: Imago.].
- Green A. (2006) *Associations (presque libres) d'un psychanalyste. Entretiens avec Maurice Corcos. Avec la participation de Alejandro Rojas Urrego*. Paris: Albin Michel.
- Parat C. (2002) *L'Inconscient et le sacré*. Paris: PUF.
- Shakespeare W. *Ricardo III*.

André Green, or the art of the teller

Abstract For André Green, in the beginning, there are drives and affects and body comes before mind. Some among us, potential artists, are moved by the imperative need to create in order to bring forth a presence, which, while imaginary and virtual, will nevertheless counteract the pain of absence. This model is evidently valuable and useful for clinical practice.

Keywords affect; creation; applied psychoanalysis; drive.

Recebido em: novembro/2012.

Aprovado em: fevereiro/2013.

O incriável e o criável

considerações sobre a sublimação
e a experiência estética a partir
de André Green

Adriana Barbosa Pereira

Resumo As noções de desligamento e de trabalho do negativo, marcas fundamentais do pensamento de André Green, estão presentes no modo como o psicanalista descreve a sublimação e a experiência estética. A constituição desses processos na subjetivação, os limites do criável e as forças da pulsão de morte na sublimação são trabalhados neste artigo a partir das contribuições do psicanalista.

Palavras-chave sublimação; desligamento pulsional; criatividade; experiência estética; psicanálise e arte.

Adriana Barbosa Pereira é psicóloga, psicanalista, graduada pela Universidade Federal de Minas Gerais, especialista, mestre e doutoranda pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

O duplo sentido:
entre arte e psicanálise

O presente texto pretende discutir a forma como André Green trabalha com a noção de sublimação, criatividade e experiência estética. O psicanalista segue métodos próprios e ultrapassa os limites de sua disciplina, dedicando-se a legitimar o que se concebe como crítica psicanalítica da obra, entre vários outros empreendimentos teóricos. Green analisa especialmente obras de literatura (Proust, Sartre e Shakespeare, entre outros) ao interpretar personagens e tramas do enredo, a partir do referencial psicanalítico. Apesar de fazer uso dos dados biográficos dos autores, Green não abusa dos riscos psicopatologizantes da psicanálise aplicada. O destaque está na inexorável relação entre obra e vida, e na universalização de processos e conflitos psíquicos, transformados pela obra, e menos em uma pretensão diagnóstica de seus autores. A relação que constrói entre a psicanálise e a arte está no sentido inverso de uma psicanálise aplicada simplista. Este sentido, ou seja, da arte para a psicanálise e não exclusivamente da psicanálise para a arte, se mostra nas marcas que a obra de arte faz em seu pensamento, de tal modo que os processos criativos e a experiência estética fazem trabalhar os conceitos psicanalíticos. Para sermos mais precisos e fiéis aos termos de Green, devemos dizer do *efeito de duplo sentido* entre arte e psicanálise. “De fato, seria bom refletir quanto ao efeito de duplo sentido da relação entre literatura e

89

PERCURSO 49/50 : p. 89-100 : junho de 2013



“a obra deixa, vez por outra,
vestígios dos processos primários
sobre os quais ele se fundamenta,
pelo próprio fato de ser uma forma
de ficção governada pelo desejo”

[A. Green]

psicanálise: efeito da psicanálise sobre a literatura e efeito da literatura sobre a psicanálise”¹.

Algumas formulações de Green sobre a literatura podem ser transpostas para a arte em geral, destacando que a prática de leitura da obra compreendida pelo “crítico psicanalista tem como objetivo o estudo e a interpretação entre o texto literário (obra) e o inconsciente (no sentido que a teoria psicanalítica concede a esse termo), quer se trate da organização do inconsciente do texto, do papel do inconsciente na produção (e no consumo) dos textos, etc.”². Figueiredo³, apesar de apontar certos limites do pensamento de Green em relação à sua aproximação com a arte, diz que na análise empreendida pelo analista não se trataria de revelar a obra mas de, através de sua análise, revelar *estruturas subjacentes*. Nesse sentido, a crítica psicanalítica da obra de arte, como aponta Green, deve ser pensada como uma entre tantas outras.

Por outro lado, Figueiredo afirma, na esteira de Derrida, que tanto Freud quanto Lacan tomaram a literatura e a obra de arte como exemplos para a psicanálise, e Green pode ser colocado nessa série. Nesse ponto, ainda que o prolongamento da discussão tenha que ficar para outro momento, sugerimos que o exercício que Green faz diante da obra de arte ultrapassa os limites da exemplificação e amplia a teorização psicanalítica. Pois é a forma estética da obra, ainda que seus enigmas não possam ser plenamente descobertos, que faz trabalhar o psicanalista. Considerações sobre os impactos da matéria,

na passagem de um processo criativo em processo especificamente artístico, também indicam a preocupação de Green com a forma da obra, com os mecanismos de transformação das motivações psíquicas originais do artista e aquilo que este produz.

As noções de *desligamento* e de *trabalho do negativo* marcam a obra de Green, e não poderiam deixar de estar presentes em suas formulações sobre a experiência estética e a sublimação. De um lado, a obra é resultado da elaboração secundária e está marcada pelas forças de ligação em uma mescla entre processos primários e secundários, o que permite formular sua semelhança com o texto do sonho e com a fantasia. Visto desse modo, o trabalho de transformação na obra pode ser aproximado do trabalho de transformação psíquica que se dá através dos processos de deslocamento e condensação e que torna possível, na lógica inconsciente, tanto a coexistência de contrários como a atemporalidade do inconsciente. Por outro lado, a obra, assim como a fantasia e o sonho, apesar de marcada pelos processos secundários, “deixa, vez por outra, vestígios dos processos primários sobre os quais ele se fundamenta, pelo próprio fato de ser uma forma de ficção governada pelo desejo. [...] (na obra) existe a aparição de uma ideia e de um afeto”⁴. O que Green persegue em sua crítica psicanalítica da obra é o modo como “o analista reage ao texto (obra) como uma produção do inconsciente. *O analista transforma-se então no analisado do texto [...]*, trata-se da sua própria interpretação quanto aos efeitos do texto sobre seu inconsciente.” (parêntesis meu, destaque em itálico do autor). Nessa análise, o que o analista faz é *desligar* o texto, quebrando sua

1 A. Green, “O desligamento”, in *O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura*, p. 11-35.

2 A. Green, *op. cit.*, p. 14.

3 No texto “A interpretação psicanalítica: clínica e formações da cultura” (ainda não publicado), L. C. Figueiredo faz um mapeamento das formas em que a psicanálise historicamente se aproximou da arte, apontando seus impasses, a fim de problematizar as diversas formas de interpretação em psicanálise.

4 A. Green, *op. cit.*, p. 17.

secundariedade para encontrar o desligamento, nos termos de Green, encoberto pela ligação. “A interpretação psicanalítica tira o texto (obra) de sua trilha (delirar = colocar fora da trilha). O analista desliga o texto e o ‘delira’”⁵.

Essa posição de Green está no limite de um risco que correm as psicanálises aplicadas, tal como enfatiza Figueiredo. O risco está em tomar a elaboração secundária sempre como um disfarce dos verdadeiros conteúdos, os primários, que precisam ser desvendados, método esse que precisa ser ultrapassado pela psicanálise. No entanto, em nosso entender, a função dos processos psíquicos de desligamento na leitura da obra, sugerida por Green, parece ser menos a de encontrar o que já estava lá, como um conteúdo fixo e recalcado, do que uma condição necessária para que se construa uma nova ligação marcada pela subjetividade de quem aprecia a obra. Há, porém, e Green o reconhece, o perigo de que a interpretação psicanalítica revele as riquezas ocultas do texto quebrando o encanto e criando uma experiência de desilusão, tão criticada pelos artistas. Tirar o véu da ilusão artística seria uma posição muito pouco apreciável se essa ação não reconhecesse, simultaneamente, de um lado, as estruturas universais presentes na obra e, de outro, os efeitos singulares provocados pela formatividade da obra e pela experiência ilusória que ela é capaz de criar, tocando as motivações inconscientes, na fruição.

Cabe destacar que o jogo de desvelamento-velamento que é a obra, tanto em sua construção quanto na experiência que ela potencialmente é capaz de provocar, deixa como enigma os motivos de sua eficácia como experiência estética. Ou seja, nem tudo se explica sobre os processos criativos e sobre a fruição com a obra. Há uma dimensão desconhecida naquilo que a obra constrói e esse mesmo enigma, que aparece na forma estética da obra, esconde suas origens, captura e faz trabalhar o psicanalista.

5 A. Green, *op. cit.*, p. 18.

»
*sua análise do processo sublimatório
se situa nos tempos de constituição
subjetiva, em suas formas pré-edípicas,
o que não é trabalhado em muitas
teorizações sobre o tema*

Sublimação: ligação e desligamento pulsional

No texto “A sublimação: do destino da pulsão sexual ao serviço da pulsão de morte”, de 1993, Green pensa o processo sublimatório a partir da coexistência das forças de ligação e desligamento. Do lado das forças de ligação, o autor indica a proximidade entre a sublimação, as formações do eu e a idealização. Sua análise do processo sublimatório se situa nos tempos de constituição subjetiva, em suas formas pré-edípicas, o que não é trabalhado em muitas teorizações sobre o tema, as quais seguem a formulação freudiana clássica, que concebe a sublimação como saída pulsional derivada do complexo de Édipo e da instalação dos processos superegoicos. Se não há dúvida de que estes também estão em jogo na sublimação, é também verdade que as formas primitivas ou constitutivas nem sempre são destacadas, mesmo tendo Freud nos dado pistas para isso.

A metapsicologia freudiana é reinterpretada por Green, a partir da segunda teoria das pulsões e do reconhecimento do trabalho da pulsão de morte. O desligamento pulsional é elaborado pela noção de trabalho do negativo e mostra não apenas sua dimensão psicopatológica ou mortífera, mas também sua dimensão constituinte. Essa ênfase do autor permite uma releitura da noção de sublimação como processo que, como muitos outros, não escapa das forças de desligamento, o que também não é um tema de atenção para muitos outros que escreveram sobre a sublimação, apesar de ter sido descrita por Freud, como veremos a seguir.



apesar dos efeitos de transformação psíquica produzidos pela sublimação, a dessexualização em jogo nesse processo tem efeitos nocivos consideráveis

A relação que Green estabelece entre o desligamento pulsional e a sublimação tem influência, mesmo que não explicitada, das formulações do texto de Freud de 1923, “O Ego e o Id”. Neste, Freud afirma que a sublimação é responsável pela des fusão pulsional através da transformação da libido em uma energia neutra que o ego armazena. Segundo Freud, esse processo se dá como narcisismo secundário através das identificações. A mediação do ego transforma a libido sexual em narcísica, oferecendo a essa força outros objetivos. Essa formulação é acompanhada, porém, de uma advertência freudiana:

Posteriormente teremos de considerar se outras vicissitudes instintuais não podem resultar também dessa transformação; se, por exemplo, ela não pode ocasionar uma des fusão dos diversos instintos que se acham fundidos⁶.

A advertência sobre os riscos da dessexualização prossegue adiante do mesmo texto, sob outros termos:

Apoderando-se assim da libido das catexias do objeto, erigindo-se em objeto amoroso único, e dessexualizando ou sublimando a libido do id, o ego está trabalhando em oposição aos objetivos de Eros e colocando-se a serviço de impulsos instintuais opostos⁷.

A dessexualização das pulsões na sublimação merece ampla discussão. O deslocamento pulsional e a sexualização de atividades, órgãos e partes do corpo não diretamente sexuais são ideias primordiais da psicanálise, presentes nos

sintomas histéricos, na sexualização do pensamento obsessivo, no autoerotismo e também no narcisismo. Na sublimação, a transformação da meta e do objeto da pulsão pelo investimento libidinal de outros objetos e práticas, que não são diretamente sexuais, promove, ainda assim, uma satisfação que tem semelhança psíquica com a satisfação sexual.

O grande interesse teórico e clínico desse processo está no fato de a sublimação poder ser uma operação que se diferencia das saídas sintomáticas por sua condição de transformação dos processos intrapsíquicos, de transformação no mundo e também por sua condição de produzir efeitos intersubjetivos e estéticos. Veremos, no entanto, que a diferenciação entre sublimação e sintoma não é tão simples. Assim pensando, a ênfase estaria menos na dessexualização da sublimação e mais no reconhecimento desse processo como uma saída de ampliação da sexualidade. No entanto, o que o texto de 1923 vem apontar é que, apesar dos efeitos de transformação psíquica produzidos pela sublimação, a dessexualização em jogo nesse processo tem efeitos nocivos consideráveis. Isso mostra a complexidade e procura garantir que as transformações psíquicas não sejam simplificadas equivocadamente ao serem pensadas como operações totalizantes e sem resto, por mais bem-sucedidas que elas possam ser. O texto de 1923, de Freud, destaca a importância psíquica de um interjogo entre os processos de transformação da pulsão e as experiências mais diretamente sexuais.

O que se coloca sob outro prisma, a partir da segunda dualidade pulsional, é a des fusão pulsional promovida pela sublimação na retirada por parte do ego dos investimentos objetais diretamente sexualizados. Essa exigência se dá por um desligamento pulsional que implica riscos para o psiquismo. A dificuldade de apreensão do tema se complexifica com a inclusão das forças de desligamento pulsional, mas é inevitável

6 S. Freud, “O ego e o id”, p. 44-45.

7 S. Freud, *op. cit.*, p. 61.

na medida em que não ignoramos os traços compulsivos, conflitivos e desligamento pulsional, tal como Freud nos adverte no texto de 1923, que o processo sublimatório também apresenta. O foco na dimensão econômica da sublimação e a inclusão do trabalho do negativo nesse processo retiraram a sublimação de uma zona de conforto em que se instalava distante da duplicidade e conflitiva psíquica, tão estrutural da metapsicologia freudiana. Trata-se de reconhecer, naquilo que parecia uma saída pulsional subjetivante, compartilhável socialmente, civilizada, com menos sofrimento psíquico e mais prazer, as forças de desligamento da pulsão como limite de realização autoengendradas pelo próprio processo sublimatório. Essa constatação é evidente em casos nos quais, movidos também por seus processos criativos, pessoas interrompem suas vidas, tal como a tese de Carvalho *Escrita com fim, escrita sem fim: a poética do suicídio em Sylvia Plath* e meu próprio texto “Um estudo de apreciação estética: aproximações entre obras de Pedro Moraleida e a poética surrealista” desenvolvem. Conforme sugere Green, há situações em que certos criadores ultrapassam o interdito do conhecimento inconsciente e “pagam com a própria vida esse saque dos sepulcros do inconsciente para alimentar a criação. Foi com certeza o caso de Proust. Morreu de asma ou de Busca?”⁸

Experiências estéticas que provocam mal-estar, horror, nojo, sofrimento e que lidam com a sexualidade em formas menos transformadas ou trabalham em torno do tema da morte, a arte abjeta, também apontam para a necessidade de ampliar a discussão sobre a sublimação e sobre a experiência estética⁹.

A passagem da satisfação sexual direta para satisfações libidinais que atendam aos ideais

8 A. Green, *O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura*, p. 254.

9 Sobre esse tema remeto os leitores ao livro *Arte, dor: inquietações entre Estética e Psicanálise*, de João A. Frayze Pereira, e ao texto “Abjeções, poética do estranhamento”, in *Pede-se abrir os olhos: psicanálise e reflexão estética hoje*, de Gustavo Henrique Dionísio.

10 A. C. Carvalho, “Limites da sublimação na escrita literária”, *Estudos de Psicanálise*, p. 17.

»
*a arte abjeta, também aponta
para a necessidade de ampliar
a discussão sobre a sublimação
e sobre a experiência estética*

narcísicos do eu situa, então, a sublimação não como um destino livre de conflitos psíquicos, tal com uma diferenciação apressada entre sublimação e sintoma propõe. Carvalho inclui em sua análise da obra da escritora suicida Sylvia Plath a noção de pulsão de morte e de dessexualização presente nos processos sublimatórios, a partir do texto de 1923, do seguinte modo:

[...] para uma análise do processo criativo e seus destinos, a sublimação não apenas não pode deixar de se referir à angústia ou à dor psíquica (mesmo se pensarmos na criatividade como um destino “mais nobre”, mais feliz ou menos defensivo para o sofrimento) como também em seu interior a possibilidade – senão o necessário retorno – dos elementos sentidos como perigosos internamente implica um risco que a própria noção de “destino menos defensivo” ressalta ainda mais... Portanto, nós nos vemos aqui obrigados a pensar não só no caráter funcional e prazeroso do processo criativo, mas também nos elementos que circunscrevem os limites da sublimação e indicam a presença de aspectos disfuncionais no interior desse campo¹⁰.

A autora ressalta que o trabalho criativo implica uma ligação do artista com seu campo pulsional, já que é justamente através desse trabalho que o psiquismo tenta controlar a intensidade da pulsão. Essa condição de transformação pela sublimação, no entanto, não garante uma proteção completa dos perigos internos próprios da economia da sublimação e da des fusão pulsional.

A experiência sublimatória, sob essa ótica, pode ser pensada como um movimento psíquico que faz uso tanto das forças de ligação como



o psicanalista defende os limites do criável, sem os quais toda criatividade fica inibida. Supõe-se aí um núcleo criador arraigado nas marcas da relação com o corpo materno

das de desligamento, que produz tanto prazer como sofrimento, capaz de transformação, mas também impulsionado pela compulsão à repetição, no qual estão presentes aspectos funcionais e disfuncionais. Com outros termos, mas sob a mesma lógica, Loureiro¹¹, a partir das sugestões conceituais de Jean Guillaumin, se utiliza das noções de “captura” e “desatamento” para falar de experiência estética. O reconhecimento dessas características dá à sublimação uma dimensão paradoxal e ambivalente cujo efeito está marcado pela experiência estética do *estranhofamiliar*, que merece uma discussão mais aprofundada em outro contexto.

Incriável e criável

No texto “A reserva do incriável”, inserido na coletânea de artigos *O desligamento: psicanálise, antropologia*, Green exercita a psicanálise a partir da obra de Proust, *Em busca do tempo perdido* (1913, 1927). O psicanalista defende os limites do criável, sem os quais toda criatividade fica inibida. Supõe-se aí um núcleo criador arraigado nas marcas da relação com o corpo materno, ligado ao afeto materno e à língua materna, capaz de articular o corpo e o ser. Segundo Green, *la lingua, dom materno* (Lacan) e *being* (Winnicott) são noções alinháveis, apesar de estarem em contextos teóricos distintos. Vale destacar que essa formulação só é possível porque Green, a nosso ver, não sustenta seu pensamento em um equívoco teórico de que há uma divergência total entre as escolas psicanalíticas pós-freudianas, o que

não implica desconhecer suas diferenças, muitas em seus fundamentos. Green ultrapassa as fronteiras das escolas psicanalíticas criando um diálogo entre pensadores tais como Winnicott, Bion e Lacan e entre diferentes obras da tradição psicanalítica, inovando com suas contribuições autorais.

Voltando às considerações sobre o criável, para Green, esse processo se liga ao núcleo marcado pelo afeto decorrente da relação com o corpo da mãe. O criável, porém, também supõe a perda do objeto materno e o luto do objeto perdido, que permite ser possível lembrar na ausência. A criação da distância necessária do núcleo materno, operada pelo corte realizado pela função paterna, não atinge, porém, um núcleo afetivo inabalável, inabordável da relação com o corpo da mãe, que tem, como destino, o recalque primário. Nas palavras de Green:

Quando a criatividade aproxima-se demais desse núcleo, marca dos investimentos afetivos para com o corpo da mãe, esse “centro” torna-se silencioso. Cala-se [...]. Existe a preservação do núcleo materno como fonte de criatividade primária, mas com a condição de proibir o acesso do santuário inviolável¹².

Green trabalha concebendo uma dupla identificação do criador com a obra. Uma delas, a identificação materna, toca o núcleo do afeto materno, deixa-se invadir por ele. A outra, a paterna, permite que o objeto produzido ganhe lugar na arte como trabalho cultural. Quando dizemos tomar seu lugar na arte e na cultura, não significa que os trabalhos que, aparentemente, não tenham pretensão engajada, intencionada e profissional não estejam submetidos à identificação paterna. De formas distintas, a arte *naïf*, o projeto surrealista, o trabalho de pessoas institucionalizadas, o artesanato, esses fazeres que, aparentemente, têm a espontaneidade como elemento de base, não estão isentos da influência

11 I. Loureiro, “Sobre as várias noções de estética em Freud”, *Revista Pulsional*.

12 A. Green, *O desligamento: psicanálise... op. cit.*, p. 252.

dos ideais e das funções superegoicas. Eles também são efeitos do encontro de uma subjetividade com a cultura e estão marcados por essa dupla de forças identificatórias, desde suas formas intrapsíquicas até suas formas intersubjetivas.

Seguindo nessa linha de pensamento, a obra se faz através de tendências de continuidade e de ruptura que perseguem seu criador durante seus processos criativos. Um traço, um conteúdo, uma forma expressiva são abandonados e retomados sob novas formas. Essas transformações na criação subvertem o ideal do criador de finalizá-la, de realizá-la de forma definitiva. Desse modo, “A obra é o resultado de uma transferência de existência [...] Há uma transferência do narcisismo do criador para um objeto transnarcísico”¹³.

A implicação narcísica nos processos criativos coloca em jogo a existência da obra como uma necessidade psíquica transferida pelo narcisismo. Vemos, porém, na intervenção da função paterna, uma organização triádica. Consequentemente aparecem os efeitos superegoicos na produção criativa, na medida em que há a implicação de uma terceira pessoa, o apreciador, mesmo que em sua ausência concreta. Na maior parte das vezes, o destinatário de um trabalho é, segundo Green, o pai da obra, configurado sob formas muito diversas, institucionalizadas ou não, através de filiações implícitas ou explícitas, místicas ou realistas, predominantemente intrapsíquicas ou culturais, e faz com que “o olhar sobre a obra seja seu verdadeiro pai”¹⁴.

A questão é que, segundo essa perspectiva, os processos criativos implicam tal risco que a existência da obra pode vir a ser maior que a existência do ser. Vemos assim o paradoxo em que a criatividade pode colocar alguém, como descreve Carvalho sobre a toxidez do processo sublimatório na análise da poesia de Sylvia Plath. Apesar de serem inegáveis os efeitos de objetualização através da ligação da pulsão ao objeto, na sublimação, nem sempre esse é o resultado final da operação. O processo criativo, assim como

»
*a noção de criatividade talvez
aponte para a experiência ilusória
constitutiva do eu e dos objetos, que
também é fundamental na arte*

o estado amoroso, não só investe no objeto de amor, como infla o sujeito apaixonado em seu narcisismo, submetendo-o aos riscos dessas investidas libidinais maciças e de difícil manobra.

Percebemos clinicamente a semelhança entre o estado eufórico que por vezes acompanha atividades criativas, não exclusivas aos trabalhos com arte, e uma das faces do estado de apaixonamento. É comum percebermos uma excitação sensualizada com os objetos, o que não permite que a máxima sobre a dessexualização na sublimação possa, em hipótese alguma, ser vista de maneira simplista. A dessexualização se refere à inibição da satisfação sexual direta e à ampliação das metas e dos objetos da satisfação, que sexualiza, em sentido ampliado, objetos e pensamentos e especialmente o próprio processo de transformação psíquica. No entanto, os riscos na sublimação são maiores, como sugere Green, ao envolver o sujeito em uma paixão sem retorno, em uma transferência narcísica excessiva que esvazia o eu. Isso ocorre não por falta de elementos sexuais na sublimação, mas por formas de ligação patológicas com os objetos marcadas pela melancolia.

A noção de criatividade, especialmente tal como foi formulada por Winnicott em *O brincar e a realidade*, talvez aponte para a experiência ilusória constitutiva do eu e dos objetos, que também é fundamental na arte, tal como nos sustenta Suzan Langer em seu livro *Filosofia em nova chave*, na qual o que se descobre paradoxalmente estava e não estava lá antes. Essa formulação é aceitável já que o que estava antes não estava necessariamente sob essa mesma forma.

13 A. Green, *op. cit.*, p. 246.

14 A. Green, *op. cit.*, p. 246.



*os processos criativos são
compostos de movimentos
contraditórios, cujo paradoxo é preciso
suportar e cujos extremos implicam
riscos excessivos de ligação
ou separação*

Comparece nessa zona paradoxal da experiência ilusória a experiência estética do estranho familiar.

Em arte, por exemplo, mesmo quando os processos em jogo não têm explicitamente a intenção de romper uma tradição ou filiação, parece ser inerente a essas atividades a aparição de um elemento novo. Essa novidade muitas vezes surge pelo próprio exercício de uma prática na qual o que se tenta agarrar é justamente aquilo que produz, ora um encontro entre percepção e significação, ora um desencontro entre eles. Esse desencontro é tão fundamental para a experiência estética quanto o encontro, já que sem a ruptura nada se altera.

As transformações ocorrem através de uma metábola¹⁵ realizada pelo psiquismo que mistura e transforma elementos e influências dados previamente em elementos novos e processos originais, mesmo quando se opõem ou descontrolam essas influências. Mostra-se aí o aspecto potencialmente transformador da repetição e a participação dos elementos destrutivos na criatividade. As experiências de transformação supõem também um desvio e uma solidão, mesmo que temporárias. Os processos criativos são compostos de movimentos contraditórios, cujo paradoxo é preciso suportar e cujos extremos implicam riscos excessivos de ligação ou separação.

Isso talvez explique a resistência de alguns artistas em suas análises quando chegam a procurá-las. É comum a crença de que o processo analítico possa vir a curar a solidão, a dor, o mal-estar e a minimizar as forças de desligamento que lhe impulsionam para um desvio necessário

para criar a obra. Equivocam-se na hipótese de que uma análise se comprometa com o controle de si e com a educação das pulsões.

De outro modo, alguns assemelham seus processos criativos às análises, supondo que seus trabalhos “dão tratamento” às suas experiências subjetivas. Carlos Drummond de Andrade, em 1984¹⁶, diz:

[...] a poesia exerceu sobre mim um papel bastante salubre ou tonificante, procurando, sem que eu percebesse, clarear os aspectos sombrios da minha mente. [...] Sentia necessidade de expandir-me sem que eu soubesse como. [...] Então comecei a fazer versos sem saber fazê-los, por um movimento automático. Foi uma tendência natural do espírito e senti que, pouco a pouco, ia aliviando a carga de problemas que eu tinha. Como se vomitasse. Nesse sentido a poesia foi, para mim, um divã.

Mesmo porque, se sentisse necessidade do divã, isso seria impossível, “porque não havia o divã no Brasil”, completa o poeta.

Nessa mesma linha de pensamento estão as abordagens de Heimann no texto “A contribution to the problem of sublimation and its relation to processes of internalization”¹⁷ e Milner no livro *A loucura suprimida do homem são*. As autoras sustentam que o processo analítico pode contribuir para a ampliação de experiências criativas e estéticas. Heimann argumenta dizendo que a diminuição dos processos de repetição e de ligação com os objetos originários é fundamental para dar lugar aos processos de criação. É essencial se desligar do passado como uma fixação, transformando a melancolia estática da fotografia, para trazer uma imagem de Roland Barthes em *Câmara Clara*. A metáfora que Heimann constrói é a de um filme, no qual a memória está

15 Esse termo é utilizado originariamente por Laplanche, e também por Silvia Bleichmar, para descrever o funcionamento psíquico como o resultado de um metabolismo que implica decomposição, recomposição e incorporação.

16 Carlos Drummond de Andrade em entrevista concedida a Maria Lucia do Pazo para compor sua tese de doutoramento em Comunicação na UFRJ. *Ilustríssima, Folha de S. Paulo*, 8 jul. 2012.

17 *International Journal of Psychoanalysis* (1942), n. 23, p. 8-17.

em movimento. Vale lembrar, no entanto, como descreve Green e, em sua esteira, Carvalho, que algum contato com os objetos originários é condição para a criação, ainda que um movimento de distanciamento seja provocado pelos processos de criação.

Segundo Green, o criador e o histérico não se entregam facilmente, nunca desistem do objeto. Estão arraigados ao objeto incestuoso. A diferença é que o histérico está amarrado ao seu passado como prisioneiro, ao passo que o criador faz dessa amarração um fio de ligação que permite transfigurar a experiência e o passado ao ponto de criar dela uma metáfora, mais do que um reencontro de vidas passadas. O histérico sonha reencontrar o amor perdido; o criador já perdeu parcialmente seu objeto e encontrou na obra e no fazer formas substitutivas de experiência com o objeto. Devemos, porém, apontar que essa distinção metapsicológica elucidativa feita por Green entre o histérico e o criador não deve ser compreendida como uma solução “infeliz” do lado do histérico e uma totalmente bem-sucedida e “feliz” do lado do artista. São inúmeros os depoimentos de artistas que apontam para a presença de processos compulsivos, disruptivos e angustiantes não só presentes, mas também fundantes dos processos criativos, ainda que o tratamento dessa perda seja diferenciado pelas condições de transformação, materializáveis no caso dos artistas.

No bojo dessa discussão vale um breve desvio, para pensarmos na diferença entre um trabalho criativo confessional de aspecto restrito e individual e aquela obra que toma a experiência individual de forma metafórica e transfigurativa, transformando potencialmente a experiência singular em experiência cultural. Duas das obras analisadas por Green em *O desligamento*, *Em busca do tempo perdido*, de Proust, publicado em 1927, e *Das moscas às palavras*, de Sartre, publicado em 1964, têm como referência elementos biográficos de seus autores, e Green está especialmente interessado e seduzido por eles. No entanto, os dois escritores são tão bem-sucedidos

»
*o histérico sonha reencontrar
o amor perdido; o criador já
perdeu parcialmente seu objeto e
encontrou na obra e no fazer
formas substitutivas de
experiência com o objeto*

nonível formal que transformam significativamente suas memórias pessoais, criando a partir delas uma experiência estética literária de amplo interesse cultural. Sabemos, porém, que essa relação entre vida e obra é tão atraente quando repulsiva para quem cria ou transforma. É comum ouvirmos dentro e fora da clínica psicanalítica depoimentos nos quais os processos criativos, ou transformativos, para sermos mais precisos, levam às experiências de transgressão de limites e de invasão de espaços, colocando os sujeitos diante de uma dificuldade de encontrar quem são os destinatários de seu trabalho, o que e quem representa seus ideais e, ainda, quais são os efeitos desse fazer sobre si mesmo. Como se o conflito narcísico-superegoico se desse num trânsito des-governado e angustiante entre o eu ideal e o ideal de eu, podendo vir a inibir esse tipo de fazer.

Lembro-me de uma paciente que havia interrompido seu trabalho artístico autoral na juventude. Apesar de ter trabalhado longamente com arte, não o fazia como artista. Muitos anos depois, muito próxima de uma experiência de luto, a morte de um jovem, amigo da família, ela decide que o desejo de um trabalho autônomo e criativo não pode ser mais adiado. Livre, pelo menos por hora, de uma angústia que lhe inibia o corpo, o que a trouxe para análise, suas associações criativas levam-lhe agora às suas origens geográficas, históricas e afetivas em trabalhos artísticos concretos. Aquela experiência com a morte com seus efeitos paradoxais permitiu que o que lhe era mais caro, ainda que arriscado, não fosse mais adiado. Sem paralisia ou melancolia, o retorno no tempo se condensava em uma formulação paradoxal tipo



*a criação não
necessariamente é artística,
no sentido do que
é considerado culturalmente
como Arte.*

“de volta para o futuro”. Diante do risco mais definitivo da morte, desencadeado entre outras coisas pelo luto do jovem amigo, dirige-se para a produção do que lhe dá mais prazer, ainda que não só, e para aquilo que sobreviva à sua existência. O trabalho transnarcísico com a obra não inibe, mas dá tratamento aos efeitos, de outro modo mortíferos, da finitude.

É importante ressaltar que toda essa discussão é sustentada por uma premissa de base de que a criação não necessariamente é artística, no sentido do que é considerado culturalmente como Arte. Green, tal como o filósofo americano Dewey¹⁸, concebe a experiência estética como experiência comum à humanidade ainda que refinada nas artes. O psicanalista, como muitos outros, sustenta e justifica teoricamente sua hipótese sobre a generalização, sob certas condições, da criatividade. Segundo o psicanalista francês:

A criação começa no momento em que, depois de conseguir pôr o Ego em contato com o núcleo materno, o sujeito vai entregar-se a uma transação ao mesmo tempo violenta e sutil, por intermédio de um jogo de idas e voltas, reconhecimentos e desafios, afirmações e negações, perseguições e idealizações, por esse núcleo e dele também. Tais relações provocam a formulação de um simulacro que vai passar por verdadeiro o que será o ponto de partida da realidade artística. Trata-se apenas de uma forma. Uma criação desse tipo só existe materializada [...] ¹⁹.

Esse ponto merece uma discussão mais aprofundada. Soa curiosa a ideia de “pôr o ego em contato com o núcleo materno”. Estamos aqui desejando refinar algumas hipóteses presentes no

trecho acima citado: a de que o núcleo materno co-constitui o ego, a de que o que se descreve como o embaraço do processo criativo é análogo e articulado com o embaraço da constituição do ego e de suas funções, que tem como resultado a constituição de um simulacro, no sentido não pejorativo do termo, mas como uma ficção verdadeira, o que também é uma característica do ego.

Não abriremos aqui a longa e complexa discussão do termo simulacro com bases na filosofia de Platão e as grandes repercussões no pensamento filosófico e estético, inclusive no contemporâneo. Tampouco entraremos nas concepções específicas que discutem a constituição do eu como imagem. O que nos interessa destacar é a aceção do termo que acentua a força da ficção como uma verdade da estética e que desfaz a importância do referente como essência mais verdadeira da realidade. Vale também a observação bem mais coloquial da fala entre crianças quando estão brincando de faz de conta: “Mente que eu sou a mãe...” “Finge que você é um gatinho...” para mostrar que o que “mente” e “finge”, na aceção não moral que esses termos têm nesse contexto, são condição para a fantasia e para imaginação, realidades nem por isso menos verdadeiras. Isso nos remete ao problema da ilusão tanto da arte quanto da constituição do eu. O último ponto que desejamos destacar é a importância da relação entre o eu e as formas materializáveis de fazer e de criar, sem as quais todo o afeto é uma presa disforme na angústia.

Para Green, a sensibilidade que experimenta o criador é também uma sensualidade de início flexível, como na arte espontânea das crianças, e que pouco a pouco vai elegendo seus materiais e formas privilegiados: “no percurso da educação dos sentidos dos adultos indo ao encontro desse núcleo materno ou deixando-se dominar por seu lado nativo, [tal sensualidade] dará a luz uma matéria que necessita ser esboçada”²⁰.

18 J. Dewey, *A arte como experiência*.

19 A. Green, *O desligamento: psicanálise...op. cit.*, p. 252.

20 A. Green, *op. cit.*, p. 253.

Ele (o trabalho da obra) permanece o mais próximo possível desse núcleo, enquanto fica observando de longe, com olhar benevolente, porém crítico, para censurar, modificar, refazer incansavelmente sua aparência até o momento em que a obra torna-se *representação apresentável... Está formada*²¹.

A arte é essa tentativa desesperada de fazer o sujeito durar, de oferecer às estações futuras o prazer nos concertos das obras – o “almoço na relva” não passa de um quadro. O imperecível da arte supera a inelutável mortalidade dos seres²².

A relação entre o paterno e o materno em Freud e nas bases dos processos criativos é problemática e exige soluções delicadas, que por muitas vezes constroem mesmo o pai da psicanálise. A mutação da proeminência do paterno sobre o materno através da linguagem presente no texto *Moisés e o Monoteísmo* (1939) cria uma separação entre o que é da ordem do sensível e das percepções imediatas, tomadas como primitivas, e coloca as representações, as memórias e os raciocínios como uma função fundamental à humanização. Mas não é sem constrangimento que Freud coloca a mãe do lado do sensível e o pai do lado do intelecto.

Podemos concordar com Freud a partir de outro ponto de vista, talvez mais geral, menos dicotômico e hierarquizado, que diz respeito à relação entre a curiosidade sexual e o interesse intelectual, nos quais estão imbricados o sensível e o intelectivo, sendo a linguagem uma ação que mobiliza e é mobilizada por ambas as dimensões da experiência, se é que estão separadas, para além de nossas necessidades didáticas e argumentativas.

Essas questões se colocam sob outros termos em Winnicott²³, em suas formulações sobre

»
*a relação entre o paterno
e o materno em Freud e nas
bases dos processos criativos
é problemática e exige
soluções delicadas*

a criatividade e suas origens que repensam o feminino. A criatividade é tomada como elemento que permite *ser*, “[...] ou seja, é a mãe que insufla no filho o desejo de viver, por processo análogo àquele que descrevo como transferência de existência na criação artística”²⁴. A oposição entre *ser e ter*, que na psicanálise é retomada pela problemática fálica, ganha outra polaridade articulada aos processos criativos que está entre *ser e fazer*. Para a formulação de Winnicott (1971), “After being – doing and being done to. But first, being”, Green propõe como tradução: “Depois de ser, fazer e ser feito, mas primeiramente ser”²⁵. É necessário um afastamento do objeto perdido e do que se é para dar lugar a um fazer, capaz de transformar o que se é. Esse trabalho se faz através de vários tipos de experiências, entre elas o processo da análise e o processo com a obra.

P. S. A escrita deste texto teve início antes da morte de Green. Revisando-o, pus-me a colocar no passado alguns verbos de suas ações. Depois me dei conta de que apenas alguns verbos deveriam estar no passado e assumir explicitamente sua morte, outros tantos são do presente. Green construiu para a cultura um objeto transnarcísico. Há uma transferência de existência tal como ele mesmo a descreve. A obra de Green “enganou” a morte.

21 A. Green (grifos nossos), *op. cit.*, p. 253.

22 A. Green, *op. cit.*, p. 260.

23 D. Winnicott, *O brincar e a realidade*.

24 A. Green, *op. cit.*, p. 265.

25 A. Green, *op. cit.*, p. 265.

Referências bibliográficas

- Barthes R. (2006). *A câmara clara – La chambre Claire (Note sur La photographie, 1980)*. Trad. Manuela Torres. Edições 70.
- Carvalho A. C. (1998). *Escrita com fim, escrita sem fim: a poética do suicídio em Sylvia Plath*. Tese de doutorado em literatura comparada, FALE – UFMG.
- _____. (2006). Limites da sublimação na escrita literária. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 15-24.
- Dewey J. (1934/2010). *A arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes.
- Dionísio G. H. (2012). *Pede-se abrir os olhos: Psicanálise e reflexão estética hoje*. São Paulo: FAPESP/Annablume.
- Drummond de Andrade C. Ilustríssima. *Folha de S.Paulo*. 8 jul. 2012.
- Figueiredo L. C. (2011). A interpretação psicanalítica: clínica e formações da cultura (não publicado).
- Frayze-Pereira J. (2005). *Arte; dor: inquietudes entre estética e psicanálise*. Cotia, SP: Ateliê.
- Freud S. (1923/1980). O ego e o id. In: *Edição standard das obras completas de Sigmund Freud*. Trad. dir. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud S. (1939/1980). Moisés e o monoteísmo. In: *Edição standard das obras completas de Sigmund Freud*. Trad. dir. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago.
- Green A. (1990). O trabalho do negativo. In: *Conferências Brasileiras de André Green: metapsicologia dos limites*. Introd. trad. Helena Besserman Viana. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1971/1994). O desligamento. In: *O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura*. Rio de Janeiro: Imago. p. 11-35.
- _____. (1994). A reserva do incriável, Das moscas às palavras e O progresso e o esquecimento. In: *O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura*. Rio de Janeiro: Imago. p. 245-291.
- _____. (1993/2010). A sublimação: do destino da pulsão sexual ao serviço da pulsão de morte. In: *O trabalho do negativo*. Porto Alegre: Artmed.
- _____. (1994). Para introduzir o negativo em psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. xxviii, n. 1, 1994.
- Heimann P. (1942). A contribution to the problem of sublimation and its relation to processes of internalization. *International Journal of Psychoanalysis*, n. 23, p. 8-17.
- Langer S. (1941/1971). A transformação simbólica, Formas discursivas e apresentativas, A gênese da importância artística. In *Filosofia em nova chave*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (1953/1980). *Sentimento e forma: uma teoria da arte desenvolvida a partir de Filosofia em Nova Chave*. São Paulo: Perspectiva.
- Loureiro I. (2003). Sobre as várias noções de estética em Freud. *Pulsional – Revista de psicanálise*, ano xvi, n. 175, nov. 2003.
- Milner M. (1975/1987/1991) Uma discussão do estudo “Em busca da experiência onírica” de Masud Khan. In: *A loucura suprimida do homem são: quarenta e quatro anos explorando a psicanálise*. Trad. Paulo César Sandler. Rio de Janeiro: Imago.
- Pereira A. B. (2008). Um estudo de apreciação estética: aproximações entre obras de Pedro Moraleida e a poética surrealista. Disponível em <www.abralic.org.br/anais/cong2008/.../ADRIANA_PEREIRA.pdf >.
- Winnicott D. (1971/1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. p. 59-93.

The uncreable and the creable: considerations on the sublimation and aesthetic experience based on André Green's concepts

Abstract The concepts of unlinking and work of negative, central to Green's thought, guide his description of sublimation and of aesthetic experience. This paper focuses on the ways through which both take form in one's subectivity. It also dwells on Green's ideas about "the limits of what is creable", and on the part of sublimation fueled the death instinct.

Keywords sublimation; instinctualunlinking, creativity, aesthetic experience, Psychoanalysis and art.

Recebido em: outubro/2012.

Aprovado em: janeiro/2013.

Entre a mãe morta e o assassinato da mãe, um percurso

Luiz Eduardo Prado de Oliveira

Resumo Tendo começado com o ensino da teoria de Jacques Lacan aos analistas em formação da Sociedade Psicanalítica de Paris, Green veio a divergir dele, opor-se a ele e, finalmente, aceitar elementos de suas teses e inovar, criando seu próprio pensamento. Neste percurso, Green parte da alucinação negativa da mãe e formula o fantasma da mãe morta, frequentemente ligado a uma morte real na família.

Palavras-chave alucinação negativa; forclusão; assassinato da mãe; mãe morta.

Luiz Eduardo Prado de Oliveira nasceu no Rio de Janeiro e vive em Paris desde os anos 1970. É psicanalista, formado pela Association Psychanalytique de France, membro de Espace Analytique, professor na Universidade Paris VII Diderot e na Universidade Europeia da Bretagne (Brest). Tradutor para o francês das famosas *Controverses Anna Freud-Melanie Klein* (PUF, 1996), é também autor de numerosas obras, notadamente de *Le cas Schreber: Contributions psychanalytiques de langue anglaise* (PUF, 1979); *Freud et Schreber: Les sources écrites du délire, entre psychose et culture* (Erès, 1997). Seu último livro publicado é *Ferenczi, la psychanalyse autrement* (Armand Colin, 2011).

Tradução Luciano Loprete

Green e seu início

Freud termina seu percurso com dois textos clínicos que tratam das psicoses e das perversões, notadamente do fetichismo: “Constructions dans l’analyse” (“Construções em análise”) e “Clivage du moi dans le processus de défense” (“A cisão do Eu nos processos de defesa”), o primeiro de 1937 e o segundo, do ano seguinte. Encerra assim um trabalho iniciado em 1895 na área da psicopatologia. Isso não significa que ele exauriu tais temas, pois, de fato, muitos aspectos das psicoses e das perversões ainda restavam a explorar. No ponto em que Freud parou, começariam as expedições teóricas importantes através dos territórios estranhos do funcionamento mental, aqueles em que dominam os processos primários e onde se forma a loucura: Melanie Klein, certamente, mas também Bion, Lacan e, finalmente, André Green os percorreram. Há outros nomes que participam dessas aventuras teóricas, como Winnicott ou Searles. Menciono os três primeiros, pois me parecem bem presentes no pensamento de Green, de maneira diferente de Winnicott.

Neste artigo pretendo estudar o aparecimento e os desafios dos conceitos mais produtivos de Green, o da alucinação negativa, em sua relação com a questão das psicoses, e de uma de suas contribuições mais extraordinárias: a que trata da fantasia da mãe morta.

Os primeiros escritos de Green são assinados em conjunto com grandes nomes da psiquiatria francesa: Deniker,



de fato, existe uma grande proximidade entre o conceito de alucinação negativa, de Green, e o de forclusão, apresentado por Lacan alguns anos antes.

Delay ou Pierre Male. São “La pré-schizophrénie de l’adolescence”, de 1958, “Le milieu familial des schizophrènes”, de 1962¹. Um jovem psiquiatra afirma uma posição original. Green tinha 31 anos. Quatro anos mais tarde, debate-se com as teses familialistas sobre a origem das psicoses, indicando os problemas metodológicos de sua abordagem.

Depois de ter ensinado a teoria de Lacan no início dos anos 1960, Green deu seus primeiros passos profissionais para a elaboração da teoria psicanalítica, em 1966, com seu artigo “Les fondements différenciateurs des images parentales: l’hallucination négative de la mère et l’identification primaire au père”². Vemos assim que a alucinação negativa se situa logo no início de seu percurso teórico. Ele acabava de ser eleito membro titular da Sociedade Psicanalítica de Paris e, de entrada, já traz um dos conceitos maiores de sua obra. Paralelamente, foi nos rastros de seu ensinamento de Lacan que propôs esse conceito de alucinação negativa. De fato, existe uma grande proximidade entre o conceito proposto por Green e o conceito de forclusão, apresentado por Lacan alguns anos antes. Mas os percursos teóricos de Green e de Lacan são radicalmente diferentes. Este último parte de uma crítica da tradução francesa da noção freudiana de *Verwefung* e das confusões que essa tradução não deixou de provocar; Green, por sua vez, apoia-se em algumas indicações isoladas e esparsas de Freud, e se afasta de Lacan. Para compreender melhor seu procedimento, é importante conhecer aquele do tempo em que ele ensinava.

A forclusão

Estudei longa e detalhadamente o percurso de Lacan para a proposição do conceito de forclusão como tradução do *Verwefung* freudiano³. Contrariamente ao que o leitor apressado poderia pensar, não são apenas questões de tradução ou meandros de discussões bizantinas. Quem trabalha com pacientes psicóticos, limites ou que sofram de neuroses graves sabe muito bem que existem fenômenos de difícil compreensão caso não utilizemos os conceitos de identificação projetiva, de forclusão ou de alucinação negativa.

Eis um breve resumo do problema com o qual se defronta Lacan quando de sua proposição do conceito de forclusão, problema exclusivo da psicanálise em língua francesa. A tradução francesa canônica do estudo de Freud dedicado ao Presidente Schreber, em sua parte referente à explicação do delírio de ciúme, afirma: “A deformação por projeção não desempenha papel algum aqui, já que a mudança da qualidade da pessoa que ama basta para projetar o processo inteiro para fora do ego”⁴.

Essa tradução provoca confusões. Se a “deformação por projeção não tem desempenho aqui”, como é possível que a mudança de pessoa possa bastar “para projetar o processo inteiro para fora do ego”? A explicação pelo mecanismo de projeção, que acaba de ser excluído, é reintroduzida imediatamente. Mas não é isso que Freud escreve

1 Apresentado no Colóquio de Bonneval de 1957, o primeiro desses artigos foi publicado em 1958, em *L’Évolution Psychiatrique*, n. 2. O segundo, no n. de 1962 de *l’Encéphale*, p. 5-73.

2 Intervenção sobre o relatório de C. Luquet-Parat, “L’organisation œdipienne du stade genital” no 27º Congrès des Psychanalystes de Langues Romanes, 1966. Publicado na *Revue Française de Psychanalyse*, 1967, 31, p. 896-906. Observamos que a referência à alucinação negativa é própria ao artigo publicado logo depois de um texto capital para a compreensão dos problemas colocados pelo pensamento de Green, “Le narcissisme primaire: structure ou état”, publicado em *L’Inconscient*, 1967, n. 1-2, p. 80-132.

3 L. E. Prado de Oliveira, “Forclusion. Thèses, histoires, cliniques”, *Cahiers de Psychologie Clinique*, Bruxelles, De Boeck, 35, 2011, p. 77-94.

4 S. Freud (1911), “Remarques psychanalytiques sur l’autobiographie d’un cas de paranoïa (*Dementia paranoïdes*) (Le Président Schreber)”, p. 309.

em seu estudo sobre Schreber. Em francês, uma tradução melhor seria outra: “A deformação por projeção só pode aqui desaparecer, já que, com a mudança do sujeito que ama, o processo, de qualquer forma, é lançado para fora do ego”⁵.

Para ser mais exato, teria sido melhor traduzir *Verwerfung* por *rejeição*. Foi aproveitando essa brecha, entre projeção e rejeição, que Lacan propôs a *foraclusão*, que é uma tradução muito ruim. Entretanto, não é a primeira vez que uma má tradução muda o destino das línguas e da elaboração teórica, adquirindo o estatuto de conceito, com uma dimensão autônoma e desembaraçada de suas raízes. Caso Freud tivesse desejado designar um processo mesmo longinquamente relacionado com o campo semântico coberto pelo conceito que Lacan utiliza, teria usado *Anspruchsverjähmung* ou mesmo, mais próximo, *Präklusion*.

Tentativas de solução

Houve uma primeira tentativa de resolução do problema teórico da abordagem das psicoses, com um conceito precursor do de *foraclusão*, do qual este último ainda é muito próximo. Trata-se da noção de anulação “Eu descrevi o fenômeno da ‘anulação’: Não é o mesmo que recalque. [...] Na anulação, há uma cegueira consciente”⁶.

Uma segunda tentativa de resolução da dificuldade foi a introdução do termo “*escotomização*”. Laforgue escreve a Freud em 18 de fevereiro de 1926 para lhe comunicar sua contribuição: a introdução no campo teórico freudiano da “*escotomização*”, aquilo que não se quer ou não se pode ver, um ponto cego. Esse termo

»
teria sido melhor traduzir Verwerfung por rejeição. Foi aproveitando essa brecha, entre projeção e rejeição, que Lacan propôs a foraclusão, que é uma tradução muito ruim

deve completar o de recalque quando se tratar das psicoses. Uma longa correspondência se segue entre os dois homens. Freud acaba por responder a Laforgue:

Li do início ao fim seu artigo sobre a *escotomização*, em alemão. Entendo agora por que esse conceito e sua relação com o recalque apresentam para mim tais dificuldades. Observo que em certo ponto você se afastou de mim. Você não aceita a representação metapsicológica que se esforça em caracterizar um acontecimento psíquico através de seu lado dinâmico, tópico e econômico, por assim dizer, segundo três coordenadas...⁷.

No ano seguinte, 1927, de forma mais ampla, Freud escreve, numa discussão sobre a constituição do fetiche:

Se não me engano, Laforgue diria nesse caso que o rapaz “*escotomiza*” a percepção da falta do pênis na mulher. (Freud acrescenta aqui uma longa nota de pé de página, à qual voltarei.) “*Escotomização*” me parece particularmente inapropriado, pois isso desperta a ideia de que a percepção teria sido pura e simplesmente apagada, de forma que o resultado fosse o mesmo que o de uma impressão visual entrando no ponto cego da retina. A situação considerada mostra, ao contrário, que a percepção continuou, e que uma ação muito enérgica foi empreendida a fim de manter sua negação⁸.

E aqui está a nota de fim de página onde Freud comenta o que acabou de escrever:

Corrijo-me, todavia, acrescentando que tenho melhores razões para supor que Laforgue não diria absolutamente isso. Segundo seus próprios desenvolvimentos,

- 5 S. Freud (1911), “Remarques psychanalytiques sur l’autobiographie d’un cas de paranoïa (*Dementia paranoïdes*) (Le Président Schreber)”, *Œuvres complètes* X, 1909-1910, p. 287.
- 6 W. Stekel (1950), *The Autobiography of Wilhelm Stekel: The Life Story of a Pioneer Psychoanalyst*, p. 98.
- 7 J. Lemoulen, (1966), “La médecine française et la psychanalyse de 1895 à 1926”, *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, n. 15, Gallimard, 1977. A carta de Freud a Laforgue aí está.
- 8 S. Freud (1927), “Fétichisme”, *Œuvres complètes*, XVIII, 123-132, p. 126-127.



em alguns autores americanos, a alucinação negativa é entendida como fundamento das percepções e notadamente das psicoses

“escotomização” é um termo provindo da descrição da *dementia praecox*, que não apareceu por transferência da concepção psicanalítica para psicoses e que não pode ser aplicado aos processos de desenvolvimento e de formação da neurose.

Essa nota, novamente, em vez de tornar mais compreensível o problema clínico, problematiza-o, pois Freud parece considerar aqui o fetichismo como fazendo parte dos “processos de desenvolvimento e de formação da neurose”.

Alucinação negativa

Green tentaria um outro ângulo de abordagem do problema clínico através da noção de alucinação negativa, que tomou de Freud, o qual a menciona algumas vezes, geralmente de forma puramente descritiva⁹.

Da mesma forma que é possível obrigar o hipnotizado a ver o que não está diante dele, da mesma forma pode-se proibi-lo de ver algo que está ali e que tende a se impor aos seus sentidos, por exemplo uma pessoa (é o que se chama de alucinação negativa)¹⁰.

Seu papel terapêutico aparece, no entanto, durante uma sessão de hipnose. O hipnotizador induz a uma alucinação envolvendo sua própria pessoa, que não deve ser percebida pelo paciente. Depois de a paciente despertar, Freud lhe afirma que ela o viu. De início, ela não se recorda disso, mas logo passa a se lembrar. “Ela acaba então por lhe contar aquilo que ela supostamente não havia percebido durante seu sonambulismo e que ela

pretendia ignorar no estado de vigília”¹¹. É essa segunda concepção da alucinação negativa que é usada em *Gradiva*¹². Freud menciona mais uma vez essa modalidade de alucinação em 1917, para abandoná-la em seguida.

Green, no entanto, volta a ela em 1966-1967. Não é certamente o primeiro a fazê-lo. Antes dele, as reuniões da Sociedade Psicanalítica de Nova York discutem essa mesma questão¹³. A alucinação negativa é entendida como fundamento das percepções e notadamente das psicoses¹⁴. Mais: é colocada no centro da formação de um ego corporal¹⁵. Green a amplia para a formação do aparelho psíquico¹⁶. Porém, à diferença de seus precursores, ele a articula a um vasto conjunto teórico-clínico.

Uma contribuição maior

Esse aporte acontece ao mesmo tempo que uma de suas grandes contribuições¹⁷. Em seu primeiro estudo aqui mencionado, Green retoma o movimento dialético estabelecido por Melanie Klein entre o objeto parcial e o objeto total, mais particularmente entre a percepção do seio e a percepção da totalidade da mãe. Leiaamos sua citação, a fim de compreender a originalidade de sua

9 S. Freud (1901), *La psychopathologie de la vie quotidienne*, p. 193, 419.

10 S. Freud (1890), “Traitement psychique (traitement d’âme)”, *Résultats, idées, problèmes*, I, p. 17.

11 S. Freud (1895), *Études sur l’hystérie*, p. 86.

12 S. Freud (1907), *Délire et rêves dans la “Gradiva” de Jensen*, p. 207.

13 (1964) “Meetings of the New York Psychoanalytic Society”, *Psychoanalytic Quarterly*, 33, p. 462-463.

14 P. Elkisch (1959), “On Infantile Precursors of the ‘Influencing Machine’ (Tausk)”, *Psychoanalytic Study of the Child*, 14, p. 219-235.

15 W. Hoffer (1952), “The Mutual Influences in the Development of Ego and Id Earliest Stages”, *Psychoanalytic Study of the Child*, 7, p. 31-41. Neste último artigo, Hoffer discutemais detidamente a nota de rodapé em que se inspira Green.

16 A. Green (1966-1967), “Les fondements différenciateurs des images parentales: l’hallucination négative de la mère et l’identification primordiale au père”, *Revue Française de Psychanalyse*, 31, 5, p. 896-906.

17 A. Green (1967), “Le narcissisme primaire, structure ou état?”, *L’Inconscient*, n. 1, 1966, n. 2, 1967. Repetido in *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*. Parece-me que essa formulação despreza a noção de posição, mais dinâmica que as de estrutura ou de estado. Ver *Freud et Schreber, les sources écrites du délire, entre psychose et culture*, p. 105-109.

contribuição, entre a teoria da relação do objeto e a da psicologia do ego:

[...] essa ausência pela qual a mãe vem a ser para o sujeito deve ser sustentada pelas estruturas deste último. Está claro que não é a apreensão perceptiva da mãe que pode ser interiorizada, já que ela é secundária e é a marca de sua presença. É preciso, então, considerar o que estava em seu lugar antes dessa possibilidade. É aqui que veríamos a intervenção de um processo sobre o modo da alucinação negativa. [...] assim como ela não é um distúrbio do reconhecimento de si, tampouco é assimilável a um distúrbio da ordem perceptiva. [...] A alucinação negativa é estranha a qualquer representação, a qualquer figuração ou evocação imaginária. Freud, em uma nota do *Complément métapsychologique à la doctrine des rêves*, define que a solução do problema da alucinação deve ser precedida pela solução da alucinação negativa, observação que não desenvolveu, mas que me parece de grande alcance¹⁸.

Green insiste na perda do objeto:

O rastro será, então, aquilo que envolve o lugar vago deixado pelo objeto materno, que nada pode representar, já que foi no momento em que este podia ser visto em seu conjunto que o objeto do desejo, o seio, se perdeu.

Provavelmente, de um ponto de vista dialético, o seio não fica completamente *perdido*, mas é, sim, transformado. E assim se torna outra representação. Por exemplo: aquilo que era seio se torna *rosto*¹⁹. O vazio deixado pelo objeto materno é rico de potencialidades.

18 A. Green (1966-1967), "Les fondements différenciateurs des images parentales: l'hallucination négative de la mère et l'identification primordiale au père", p. 899-900.

19 O "belo rosto" de Briséis, no centro da disputa entre Agamemnon e Aquiles que quase custou a vida do chefe dos Atridas, vem substituir seus seios, observaram os comentaristas da *Iliada*.

20 A. Green (1971), "La projection: de identification projective au projet", *La folie privée. Psychanalyse des cas-limites*, p. 204, 207. Muito curiosamente, Green não retoma a crítica da proposição feita por Bonaparte e Lœwenstein da tradução do termo *Verwerfung*. Na época, esse erro já era conhecido. Green prefere utilizar o termo abolição.

21 A. Green (1982), "Après coup, l'archaïque", *La folie privée. Psychanalyse des cas-limites*, p. 233.

»
provavelmente, de um ponto de vista dialético, o seio não fica completamente perdido, mas é, sim, transformado. E assim se torna outra representação

Desenvolvimentos posteriores

Green traz um triplo desenvolvimento à noção de alucinação negativa. Primeiramente, integra-a com ao menos dois dos conceitos maiores de Lacan: o de forclusão e o de Outro; em seguida, expondo sua experiência clínica através do conceito de psicose branca. Finalmente, ligando sua elaboração teórica à sua experiência clínica através da teorização da fantasia da mãe morta. Como isso acontece?

O retorno da exclusão

Em certo momento, Green retoma o conceito com o qual se media o da alucinação negativa. Mais, retoma a discussão do próprio trecho do estudo de Freud sobre Schreber, no qual vimos, no início deste artigo, uma das fontes mais importantes do conceito de forclusão²⁰. Ao retomá-la, através da noção de "projeção foracluída", que serve de subtítulo a seu artigo, retoma também o conceito de Outro. A referência a Lacan e a maneira particular de lê-lo sem afastá-lo da história do pensamento analítico serão permanentes na obra de Green. Dez anos mais tarde, Green retomaria a noção da língua²¹.

O uso feito por Green da alucinação negativa tem origem também na noção de carência, cujo uso com o sentido específico dado por Lacan data de 1957:

[...] a relação do homem não é com um dado objeto, mas com a carência assumida como trajeto do desejo, assumido como alvo da criança em presença da mãe.



Green chegou à concepção da alucinação negativa a partir de uma experiência clínica singular, situada entre a consulta psicanalítica e o tratamento analítico

[...] se essa relação do homem com o objeto não fosse baseada na possibilidade do surgimento de um objeto em lugar de outro, não haveria transferência analítica. Se o analista se ausenta, não é para provocar estresse nem para dosar uma frustração, mas para deixar espaço para a ambiguidade fundamental da coexistência entre o real e o simbólico²².

A noção de carência percorre toda a obra de Green, essencialmente através de seu uso do termo “negativo”, herdado de Hegel por Freud. O negativo é criador: trabalho do negativo, conforme o título de um de seus livros²³.

O negativo, através do recalque e da sublimação, marca a condição mais geral: é necessário dizer “não” à pulsão em excesso para fazer parte da comunidade dos homens. Talvez fosse a partir daí que esse “não” se torna, para alguns, a recusa de viver humanamente sob o império de uma negatividade destruidora.

Por extensão, evidentemente, alucinação negativa, mas também o papel central da ausência na constituição do psiquismo e para a técnica psicanalítica²⁴.

A psicose branca

Sabemos como Green chegou à concepção da alucinação negativa a partir de uma experiência clínica singular, situada entre a consulta psicanalítica e o tratamento analítico. Vejamos o que teorizaram Donnet e Green que, com toda a evidência, foram influenciados pelo pensamento de Bion:

É preciso, então, que o analista escute o que é falado e, ao mesmo tempo, pense em como o psicótico poderia pensar caso não o fosse; ele precisa pensar no *pensoir* (aparelho pensador) que permitiria não pensar (recalcar) os pensamentos cujo pensamento destrói o *pensoir*. Ele deve, em suma, introduzir deliberadamente uma função de desconhecimento que se encontra geralmente garantida pelo próprio quadro de sua escuta. É preciso que ele entre em contato com sua própria “aptidão” a desconhecer, a alucinar negativamente²⁵.

Esse *pensoir*, seguramente um neologismo em francês, é induzido na contratransferência teorizando na forma psicótica de uso da linguagem – através de neologismos – e designa o lugar onde se produzem os pensamentos, assim devemos compreendê-lo. Forma-se a partir de outras palavras da língua com sentido equivalente, como “*ouvroir*”, para trabalho ou obra, sinônimo de oficina, ou “*lavoir*”, que designa o lugar onde se lavam coisas.

A psicose branca é próxima da alucinação negativa. Dessa vez, no entanto, ela muda de campo. Ela não é apenas aquilo que teria sido alucinação negativa do psicótico, mas vem solicitar a capacidade de alucinar negativamente do analista, onde se instala, como um *analogon* do recalque.

Como observação clínica oposicional pertinente a essa maneira de conceber pode-se dizer que é impossível pensar no lugar de outro, forçosamente, ainda mais, se for psicótico, sem se basear firmemente no que ele *diz* ou pelo menos no que comunica. O exemplo canônico dessa situação nos vem de Tausk. Green é um dos raríssimos autores contemporâneos a ousar retomar a

22 J. Lacan (1957), “Intervention sur l’exposé de J. Favez-Boutonnier”, *École lacanienne de psychanalyse*, on-line.

23 A. Green (1993), *Le travail du négatif*.

24 A. Green (1974), “L’analyste, la symbolisation et l’absence dans le cadre analytique”, *La folie privée. Psychanalyse des cas-limites*, p. 63-102. Todas as indicações aqui apresentadas estão sujeitas a confirmação. Nenhuma publicação de Green comporta Índice, nenhuma obedece a uma ordem cronológica. A desorganização da edição de sua obra não é superada, parece seguir a das obras de Lacan, de Winnicott e, claro, de Freud.

25 J.-L. Donnet, A. Green, *L’enfant du ça*, p. 215.

contribuição desse aluno maldito de Freud. Este, porém, não hesitava em buscar nele sua inspiração:

Uma das pacientes de *Tausk*, uma jovem conduzida à clínica depois de uma briga com seu namorado, se lamenta: “Os olhos não estão como deviam, estão atravessados”. O que ela mesma explica, numa linguagem coerente, lançando uma série de repreensões contra seu amado: “ela não consegue entender nada, ele parece diferente a cada vez, é um hipócrita, um virador de olhos (*tourneur d’yeux*), ele lhe virou os olhos, agora ela está com os olhos revirados, não são mais os seus olhos, ela está vendo o mundo com outros olhos”²⁶.

A mãe morta

É corajoso da parte de Green lançar-se nesse ponto cego da psicanálise: Freud trata do pai morto, nunca da mãe morta, sem jamais articulá-los. Principalmente, Freud não aborda jamais a questão do assassinato da mãe²⁷. Green é explícito:

Uma vez descrita a alucinação branca e a psicose branca, não voltarei ao que suponho já sabido, e encaixarei a angústia branca ou o luto branco a essa série. A série “branca”: alucinação negativa, psicose branca e luto branco, todos referentes ao que se poderia chamar de clínica do vazio, ou clínica do negativo, são resultado de um dos componentes do recalque primário: um desengajamento maciço, radical e temporário, que deixa traços no inconsciente sob a forma de “buracos psíquicos” que serão preenchidos por reincidências, expressões da destrutividade assim liberada por esse

26 S. Freud, “L’inconscient”, *Métapsychologie*, p. 11. Dou outros exemplos clínicos desse tipo gênero de situações em meus seminários sobre “as perversões”, como o elo estabelecido entre a prece e a felação através do significante “ajoelhado”. Ver também meu artigo “The unconscious”, *Freud: a modern reader*.

27 O que Melanie Klein faz, em um de seus textos menos conhecidos, de 1957, “Réflexions sur l’Orestie”, *Envie et gratitude et autres essais*, p. 189-219.

28 A. Green (1980), “La mère morte”, *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*, p. 226-227.



*Green afasta de sua descrição
clínica a morte real da mãe.*

*Porém, seu procedimento teórico
não privilegia de maneira
absoluta a fantasia*

enfraquecimento do comprometimento libidinal erótico. As manifestações de ódio e os processos de reparação que o seguem são manifestações secundárias a esse desengajamento central do objeto primário, materno²⁸.

Curiosamente, o texto de Freud aqui mencionado também trata desses espaços vazios a respeito de dois pacientes, um deles de *Tausk*. Ambos têm sintomas similares em relação a meias, que representam o sexo da mulher, quando seus próprios pés representam seu pênis.

Mais curioso ainda: nas primeiras linhas de seu artigo, Green afasta de sua descrição clínica a morte real da mãe. Porém, seu procedimento teórico não privilegia de maneira absoluta a fantasia, desprezando as experiências reais que a originam. Pois a morte real, cuja realidade é afastada, reaparece como experiência de morte psíquica da mãe, que se desvia do filho, envolvida pelo luto de um familiar, até mesmo de outro filho. Essa morte psíquica é ainda mais devastadora quando toma a forma de segredo.

É possível que, na obra de Green, a linha que conduz da elaboração sobre a alucinação negativa àquela que trata da mãe morta organize sua mais importante contribuição teórico-clínica. A fantasia da mãe morta é a base da fantasia forçosamente posterior do pai morto. E isso implica a fantasia do assassinato do pai. É importante que se possa prolongar a contribuição de Green pela constatação clínica da fantasia do assassinato da mãe. Toda clínica no sentido de afrontar as destruições dos continentes, psíquicos e corpóreos, familiares ou grupais, parece ligar-se fundamentalmente a essas fantasias. Assim, a obra de Green já se projeta no futuro da psicanálise.

Referências bibliográficas

- Donnet J.-L.; Green A. (1973). *L'enfant du ça*. Paris: Minuit.
- Elkisch P. (1959). On infantile precursors of the "Influencing Machine" (Tausk), *Psychoanalytic Study of the Child*, n. 14, p. 219-235.
- Freud S. (1890/1984). Traitement psychique (traitement d'âme). *Résultats, idées, problèmes, 1*. Trad. M. Borch-Jacobsen, P. Koepfel, F. Scherrer. Paris: PUF.
- _____. (1895/1971). *Études sur l'hystérie*. Trad. A. Berman. Paris: PUF.
- _____. (1901/1997). *La psychopathologie de la vie quotidienne*. Trad. D. Messier. Paris: Gallimard.
- _____. (1907/1949). *Délire et rêves dans la "Gradiva" de Jensen*. Trad. M. Bonaparte. Paris: Gallimard.
- _____. (1911). Remarques psychanalytiques sur l'autobiographie d'un cas de paranoïa (*Dementia paranoïdes*) (Le Président Schreber), *Cinq psychanalyses*. Trad. M. Bonaparte; R. M. Löwenstein. Paris: PUF [première édition 1954, dernière édition 2001].
- _____. (1911). Remarques psychanalytiques sur l'autobiographie d'un cas de paranoïa (*Dementia paranoïdes*) (Le Président Schreber), *Œuvres complètes x*, 1909-1910. Trad. P. Cotet; R. Lainé.
- _____. (1915/1968). L'inconscient, *Métapsychologie*. Trad. J. Laplanche, J.-B. Pontalis et collaborateurs. Paris: Gallimard.
- _____. (1927). Fétichisme, *Œuvres complètes*, xviii. Trad. R. Lainé. p. 123-132.
- Green A. (1958). La pré-schizophrénie de l'adolescence, *L'Évolution Psychiatrique*, n. 2.
- _____. (1962). Le milieu familial des schizophrènes, *L'Encéphale*, p. 5-73.
- _____. (1966-1967). Les fondements différenciateurs des images parentales: l'hallucination négative de la mère et l'identification primordiale au père, *Revue Française de Psychanalyse*, 31, 5, p. 896-906.
- _____. (1966-1967). Les fondements différenciateurs des images parentales: l'hallucination négative de la mère et l'identification primordiale au père, p. 899-900.
- _____. (1966-1967). Intervenção sobre o relatório de C. Luquet-Parat, "L'organisation œdipienne du stade genital" no 27^o Congresso dos Psicanalistas de Línguas Romanas, 1966. Publicado na *Revue Française de Psychanalyse*, 1967, 31, p. 896-906.
- _____. (1967). Le narcissisme primaire: structure ou état, *L'Inconscient*, 1967, n. 1-2, p. 80-132.
- _____. (1967). Le narcissisme primaire, structure ou état?, *L'Inconscient*, n. 1, 1966, n. 2, 1967. Repetido in *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*, Paris, Minuit, 1983, última edição 2007. [*Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Trad. Claudia Berliner. S. Paulo: Escuta, 1988.]
- _____. (1971/1990). La projection: de identification projective au projet, *La folie privée*. Psychanalyse des cas-limites. Paris: Gallimard.
- _____. (1974). L'analyste, la symbolisation et l'absence dans le cadre analytique, *La folie privée*. Psychanalyse des cas-limites, p. 63-102.
- _____. (1980/1983). La mère morte, *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*. Paris: Minuit, [*Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Trad. Claudia Berliner. S. Paulo, Escuta, 1988.]
- _____. (1982). Après coup, l'archaïque, *La folie privée*. Psychanalyse des cas-limites, p. 233.
- _____. (1993). *Le travail du négatif*. Paris: Minuit.
- Hoffer W. (1952). The Mutual Influences in the Development of Ego and Id Earliest Stages, *Psychoanalytic Study of the Child*, 7, p. 31-41.
- Klein M. (1957/1968). Réflexions sur l'Orestie, *Envie et gratitude et autres essais*. Trad. V. Smirnoff, S. Aghion, M. Derrida. Paris: Gallimard, p. 189-219.
- Lacan J. (1957). Intervention sur l'exposé de J. Favez-Boutonnier, *École lacanienne de psychanalyse*, on-line.
- Lemoulen J. (1966/1977). La médecine française et la psychanalyse de 1895 à 1926, *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, n. 15, Gallimard.
- Meetings of the New York Psychoanalytic Society, *Psychoanalytic Quarterly*, 1964, 33, p. 462-463.
- Prado de Oliveira L. E. (1997). *Freud et Schreber, les sources écrites du délire, entre psychose et culture*. Ramonville Saint-Agne: Érès, p. 105-109.
- _____. (2005). The unconscious. In: R. J. Perelberg (org.) *Freud: a modern reader*. London / Philadelphia: Whurr Books.
- _____. (2011). Forclusion. Thèses, histoires, cliniques, *Cahiers de psychologie clinique*, Bruxelles, De Boeck, 35, p. 77-94.
- Stekel, W. (1950). *The Autobiography of Wilhelm Stekel: The Life Story of a Pioneer Psychoanalyst*. New York: Liveright Publishing Corporation.

Between the dead mother and the murder of the mother: a journey

Abstract Green starts his journey as a teacher of Jacques Lacan's thesis to analysts of the Paris psychoanalytical society. Then, he abandons Lacan, opposes him and, finally, accept elements of his theory. He innovates and creates his own domain of thought. Through this journey, Green starts with negative hallucination of the mother and formulates his thesis on the phantasm of the dead mother, often related to real deaths in the family.

Keywords negative hallucination forclusion; murder of mother; dead mother.

Recebido em: outubro/2012.

Aprovado em: janeiro/2013.

Dois modelos de transferência para os estados-limite: da *mãe morta* à *analidade primária*

Talya S. Candi

Resumo Este trabalho se dedica a pesquisar as vicissitudes da clínica dos pacientes-limite a partir de duas narrativas clínicas desenvolvidas por André Green: *A mãe morta* e *A analidade primária*. Estes dois textos tratam de processos analíticos em situação-limite, nos quais a possibilidade de elaboração da contratransferência do analista torna-se elemento determinante para dar representabilidade à conflitualidade presente no campo analítico e conferir sentido à experiência afetiva vivida pelo paciente.

Palavras-chave André Green; Os limites do analisável; A mãe morta; A analidade primária, Desespero absoluto.

Talya S. Candi é psicanalista, doutora em Psicologia Clínica, membro filiado da SBPSP. Autora do livro *O duplo limite: o aparelho psíquico de André Green* (Escuta, 2010).

1. André Green: um pensador dos impasses da clínica

O livro de André Green *Ilusões e desilusões do trabalho psicanalítico* começa com as seguintes palavras:

Este livro é o resultado de mais de cinquenta anos de trabalho psicanalítico. Ele reúne as ideias recolhidas pela minha experiência. Não toda minha experiência, que é mais diversa, e que foi frequentemente fonte de grande satisfação quando consegui ajudar e por vezes curar alguns dos meus pacientes. Sou grato por eles terem me permitido entender a natureza das suas dificuldades e ajudar a resolver os problemas com os quais se confrontavam.

“Eu tratava, Deus curava”. Certamente, são necessárias muitas qualidades para conseguir levantar os obstáculos que impedem o desenvolvimento pessoal de um paciente, mas infelizmente conheci, com mais frequência do que teria desejado, evoluções decepcionantes, seja por não ter podido prever seu desfecho, seja por não ter podido inverter seu curso para uma melhor direção¹.

Neste livro, Green narra detalhadamente as dificuldades que encontrou em seu percurso como analista de casos-limite. Em alguns relatos, deparamos com casos nos quais as dificuldades de vida chegavam a comprometer a saúde psíquica e física dos pacientes, pois diziam respeito a problemas de vida ou morte; em outros, contudo, não era a vida do paciente que

¹ A. Green, *Illusions et désillusions de la Psychanalyse du travail psychanalytique*, p. 11.



*André Green trabalhou
durante mais de meio século,
empenhado em fazer avançar
a psicanálise, visando a alcançar
melhores resultados clínicos
e devolver ao paciente
a sua própria vida,
presa na análise*

110

PERCURSO 49/50 : junho de 2013

estava em risco, mas a própria análise: o processo analítico estava simplesmente paralisado, a análise tinha chegado a um impasse, tendo se transformado em modo de vida do paciente. Este gênero de dificuldade provoca em nosso autor uma desilusão com o trabalho psicanalítico, levando-o a se questionar:

Por que esta desilusão com o trabalho psicanalítico, quais suas causas, e finalmente como superar estes estados? Como o psicanalista consegue ser bem-sucedido? Podemos esperar encontrar meios para esta tarefa, ou estamos fadados a aceitar a cronicidade que não deixa outra solução a não ser um tratamento paliativo destinado a durar a vida inteira?²²

Movido por um espírito incansável e por estas corajosas perguntas, André Green trabalhou durante mais de meio século, empenhado em fazer avançar a psicanálise, visando a alcançar melhores resultados clínicos e devolver ao paciente a sua própria vida, presa na análise³. Como vencer as dificuldades, dismantelar os narcisismos mortíferos, desfazer os conluos identificatórios que provocavam os impasses, colocando em xeque o movimento do processo analítico?

Um dos meios que Green utilizou para trabalhar os impasses foi escrever, escrever sobre as situações-limite, dando palavras, representação e histórias aos sofrimentos, angústias e afetos

confusos e indiscriminados que surgiam na repetição do campo transferencial. Nesse contexto, a escrita psicanalítica torna-se recurso privilegiado para a elaboração dos impasses. No texto *O pensamento clínico*, de 2002, Green se refere a um tipo de escrita psicanalítica que nasce no interior do campo analítico e que ele nomeia de pensamento clínico. O pensamento clínico promove a atividade associativa e desenvolve a imaginação clínica; ele faz alusão às transformações ditadas pela angústia, pelo sofrimento e pela dor que surgem no contato com a clínica, e às estratégias defensivas para combater, tentar descartar e sobrepujar esses últimos. Em suma, o pensamento clínico outorga representação e forja conceitos que dizem respeito às razões do inconsciente.

Cabe lembrar que, para Green, os estados-limite estão nos limites da analisabilidade; eles não se encaixam no enquadre psicanalítico clássico, uma vez que se encontram no limite entre a neurose e a psicose. Por definição, eles desafiam o analista, colocam a situação analítica em crise e despertam o que Fédida chamou de angústia na contratransferência.

Neste artigo vamos descrever dois modelos de transferência para os estados-limite, a partir de dois textos de André Green: *A mãe morta*⁴ e *A analidade primária*⁵. Estes dois textos tratam de processos analíticos em situação-limite, nos quais a possibilidade de elaboração da contratransferência do analista torna-se elemento determinante para dar representabilidade à conflitualidade presente no campo analítico e conferir sentido à experiência afetiva do paciente. Sabemos que os impasses são frequentemente

2 A. Green, *op. cit.*, p. 109.

3 "Se meu trabalho não estragou demais a análise, e se o paciente não é muito psicótico, minha esperança, ao fim da análise, será que, conforme as diretrizes de Freud, meu analisando esteja apto a aproveitar a vida um pouco mais do que podia antes de procurar tratamento ou, como dizia Winnicott, que esteja mais vivo, mesmo que os sintomas não tenham desaparecido completamente". A. Green, "A sexualidade tem algo a ver com a psicanálise?", in *Livro anual de psicanálise*, Tomo XI, p. 226.

4 A. Green, "La mère morte" (1980), in *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*.

5 A. Green, "L'analité primaire", in *Le travail du négatif*.

produto de uma interminável repetição do mesmo, que surge pela dificuldade em se transformar o padrão de relacionamento trazido pelo paciente para a relação analítica; esta dificuldade congela a análise e coloca em xeque a liberdade interna e a inventividade do analista. Num texto tardio, de uma época em que a psicanálise já se encontrava consolidada, Freud apresenta-nos a problemática mais geral das pulsões: “A teoria das pulsões é, por assim dizer, a nossa mitologia. As pulsões são seres míticos, grandiosos na sua indeterminação”⁶. Acreditamos que *a mãe morta e a analidade primária* sejam igualmente seres ficcionais, formações mitológicas do processo analítico, grandiosas e indeterminadas na sua própria essência, permitindo ampliar nossa reflexão sobre os limites do analisável. A reconstituição histórica ligada à evolução da vida pulsional e ao desenvolvimento da relação de objeto precoce propostas por Green nestes dois textos deve ser vista como parte da elaboração imaginativa do analista, um sonho analítico produzido pelo objeto analítico (Green, 1974⁷; Ogden 1998⁸), uma construção intersubjetiva terceira, engendrada pelo jogo das relações inconscientes da história de vida do analista e do paciente⁹. A eventual realidade do sonho será dada pelos leitores, que podem usar estas narrativas para elaborar suas próprias dificuldades vividas no trabalho clínico. Cabe assinalar que tanto o artigo da *mãe morta* como aquele sobre a *analidade primária* tiveram forte repercussão entre os psicanalistas dentro e fora do meio psicanalítico francês no qual André Green estava inserido¹⁰.

6 S. Freud (1932 [1933]), *Nuevas lecciones introductorias al psicoanálisis, Obras completas*, vol. 3, p. 3154.

7 A. Green (1974), “L’analyste, la symbolisation et l’absence dans le cadre analytique”, in *La folie privée*.

8 T. Ogden (1998), *Subjects of analysis*, p. 64.

9 Podemos desta forma entender a afirmação de André Green de que o complexo da mãe morta faz parte de sua autobiografia.

10 Ver por exemplo o livro publicado em Londres, sob a direção de Gregorio Kohon e que reúne contribuições de eminentes analistas do movimento internacional, tais como Martin S. Bergamnn, Adam Phillips, Christopher Bollas, Thomas Ogden, etc.: *The dead mother. The work of André Green*, The New Library of Psychoanalysis, 1999 (tradução francesa: *Essais sur la mère morte et l’œuvre d’André Green*, Paris, Ithaque, 2009).

»
*nas transferências dos
pacientes-limite, a urgência
do apelo pulsional
é incrementada pela
carência dos mecanismos
autoeróticos reflexivos*

Nesse sentido, acreditamos que esses dois textos remetem a fenômenos e estados característicos das transferências dos estados-limite.

2. As transferências dos estados-limite

A escrita de André Green comunica um senso de densidade por vezes desconcertante, propiciando um contato muito íntimo com nosso próprio inconsciente: como todo pensamento psicanalítico, ela está à procura da verdade, mesmo que essa verdade possa questionar o trabalho do psicanalista e os benefícios do método. Para Green, fazer avançar a psicanálise significa trabalhar os limites, trabalhar nos limites, trabalhar nos impasses analíticos, dar representação aos afetos arcaicos, reconstruir histórias que não foram contadas, alucinar os pedaços perdidos, os pedaços mortos, sonhar as experiências de vida do paciente que ele não foi capaz de registrar, simbolizar e lembrar. Sabemos que essas experiências arcaicas não representadas ficam à espera, movidas por um incansável apelo pulsional que as faz retornar como percepção, alucinação ou como acontecimentos atuais e reais. Nas transferências dos pacientes-limite, a urgência do apelo pulsional é incrementada pela carência dos mecanismos autoeróticos reflexivos que podem ser usados como cobertura elaborativa interna para os excessos de



*quando a procura pulsional
não vinga, o circuito pulsional
gira em falso; no caso em que somente
o vazio retorna, o psiquismo
vai se organizar em torno
de uma lógica que Green
denomina de lógica
da desesperança*

112

PERCURSO 49/50 : junho de 2013

excitação (paraexcitação), tal como o brincar e o sonhar. Assim, sem dispor de recursos intrapsíquicos para diminuir as grandes quantidades de excitação, o psiquismo terá que se livrar destes excessos pela via intersubjetiva, recorrendo às mais diversas atuações. Estes atos não elaborados por qualquer pensamento têm frequentemente como objetivo um alívio rápido e eficaz da dor psíquica provocada pelos excessos de excitação e de angústia. As atuações infiltram-se na situação analítica de diferentes maneiras, constituindo-se em problemas teóricos e técnicos para o analista. As atuações devem, para Green, ser teorizadas a partir do modelo da descarga pulsional:

No início teremos, explica Green, um movimento pulsional enraizado no somático, à procura de um objetivo que atinge uma satisfação erótica ou destrutiva, que põe em jogo pulsão de vida e de morte mais ou menos intrincadas. Os destinos possíveis são ou a descarga que livra o psiquismo ou a representação que trabalha em direção ao pensamento. A descarga é uma mudança de estado que visa à diminuição da tensão energética desprazerosa ou dolorosa. Seu modelo não é o orgasmo que oferece um pico de bem-estar. A tensão a ser descarregada seria a ordem da dor extrema, feridas da psique, hemorragias narcísicas que frequentemente ameaçam o Eu de loucura ou de desorganizações psicóticas, onde, como diria Lacan, o gozo estaria à obra. O alívio da descarga não reconhece o outro externo. Ele é dominado

somente por uma penosa tensão narcísica. A descarga é desprovida de intencionalidade, a não ser livrar-se do intenso desconforto, geralmente concebido como causado por um outro, que os kleinianos costumam chamar de “objeto mau”¹¹.

O alívio que surge da descarrega que livra o psiquismo de entulhos que o estorvam deixa no entanto em seu rastro as pegadas do vazio que foi criado, e que somente uma representação alucinatória tornaria suportável e transformável numa formação psíquica que poderia lhe dar sentido. A reapresentação promove o reinvestimento e se apresenta como único meio para preencher a cicatriz do vazio passível de retornar no rastro deixado pelo movimento de descarga. O movimento de investimento é oposto ao do movimento de desinvestimento, mas, às vezes, na tentativa de reinvestimento é somente o vazio que retorna, constituindo um obstáculo ao reencontro com o objeto interno da realidade psíquica. “É, nos diz A. Green, o paradoxo da descarga ‘no vazio’ que produz a compulsão à repetição: ela procura reencontrar a situação primitiva de satisfação, mas consegue unicamente renovar seu fracasso”¹². Quando a procura pulsional não vinga, o circuito pulsional gira em falso; no caso em que somente o vazio retorna, o psiquismo vai se organizar em torno de uma lógica que Green denomina de lógica da desesperança: uma lógica dominada pela compulsão à repetição, na qual o vazio e o desespero se regeneram indefinidamente. A compulsão à repetição é o trajeto mais curto que a pulsão conhece para a realização de seu objetivo, por exigir o mínimo de transformações. Caberá ao analista enxertar representações que possam cicatrizar as feridas narcísicas e insuflar vida neste circuito pulsional destruído pelo excesso de negatividade que aprisiona o analista e transforma a análise no modo de vida do paciente.

11 A. Green: “À propos de certaines propositions conceptuelles soutenues para Freud”, in *Les voies nouvelles de la thérapie psychanalytique: le dedans et le dehors*, sous la direction A. Green, p. 28.

12 A. Green, *op. cit.*, p. 28.

No complexo da *mãe morta* o paciente vive uma depressão branca que desvitaliza os objetos externos e internos, infligindo à análise uma letargia mortífera, que inibe a vida pulsional. Com a Mãe morta, Green descreve a solidificação do negativo, o preenchimento da falta com o vazio da depressão, que se cronifica a partir da relação com um objeto interno primário vivido como excessivamente ausente, inacessível, indiferente e inautêntico. Nesse caso, no qual a análise não consegue mobilizar os afetos, a situação analítica também permanece morta.

A *analidade primária* descreve uma situação oposta: a análise é imobilizada por um excesso de excitação, que coloca em jogo agressividade e pulsionalidade desligada na relação analítica, aprisionando o analista numa relação perversa que impede qualquer aproximação interpretativa. Nestas duas síndromes, Green descreve identificações superegoicas tirânicas, essencialmente ligadas a objetos excessivamente excitantes ou decepcionantes e resistências mortíferas constituídas pela aliança do superego primitivo com as forças pulsionais desligadas do id. Outorgar representabilidade ao campo a partir das vivências contratransferenciais e ligar a história da análise a uma reconstrução imaginativa da evolução da libido do paciente abrem novas possibilidades de ligação que permitem elaborar os impasses. Nas duas transferências, Green identifica eventos traumáticos muito precoces, acontecimentos da vida por vezes anódinos que não tiveram inscrição por não possuírem um estatuto metabolizável que permitiria sua simbolização e sua entrada na história de vida do paciente.

a. A mãe morta

A síndrome da mãe morta é uma invenção do campo analítico, da elaboração imaginativa da

13 W. Bion (1959): “Ataques à ligação”, in *Estudos Psicanalíticos Revisados*, p. 121.

14 W. Bion, *op. cit.*, p. 121.

15 A Morte aqui ressoa como uma falta de *rêverie*, falta de continência, falta de vitalidade afetiva. O trauma não vem aqui do acontecido e sim do não acontecido e que permanece à espera.

»
*a mãe morta, assim,
é definida como um “complexo
transferencial” que reconstrói
a história de um acontecimento
que não pode ser representado,
nem narrado*

contratransferência do analista, que percebe estar vivendo a análise num estado de quase-morte. W. Bion lembra-nos, na maioria de seus artigos, que suas conclusões teóricas provêm do contato analítico com pacientes esquizofrênicos e que, a partir de sua experiência no interior da situação analítica, ele faz reconstruções plausíveis do que o paciente teria experimentado com sua mãe na pequena infância. Assim, conferindo positividade à negatividade do campo, Bion inventa o conceito de *rêverie*. No texto “Ataques à ligação”, após descrever sua vivência na situação analítica com um paciente psicótico, afirma: “Minha dedução foi de que a mãe, para entender a criança, deveria ter tratado do choro do bebê como algo mais do que a exigência da presença dela”¹³. Após uma longa descrição da falta de tolerância materna para com o pavor da criança, Bion prossegue dizendo: “Para alguns, essa reconstrução parecerá excessivamente fantasiosa. A mim, não parece forçada”¹⁴.

Green afirmará, da mesma maneira, que “A mãe morta” é uma reconstrução da história da infância do paciente que surge a partir da elaboração de suas vivências contratransferenciais de morte com pacientes *borderline*. No entanto, Green prefere manter-se na negatividade¹⁵. A mãe morta, assim, é definida como um “complexo transferencial” que reconstrói a história de um acontecimento que não pode ser representado, nem narrado. A partir da sua própria elaboração



*forjando a expressão
depressão de transferência,
Green descreve um profundo
sentimento de desesperança que faz
com que todo o trabalho
da análise escorra para
um enorme vazio*

114

PERCURSO 49/50 : junho de 2013

imaginativa, André Green descreve a reação de uma criança pequena ainda muito dependente do olhar materno ao ser bruscamente desinvestida libidinalmente pela mãe. Este acontecimento incompreensível para a criança põe fim aos momentos felizes de sua infância. Com a falta do investimento amoroso materno, surge uma perda de sentido que levará a criança a tomar medidas drásticas, tais como o desinvestimento de objetos externos e a identificação inconsciente com um objeto interno enlutado. Importante será notar que nenhuma destrutividade pulsional é ativamente utilizada na operação de desinvestimento da imagem materna. O desinvestimento é realizado a frio, sem deixar traços perceptíveis; seu resultado é duplo: por um lado temos a constituição de um buraco primordial na trama das relações objetais e, por outro, uma identificação inconsciente com uma mãe fria e alheia ao sofrimento da criança. Este duplo posicionamento subjetivo tornará a criança passiva e desvitalizada, vivendo num luto interminável e numa letargia mortífera, que inibe o despertar pulsional e impossibilita o investimento afetivo nos objetos externos.

Forjando a expressão *depressão de transferência* para se referir a um sentimento de falta de vitalidade que impregna a relação entre o paciente e o analista, Green descreve um profundo sentimento de desesperança que faz com que todo o trabalho da análise escorra para um

enorme vazio. Este luto interminável vai impregnar sub-repticiamente a relação transferencial, provocando uma depressão branca difícil de ser detectada pelo analista. A mãe morta é onipresente, mas, por não possuir representação, ela aprisiona a análise, tornando-a cativa de um luto impossível de ser efetivamente vivido. Há de fato uma forte repressão das memórias afetivas do contato prazeroso com um objeto amoroso, pois estas memórias são profundamente traumáticas e inutilizáveis pela análise. Concomitantemente, a compulsão à repetição porá ativamente em ação um investimento de um objeto frio, insensível e inconstante, passível, portanto, de sempre decepcionar. A repetição da situação traumática originária provocará inevitavelmente um enrijecimento das defesas.

Uma desconstrução das fixações pré-genitais e da culpa inconsciente não seria, segundo Green, uma maneira adequada de desbloquear a situação, pois existem poucos indícios do complexo da mãe morta no discurso do paciente. Este complexo somente poderá ganhar significado quando o analista conseguir detectar evidências da plenitude silenciosa de uma presença interna onipotente e narcísica que obtura a possibilidade de ligações e investimentos satisfatórios tanto na vida amorosa como nas atividades profissionais.

Esse quadro clínico desenvolve-se a partir de um buraco na trama representacional, surgido da impossibilidade de a criança apreender as razões e dar sentido ao afastamento repentino da mãe. A depressão infantil edifica-se sobre uma falta de sentido, um branco, que produz um sentimento de desespero ligado à impossibilidade de reparar o objeto enlutado, e de despertar os afetos e o desejo perdido. A busca de um sentido perdido estrutura o desenvolvimento intelectual, impulsionando uma atividade imaginativa frenética, que não surge a partir da liberdade proporcionada pelo brincar, mas que se inscreve a partir da *obrigação de imaginar e de pensar, para preencher o vazio representacional*. Esse quadro torna-se mais grave quando sobrevém no momento

em que a criança descobre a existência do terceiro, o pai, pois este novo investimento objetal será interpretado como a causa do desinvestimento materno. Nesses casos, há uma triangulação precoce e defeituosa, que deixa o sujeito preso entre uma mãe morta e um pai inacessível.

Em alguns momentos do processo analítico, uma racionalização significativa permite o deslocamento do conflito no mundo externo: o analista-mãe será vivido como interpretativo e frio para satisfazer a avidez dos desejos infantis que permaneceram soterrados durante longos períodos, o analista-pai será por sua vez sentido como estando longe e inacessível. Com a reativação do conflito e a impossibilidade de aceder ao terceiro, as cisões podem ser ampliadas e o sujeito poderá correr o risco de experimentar um aumento da onipotência, que tornará a análise ainda mais inutilizável.

O complexo da mãe morta evidencia componentes estruturais da vida psíquica, tanto no que diz respeito à dualidade como à triangulação. Para Green, a dualidade fundamenta-se a partir de uma potencialidade de terceiridade, ativada pela fantasia originária ligada à cena primária. A dualidade sustenta-se numa negatividade que permite revelar uma estrutura enquadrante constitutiva do funcionamento psíquico. A mãe morta é a mãe que, pelas suas próprias falhas, não se deixa esquecer pela criança e que, portanto, não pode ser substituída. Paradoxalmente, a falta de resposta e de vitalidade maternas tornarão a criança dependente e à espera de seu retorno vivido de maneira idealizada.

A ausência é constitutiva do psiquismo. Green lembra que “ausência não é perda, mas sim presença

»
Green coloca a polaridade vida e morte no centro da clínica psicanalítica contemporânea. No narcisismo de morte temos morte do desejo, que traz “desejo de não desejo”. A não constituição do narcisismo impede a constituição do desejo

potencial”¹⁶. A ausência psíquica da mãe pode ser vivida como uma presença potencial quando a criança tiver recursos próprios para alucinar o seu objeto, o que lhe permitirá brincar com esta primeira representação de coisa e elaborar a desilusão e a perda concreta do objeto. Se a perda for vivida fria e passivamente (sem possibilidades de brincar)¹⁷, teremos um luto “branco”, e a criança não poderá mais diferenciar a ausência da própria presença materna. Com a mãe morta, Green recoloca no centro do jogo, ao lado do par constituído pela presença/ausência, outro par de opostos – vivo/morto – pois, mais do que a presença da mãe, o que está em jogo é a vitalidade¹⁸ da relação analítica. Na coletânea *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*, Green coloca a polaridade vida e morte no centro da clínica psicanalítica contemporânea. No narcisismo de morte¹⁹ temos morte do desejo, que traz “desejo de não desejo”. A não constituição do narcisismo impede a constituição do desejo, e então: A vida torna-se equivalente à morte pois é alívio de todo desejo [...] a procura do centro como procura de plenitude tornou-se centro vazio, ausência de centro. A mãe morta iguala-se, portanto, a uma desesperança congênita, um centro vazio que aniquila violentamente o despertar pulsional e boicota qualquer iniciativa de satisfação narcísica.

Na relação analítica, o complexo da mãe morta pode se apresentar de diferentes formas: como falta de vitalidade na relação transferencial,

16 A. Green (1978), “Potential space in psychoanalysis: the object in the setting”, in *On private madness*, p. 293.

17 Green trabalha com o brincar freudiano no texto “Répétition, différence, répliation en relisant au delà du principe de plaisir” (in *La diachronie en psychanalyse*).

18 Vitalidade pode significar “circulação de afeto no corpo”.

19 A noção de narcisismo destrutivo já tinha sido conceitualizada por Herbert Rosenfeld, em sua clínica com pacientes esquizofrênicos. Remeto o leitor ao capítulo VI de seu livro intitulado *Impasse et interprétation* (1987), no qual ele articula o conceito de morte com a questão do narcisismo destrutivo.



*para Ogden, a mãe morta
é uma mãe que, tal como o próprio
analista, precisa permanecer
concretamente presente,
mas inutilizável, sua presença
despertando uma excitação
sem oferecer instrumentos para lidar
com esta pulsionalidade excessiva*

116

PERCURSO 49/50 : junho de 2013

como imobilização do processo ou ainda como dificuldade do analista em se identificar empaticamente com o paciente. Tudo parece estar congelado, à espera do um retorno idealizado – nada acontece nem na análise, nem fora dela. Prolongando a problemática trazida por Green com a mãe morta, T. Ogden afirma que nesses casos os principais problemas com os quais o analista terá que lidar dizem respeito à vida interna da análise, e ele sugere que o analista possa se concentrar em perguntas tais como: Quando os dois participantes tiveram a sensação de que a análise estava viva? Existe uma vitalidade dissimulada que não pode ser admitida pelo analista e/ou analisando por medo das consequências de tal reconhecimento? Que tipo de formação substitutiva – excitações maníacas, prazer perverso, *acting-in* e *acting-out* histéricos entre outras – poderiam estar mascarando o aspecto vivo da análise²⁰? Para Ogden, a falta de vitalidade do processo pode ser entendida como uma interiorização excessivamente precoce dos estados depressivos da mãe e do ambiente que não puderam dar um sentido e reanimar as experiências de desintegração e morte psíquica da criança. Assim a mãe morta é uma mãe que, tal como o próprio analista, precisa permanecer concretamente presente, mas inutilizável, sua presença despertando uma excitação sem oferecer instrumentos para lidar com esta pulsionalidade excessiva que se torna inevitavelmente

traumática e precisará ser intensamente inibida. A relação analítica corre o risco de perpetuar este círculo vicioso (haverá uma viciação do trabalho do negativo) que mantém o paciente preso a este objeto que o escraviza.

b. A analidade primária

Tal como o complexo da mãe morta, o complexo da *analidade primária* descreve uma estrutura psicopatológica que se manifesta nos processos analíticos nos casos-limite. Lembremos que esses casos convocam situações que estão nos limites do analisável e que por definição colocam à prova a contratransferência do analista, que irá necessitar de muita calma, paciência e esperança para levar a cabo um trabalho no qual as resistências e as tendências à desobjetualização agem para eliminar qualquer possibilidade de mudança e transformação. A descrição clínica apresentada por Green com a síndrome da *analidade primária* deve ser considerada, em nosso modo de ver, como parte de um esforço imaginativo para objetualizar e representar uma situação clínica intolerável para os dois participantes do encontro.

A primariedade invocada neste tipo de formação possui, segundo Green, duas razões. Por um lado, percebe-se no paciente uma forte persistência da oralidade da qual a analidade se desprende mal; por outro lado, está presente um modelo de relação que não se estabelece através da relação genital com outro sexo, mas através da relação narcísica do paciente com o próprio corpo, colocando em jogo dois orifícios: a boca e o ânus. As marcas da relação oral (avidez afetiva, dependência, ambivalência...) infiltram de tal maneira a análise que poderíamos a rigor chamar esta síndrome de *oranalidade primária*.

Os pacientes da analidade primária caracterizam-se, segundo Green, pelo fato de terem um narcisismo ferido e fragmentado, mesmo quando

²⁰ T. Ogden (1999): "Analyser les formes de vie de mort dans le transfert/contre-transfert", *Essais sur la mère morte et l'oeuvre d'André Green*, p. 190.

aparentemente exibem um funcionamento social relativamente normal na vida afetiva e profissional. Nesses casos, o analista percebe que o narcisismo mortificado do paciente enrijece a análise, aprisionando-a num equilíbrio imóvel que impede qualquer desenvolvimento da situação. De fato, as feridas narcísicas provocam uma extrema fragilidade do Eu, que deixa o sujeito preso nas defesas obsedantes dos seus limites, tanto em relação aos seus objetos internos, quanto no que diz respeito ao objeto externo. Esta intensa luta para defender os limites do Eu será encenada na situação transferencial.

O desafio que se impõe ao analista manifesta-se rapidamente no manejo técnico da situação analítica, pois, além da presença dos mecanismos de base ligados aos que foram descritos por Freud no que se refere à psicose, podemos acrescentar as dificuldades criadas pela ambivalência do paciente. De fato, os pacientes da analidade primária parecem estar constantemente lutando contra o enquadre que o analista se esforça em regularizar. “Longe de poder utilizar os benefícios regressivos que decorrem do enquadre, eles lutam como se estivessem precisando se defender contra um inimigo invisível que estaria se aproveitando da situação, seja para fazer uma operação de ataque contra o Eu do paciente, seja para abandoná-lo à própria sorte, em algum deserto, onde não podem esperar nenhum auxílio, em um lugar preenchido somente por presenças monstruosas...”²¹. Assim, diz Green, a oposição é vital para esses sujeitos; ela serve para melhor delimitar sua identidade que não poderia ser colocada de outra forma, a não ser pela diferença adquirida no combate. Esta dinâmica, que poderia evocar claramente a paranoia, é marcada por uma oscilação entre a perseguição e o abandono, permitindo entrever as cisões no Eu e as tentativas mal-sucedidas de cicatrizar as feridas narcísicas.

Nesse quadro clínico, o analista terá sempre que procurar um espaço neutro para

21 A. Green (1990), *op. cit.*, p. 302.

»
*o narcisismo anal
vai se sustentar unicamente
pela erotização inconsciente
da oposição, e esta erotização da
oposição manterá o sujeito preso
nas situações de conflito*

desempenhar o seu trabalho, pois, segundo a fantasia do paciente, o analista oscilaria entre ser um inimigo intrusivo cuja penetração precisa ser controlada e um *alter ego* cuja presença é indispensável ao sentimento de existência. A síndrome da analidade primária coloca para a análise uma problemática predominantemente narcísica, onde as relações com o objeto não se distinguem das questões ligadas às identificações primárias constitutivas do próprio narcisismo. A extrema ambivalência da relação transferencial produz uma conjectura paradoxal enlouquecedora que oscila entre um impulso amoroso fusional e um ódio implacável que ameaça o analista de aniquilamento e de perda de referências subjetivas. Como lidar com uma alteridade insuportável, quando o sujeito precisa ser desesperadamente reconhecido na sua singularidade?

Ao ligar a problemática anal a esse tipo de transferência paradoxal, Green vai focar a dinâmica evacuativa e expulsiva da relação analítica, que inviabiliza os processos introjetivos próprios dos processos de simbolização. Frente à extrema fragilidade narcísica desses pacientes, a analidade – por sua obstinação e teimosia – serve de pseudonarcisismo, e transforma-se numa coluna de sustentação fecal que dá a esses sujeitos um eixo interno rígido e defensivo. Ora, não sendo um verdadeiro narcisismo, que



*a analidade primária
liga-se ao sentimento do fim
da onipotência simbiótica,
e a uma situação onde o sujeito
percebe prematuramente
que o objeto externo não é mais
aquele com quem se dá uma
comunicação sem falhas*

118

PERCURSO 49/50 : junho de 2013

sustentaria e estimularia as relações narcísicas e objetais, o narcisismo anal vai se sustentar unicamente pela *erotização inconsciente da oposição*, e esta erotização da oposição manterá o sujeito preso nas situações de conflito. Mas o que pode passar por agressividade e combatividade edifica-se contra a tentação de uma submissão masoquista, deixando entrever a carência de um verdadeiro narcisismo com objetos internos que possam oferecer acolhimento e continência. Se o sujeito mantém-se vivo a partir da erotização de um interminável conflito que precisa se reatualizar com o analista, como então chegar ao fim dessa paixão aprisionante?

A erotização dos conflitos acontece também com os objetos internos e pode ser percebida no nível do funcionamento mental, provocando *distúrbios do pensamento* que se afirmam pela capacidade de enlouquecimento: pensamento bizarro, paradoxal, desnorteante, quase distorcido, mas também pensamento apaixonante a ser considerado nos seus detalhes por sua surpreendente inventividade dialética, pois a utilização das possibilidades regressivas dos mecanismos lógicos funda uma originalidade muitas vezes desconcertante. Ora, o analista mal conhece esta lógica, porque o paciente precisa reter os seus pensamentos para continuar a se sentir vivo: é, diz Green, como se o pensamento tivesse tomado o lugar do objeto anal primitivo

ou, mais exatamente, como se – já que o objeto anal está destinado a ser finalmente evacuado – o pensamento pudesse por sua vez sobreviver a essa evacuação. Assim, o objeto externo investido na transferência será fortemente marcado por este pseudonarcisismo que espera encontrar um objeto absolutamente Eu e absolutamente outro, que possa ser alojado no reto, como coluna fecal, amado pela via da repulsa e odiado pela via do apego.

A incursão nessa dinâmica transferencial leva Green a reconstruir uma gênese hipotética para dar representação a essa dolorosa síndrome. A de uma primeira relação de objeto fusional, extremamente intensa e passional, seguida de uma decepção incurável na fase anal pela tomada de consciência do estado separado do objeto e no qual se tornou traumático o papel do terceiro, representado pelo pai ou pelo irmão caçula. É preciso ressaltar o papel primordial de uma relação com o objeto primário que parece pouco capaz de identificação, mas ao qual o sujeito, não obstante, se identifica inconscientemente. Posteriormente, o terceiro poderá ser amado e investido; jamais, no entanto, a ponto de permitir curar a ferida narcísica que surgiu com a separação do objeto primário. Assim, a analidade primária liga-se ao sentimento do fim da onipotência simbiótica, e a uma situação onde o sujeito percebe prematuramente que o objeto externo não é mais aquele com quem se dá uma comunicação sem falhas, numa correspondência mútua de desejos e de satisfação. A prematuridade da separação não permitiu a constituição de um narcisismo de vida e dos limites psíquicos, deixando o Eu preso na confusão, à mercê de uma pulsionalidade enlouquecedora. Podemos, então, nos perguntar: O que fazer quando os limites não se constituíram de forma eficaz, estabelecendo uma boa diferenciação dos espaços intrapsíquicos e intersubjetivos? Que lugar cabe ao analista neste mundo psíquico marcado pela agonia, no qual as forças excessivas de uma pulsionalidade desligada aderem a um objeto externo sempre traumatizante?

Reflexões finais

Nas duas situações descritas, a experiência agnóstica reproduz uma situação extrema, sem saída e sem representação. Estas reconstruções propostas por Green podem ajudar os analistas a perseverar numa tarefa impossível? O que esperar desta infundável situação paradoxal?

O artigo *A mãe morta* foi dedicado a Catherine Parat, segunda analista de Green. Essa analista, que inaugurou a noção de *affect partagé* (afeto compartilhado) amplamente usada na psicanálise contemporânea, dedicou-se a pesquisar as vicissitudes do afeto na técnica. Ao ser compartilhado, o desespero promovido por estas situações-limite teria a capacidade de usar as intensidades afetivas como ancoragem das redes representativas e das tramas de ligação psíquicas intersubjetivas. Para finalizar mantendo uma nota de esperança, citaremos R. Roussillon:

A situação deve ser *mantida* enquanto for necessária, e qualquer esforço para tentar abreviar seu prazo só vai aprisionar a dor e o desamparo do analisando no impasse das formas do desespero sem fim, sem fundo, do desespero *absoluto*. A reparação nunca cura, nunca por si só, diretamente. Somente o *compartilhamento de afeto* empático alivia a solidão que caracteriza o desespero, somente a inteligibilidade torna-o aceitável e relativo, superável²².

O compartilhamento de afeto passa muitas vezes por sua simples nomeação. É geralmente

»
*O compartilhamento
de afeto e a reconstrução
propostos por Green
não curam, apenas instalam
as condições para que
uma autointeligibilidade
advenha*

um acontecimento discreto e pudico que não aceita dramatização, excesso, mas demonstra que um acompanhamento do outro é possível numa certa medida. Ele possibilita – espera-se – fazer recuar a solidão. Será, contudo, necessário um lento compartilhamento do desespero para fazer recuar a solidão até o ponto em que o paciente se sinta diferenciado, sujeito único, até o ponto em que possa surgir de sua solidão matéria afetiva para individualizar-se. O compartilhamento de afeto e a reconstrução propostos por Green não curam, apenas instalam as condições para que uma autointeligibilidade advenha e, talvez um dia, possa ser apropriada pelo paciente para que a análise possa prosseguir.

²² Roussillon, R. (2002). *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 11, n. 1, abril 2004, p. 27.

Referências bibliográficas

- Bion W. (1959/1988). Ataques à ligação. In *Estudos Psicanalíticos Revisados*. São Paulo: Imago.
- Candi T. (2010). *O duplo limite: o aparelho psíquico de André Green*. São Paulo: Escuta.
- Freud S. (1932 [1933]/2005). Nuevas lecciones introductorias al psicoanálisis. In: *Obras completas*. Trad. Luis López-Ballesteros y de Torres. Buenos Aires: El Ateneo, vol. 3, p. 3154.
- Green A. (1970/2000). *La diachronie en psychanalyse*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- _____. (1980/1983). *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- _____. (1982/1990). La double limite, *La folie privée: psychanalyse des cas-limites*. Paris: Gallimard, p. 302.
- _____. (1993). L'analité primaire. In *Le travail du négatif*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- _____. (1993/2002). *La pensée clinique*. Paris: Odile Jacob.
- _____. (1978/1996). Potential space in Psychoanalysis: the object in the setting in *On Private Madness*. Londres: Rebus Press, p. 293.
- _____. (2006). *Les voies nouvelles de la thérapeutique psychanalytique: le dedans et le dehors*. Paris: PUF, p. 28.
- _____. (2010). *Illusions et désillusions de la Psychanalyse*. Paris: Odile Jacob.
- _____. (1974/1990). L'analyste, la symbolisation et l'absence dans le cadre analytique. *La Folie privée*. Paris: Gallimard.
- Ogden T. (1998). *Subjects of analysis*. Northvale, NJ: Jason Aronson, p. 64.
- _____. (1999/2009). Analyser les formes de vie de mort dans le transfert/contre-transfert. In: G. Kohon (org.). *Essais sur la Mère morte et l'oeuvre d'André Green*. Paris: Ithaque.
- Roussillon R. (2002). *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 11, n. 1, p.13-33, abr. 2004.

Two models of transference for the borderline states: from the dead mother to primary anality

Abstract Taking at its starting point two clinical narratives by A. Green (in "The dead mother" and "Primary anality"), this paper explores the vicissitudes of analytic practice with borderline patients. With them, the analyst can use elaborations of his countertransference as a means to promote *representations* for the conflicts appearing in the treatment, and also as a means to infuse *sense* in the affective experience of the patient.

Keywords limits of analisability; dead mother; primary anality; absolute despair.

Recebido em: novembro/2012.

Aprovado em: janeiro/2013.

O inconsciente e a linguagem na psicanálise contemporânea

Resumo Urribarri percorre neste texto a história das contribuições de André Green à questão da *linguagem na psicanálise*. Dessa perspectiva, ele destaca três momentos principais na obra do autor. De início, em um período “lacaniano” (anos 1960), Green estuda a linguagem e a simbolização no horizonte intelectual delineado pelas teses de Lacan. Segue-se a fase “pós-lacaniana” (anos 1970-1980), fase crítica, na qual ele examina os impasses reducionistas do lacanismo, contesta a exclusão do afeto e conceitua a especificidade da linguagem *na e para* a psicanálise. Chega, por fim, à “etapa contemporânea” (anos 1990, até 2010): a linguagem é elucidada “no seio da teoria generalizada da representação” em articulação com as teorias da terceiridade e do trabalho do negativo, e seu papel é redefinido no centro dos processos de criação e de destruição do sentido.

Palavras-chave linguagem; afeto; significante; lacanismo; psicanálise contemporânea, discurso vivo; linguística pós-saussuriana; teoria generalizada da representação; trabalho do negativo.

Tradução Luciano Loprete

Fernando Urribarri é psicanalista, membro da Associação Psicoanalítica Argentina (APA), na qual dirige o Seminário de Pesquisa André Green. A partir dos anos 2000, foi colaborador próximo de André Green. Fundador, em Buenos Aires, de *Zona Erogena*, *Revista de psicoanálisis e de pensamiento contemporaneo*, publicou em espanhol textos ou entrevistas de Roland Barthes, Julia Kristeva, Félix Guattari, Jean Laplanche, Cornélius Castoriadis, Piera Aulagnier, André Green e muitos outros. O texto aqui apresentado é uma nova versão de seu prefácio para o livro de Green, *Du signe au discours, Psychanalyse et théories du langage*, Éditions d’Ithaque, Paris, 2011. É autor de *Entretiens avec André Green. La psychanalyse contemporaine chemin faisant*, Paris, Ithaque, 2013.

Fernando Urribarri

Se, por um lado, as contribuições teóricas de Jacques Lacan são incontestáveis, por outro, sua obra nos propõe um modelo psicanalítico insatisfatório: nela, o inconsciente fica reduzido à linguagem (a uma linguagem, aliás, já reduzida segundo o modo estruturalista), e a linguística assume o papel de *ciência piloto*, modelo de uma “cientificidade” que deve alimentar a psicanálise¹.

De início, brilhante, interessante e inovador, o modelo lacaniano passará pela mesma evolução dos modelos teóricos em geral, e do modelo pós-freudiano em particular. Esquematicamente, em sua fase de impulso, esses modelos oferecem uma visão original do objeto, fazem perguntas inéditas, abrem novos campos para a pesquisa. Numa segunda fase, seus limites e suas contradições são ressaltados e obrigam (além das rejeições dogmáticas) a fazer intermináveis correções e redefinições compensatórias que marcam sua decadência.

No pior dos casos, o modelo torna-se obsoleto e cai num esquecimento menos ou mais completo, ou (o que resulta no mesmo) torna-se um sistema dogmático estéril. No melhor dos casos, é parcialmente substituído por outro que o integra e o supera – e esse foi, parece-me, o destino positivo das contribuições lacanianas no pensamento de André Green. Pois Green debruçou-se longamente sobre a questão da linguagem². Mas, diferentemente de Lacan, desenvolveu uma concepção psicanalítica centrada na *singularidade do discurso produzido pelo enquadre analítico* – sem dúvida, uma das facetas mais marcantes de sua obra e talvez também a menos conhecida.

1 Não apenas as críticas tardias e desencantadas dirigidas à “linguística” não modificaram o essencial desse modelo mas também tenderam a reforçar seu aspecto reducionista com a teoria do discurso e outras extrapolações “matemáticas”.

2 Cf. A. Green, *Du signe au discours*, que reúne algumas de suas contribuições mais importantes a esse respeito.



como membro
da Sociedade Psicanalítica de Paris,
Green, no círculo de Lacan,
fica com o papel de “opositor
de Sua Majestade”

Seguindo o fio das principais contribuições de Green ao problema da linguagem na psicanálise, eu gostaria de tornar visível o movimento vetorizado pela pesquisa de uma *psicanálise contemporânea*³, na qual se inscreve não apenas a crítica do reducionismo intrínseco ao linguajar lacaniano, mas, sobretudo, a construção de um modelo complexo e *especificamente psicanalítico*, ainda que enriquecido por um diálogo (sem extrapolações) com a linguística.

Para isso, divido o percurso de André Green em três grandes etapas que comentarei referindo-me a seus textos-chave.

I. Os anos 1960 marcam o início de um *período lacaniano* durante o qual, sem perder seu espírito crítico, Green explora a linguagem e a simbolização dentro do horizonte intelectual traçado pelo modelo de Lacan. Assim, enquanto a linguística estruturalista inspirada em Saussure se estende, na França, a várias áreas, Green procura estabelecer a especificidade do *significante psicanalítico*, conjugando o econômico e o simbólico.

II. Os anos 1970-1980 inauguram uma segunda etapa, que se inscreve no *movimento pós-lacaniano* – um movimento intelectual pluralista, institucionalmente transversal, fomentado pelos mais notáveis autores da terceira geração da psicanálise francesa. Durante esses anos, Green começa por desconstruir os impasses reducionistas do modelo lacaniano, questionando, por exemplo, a exclusão do afeto. Ele propõe, em seguida, a ideia de uma *heterogeneidade do significante analítico* e desenvolve, finalmente, uma perspectiva pessoal, ao conceitualizar a especificidade da linguagem na (e

para) a psicanálise – “a palavra psicanalítica deslutece a linguagem”.

III. Os anos 1990 iniciam um terceiro período, definido pela construção de um modelo teórico e clínico pessoal, ligado ao projeto de um novo paradigma psicanalítico contemporâneo. A linguagem é situada e elucidada “no seio da teoria generalizada da representação”. Articulando-a com as contribuições das teorias da terciaridade e do trabalho do negativo, Green redefine o papel da linguagem nos processos de criação e de destruição dos significados. Nessa fase marcada por uma “guinada semiótica”, o diálogo com a linguística pós-saussuriana (Antoine Culioli, François Rastier, entre outros) verifica-se um estímulo particularmente fecundo.

I. Os anos 1960: em busca do significante freudiano

Essa etapa do *retorno a Freud* inicia-se, para nosso autor, com a leitura do “Relatório de Roma” de Lacan (1953) e se estende até o final dos anos 1960. De 1960 a 1967, Green participa dos seminários de Lacan, bem como de um grupo fechado que estuda a aplicação clínica de suas ideias. Como membro da Sociedade Psicanalítica de Paris, Green, no círculo do mestre, fica com o papel de “opositor de Sua Majestade”: uma posição muito especial na qual a crítica é admitida. Vários artigos são publicados durante esse período⁴, e igualmente seu primeiro livro: *Un Œil en trop. Le Complexe d’Œdipe dans la tragédie*. Nele encontramos a construção de uma identidade freudiana fundamental, conjugada a uma adesão (crítica) à perspectiva de Lacan, para quem: “Quer se pretenda agente de cura, de for-

3 Para uma análise do desenvolvimento do pensamento de André Green em torno da construção do modelo contemporâneo, cf. F. Urribarri, “Passion clinique, pensée complexe” (Posfácio), in A. Green, *Illusions et désillusions du travail psychanalytique*.

4 Por exemplo: “L’objet (a) de J. Lacan, sa logique et la théorie freudienne” (conferência feita, em 1965, no seminário de Lacan), *Cahiers pour l’analyse* 3, 1966, p. 15-37; mais tarde, incluída in A. Green, *Propédeutique. La Métapsychologie revisitée*, p. 159-182.

mação ou de sondagem, a psicanálise tem apenas um *medium*: a palavra do paciente”⁵.

A tese lacaniana segundo a qual “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” visa a justificar a eficácia do método analítico (*talking cure*) na compreensão do inconsciente. Definindo o inconsciente como o “discurso do Outro” – discurso feito de significantes, organizado segundo a *estrutura* binária da linguagem e funcionando segundo os princípios da metáfora e da metonímia (identificadas com a condensação e com o deslocamento) –, Lacan propõe uma releitura original de Freud assim como uma teoria da simbolização de inspiração estruturalista. A produção da significação inconsciente é atribuída à combinatória significante, a partir de uma causalidade estrutural própria à ordem simbólica (a “eficácia simbólica” de Lévi-Strauss).

Essa reformulação lacaniana das relações entre inconsciente e linguagem, bem como a questão fundamental à qual ela tenta responder, tornam-se o centro das pesquisas e das interrogações que visam a modernizar a psicanálise francesa. Elas definem o núcleo epistemológico requerido para estabelecer a “cientificidade” da psicanálise.

No centro desses debates, encontra-se “O inconsciente freudiano e a psicanálise francesa contemporânea”⁶, texto de André Green em resposta ao trabalho que Jean Laplanche e Serge Leclair haviam exposto no Colóquio de Bonneval de 1960, representando Lacan⁷. Texto-manifesto, esse artigo publicado na famosa revista *Temps Modernes*, em 1962, já esboça algumas das principais opções teóricas que definirão a futura obra greeniana: a referência histórica ao “contemporâneo” (termo que evoluiria de adjetivo a conceito), a articulação do econômico e do

»
*quando Lacan, até então um pensador,
torna-se líder de uma escola militante,
a maioria de seus discípulos mais
próximos se afastam e se voltam para o
prosseguimento da renovação freudiana*

simbólico como alternativa à “primazia do significante”, e até mesmo a noção de trabalho do negativo. Além disso, Green marca sua posição ao apresentar naquele texto uma crítica do reducionismo contido na leitura de Freud feita por Lacan, assim como proposições que aspiram corrigir essas distorções.

II. Os anos 1970-1980
A força e o sentido: do discurso vivo
à palavra no enquadre

Quando Lacan, até então um pensador, torna-se líder de uma escola militante, a maioria de seus discípulos mais próximos (Laplanche, Pontalis, Aulagnier, Rosolato, Anzieu, Green...) se afastam e se voltam para o prosseguimento da renovação freudiana, inaugurando o *pós-Lacan*, que tomaria a forma de um movimento freudiano pluralista, antidogmático, baseado num tipo de pacto fraterno entre gerações.

Nesse período pós-lacaniano, podemos distinguir duas vertentes da produção teórica de André Green. A primeira, mais crítica, tende à desconstrução dos reducionismos teóricos e dos impasses clínicos do lacanismo. É acompanhada pela reabilitação de temas e de conceitos freudianos importantes que a leitura lacaniana havia excluído (e anatematizado): o afeto, o corpo, a figurabilidade, a história, o Eu, etc. A segunda vertente, mais criativa, é ligada à inovação e à abertura: explora campos clínicos inéditos, em particular, os limites do analisável, e descobre autores como D. W. Winnicott, W. R. Bion e H. Searles. *Le discours vivant*⁸, de 1973, pertence à primeira

5 J. Lacan, *Écrits*, p. 247.

6 *Les temps modernes* 195 (1962), p. 365-379.

7 J. Laplanche; S. Leclair. “L’Inconscient: une étude psychanalytique” (Colóquio de Bonneval, 1960), in J. Laplanche, *Problématiques iv. L’inconscient et le ça*.

8 A. Green, *Le discours vivant. La conception psychanalytique de l’affect*.



*as críticas dirigidas à teoria
linguagreira de Lacan não impedem,
entretanto, a persistência
de uma adesão relativa
a certas ideias dele*

vertente; “Le langage dans la psychanalyse”⁹, escrito dez anos depois, à segunda.

*A heterogeneidade
do significante psicanalítico*

No *discours vivant*, hoje um clássico, Green estuda o afeto no contexto da teoria e da clínica psicanalíticas. Definido como um modo de simbolização primário (é “um movimento à procura de uma forma”), o afeto pode funcionar estando ligado à cadeia significante ou transbordando-a (como no caso do sinal de angústia e da angústia automática). Green lhe concede um estatuto de significante: ele é “carne do significado e significante da carne”. Por conseguinte, ele propõe “a heterogeneidade do significante psicanalítico”, ao mesmo tempo restabelecendo a diferença entre as representações de coisa e de palavra, e reintroduzindo o afeto no inconsciente e na consciência.

Para Green, a linguagem como sistema homogêneo é diferente do discurso vivo, polifônico, composto de forma plural:

Assim, cumpre diferenciar a linguagem que não se refere senão a ela mesma em sua ordem de estruturação própria – e que pressupõe a redução e a homogeneização do significante verbal que forma o processo linear da verbalização e ao mesmo tempo se submete a ele – do discurso, no qual a concatenação recebe as impressões vindas de significantes heterogêneos (pensamentos, representações, afetos, atos, estados do corpo próprio) e de investimentos energéticos variáveis carregando estados de tensão qualitativa e quantitativamente diferentes e tendentes à descarga¹⁰.

Por conseguinte, a linguagem dos linguistas não é a mesma que a linguagem dos psicanalistas. Diferença capital que – ao aumentar de forma qualitativa a distância em relação às posições de Lacan – reconhece no discurso analítico a conjugação da força e do sentido como polos inseparáveis e irreduzíveis do trabalho psíquico de simbolização.

Não menos importante é a primeira formulação da especificidade da palavra analítica no enquadre: “A palavra analítica é uma palavra deitada. [...] *Uma palavra dirigida a um destinatário velado*”¹¹. Do ponto de vista da psicanálise, a linguagem se define e se estuda (é recortada metodologicamente) no contexto analítico: “É preciso voltar ao encontro, determinado pelo enquadre da situação analítica, entre a palavra e seu efeito de afeto”¹². No último capítulo do *Discours vivant*, Green esboça um programa que definirá o prosseguimento de sua obra:

O pensamento psicanalítico contemporâneo busca assentar teoricamente o legado da psicanálise pós-freudiana sobre a construção de modelos teóricos¹³.

As críticas dirigidas à teoria *linguagreira* de Lacan não impedem, entretanto, a persistência de uma adesão relativa a certas ideias (“o significante representa sempre o sujeito para outro significante”) e maneiras de situar os problemas: por exemplo, a consideração da simbolização em relação à noção de cadeia significante, ou a utilização e a reformulação do “esquema L”. Assim como Freud, Lacan continua sendo uma referência maior no trabalho de Green.

Todavia, entre *Le discours vivant*, de 1973, e a comunicação “Le langage dans la psychanalyse”, de

9 A. Green, “Le langage dans la psychanalyse”, in A. Green, R. Diatkine et al., *Langages. Ile Rencontres psychanalytiques d’Aix-en-Provence*, Paris, Les Belles Lettres, 1984.

10 A. Green, *Le discours vivant*, op. cit., p. 239. Grifo de André Green.

11 A. Green, *Le discours vivant*, op. cit., p. 310. Grifo de André Green.

12 A. Green, *Le discours vivant*, op. cit., p. 311.

13 A. Green, *Le discours vivant*, op. cit., p. 290. Note-se que, aqui, o termo “pós-freudiano” inclui não apenas aqueles que Lacan critica, mas também o próprio Lacan.

1983, a evolução é notável. Um dos fatores importantes dessa mudança é a leitura crítica e a apropriação criativa da obra de D. W. Winnicott. A influência winnicottiana se manifesta claramente em “L’analyste, la symbolisation et l’absence dans le cadre analytique”, artigo de 1974 que André Green dedica ao autor inglês, e no qual propõe uma noção de simbolização ligada ao transicional, associa o conceito de enquadre ao espaço potencial, faz alusão aos processos “intermediários” (que chama de “terciários”) e, por fim, define o objeto analítico segundo o modelo do objeto transicional. Todas essas ideias terminam por desempenhar um papel central em “Le langage dans la psychanalyse”, no qual será apresentada a noção-chave, igualmente de inspiração winnicottiana, do *sujeito que brinca* (“sujet joueur”) em oposição ao *sujeito que calcula* (“sujet calculateur”) da combinatória significante.

“A palavra analítica
desenlutece a linguagem”

“Le langage dans la psychanalyse” – que ainda hoje continua uma obra-prima pouco conhecida – constitui um marco fundamental no percurso intelectual de André Green. É um ponto de inflexão na sua relação com o autor do “Relatório de Roma”. Green reconheceu que foi somente a partir desse trabalho que ele pôde ultrapassar sua visão clivada do modelo lacaniano. Por dissociar teoria e prática (valorizando a primeira e criticando a segunda), esse modelo invalidava as relações intrínsecas entre elas. Nesse artigo, Green não apenas esclarece impasses teóricos e clínicos vindos do lacanismo – a saber, a teoria do simbólico e da significação –, mas ainda estabelece, de um ponto de vista metapsicológico, *a especificidade da linguagem (e da simbolização) como determinada pelo método e pelo enquadre analíticos*.

Assim, Green escreve:

14 A. Green, “Le langage dans la psychanalyse”, *op. cit.*, p. 118. Grifo de André Green.

15 A. Green, “Le langage dans la psychanalyse”, *op. cit.*, p. 132.

16 A. Green, “Le langage dans la psychanalyse”, *op. cit.*, p. 123. Grifo de André Green.

»
o objetivo do enquadre
é a transformação mais extremada
possível da produção psíquica
em linguagem, por meio
da livre associação

A necessidade de recorrer ao enquadre se baseia num pressuposto implícito simples e, entretanto, ao que eu saiba, jamais explicitado. Se a linguagem é *mediação* para o inconsciente, é preciso que a palavra e as condições de sua produção passem por uma modificação que faça com que a função mediadora se torne audível. Em outros termos, é preciso falar de *outra forma* e inventar outros parâmetros para o intercâmbio verbal¹⁴.

O enquadre é chamado “aparelho de linguagem”, pois seu objetivo é a transformação mais extremada possível da produção psíquica em linguagem, por meio da livre associação. A linguagem superinvestida pela transferência funciona como um mediador para o que não é linguagem em relação ao inconsciente. A transferência é considerada dupla: ela age simultaneamente sobre o objeto (analista) e sobre a palavra (discurso associativo). No enquadre, a palavra muda de estatuto e se transforma ela própria num objeto singular, um “terceiro”, surgido da comunicação entre analista e analisando: é o objeto analítico (objeto discursivo, constituído pelas representações e afetos que tecem a comunicação analítica). É por isso, escreve Green, que “a palavra analítica desenlutece a linguagem”¹⁵.

O enquadre, como elemento terceiro (entre o analisando e o analista), é definido como uma matriz da simbolização transicional e terciária:

A simbolização do enquadre contém um paradigma triangular que une as três polaridades do *sonho* (narcisismo), dos *cuidados maternos* (da mãe, segundo Winnicott) e da proibição do *incesto* (do pai, segundo Freud). *Logo, ela é simbolização da estrutura inconsciente do complexo de Édipo, que o aparelho psicanalítico faz falar*¹⁶.



a linguagem é definida por Green como uma organização que inclui a dupla significância, a dupla representação e a dupla referência

O resultado dessa dinâmica será constatar que todo objeto remete a outra coisa que não a ele próprio, e que não é o sujeito. É o que chamamos o outro do objeto. Assim, somos levados a considerar uma estrutura ternária (o sujeito, o objeto e o outro do objeto) fundamental, constitutiva da teoria da triangulação generalizada com terceiro substituível¹⁷.

A linguagem é definida por Green como uma organização que inclui a dupla significância (de signo e de sentido), a dupla representação (representações de coisa e de palavra) e a dupla referência (realidade psíquica e realidade material¹⁸).

A questão-chave da simbolização é abordada na seção “L'ordre symbolique: les processus tertiaires”:

[Lacan] se enganou ao associar o simbólico à linguagem – pois é exatamente à psiquê, ou melhor, ao aparelho psíquico, e não ao aparelho da linguagem que o simbólico está associado [...]. O que Lacan procurou fazer foi provavelmente superar Freud na conceitualização que este último buscou na oposição dos processos primários aos secundários. Mas, uma superação através do simbólico deveria não apenas excluir o significado, mas também o afeto, instaurando a hegemonia do significante e tentando encontrá-lo onde ele, evidentemente, faz falta [...]. Nós propomos uma solução diferente [...]. Postulamos a existência de processos de relação entre processos primários e secundários, circulando nos dois sentidos, que chamamos de *processos terciários* e que religamos ao pré-consciente da primeira tópica e ao Eu inconsciente da segunda. [...] A partir disso, a ordem simbólica não se baseia unicamente na linguagem, mas sim no conjunto de ligações-desligamentos-religamentos que agem nas três instâncias do aparelho psíquico, conforme a primeira ou a segunda tópica. Os processos terciários fazem o elo entre o aparelho da linguagem e o aparelho psíquico¹⁹.

III. Os anos 1990.

Uma “guinada semiótica”? Rumo a uma metapsicologia contemporânea da criação e da destruição do sentido

Durante esse terceiro e último período, André Green aprofundou suas ideias mestras e produziu uma nova síntese que resultou na construção de um modelo teórico e clínico contemporâneo. Esse modelo articula os conceitos metapsicológicos freudianos com certas contribuições pós-freudianas maiores, à luz das experiências clínicas provindas do trabalho com as estruturas não neuróticas. As bases conceituais metapsicológicas são revisitadas, enriquecendo a compreensão da linguagem.

O modelo metapsicológico greeniano é concebido em torno de cinco eixos principais:

1. A *perspectiva geral* que articula o intrapsíquico e o intersubjetivo se expressa através do tripé *pulsão-representação-objeto*. A pulsão é definida como a matriz do sujeito. Ela é inseparável do objeto (ou dos objetos), o qual, por sua vez, é definido como revelador da pulsão, agente promotor de uma função objetualizante, chave da subjetivação. A constituição de um sujeito é essencial no processo de representação²⁰.

2. A *teoria geral da representação*, que abarca tanto o corpo quanto a linguagem, estende e explicita a teoria freudiana da representação combinando diversos elementos: o representante psíquico da pulsão; o representante-representativo inconsciente; a representação de coisa ou de objeto (inconsciente e consciente); o representante-afeto; a representação de palavra; e os julgamentos que representam a realidade no Eu.

17 A. Green, “Le langage dans la psychanalyse”, *op. cit.*, p. 145. Grifo de André Green.

18 Em “Psychanalyse et théories du langage”, Green escreve: “A língua psicanalítica demonstra que ela inclui a função transicional (Winnicott) da linguagem em relação com objetos que são e não são o que eles representam (o seio).” Cf. A. Green, *Du signe au discours*, *op. cit.*, p. 135, capítulo IV.

19 A. Green, “Le langage dans la psychanalyse”, *op. cit.*, p. 145-146.

20 Note-se que a pulsão está na base do modelo freudiano; o objeto, dos modelos pós-freudianos; a representação – eixo da articulação com os outros –, do modelo contemporâneo.

3. A *tópica* se expande para quatro territórios (atingindo os limites concebidos como zonas de trabalho psíquico): o soma, o inconsciente, o pré-consciente/consciente e a realidade (espaço de relação com o objeto pulsional e com o outro semelhante). Essa *tópica* é, antes de tudo, estruturada pelo duplo conflito Eu-pulsões e Eu-objetos.

4. A *teoria psicanalítica da terciaridade* é concebida como matriz geral do sentido. Trata-se de uma vertente metaconceitual que se apropria da semiótica de Peirce a fim de articular as noções terciárias de Green: do modelo básico da simbolização “ligado-desligado-religado” e dos “processos terciários” à “teoria da triangulação generalizada a terceiros substituíveis”²¹.

5. O *trabalho do negativo*: eixo dinâmico (processual/transformacional, potencialmente estruturante ou desestruturante) do psiquismo.

Essa metapsicologia, que se assemelha ao paradigma da complexidade (Edgar Morin), introduz uma “lógica da heterogeneidade”²² que acentua a pluralidade (de componentes, de estratos, de conflitos, de lógicas), o processual e o *poiético*. É evidente que neste contexto – no qual as teorias da representação generalizada, da terciaridade e do trabalho do negativo confluem e se reforçam – a concepção da linguagem e da simbolização se encontra modificada.

A introdução da teoria da terciaridade de C. S. Peirce visa a afirmar o papel central da representação (a que Lacan procura constantemente deslocar sob os auspícios do simbólico) como forma ou dimensão específica da produção psíquica de sentido. Para Peirce²³, diferentemente de Saussure, o papel do pensamento inconsciente não é reservado nem à língua como sistema, nem ao significante, já que os respectivos signos ultrapassam os limites do linguístico. Assim:

21 Para uma análise do papel da terciaridade na reconfiguração da obra de André Green, cf. F. Urribarri, “Pour introduire la pensée tertiaire”, in C. Botella, *Penser les limites. Ecrits en l’honneur d’André Green*.

22 Comunicação pessoal de Green a Urribarri.

23 C. S. Peirce, *Ecrits sur le signe*, p. 29.

24 A. Green, “De la tiercéité”, *op. cit.*, p. 292-293.

25 In A. Green, *Du signe au discours*, *op. cit.*, p. 83-109, capítulo III.

26 A. Green, *Du signe au discours*, *op. cit.*, p. 31-60, capítulo primeiro.

»
*a psiquê é agora concebida
como um processo dinâmico
(heterogêneo e conflitual) de criação
e de destruição de sentido*

Aplicadas à linguagem tal como é entendida pelo psicanalista, as ideias de Peirce consideram, através da ideia do interpretante, o efeito de irradiação dos significantes como signos, de sua propagação bem além do tempo de sua enunciação, de sua existência latente no tempo posterior à sua emissão e antes de sua aparente extinção, como da antecipação que se faz sentir de seu iminente retorno ao estado de presença, trazendo consigo o que sua contextualidade presente insinua como sendo novo, enquanto ainda vibram ao se evocar um contexto que se acreditava reduzido ao silêncio porque não há mais vestígio de sua presença²⁴.

Em tal contexto, é possível falar de um tipo de “guinada semiótica” no pensamento de Green? Qualquer que seja a resposta, a psiquê é agora concebida como um processo dinâmico (heterogêneo e conflitual) de criação e de destruição de sentido. Em outras palavras, a exigência de trabalho imposta à psiquê através de sua relação com as pulsões e com os objetos é a criação de um sentido “para si”. Portanto, trata-se de um trabalho de subjetivação, que consiste em (se) representar as experiências vividas e o lugar que se ocupa em meio a elas; processo de subjetivação consubstancial ao trabalho do negativo que constitui uma estrutura enquadradora do Eu (plataforma primária e perene dos investimentos e das representações, que Green explicitará em seu estudo minucioso intitulado “De la négation”²⁵).

Uma teoria da representação generalizada

“Le langage au sein de la théorie générale de la représentation”²⁶, trabalho redigido em 1997, é o primeiro texto (e provavelmente o principal) de Green sobre esse assunto. Nele, lemos: “Apenas uma teoria da representação generalizada pode



Green irá propor um modelo de livre associação (e de escuta) centrado nas noções de “reverberação retroativa” e de “anúncio antecipativo”, de “irradiação” e de “virtualidade”, de “arborescência do sentido

responder às questões levantadas pela prática e pela teoria”²⁷.

Esse texto retoma e desenvolve a perspectiva traçada no “Relatório de Aix-en-Provence”, de 1983, no intento de incluir o que havia sido descoberto pela pesquisa sobre os limites do analisável e do funcionamento neurótico. Pode-se dizer que, em 1983, para sair do modelo laciano e superá-lo, Green retornou ao modelo freudiano básico a fim de elucidar seu fundamento geral e, assim, redefinir o papel da linguagem. Mais de dez anos depois, em 1997, ele parte do modelo freudiano básico e avança em direção a um modelo freudiano contemporâneo, ampliado e mais complexo.

Considera-se que o “Relatório de 1983” elucidou um modelo *restrito* da representação: o da primeira tópica freudiana; da compatibilidade da dupla representação de coisa/representação de palavra; do funcionamento neurótico; do método centrado na relação entre sonho e relato do sonho no enquadre clássico. Green propõe desde logo ampliar esse modelo e aumentar sua heterogeneidade, introduzindo a referência à moção pulsional, ao protolinguageiro, ao irrepresentável e à compulsão à repetição mortífera, para explicar o funcionamento nos limites do analisável. Um modelo expandido aquém e além da representação (a qual não é mais um dado inicial, mas um *resultado possível e incerto*). Essa nova perspectiva geral propõe um díptico teórico e clínico, que articula o “modelo do sonho” com o “modelo do ato”. O primeiro é um modelo da segunda tópica, no qual as moções pulsionais do Isso podem dar lugar ao ato compulsivo ou à ligação representativa; o segundo é um modelo do funcionamento não neurótico, funcionamento

que tende a atacar o enquadre, a dar um curto-circuito no método e a pôr em xeque o processo analítico²⁸. Green postula que a linguagem depende de sua relação com esses dois modelos. Significando que, sob uma perspectiva psicanalítica contemporânea, *a linguagem não se concebe apenas como sendo determinada por seu enquadramento na situação analítica, mas também como dependente do tipo de funcionamento intrapsíquico e intersubjetivo que se desenvolve na relação analítica e que pode exceder o diálogo analítico, impondo variações ao enquadre*. Em outros termos, o papel-chave da linguagem – o de tornar perceptível o pensamento, de ligar as representações, de traduzir seu significado e de transformar seu regime de funcionamento – revela-se muito mais dinâmico e aleatório e, em suma, bem mais dependente de um trabalho (do negativo) intrapsíquico e intersubjetivo.

Aproveitando-se desses últimos desenvolvimentos, Green irá propor um modelo de livre associação (e de escuta) centrado nas noções de “reverberação retroativa” e de “anúncio antecipativo”, de “irradiação” e de “virtualidade”, de “arborescência do sentido” – modelo cujo contraponto será dado pelo funcionamento anti-associativo do trabalho do negativo não neurótico, chamado “posição fóbica central”²⁹.

Uma linguagem aberta ao não linguageiro: o novo diálogo com a linguística

Nessa toada, compreende-se facilmente o entusiasmo de Green com relação a certos trabalhos inovadores da linguística contemporânea³⁰. Por um lado, esses trabalhos vão ao encontro de (e confirmam) algumas opiniões teóricas de Green sobre o papel do afeto, sobre a diacronia, sobre a polifonia do sentido; por outro, abrem um novo horizonte de diálogo entre a psicanálise e a linguística; horizonte que já continha em germe a matéria de novas pesquisas – notadamente no

27 A. Green, *Du signe au discours*, op. cit., p. 32.

28 A. Green, *Du signe au discours*, op. cit., p. 49.

29 Cf. seu artigo “La position phobique centrale”, in A. Green, *La pensée clinique*, op. cit.

30 Cf. A. Culioli, *Pour une linguistique de l'énonciation*.

que se refere à interpretação, na perspectiva da relação da linguagem com o não linguageiro.

Um dos encontros mais produtivos foi o de Green com os trabalhos de Simon Bouquet e François Rastier³¹, ambos guiados pela ideia de que o surgimento da linguagem não pode ser concebido “senão dentro da evolução geral do semiótico”. Green adota a distinção que eles propõem entre duas polaridades da linguagem: uma, *lógico-gramatical* e, outra, *retórico-hermenêutica*. Essa distinção integra e reorganiza as questões que deram origem às oposições entre as teorias de Lacan e de Green: enquanto Lacan – e a maior parte dos linguistas de sua época – privilegiava a ideia de uma linguagem como código (isto é, polo lógico-gramatical), Green afirmava seu interesse pelo funcionamento da palavra e pelo discurso do ponto de vista retórico e hermenêutico. Assim, compreende-se o impacto positivo da descoberta por Green de um “outro” Saussure, que, em seus *Écrits de linguistique générale*³², promovia uma “linguística da palavra”. “Agora existe a possibilidade de uma linguística interpretativa, e a esperança de que o diálogo com a psicanálise se estabeleça em bases mutuamente-enriquecedoras”, escreveria Green³³. Percebe-se

O sistema de representação³⁴

André Green

Se a relação entre representação de coisa/representação de palavra constituir de fato o eixo dessa reflexão sobre a teoria freudiana acerca da linguagem, outros corolários deverão ser frisados. Antes de tudo, essa problemática está ligada

31 Cf. S. Bouquet; F. Rastier (org.), *Une introduction aux sciences de la culture*; S. Bouquet, “Y a-t-il une théorie saussurienne de l’interprétation?”, *Cahiers de praxématique* 33 (1999); F. Rastier, “De l’origine du langage à l’émergence du milieu sémiotique”, *Marges linguistiques* 11 (2006), disponível em: <<http://www.revue-texto.net/index.php?id=533>>.

32 Edição estabelecida por S. Bouquet e R. Engler, com a colaboração de A. Weill.

33 A. Green, *Du signe au discours*, op. cit., p. 128, cap. IV.

34 Extraído de A. Green, “Le système représentationnel”, in *Du signe au discours. Psychanalyse et théories du langage*. Paris, L’Haque, 2011, p. 42-44; 46.

»
*agora existe a possibilidade
de uma linguística interpretativa,
a esperança de que o diálogo
com a psicanálise se estabeleça
em bases mutuamente
enriquecedoras”*

o entusiasmo de Green quando se entende que ele não corresponde apenas ao que esses novos desenvolvimentos linguísticos significaram para suas elaborações recentes (que podemos apreciar ao ler *Du signe au discours*). Ele corresponde também ao impulso dado à dimensão coletiva do projeto contemporâneo: exortar as novas gerações de analistas não a adotar um jargão greeniano, mas a participar de um programa de pesquisa que tenta abrir horizontes promissores para a psicanálise, construindo um novo paradigma freudiano complexo, expandido, pluralista e cosmopolita. Uma linguagem psicanalítica renovada.

Paris – Buenos Aires, janeiro de 2011

(*Wortvorstellung*) existe unicamente no nível da consciência. A consciência, diz Freud, associa a representação de coisa à representação de palavra que lhe corresponde. Não poderia estar mais claro. A linguagem conota a representação dos objetos do mundo. No inconsciente, não há lugar para a linguagem. Na psicose, as palavras são tratadas como coisas e traduzem a tentativa de reinvestimento dos objetos perdidos. Daí a pergunta: de onde vêm as representações de objeto? A resposta de Freud é explícita: da percepção. As representações provêm das percepções. Seria oportuno citar aqui sua famosa carta dita 52, de 6 de dezembro de 1896. Nela, considerando a retranscrição como processo de estratificação, Freud defende a ideia de que a memória não é exercida uma única vez, mas sim remanejada em várias ocasiões³⁵. Freud reata com seu texto sobre a afasia³⁶.

Será tudo? Será que nos bastaria essa cadeia: percepção (*Wahrnehmungen*), indicador de percepção (*Zeichenwahrnehmungen*), inconsciente, pré-consciente – este último podendo se tornar consciente através dos processos de pensamento? Não. Esse quadro está incompleto. Falta nele a parte desempenhada pela pulsão.

Cabe então lembrar que a pulsão é definida como o representante psíquico das excitações nascidas no interior do corpo e atingindo o psiquismo. Esse representante psíquico que é a pulsão tem tripla conotação: *dinâmica* (aquilo que se origina no corpo e chega ao psiquismo), *tópica* (como conceito no limite do somático e do psíquico), *econômica* (como “medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo”³⁷).

A pulsão, além disso, tem representantes. *Ela é um representante e ela tem representantes*. É o que se deve entender por “representante-representativo” e “afeto”. *Em suma, existe, para a representação inconsciente, um duplo sistema de representação*. Vinda do mundo externo, a representação é de coisa e de objeto, e é suscetível de trazer satisfação. Vinda do corpo, ela é o representante psíquico da pulsão, que exige satisfação. Ou entendemos a

coalescência entre esses dois tipos de inscrição, ou nada teremos entendido da psicanálise.

Assim, a coisa ou o objeto representado é aquele que satisfaz a pulsão, e que se faz representar por seu representante psíquico. Conclusão: *a representação inconsciente é constituída por um misto, uma associação, um amálgama feito do investimento pelo representante psíquico – vindo do corpo – e pelo representante de objeto – vindo do mundo*.

Essa fatura representativa distingue completamente nossa concepção da representação de todas aquelas da filosofia. Tal sistema seria idealista se não fosse referenciado. A realidade psíquica nos é familiar. Ela está ligada ao inconsciente e não mais ao psiquismo consciente, e possui um índice de crença que não admite nem dúvidas nem graus na incerteza.

Resta a realidade material ou externa. Apenas com a prova de realidade é que ela será introduzida na metapsicologia, no artigo sobre o sonho³⁸. Mais tarde, porém, ao abordar o recalcque da realidade em seus artigos de 1924 sobre a psicose, Freud mencionará as ideias e os julgamentos que representam a realidade no Eu. É interessante constatar o quanto Freud e Lacan tiveram dificuldade em tratar esse problema do real. De certa forma, eles capitularam diante da necessidade de fazê-lo intervir. Freud em 1915, e Lacan, creio, por volta de 1970.

Eis o quadro completo: representante psíquico, representante-representativo, representação de coisa ou de objeto (inconsciente e consciente), representação de palavra, representante da realidade.

O esquema a seguir [*Esquema 1*] resume esse conjunto.

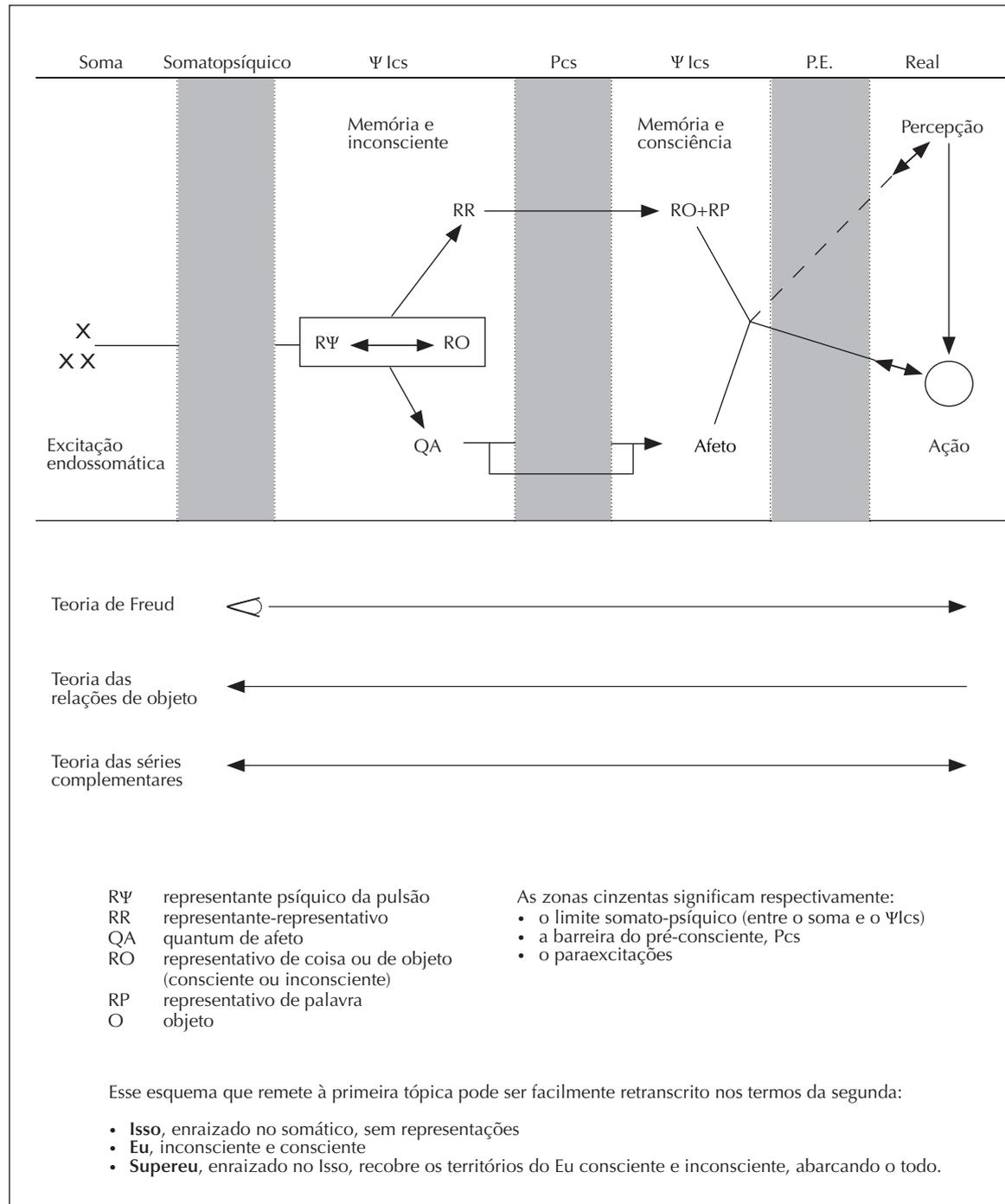
35 In S. Freud, *Naissance de la psychanalyse. Lettres à Wilhelm Fließ: notes et plans* (1950).

36 S. Freud, *Contribution à la conception des aphasies: une étude critique* (1891).

37 S. Freud, “Pulsões e destinos da pulsão”. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud – Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (1915-1920). v. 2, p. 148. [S. Freud, “Pulsions et destin des pulsions” (1915), in S. Freud, *Métapsychologie*, Paris, Gallimard, 1968, p. 11-44].

38 S. Freud, “Complément métapsychologique à la théorie du rêve” (1916-1917), in S. Freud, *Métapsychologie, op. cit.*

ESQUEMA 1



Esquema concebido por André Green em 1997, ilustrando seu texto sobre "A teoria geral da representação", in A. Green, *Du signe au discours*, Paris, Ithaque, 2011, p. 46.

Referências bibliográficas

- Bouquet S.; Rastier F. (dir.). *Une introduction aux sciences de la culture*. Paris: PUF.
- Bouquet S. (1999). Y a-t-il une théorie saussurienne de l'interprétation?, *Cahiers de praxématique* 33 (1999).
- Culioli A. (1990). *Pour une linguistique de l'énonciation*. Gap: Orphis.
- Green A. (1990). De la tiercéité. *La Psychanalyse: questions pour demain*, Monographies de la *Revue Française de Psychanalyse*. Paris: PUF, p. 243-277; também in A. Green, *La pensée clinique*. Paris: Odile Jacob, 2002.
- _____. (1974/1990). L'analyste, la symbolisation et l'absence dans le cadre analytique. In A. Green, *La folie privée*. Paris: Gallimard.
- _____. (1962). L'Inconscient freudien et la psychanalyse française contemporaine, *Les Temps Modernes* n. 195, p. 365-379.
- _____. (1965/1995). L'objet (a) de J. Lacan, sa logique et la théorie freudienne, conferência feita no seminário de J. Lacan; In: A. Green, *Propédeutique. La métapsychologie revisitée*. Seyssel: Champ Vallon.
- _____. (2011). Le langage au sein de la théorie générale de la représentation. In: A. Green, *Du signe au discours*. Paris: Ithaque.
- _____. (1984). Le langage dans la psychanalyse. In: A. Green, R. Diatkine et al., *Langages. IIe Rencontres psychanalytiques d'Aix-en-Provence (1983)*. Paris: Les Belles Lettres.
- _____. (1991). Comunicação pessoal de André Green a Fernando Urribarri.
- _____. (2011). *Du signe au discours*. Paris: Ithaque.
- _____. (1995). *La causalité psychique: entre nature et culture*. Paris: Odile Jacob.
- _____. (2002). *La pensée clinique*. Paris: Odile Jacob.
- _____. (1973). *Le Discours vivant. La conception psychanalytique de l'affect*. Paris: PUF, Quadrige. [O discurso vivo. Uma teoria psicanalítica do afeto. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.]
- _____. (1969). *Un œil en trop. Le complexe d'Édipe dans la tragédie*. Paris: Minuit.
- Lacan J. (1966). *Écrits*. Paris: Seuil.
- _____. Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse (Relatório do Congresso de Roma), *La Psychanalyse* 1, p. 81-166. Também in J. Lacan, *Écrits, op. cit.*, p. 237-322.
- Laplanche J.; Leclaire S. (1960). L'Inconscient: une étude psychanalytique (Colóquio de Bonneval, 1960), *Les Temps Modernes* 183, p. 81-129. Também in J. Laplanche, *Problématiques IV. L'inconscient et le ça*. Paris: PUF, 1981.
- Peirce C. S. (1978). *Écrits sur le signe*. Trad. francesa de G. Deledalle. Paris: Seuil.
- Rastier F. (2006). De l'origine du langage à l'émergence du milieu sémiotique, *Marges linguistiques* 11.
- Saussure F. (2002). *Écrits de linguistique générale*. Edition établie par S. Bouquet et R. Engler, avec la collaboration d'A. Weill. Paris: Gallimard.
- Urribarri F. (2008). Après Lacan: père et filiation analytique chez André Green. In: D. Cupa, *Le Père dans la culture contemporaine*. Paris: PUF.
- _____. (2002). Pour introduire la pensée tertiaire. In: C. Botella, *Penser les limites. Écrits en l'honneur d'André Green*. Lausanne: Delachaux & Niestlé.
- _____. (2010). Passion clinique, pensée complexe (Postface). In A. Green, *Illusions et désillusions du travail psychanalytique*. Paris: Odile Jacob.

O sistema de representação

Freud, S. (1916-1917/1968). "Complément métapsychologique à la théorie du rêve". In: S. Freud, *Métapsychologie*. Paris: Gallimard, p. 125-146.

Freud S. (1915/2004). Pulsões e destinos da pulsão. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud – Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (1915-1920)*. v. 2. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago. [Freud S. (1915/1968). "Pulsions et destin des pulsions". In: S. Freud, *Métapsychologie*, Paris: Gallimard, p. 11-44.]

Freud S. (1891/1983) *Contribution à la conception des aphasies: une étude critique*. Paris: PUF, 1983.

Freud S. (1950/2002) *Naissance de la psychanalyse. Lettres à Wilhelm Fliess: notes et plans*. Paris: PUF.

Two models of transference for the borderline states: from the dead mother to primary anality

Abstract Urribarri traces here the history of André Green's contributions to the problem of *language in psychoanalysis*. From this perspective, he distinguishes three principal moments in the author's lifework. First, in his *Lacanian period* (1960s), Green studies language and symbolism within the intellectual horizon sketched out by Lacan's propositions. Next comes the *post-Lacanian phase* (1970s-80s), a critical phase during which he examines the reductionist stalemates of Lacanianism, contests the exclusion of the affect, and conceptualizes the specificity of language *in and for* psychoanalysis. Finally, we arrive at the *contemporary period* (1990s-2010): language is explicated "within a generalized theory of representation", in accordance with Green's theories of the thirdness and of the work of the negative, where the role of language is redefined as being at the core of the processes of the creation and destruction of meaning.

Keywords language; affect; signifier; Lacanianism; post-Lacanianism; contemporary psychoanalysis; living discourse; post-Saussurian linguistics; generalized theory of representation; work of the negative.

Recebido em: outubro/2012.

Aprovado em: janeiro/2013.

A pesquisa clínica em psicanálise

reflexões a partir de André Green

Luis Cláudio Figueiredo

Resumo As posições de André Green acerca da pesquisa clínica em psicanálise são o objeto deste trabalho. Green é apresentado como um intransigente defensor da psicanálise clínica e da modalidade de pesquisa que lhe é própria, em oposição ao que se convencionou chamar de “pesquisa empírica”.

Palavras-chave pesquisa clínica; pesquisa empírica; André Green.

Luis Cláudio Figueiredo é psicanalista, professor da PUCSP e da USP, autor de diversos artigos em revistas científicas e de livros, entre os quais *Bion em nove lições* (2011) e *Balint em sete lições* (2012), ambos pela editora Escuta.

Apresentação

A contribuição de André Green para a renovação do pensamento psicanalítico, suas teorias e suas práticas, é relativamente bem conhecida, e certamente será objeto de muitos dos textos deste volume de *Percurso* dedicado ao autor recentemente falecido. Aqui enfocaremos um aspecto de sua “militância”: a defesa intransigente e frequentemente belicosa da psicanálise no campo da epistemologia e da metodologia da pesquisa clínica.

Antes mesmo de apresentarmos com algum detalhamento seus argumentos, tentemos sintetizar uma posição básica de Green com a qual concordamos integralmente. Para que haja *pesquisa psicanalítica* é preciso que haja um *psicanalista pesquisador* em uma *situação analisante* que opere como *condição, objeto e instrumento* de pesquisa, e da qual o analista faz parte, submetido a certas regras e imerso em certa condição especial de funcionamento psíquico.

Nossa exposição vai se apoiar fundamentalmente na leitura de três textos de A. Green¹ reunidos em um volume publicado pelos Sandler e Rosemary Davies² acerca das controvérsias que opuseram Green a R. Wallerstein e D. Stern em torno das questões das pesquisas em psicanálise. Não faremos, contudo, um resumo de cada texto; ao contrário, procuramos organizar os argumentos e proposições de André Green em dezoito itens concebidos a partir da leitura do conjunto do material examinado.

1 A. Green, “What kind of research for psychoanalysis?”; “Response to Robert Wallerstein”; “Science and science fiction in infant research” in J. Sandler *et alii*. *Clinical and Observational psychoanalytic research: roots of a controversy*.

2 J. Sandler *et alii*. *op.cit.*



*A distinção,
atualmente praticada,
entre pesquisa empírica
e pesquisa clínica
traz consigo a suposição
absolutamente equivocada
de que a pesquisa clínica
seria menos empírica
que a outra*

134

PERCURSO 49/50 : junho de 2013

A pesquisa clínica em psicanálise

1. *A psicanálise também é, segundo Freud, um saber empírico*, em contraposição ao puramente conceitual e especulativo – próprio à filosofia. Assim sendo, a oposição entre “pesquisa empírica” e “pesquisa clínica” não parece bem colocada. A chamada “pesquisa empírica” – tal como praticada por Stern, Fonagy, Emde e alguns outros – deveria ser chamada de “pesquisa observacional e experimental”. A distinção, atualmente praticada, entre pesquisa empírica e pesquisa clínica traz consigo a suposição absolutamente equivocada de que a pesquisa clínica seria menos empírica que a outra. Aliás, a distinção entre pesquisa clínica e pesquisa conceitual³ igualmente sugere que a pesquisa clínica em psicanálise não seja também uma pesquisa conceitual, mas a esta outra questão nos dedicaremos em outro trabalho⁴.

A diferença entre pesquisa clínica e a dita pesquisa empírica – observacional e experimental – é de ordem metodológica, já que para todos os pesquisadores em confronto alguma

experiência está na base dos conceitos e teorias. Desta forma, inclusive, alguma possibilidade de cooperação entre os métodos não deveria ser descartada, o que é inclusive afirmado por Freud nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, do que nos lembra Ricardo Steiner na *Introdução* ao volume sobre as controvérsias entre os pesquisadores. Esta posição reaparece, por exemplo, no comentário de Irma B. Pick ao debate entre Stern e Green⁵, onde se vê, porém, que para que os resultados das pesquisas observacionais e experimentais sejam úteis à psicanálise é preciso que sejam lidos e interpretados pelo psicanalista que se sustente em sua posição e opere no “estado especial de mente” que lhe é próprio.

2. Contudo, esta é a base de toda a argumentação, a base empírica da psicanálise é a própria prática psicanalítica em uma situação analisante complexa que inclui paciente e analista em um enquadre específico, e não um objeto a ser observado “de fora” e manipulado experimentalmente.

3. Na observação externa e na manipulação experimental, o pesquisador atua com sua consciência e vontade sob controle metódico (é o “sujeito soberano do saber”), e tem acesso aos comportamentos e interações visíveis e audíveis de seus objetos (bebê e mãe, por exemplo, mas também analista e paciente), eles igualmente concebidos em termos de seres conscientes e, no máximo, com alguma dimensão pré-consciente.

4. Já na prática analítica na situação analisante, o analista participa com seu inconsciente procurando sintonizá-lo ao inconsciente do paciente; vale dizer, o campo de “observação” clínica psicanalítica compõe-se das dimensões inconscientes de ambos os participantes. Tanto Green quanto mais ainda C. Bollas⁶ em outro contexto nos recordam insistentemente da recepção inconsciente do inconsciente, tal como postulada

3 U. Dreher, “What does conceptual research have to offer?”, in Leuzinger-Boehleber, Dreher and Canestri (orgs.). *Pluralism and unity*.

4 L. C. Figueiredo, A especificidade da pesquisa clínica com o método psicanalítico na situação analisante.

5 I. B. Pick, “Discussion III”, in Sandler et alii, *op. cit.*

6 C. Bollas, *The Freudian moment*.

por Freud, quando sublinha a comunicação entre inconscientes como indispensável ao trabalho da psicanálise. Talvez fosse mais correto falarmos em comunicações entre pré-conscientes, mas, de qualquer modo, uma sintonia entre inconscientes é claramente suposta por Freud e tal suposição é plenamente aceita por Green e Bollas.

5. Embora as dimensões inconscientes dos participantes se manifestem no plano intersubjetivo, como nos processos transferenciais e contra-transferenciais, pertencem ao plano intrapsíquico que inclui, de acordo com nossas teorias, pulsões, afetos, representações recalçadas, cisões, fantasias, desejos, mecanismos de defesa e resistências, etc. Apenas uma parte desse conjunto, e mesmo assim de forma bastante disfarçada e irreconhecível, se revelaria às consciências do paciente e do analista, o que exige *interpretação*. Vale dizer, a “observação” em análise não produz “evidências” e “fatos psicanalíticos” sem a mediação das interpretações conscientes do analista.

6. O acesso ao intrapsíquico e a possibilidade de criar saberes acerca dele requer, portanto, que o analista sustente um certo “estado especial de mente”, como a atenção flutuante, a disposição para o sonhar, o brincar e o trabalho do luto, ao que poderíamos acrescentar o trabalho de criação, em que se inscreve seu *poder metaforizante* a que voltaremos adiante, incompatível com a observação objetiva e a experimentação controlada. Ou seja, o “estado especial de mente” inclui – embora não se reduza a isso – uma entrega do analista aos seus processos inconscientes e uma renúncia ao controle pela consciência, como tão bem foi dito por Freud nos conselhos de 1912⁷.

7. Para esse acesso consciente ao que se dá além das consciências, o analista precisa ir além do “observável” e mesmo dos “fatos clínicos” captáveis em seu estado de mente especial (sem memória, sem desejo e compreensão prévia, em atenção flutuante e disposição para a rêverie e para a metáfora). Cria-se assim um fosso entre teoria e prática: é o momento especulativo

7 S. Freud, “Consejos al médico sobre el tratamiento psicoanalítico”.

»
*um tal momento
“ficcional” também está
presente em qualquer
outro ramo da ciência,
quando o pesquisador,
a partir de suas observações
e experimentações controladas,
constrói seus conceitos
e suas teorias*

indispensável na produção dos saberes psicanalíticos, o que lhes dá um caráter *ficcional*. As teorias metapsicológicas têm um caráter de fantasia articulada e não descrevem a realidade psíquica. Não há, portanto, como refutá-las confrontando-as com a realidade psíquica acessada, supostamente, por meios mais objetivos (o que não quer dizer que não possam ser avaliados por sua eficácia clínica, o que daria ensejo a outro artigo).

8. Mas um tal momento “ficcional” também está presente em qualquer outro ramo da ciência, quando o pesquisador, a partir de suas observações e experimentações controladas, constrói seus conceitos e suas teorias. Muitas vezes os promotores das ditas pesquisas empíricas expressam-se como se o bom trabalho indutivo – acumulação de “dados da observação” – poupasse o pesquisador da necessidade do salto além da experiência para a formulação de conceitos e teorias. Além disso, tendem a ignorar que a simples transformação do dado sensorial em “fato científico” já pressupõe expectativas e hipóteses prévias que dão algum sentido aos elementos brutos



nessa construção
mais ou menos especulativa,
os cientistas recorrem,
costumeiramente, a analogias
em que algo supostamente
conhecido serve de análogo
para o que está sendo
pesquisado e descoberto

da experiência. Observações e experimentos controlados sempre pressupõem uma antecipação da ordem a ser procurada, tal como toda a filosofia da ciência popperiana e pós-popperiana nos ensina desde a década de 30 do século passado.

9. Nessa construção mais ou menos especulativa, os cientistas recorrem, costumeiramente, a *analogias* em que algo supostamente conhecido serve de análogo para o que está sendo pesquisado e descoberto; ou seja, a ordem do, supostamente, “já conhecido” é projetada sobre o que está em vias de ser visto, reconhecido, conceituado e teorizado para que a mesma lógica, o mesmo *logos*, funcione nas fronteiras do conhecimento instituído, expandindo-o e, ao mesmo tempo, reduzindo o novo ao sistema geral. Certamente, o *Projeto para uma Psicologia* de 1895 foi elaborado em grande medida com o recurso às analogias.

10. Mas se um psicanalista na clínica operar desta maneira estará fazendo “psicanálise aplicada na clínica”, projetando o que as “teorias ensinam” e o que os conceitos antecipam ao material que surge na situação analisante. Essa seria uma

típica situação de *escuta saturada* (Bion), contrária à psicanálise e à pesquisa psicanalítica. Nessa situação, confunde-se uma regularidade projetada a partir da teoria com uma regularidade descoberta, emergente a partir do “fato selecionado” (Bion), conforme observaram Britton e Steiner em texto de 1994⁸. A “ideia superestimada”, tal como mencionada pelos autores, a que substitui o fato selecionado na situação analisante, seria a da teoria convertida em doutrina: enquanto teoria, abre-se para o novo e para a descoberta; enquanto doutrina, fecha-se narcisicamente para a confirmação do já sabido⁹.

11. Mas, indo ainda mais fundo nesta argumentação, a própria construção de conceitos e teorias em psicanálise deve mais às operações metafóricas do que às analógicas. Talvez esta seja a questão mais importante no terceiro texto de Green: a diferença entre analogia e metáfora e a ligação profunda entre metáfora, funcionamento psíquico e psicanálise¹⁰.

12. Pensemos, em primeiro lugar, na profunda relação entre metáforas e transferências: a transferência sobre a palavra e, apoiada nesta, a transferência sobre o objeto estão na raiz dos processos metafóricos no inconsciente e nas passagens do inconsciente para a consciência: a representação palavra acoplada à representação coisa é, essencialmente, metafórica, sendo portanto pela via da fala metaforizante que podemos começar a tomar consciência de algo. Por outro lado, o retorno da consciência aos processos inconscientes ocorre também pela via metaforizante. De fato, como observou Octavio Souza (comunicação pessoal) na leitura de uma primeira versão deste texto, o “caminho de volta já está garantido pelo próprio movimento metafórico”, já que nele ligam-se elementos pulsionais e simbólicos, construindo uma via de trânsito entre forças e sentido nas duas direções. Nesse

8 R. Britton *et al.*, “Interpretation: selected fact or overvaluated idea”.

9 Cf. P. Fédida, “Topiques de la théorie”.

10 A. Green, “Science and science fiction in infant research”, in Sandler *et alii*, *op. cit.*, p. 61, 71.

ponto, autores tão díspares em seus estilos como Green e Fédida se aproximam¹¹.

13. Pensemos também na profunda relação entre metáfora e metapsicologia: assinalemos a presença do trabalho do sonho na construção e no uso da ficção metapsicológica, e na imensa diferença entre tratar a ficção metapsicológica como analogia ou como matriz de metáforas, uma espécie de metametáfora. As analogias dão alguma inteligibilidade à experiência, antecipando e impondo uma ordem ao material, ao objeto da pesquisa; as metáforas facilitam as *transformações* do campo de experiências, no caso, o da situação analisante, sem pretender o acesso a uma verdade por correspondência. A verdade das metáforas é puramente transitiva e heurística e, por isso, ela pode se provar insuficiente e contraproducente sem se poder demonstrar que é propriamente errada¹²; aliás, em certo sentido, uma metáfora é sempre falsa, sem deixar por isso de produzir *efeitos de verdade*. Ao abrir o Navio Negroiro com os versos “Stamos em pleno mar, doudo no espaço brinca o luar, dourada borboleta”, Castro Alves não compete com a astronomia, a psiquiatria ou a entomologia, etc., e a verdade de suas metáforas apenas abre o campo do que pode ser experimentado, vivido e pensado, instaura um novo ângulo para ver a lua no céu noturno refletindo-se nas ondas.

14. Na fonte das metáforas psicanalíticas está a própria situação analisante em sentido estrito, bem como as outras experiências em que o analista opera com seu estado especial de mente. Aí se incluem as experiências com objetos culturais como obras de arte, leituras de textos ficcionais e poéticos, elementos da história, antropologia, sociologia etc. Não podemos nos esquecer dos encontros do analista com as teorias da psicanálise, que vão muito além do que uma noção estreita de ensino e aprendizagem pode apreender. Em todas essas condições ele é afetado por seus “parceiros” nos planos inconsciente e consciente.

11 Cf. Fédida, *op. cit.*

12 Já foi dito que uma metáfora errada é tão impossível quanto uma piada sem graça.

»
*mais profundamente ainda,
podemos dizer que
na origem das nossas metáforas
estão as fantasias provocadas
e evocadas no analista na e
pela situação analisante.
Bion, com sua consideração
do vínculo κ, mantém-se
nessa mesma trajetória*

Mais profundamente ainda, podemos dizer que na origem das nossas metáforas estão as *fantasias* provocadas e evocadas no analista na e pela situação analisante, tal como as fantasias sexuais (e agressivas, as fantasias de controle e penetração) estão, no caso das crianças, nas origens de suas “pulsões de saber” e “de ver”, as chamadas, por Melanie Klein, de pulsões epistemofílicas. Bion, com sua consideração do vínculo κ, mantém-se nessa mesma trajetória, ajudando-nos a pensar psicanaliticamente a problemática da pesquisa e do conhecimento em psicanálise. Não há conhecimento sem Eros e sem Thanatos, embora o excesso de L (amor) e H (ódio) comprometa o vínculo κ (conhecimento), para falarmos nos termos de W. Bion. Nos termos de Freud, o que está em jogo é o poder e o alcance dos processos sublimatórios, como se mostra no texto sobre Leonardo.

Com isso, entre outras coisas, recuperamos os fortes elos entre a pesquisa em psicanálise e a brincadeira e os jogos infantis. Os projetos de cientificidade para os saberes psicanalíticos talvez



*a homogenia entre
os diversos níveis
dos saberes psicanalíticos,
desde os mais próximos
a cada sessão
em suas singularidades
até os mais abstratos
e universalistas, como
os dos discursos
metapsicológicos*

138

PERCURSO 49/50 : junho de 2013

não passem de tentativas de apagamento (recalque) destas origens que ligam a pesquisa com as esferas dos prazeres.

15. Já na ficcionalização inerente à construção de qualquer conhecimento teórico, os pretensos “cientistas da psicanálise” tendem à “ficção científica”, empobrecida, nas ácidas palavras de Green sobre a obra de Stern, mesmo que tenham como base observações muito bem fundadas e corretamente obtidas; hoje, também o *Projeto* de 1895, apesar das antecipações que nele muitos leitores reconhecem, nos parece mais da ordem de uma ficção científica pseudoneurológica, o que não se dá, por exemplo, com a metapsicologia que se constrói no capítulo 7 de *A Interpretação dos Sonhos*.

16. Convém, para finalizar, assinalar novamente as relações entre as metáforas e outros processos psíquicos de mediação, os processos terciários, nas palavras de Green, como o sonho, o chiste, a poesia e a interpretação psicanalítica, por exemplo. O termo foi criado pelo autor para se referir justamente aos trânsitos entre regiões

submetidas a lógicas distintas, como é o caso dos processos primários e processos secundários. Nesses processos terciários, os processos secundários em constituição ficam mais expostos e vulneráveis à emergência dos processos primários (e vice-versa). Ou seja, os inconscientes (representacional recalcado, pulsional e processual) chegam perto da superfície nos processos terciários, sejam eles as metáforas interpretativas, sejam eles suas matrizes ficcionais metapsicológicas.

17. Assinalemos, assim, a homogenia entre os diversos níveis dos saberes psicanalíticos, desde os mais próximos a cada sessão em suas singularidades até os mais abstratos e universalistas, como os dos discursos metapsicológicos, o que seria perdido se tomássemos os discursos metapsicológicos como analogias racionalizantes e não como metametáforicos. Em que pese sua feição conceitual e abstrata, são metafóricos e devem nos ajudar, na clínica, como matrizes de outras metáforas eficazes na cura e na “pesquisa”. Tratá-los, como muitas vezes fazem os filósofos, como sistemas conceituais tendencialmente “matemáticos”, no sentido amplo do termo, significa ignorar seu estatuto, suas origens e suas implicações práticas, tema desenvolvido em outro trabalho¹³. Tal modo de conceber os discursos metapsicológicos e lidar com eles corresponde a uma operação de cisão e dissociação, o que lhe confere, aliás, um caráter de sintoma.

18. Finalmente, considerando o caráter metafórico dos saberes da psicanálise, mesmo quando se apresentam como sistemas de conceitos abstratos nos discursos metapsicológicos, fica clara a razão de Green não considerar a psicanálise uma ciência submetida à metodologia científica própria às ciências da natureza. Seja pelo viés indutivista – atualmente, bastante fácil de ser descartado – seja pelo viés de uma lógica da investigação científica à la Popper, o modo de produção de conhecimento na clínica psicanalítica se revela intransigentemente refratário à metodologia das ciências naturais, sem deixar por isso de ser um saber empírico.

13 L. C. Figueiredo, *op. cit.*

Green nos ajuda e orienta na sustentação desta intransigência que, ao fim e ao cabo, diz respeito à afirmação do que é mais específico às nossas práticas e às nossas teorias.

Isso não descarta, porém, o interesse que o psicanalista possa ter em resultados de pesquisas nos mais diversos campos do conhecimento nas ciências sociais e nas ciências naturais. O comentário de Irma B. Pick¹⁴ aos debates entre Green e Stern, por exemplo, nos traz o testemunho desta analista de orientação kleiniana: a partir de uma concordância básica com as ideias de Green, ela nos dá exemplos de como foi capaz de ler resultados de pesquisas observacionais e experimentais, com metodologia própria às ciências da natureza, interessar-se por eles e aproveitá-los, em sua clínica e em seus saberes psicanalíticos. Esta posição, menos beligerante que a expressa por André Green, mas não eclética, em relação às pesquisas observacionais e experimentais, recupera a proposta freudiana de cooperação entre métodos, tal como nos é lembrada por Ricardo Steiner. Contudo, revela-se neste texto de Irma Pick que o decisivo nesta articulação é que o modo de pensar do analista seja dominante em sua leitura crítica e em seu aproveitamento dos resultados de pesquisas observacionais e experimentais.

»
Irma Pick, a partir de uma concordância básica com as ideias de Green, nos dá exemplos de como foi capaz de ler resultados de pesquisas observacionais e experimentais, com metodologia própria às ciências da natureza, interessar-se por eles e aproveitá-los, em sua clínica e em seus saberes psicanalíticos

Outros autores contemporâneos – como R. Roussillon – fazem o mesmo com os resultados das neurociências sem se afastar um milímetro da especificidade da psicanálise e da produção de conhecimento que lhe é própria.

14 I. Pick, "Discussion III" in Sandler *et alii*, *op. cit.*

Referências bibliográficas

- Bollas C. (2007). *The Freudian moment*. London: Karnac.
- Britton R.; Steiner J. (1994). Interpretation: selected fact or overvaluated idea, *International Journal of Psychoanalysis*.
- Dreher U. (2003). What does conceptual research have to offer? In Leuzinger-Boehleber, Dreher and Canestri (orgs.). *Pluralism and unity*. London: International Psychoanalytical Association, 2003.
- Fédida P. (1978). Topiques de la théorie. *L'Absence*. Paris: Gallimard.
- Figueiredo L. C. A especificidade da pesquisa clínica com o método psicanalítico na situação analisante. *TRIEB* (no prelo).
- Freud S. (1978) Consejos al medico sobre el tratamiento psicoanalítico. *Obras Completas XII*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Green A. (2000). What kind of research for psychoanalysis? In: J. Sandler; A.-M. Sandler; R. Davies (orgs.). *Clinical and observational psychoanalytic research: roots of a controversy*. London: International Universities Press.
- _____. (2000a). Response to Robert Wallerstein. In: J. Sandler; A.-M. Sandler; R. Davies (orgs.). *Clinical and observational psychoanalytic research: roots of a controversy*. London: International Universities Press.
- _____. (2000b). Science and science fiction in infant research. In: J. Sandler; A.-M. Sandler; R. Davies (orgs.). *Clinical and observational psychoanalytic research: roots of a controversy*. London: International Universities Press.
- 140 Pick I. B. (2000). Discussion III. In: J. Sandler; A.-M. Sandler; R. Davies (orgs.). *Clinical and observational psychoanalytic research: roots of a controversy*. London: International Universities Press.

Clinical research in psychoanalysis. thoughts based on André Green's ideas

Abstract This paper discusses André Green's ideas about what "clinical research" is and is not. He was a firm defender of clinical Psychoanalysis and of its specific mode of research, and differentiated it quite sharply from what is usually considered as empirical research".

Keywords clinical research; empirical research, André Green.

Recebido em: outubro/2012.

Aprovado em: janeiro/2013.

A importância de André Green para a psicanálise contemporânea

Nelson Ernesto Coelho Junior

Resumo Este trabalho apresenta a importância da obra de André Green para o desenvolvimento da psicanálise contemporânea. É considerado central para esse desenvolvimento o seu esforço para a renovação e valorização da teorização psicanalítica por meio de uma criativa articulação da metapsicologia freudiana com a obra de autores como Bion, Winnicott e Lacan. Ao lado disso, destaca-se a concepção final de Green sobre os elementos constitutivos dos sucessos e dos fracassos da clínica psicanalítica.

Palavras-chave André Green; história da psicanálise; psicanálise contemporânea e clínica psicanalítica.

Nelson Ernesto Coelho Junior é psicanalista, doutor em Psicologia Clínica, professor e pesquisador do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Autor, entre outros livros, de *A força da realidade na clínica freudiana* e *Dimensões da intersubjetividade* (organizado em conjunto com Perla Klautau e Pedro Salem).

André Green teve importância fundamental para o desenvolvimento da psicanálise contemporânea. Sua participação foi decisiva nas mudanças teóricas, clínicas e institucionais sofridas pela psicanálise nos últimos quarenta anos. Esse texto procura explicitar dois aspectos em que isso se verificou de forma contundente. Na primeira parte do texto, destaco o papel de Green na transformação do cenário psicanalítico, de uma organização em torno das grandes escolas pós-freudianas para uma psicanálise “pós-escolas”. Na segunda parte do texto, apresento as últimas contribuições de Green sobre a clínica, seus sucessos e fracassos.

Como preâmbulo, apresento dois pontos centrais da obra teórica e da atuação institucional de André Green:

a) De um lado, Green articulou de forma original a *tradição* psicanalítica, principalmente representada por sua revalorização da metapsicologia freudiana, com *inovações* pós-freudianas, no seu caso as obras de Winnicott, Bion e Lacan. Mais especificamente, uma articulação entre a dimensão pulsional/representacional e a dimensão relacional/objetal.

b) Por outro lado, Green sempre foi um ardoroso protetor do legado freudiano frente aos ataques de detratores externos. Mais notadamente, frente ao que considerou os enganos de muitos psicanalistas que buscaram garantir a sobrevivência da psicanálise por meio de alianças mais ou menos espúrias seja com métodos das ciências objetivas seja com seduções de discursos humanistas. Nesse âmbito e com essa função, é preciso reconhecer que a própria obra de Green também se



*é fundamental a atuação
de Green na construção da
passagem do período
das grandes escolas psicanalíticas
para o que hoje podemos
denominar de um período
pós-escolas*

142

PERCURSO 49/50 : junho de 2013

destaca, com conceitos originais e inovadores (*a mãe morta, o trabalho do negativo, os processos terciários, as funções objetualizantes e desobjetualizantes, o duplo limite, o pensamento clínico, a posição fóbica central e a estrutura enquadrante*, entre outros), com alto nível de abstração metapsicológica e um modo de conceber a clínica que o fez ser, possivelmente, o mais importante psicanalista da virada do século xx para o século xxi.

Green: um psicanalista pós-escolas

No que diz respeito ao primeiro ponto (tradição e inovação), é fundamental a atuação de Green na construção da passagem do período das grandes escolas psicanalíticas para o que hoje podemos denominar de um período pós-escolas. No âmbito da história da psicanálise é consenso que após a morte de Freud instalou-se um período marcado por projetos autorais que rivalizavam entre si (1940-1980): escola kleiniana, escola da psicologia do ego e escola lacaniana. A despeito das contribuições decisivas trazidas por cada uma delas, a marca principal desses quarenta anos foi a rigidez e o dogmatismo com que defenderam suas verdades psicanalíticas singulares.

Atravessar as fronteiras teórico-clínicas foi, por muito tempo, algo bastante raro.

A partir do final dos anos 1970 o cenário começou a mudar. Autores como Green, J. B. Pontalis e, depois, Thomas Ogden, Cristopher Bollas, René Roussillon e Antonino Ferro, entre outros, começaram a publicar trabalhos em que as ideias de cada um dos patronos das diferentes escolas pós-freudianas apareciam articuladas a uma nova leitura da obra de Freud, alinhavadas pelas ideias originais de seus autores. Hoje, podemos reconhecer, as obras dos autores citados são movimentos em direção à construção de uma visão pluralista da psicanálise em que o atravessamento dos dogmas é a tônica.

Identifico-me com a hipótese de que essa característica de parte da psicanálise contemporânea teve como grande impulso inicial um movimento que começa na França nos anos 60 do século passado e que gerou e propagou o trabalho de leitura rigorosa da obra freudiana. Se o mote lacaniano do “retorno a Freud” evidenciou-se, de fato, como um uso da leitura singular feita por Lacan dos textos de Freud para lançar sua própria visão do que deveria ser a verdadeira psicanálise, o trabalho empreendido por autores como J. B. Pontalis, J. Laplanche, A. Green, C. Stein, C. Le Guen e P. Fédida, entre outros, muitos deles psicanalistas com formação original em filosofia¹, permitiu que as ideias freudianas que haviam sido de certa forma dissolvidas pelos discursos das escolas pós-freudianas retornassem ao centro do debate. Com isso, uma nova geração de psicanalistas pôde começar sua formação lendo Freud e não lendo o Freud de Klein ou o Freud de Lacan, ou o Freud de Hartmann, Kris e Löwenstein, e assim por diante. A partir de Freud, nos anos 1970 e 1980, foi possível co-

¹ Green fez formação em medicina e depois psiquiatria, mas, como ele mesmo afirma, na época de estudante de medicina “lia mais obras de psicologia e de filosofia do que de medicina” (1999, p. 41). O primeiro texto de Green que li, no início dos anos 1980, foi seu texto de 1964 “Du comportement à la chair: itinéraire de Merleau-Ponty”, publicado na revista de filosofia *Critique*, em um número em homenagem ao filósofo francês, quando da publicação de seu livro pós-tumo, *O visível e o invisível*.

meçar a vislumbrar com mais clareza qual tinha sido o destino da obra e das ideias freudianas nas mãos das “escolas pós-freudianas” e por que, não raro, essas escolas falavam de Freud como “o velho Freud”, indicando que ele e suas ideias haviam sido ultrapassados.

É por isso que, nos anos 1980, André Green, seguido por outros, indicou que a grande novidade da psicanálise nas últimas décadas do século xx era Freud. Não se tratava de um novo Freud, exatamente, já que mesmo com o acréscimo da publicação de correspondências inéditas de Freud e com novas traduções da obra do fundador da psicanálise, seus textos eram os mesmos. Mas, seguramente, uma nova leitura se instalava apoiada em estratégias de interpretação formuladas nas diferentes tradições filosóficas e hermenêuticas do século xx.

Entendo que foram essas novas leituras da obra de Freud que possibilitaram o que hoje podemos reconhecer como um período “pós-escolas”² em psicanálise. Dessa forma, coube à obra freudiana, quarenta anos após a morte de seu autor, renovar a área de conhecimento que ele mesmo havia fundado. Trata-se, de fato, de uma exploração radical e renovada da descoberta freudiana, em favor de uma psicanálise pluralista e não sectária. Em muitas escolas e instituições de formação psicanalítica havia se instalado um sectarismo mortífero, como denominou Christopher Bollas, em livro que foi prefaciado por Green quando da edição francesa³. Com isso, asentadas em uma rigidez no uso da teoria e da técnica analíticas, as “escolas” procuravam impor um único modelo, que recebia em todas elas o nome de “verdadeira psicanálise”. Mas se hoje vislumbramos, mundialmente, uma psicanálise pluralista, pós-escolas, em grande medida devemos

2 Luis Cláudio Figueiredo, em seu livro *As diversas faces do cuidar* (Escuta, 2009), procura descrever o que denomina de “perspectivas inter e transescolares” (p. 16), como o que vem atualmente sendo produzido de significativo em psicanálise, e situa no final da década de 1970 o início deste movimento de “atravessamento de paradigmas”.

3 Cf. C. Bollas, *Le moment freudien*.

4 No Brasil há que se destacar o trabalho pioneiro de autores como Renato Mezan, Luiz Roberto Monzani e Luiz Alfredo Garcia-Roza.

»
*coube à obra freudiana,
quarenta anos após a morte
de seu autor, renovar a área
de conhecimento que ele
mesmo havia fundado.*

*Trata-se, de fato,
de uma exploração
radical e renovada da
descoberta freudiana*

isso ao esforço de retomada da interpretação da teoria freudiana, em particular dos textos meta-psicológicos de Freud.

Os esforços conjuntos de vários autores contemporâneos⁴ para dar uma cidadania epistemológica própria à obra freudiana recolocaram em cena a discussão de alguns temas centrais da psicanálise em sua tentativa de estabelecer uma teoria geral da constituição e do funcionamento do aparelho psíquico:

a. A tensão necessária entre as dimensões da força (intensidades e movimentos pulsionais, tanto oriundos do corpo próprio quanto da presença desejante do outro) e do sentido (a formação e o encadeamento das representações e suas efetividades).

b. A tensão necessária entre o que pode ser considerado como *interno* ao psiquismo e o que advém do *mundo externo*, que em certo nível recobre a tensão mais referida contemporaneamente entre as dimensões *intrapsíquicas* e as dimensões *intersubjetivas* (o que evidentemente ainda coloca em cena se há ou não um conceito de sujeito próprio à psicanálise).

c. As dimensões quantitativas e qualitativas do aparelho psíquico.



considerando a ampliação
do campo psicanalítico
ao tratamento dos casos
não neuróticos,
tratava-se de explicitar
um novo modelo a partir
do pensamento clínico, agora
reconhecido como um
pensamento hipercomplexo

144

PERCURSO 49/50 : junho de 2013

d. As relações entre Percepção, Representação, Consciência e Inconsciente.

A manutenção desses temas na forma de questões em aberto no horizonte das pesquisas psicanalíticas não revela o fracasso de uma ciência, mas um compromisso ético que pauta o desenvolvimento de uma prática e de um campo de investigação, como está bem demonstrado na obra de Green. É justamente a natureza complexa do objeto psicanalítico que levou Green, a partir do final dos anos 1990, a recorrer à noção de *pensamento hipercomplexo* de Edgar Morin, para referir-se aos elementos de um pensamento clínico. Green parece dar continuidade, no campo da psicanálise, à concepção de Morin, que afirmou ser necessário reconhecer “as enormes carências de nosso pensamento, e compreender que um pensamento mutilador conduz necessariamente a ações mutilantes. É [preciso] tomar consciência da patologia contemporânea do pensamento”⁵. Morin insistiu no fato de que “a patologia moderna da mente está na hipersimplificação que não deixa ver a complexidade do real. [...] A doença da teoria está no doutrinamento e no dogmatismo, que fecham a teoria nela mesma e a enrijecem”⁶. Foi o reconhecimento desse pa-

norama na esfera da psicanálise que levou Green a um grande embate teórico, político e institucional, enfrentando a resistência de vários grupos dominantes no cenário psicanalítico⁷.

Acho que é possível afirmar que um novo modelo de compreensão epistemológica do trabalho clínico em psicanálise começa a se esboçar a partir do encontro de Green com a noção de pensamento complexo de Morin. Ricardo Bernardi afirmou que “esta complexidade advém do fato de que a observação psicanalítica vai além do manifesto: inclui os efeitos que a observação produz no analista, as fantasias que paciente e analista constroem conjuntamente na sessão, as ressonâncias mútuas [...], etc.”⁸. Trata-se de reconhecer que “uma observação que não leve em conta esta complexidade, como assinalou reiteradamente Green, é um método muito pouco apropriado para a psicanálise”⁹. Assim, a psicanálise contemporânea faz convergir o trabalho clínico e a construção teórica para a formulação de um modelo epistemológico apropriado ao objeto psicanalítico em sua complexidade.

Considerando a ampliação do campo psicanalítico ao tratamento dos casos não neuróticos, tratava-se de explicitar um novo modelo a partir do pensamento clínico, agora reconhecido como um pensamento hipercomplexo. Nesse âmbito se destacam a importância que Green atribuiu à articulação entre a dimensão pulsional/representacional (o intrapsíquico) e a dimensão relacional (o intersubjetivo)¹⁰ e a proposição do *enquadre analítico* dividido em uma matriz ativa (associação livre do paciente, escuta flutuante e

5 E. Morin, *Introdução ao pensamento complexo*, p. 15.

6 E. Morin, *op. cit.*, p. 15.

7 Cf. J. e A.M. Sandler, e R. Davies (2000), *Clinical and Observational Psychoanalytical Research: the roots of a controversy*. Vale lembrar que Green, desde ao menos o 29º Congresso da IPA de 1975, em Londres, já enfrentava debates acalorados que o opunham não mais apenas a Lacan, mas também à tradição da Psicologia do Ego no contexto internacional, em defesa da metapsicologia freudiana e da criatividade do analista em seu trabalho clínico e teórico.

8 R. Bernardi “André Green: pensamento clínico y complejidad. Cuestiones pendientes”, p. 218.

9 R. Bernardi, *op. cit.*, p. 218.

10 Cf. A. Green (2002a), *La pensée clinique*, p. 27.

neutralidade do analista) e uma fração variável (visibilidade ou não do analista, número de sessões semanais, forma de pagamento ou gratuidade etc.). Cabe destacar ainda, nesse contexto, a formulação inovadora de Green dos *processos terciários*: “Nós supusemos que a atividade analítica, em seu melhor nível, consistia em um vai e vem permanente entre os dados vinculados aos processos primários e àqueles do pensamento secundarizado”¹¹. Trata-se de dar ênfase às formas de ligação entre os processos primários e secundários, denominadas por ele de processos terciários, na compreensão das dinâmicas presentes na clínica, e de valorizá-las na formulação de um modelo de pesquisa propriamente psicanalítico.

Aliás, como bem expôs Fernando Urribarri em seu posfácio ao livro de Green *Illusions et désillusions du travail psychanalytique*, a “virada dos anos 2000” e a proposição do que poderia ser considerado um paradigma contemporâneo da psicanálise, marcantes nos trabalhos de Green no início deste nosso novo século, garantem que, “no lugar de um novo jargão, o projeto contemporâneo visa construir uma matriz disciplinar, uma articulação das ideias diretrizes para um programa de pesquisa sobre as questões (teóricas e clínicas) da prática atual”¹². Para Urribarri, a matriz disciplinar contemporânea deve operar a apropriação das principais contribuições pós-freudianas e articulá-las com as contribuições originais de Freud na formação de uma psicanálise renovada. Mas esse projeto ganha seu maior sentido na medida em que os dados da clínica contemporânea se impõem como ponto de partida e de chegada. Ou como sugeriu Manoel Macias na apresentação do livro em que publicou as suas entrevistas com Green: “Para aqueles que se sentem pouco atingidos tanto pelas comprovações kleinianas quanto pelos matemas lacania-

11 A. Green, *op. cit.*, p. 30.

12 F. Urribarri, “Posface: Passion clinique, pensée complexe. Vers la psychanalyse du futur”, p. 249.

13 M. Macias, “Apresentação”, in A. Green, *Um psicanalista engajado. Conversas com Manuel Macias*, p. 12.

»
Illusions et désillusions
du travail psychanalytique,
publicado em 2010,
é um instigante estudo
das causas dos sucessos
e dos fracassos na
clínica psicanalítica

nos, essa obra [de Green] não é unicamente uma obra pessoal interessante: é uma obra fundamental, uma obra marcante, estabelecendo uma nova relação com o “freudismo”, a partir de dados clínicos atuais”¹³. Com essa afirmação de Macias gostaria de me voltar em mais detalhes para a forma como Green nos apresenta a clínica psicanalítica atual. E, ao lado disso, a forma como apresentou o seu próprio trabalho clínico, principalmente em seus últimos anos de vida.

Os sucessos e os fracassos da clínica psicanalítica contemporânea

O desenvolvimento do trabalho de Green sobre o processo analítico, que tem seu início nos anos 70 do século passado, desembocou em seu último livro publicado em vida, *Illusions et désillusions du travail psychanalytique*, de 2010. É um instigante estudo das causas dos sucessos e dos fracassos na clínica psicanalítica. Embora se possa discutir a validade testamentária desse livro, as primeiras frases indicam a reflexão que se anuncia: “Este livro é o resultado de mais de 50 anos de prática psicanalítica. Reúne as ideias recolhidas por minha experiência. Não toda a minha experiência,



“duas posições muito gerais dividem os sentimentos do analista confrontado com o fracasso: a projeção paranoica (‘a falha é do paciente que era inalisável, portanto responsável pelo resultado negativo da análise’) e a autoacusação depressiva (‘a falha é do mau analista mal analisado’)”

[A. Green]

146

PERCURSO 49/50 : junho de 2013

que é mais diversa e que foi, habitualmente, fonte de uma grande satisfação, quando fui capaz de ajudar e às vezes curar alguns de meus pacientes. [...] Eu reuni as ideias que pude reter de minhas experiências menos felizes”¹⁴.

Entendo que o fato de Green escrever sobre os fracassos em análise, incluindo seus próprios fracassos em tratamentos analíticos, é parte constituinte das marcas de um autor interessado, como poucos, no trabalho investigativo e voltado para o desenvolvimento de um campo teórico e prático. É possível que um livro como esse só pudesse ser escrito na reta final de um longo percurso. Green nos oferece uma sequência de casos clínicos que analisou ou supervisionou. Material raro em seus outros livros (com algumas exceções, como o caso *Gabriel* do artigo “A posição fóbica central”, publicado no livro *La pensée clinique*, de 2002), os casos nos aproximam do Green analista, de sua prática e de seus afetos como clínico. Bastante transparente em suas exposições de caso, Green anuncia esperar contribuir com sua experiência para ajudar outros analistas a “evitar certos erros ou mesmo certas ilusões”¹⁵. Para fundamentar essa contribuição, Green retoma elementos de trabalhos anteriores, estabelecendo aspectos consti-

tutivos e condicionantes de sucessos e fracassos clínicos.

O ponto central do livro converge para um grupo de questões: como abordar uma análise que não produziu, ao menos sobre o analista, a convicção de um sucesso? De quem foi a culpa? Trata-se de culpa, de incompetência, de inabilidade, de incompatibilidade ou de alguma outra coisa?

Algumas respostas foram antecipadas no texto “Masoquismo(s) e narcisismo nos fracassos da análise e a reação terapêutica negativa”, publicado em 1993 no livro *O trabalho do negativo*:

Duas posições muito gerais dividem os sentimentos do analista confrontado com o fracasso: a projeção paranoica (“a falha é do paciente que era inalisável, portanto responsável pelo resultado negativo da análise”) e a autoacusação depressiva (“a falha é do mau analista mal analisado”). Essa segunda eventualidade, por ser mais disposta a reconhecer a parte do analista no fracasso do tratamento, não deveria enganar. Pois se poderia interpretar esse julgamento dirigido a si mesmo como resposta protetora à reprovação muito mais severa do outro. Nos dois casos, o sentimento de culpa é facilmente discernível. Surpreenderá também – além do fato de que os limites da análise não são levados em conta aí – a omissão pura e simples de qualquer referência à ignorância persistente em que nos encontramos quanto às possibilidades de mudança do psiquismo, como se não fosse preciso admitir que muitos recônditos dele permanecem desconhecidos para nós. [...] Se o papel do sentimento de culpa e do masoquismo foram há muito tempo reconhecidos no fracasso da psicanálise, o do narcisismo, ainda que pressentido, foi muito menos considerado¹⁶.

Como insiste Green na sequência do texto, há um *sentimento inconsciente do narcisismo culpado*. Ou seja, é preciso admitir que “a relação com o objeto servia de disfarce para uma

14 A. Green, *Illusions et désillusions du travail psychanalytique*, p. 11.

15 A. Green, *op. cit.*, p. 173.

16 A. Green, *O trabalho do negativo*, p. 115.

17 A. Green, *op. cit.*, p. 117.

relação narcísica cuja meta final seria o questionamento, em seu princípio, da relação objetal *enquanto tal*¹⁷. Mais ainda: “para a psique que prossegue esse trabalho jamais acabado de destruição, convém dividir pelo narcisismo e reunir pelo masoquismo”¹⁸.

Para Green, são as seguintes as fontes do fracasso analítico:

1. a tenacidade das fixações;
2. a potência das pulsões destrutivas;
3. o caráter “solidificado” do masoquismo;
4. a dificuldade do ego em renunciar às suas defesas narcísicas arcaicas;
5. a rigidez das resistências.

Green diferencia as *verdadeiras* “desilusões” do trabalho analítico daquelas que apenas causam decepções temporárias que acabam por se resolver.

Por outro lado, as formas de reconhecimento de um sucesso analítico (tratados por ele como conquistas ideais que podem, em parte, ser realizadas no decorrer de uma análise) seriam:

1. a variedade, a diversidade e a riqueza dos investimentos, com uma prioridade para as relações com *outrem*;
2. a ausência de rigidez das fixações e defesas;
3. a suavidade e a mobilidade do funcionamento psíquico;
4. a capacidade de amar e também odiar sem se deixar levar por uma atitude passional;
5. a possibilidade de investir positivamente as duas imagos parentais;
6. uma convivência de partilha pouco conflitiva entre amar e trabalhar;
7. a possibilidade, quando as circunstâncias assim exigem, de fazer o luto sem que ele se torne interminável;

18 A. Green, *op. cit.*, p. 128.

19 A. Green, *Illusions...*, p. 133.

20 A. Green, *op. cit.*, p. 172.

21 A. Green, *op. cit.*, p. 172.

»
*Green diferencia
as verdadeiras “desilusões”
do trabalho analítico
daquelas que apenas
causam decepções temporárias
que acabam por se resolver*

8. a faculdade de suportar as decepções e as frustrações, assim como o reconhecimento do privilégio de amar.

Mas acrescenta ao final da enumeração dos elementos necessários para um pleno sucesso analítico: “Quem poderia pretender se aproximar de tal ideal?”¹⁹.

Relato de um caso atendido por Green

“São as lembranças de experiências decepcionantes, não más lembranças”²⁰, afirmou Green ao apresentar os casos que atendeu e que considerou fracassos. E, um pouco à frente, complementou:

Pensando nos casos que relatarei a seguir, não tenho o sentimento de me arrepender de ter tratado esses pacientes, mesmo que muitas vezes tenha ficado impaciente diante de suas resistências ou tenha sentido decepção diante da obstinação que eles mostraram, em uma época em que ainda ignorava aquilo que depois viria a denominar de trabalho do negativo²¹.

Assistimos a um autor consagrado realizando um claro exercício de elaboração de casos



ao lado de cada relato
acompanhamos um trabalho
de reflexão teórica e psicopatológica,
com vistas a compreender
casos que até o final da vida
de Green parecem
continuar enigmáticos

148

PERCURSO 49/50 : junho de 2013

que ainda pedem pensamento e novas formas de compreensão:

Eu deparei com esses casos muito cedo em minha carreira, em geral porque professores ou analistas mais velhos superestimaram minhas capacidades terapêuticas. Nunca me considerei um terapeuta capaz de grandes proezas, mas posso dizer que me esforcei em me manter um analista, sempre tendo em conta aquilo que eu imaginava serem as necessidades de meus pacientes²².

Vê-se grande sinceridade e preocupação em oferecer um modelo de analista, em termos éticos e técnicos. “Não que hoje eu tenha sucesso onde no começo eu fracassei; mas tenho a impressão de compreender melhor a razão de ser de algumas angústias, assim como a necessidade de certas defesas, em pessoas que parecem não poder correr o risco de uma mudança que as exporia perigosamente”²³. Ao lado de cada relato acompanhamos um trabalho de reflexão teórica e psicopatológica, com vistas a compreender casos que até o final da vida de Green parecem continuar enigmáticos. Relatarei um desses casos, acompanhado de um breve comentário crítico sobre os elementos em jogo na dinâmica do trabalho realizado por Green.

*Nanon – um enigma diagnóstico*²⁴

A paciente de 23 anos foi indicada para Green por um colega laciano, de quem a paciente havia sido aluna no curso de filosofia na Sorbonne. Desde o início das aulas, o colega de Green havia notado a grande inteligência da jovem que, no entanto, fracassou nos exames orais por razões que ele denomina de “neuróticas”. Esse fracasso causou uma ferida narcísica intolerável. Segundo Green, no começo da análise a paciente tinha um perfil neurótico caricatural: uma histérica provocadora, que suportava muito mal a passividade. Reagia ao analista com uma atitude fóbica e fúria. Tinha uma relação fusional com a mãe, que por sua vez eclipsava o pai completamente. Logo depois do início da análise, a paciente tenta fazer com que Green vá atendê-la em sua casa, o que ele recusou. Ela o ameaçava pelo telefone, dizendo que iria denunciá-lo à Ordem Médica, por falta de assistência à pessoa em perigo. Depois, para ser perdoada, mandava flores à esposa de Green. A homossexualidade transbordava por todos os lados, segundo Green. Ela o provocava, buscando transgredir as regras fixas do enquadre. Inútil dizer, afirma Green, que uma análise é impossível nessas condições. Esse momento da análise é descrito como um “braço de ferro”, em que a paciente precisava vencer sempre.

Três anos após o início do trabalho, Green começa a falar em término, dizendo estar o contrato concluído. A paciente se opõe, reclamando de sintomas físicos que precisavam ser tratados. Sentindo-se culpado, Green recua quanto ao término da análise. A paciente não falta às sessões, mas continua a lutar contra o tratamento. A transferência continuava bloqueada, por meio das narrativas de suas projeções referidas à mãe. No divã, a paciente fechava as pernas. Green entendeu esse comportamento como uma proteção

²² A. Green, *op. cit.*, p. 172.

²³ A. Green, *op. cit.*, p. 172.

²⁴ Faço a seguir uma tradução, em paráfrase, do trecho do livro (p. 181-188) em que Green apresenta o caso Nanon, visando a maior fidelidade para posterior discussão das ideias presentes no texto.

contra a fantasia de ser violada ou ao menos penetrada. Ela contava muitos sonhos que terminavam da mesma forma: sem penetração. A paciente fez novos sintomas físicos e deixou a mãe e o analista igualmente impotentes. Na transferência, tornou-se cada vez mais difícil. Queixas recorrentes de estar sendo mal atendida e mal compreendida e novos telefonemas com ameaças. Começa a respeitar cada vez menos o enquadre, andava pela sala e ameaçava: “quero saber por que minha análise fracassou. Ou seja, por que você fracassou como analista?” Green passou a se envolver em discussões intermináveis e perdeu a neutralidade. De acordo com ele, nesse momento começam os maiores erros contratransferenciais, “em que fui pego na armadilha das atitudes negativas”.

Para Green, tornara-se impossível suportar a transferência raivosa. No total, o tratamento já durava 20 anos (durante os quais a paciente se formou em filosofia e depois em psicologia, pensando em entrar para o Instituto de Psicanálise da SPP). Green decidiu uma vez mais pôr fim à análise. A paciente se recusava a passar para o face a face, interpretando esta sugestão como sinal de fracasso. Green insistiu que terminassem a análise e a paciente começou a procurar outro analista. Ela fez o *tour* dos analistas de Paris, para lhes falar mal de Green e do quanto ele a havia maltratado. Encontrou analistas que a aceitaram em análise. Mas, a cada vez, ela não dava continuidade e interrompia. Acabou por encontrar um antigo amigo de Green, que a aceita em análise e por intermédio de quem ela tenta retomar a análise com Green. Green a recusa por achá-la fora do alcance de uma análise. Alguns anos depois, Green soube da morte de sua ex-paciente, aos 54 anos, pelos jornais. Ele comenta que esse caso mantém-se como um mistério para ele e entende, ao final, que o diagnóstico de histeria foi um erro. Contrariamente, acredita que a persistência de sua organização psíquica tenha revelado um narcisismo patológico caracteriopático e uma evolução psicossomática.

25 A. Green, *op. cit.*, p. 172.

»
segundo Green, possivelmente a hipertrofia da dimensão narcísica do analista em início de carreira contribuiu para o fracasso desse tratamento, desejoso que estava de fazer jus à confiança nele depositada por colegas mais experientes

Neste relato de caso, Green indica como causa do fracasso uma dificuldade contratransferencial e a impossibilidade de conter certas dimensões psíquicas atuadas pela dupla analítica. Segundo ele, possivelmente a hipertrofia da dimensão narcísica do analista em início de carreira contribuiu para isso, desejoso que estava de fazer jus à confiança nele depositada por colegas mais experientes. Enfim, pode-se reconhecer a presença de armadilhas do campo transferencial-contratransferencial, mas que parecem, nesse caso, efetivamente vinculadas às lacunas da análise do analista. É possível reconhecer, principalmente, que em casos como esse é o narcisismo do analista que interfere em sua escuta e o leva a atuar. Ao lado dessa hipótese, cabe reconhecer uma característica destacada por Green, nos pacientes “que parecem não poder correr o risco de uma mudança que os exporia perigosamente”²⁵. O fracasso da análise seria resultado da impossibilidade da paciente de abandonar um modo de identificação primária. Estaríamos aqui diante de um limite do método, diante do limite do alcance terapêutico da psicanálise? É sem dúvida difícil saber onde começa o limite do método e até onde vai o limite do analista.



se em uma psicoterapia psicanalítica não contamos com a segurança do enquadre clássico, é necessário que o analista garanta e seja sustentado por um enquadre interno

150

PERCURSO 49/50 : junho de 2013

Psicanálise ou psicoterapia? Destinos clínicos da psicanálise contemporânea

Diante da imposição do fracasso, em vez de buscar uma reflexão metapsicológica *à la* Green, muitos analistas acabam tentados a afrouxar o *setting*, mesmo com as melhores intenções. Mas, como sugeriu o próprio Green:

Longe de mim a ideia de contestar as vantagens da técnica face a face com relação às dificuldades de aplicação do método psicanalítico clássico. Foram vistas numerosas situações estagnantes em que só foi possível avançar o processo por meio do abandono do método clássico. Mas não é suficiente constatar resultados encorajantes para se renunciar a uma interrogação sobre as diferenças²⁶.

É no debate que envolve as comparações e a explicitação das diferenças entre psicanálise e psicoterapia psicanalítica que Green procura se situar para investigar os impasses e os fracassos terapêuticos da psicanálise.

Diferenças sugeridas por Green:

1. Nas psicoterapias face a face há uma alteração no poder metaforizante do enquadre (condição possibilitada pelo enquadre analítico para a

transformação de uma conversa comum em um discurso metaforizado).

2. Nas psicoterapias face a face a terceiridade típica da relação analítica tende a ser substituída por uma relação a dois.

3. Nas psicoterapias face a face o enquadre perde a potência de instância paternal.

Apesar ou em função dessas características do atendimento face a face, Green afirma que a indicação para esse tipo de tratamento possui um espectro amplo, diferente do maior grau de exigência que requer uma boa indicação de análise. Devido a isso, maiores fracassos podem ser esperados em psicanálises indicadas de forma imprecisa. No entanto, para ele, mais do que tudo, o que precisaria estar presente em uma psicoterapia para que ela se mantenha no campo psicanalítico é o *enquadre interno do analista*. Ou seja, se em uma psicoterapia psicanalítica não contamos com a segurança do enquadre clássico, é necessário que o analista garanta e seja sustentado por um enquadre interno. Este é definido por Green como:

[...] o enquadre que ele [analista] internalizou no curso de sua própria análise e que, mesmo ausente do trabalho analítico em psicoterapia, não está menos presente no espírito do analista, regendo o limite das variações que ele autoriza, trazendo de volta a segurança das condições necessárias à continuação das trocas, etc. Esta noção de enquadre interno é uma aquisição essencial da análise de formação [didática] que deve, portanto, ser cuidada com grande rigor para que o processo de internalização se complete²⁷.

Entendo, nesse sentido, que o enquadre interno é, em última instância, o próprio analista em sua função de guardião do tratamento do paciente. Assim, a possibilidade de manter solidárias a instância metaforizante, a função simbólica de terceiridade e a instância paternal repousaria nas condições propiciadas pelo enquadre interno do analista. Ou seja, a partir de

26 A. Green, *op. cit.*, p. 125.

27 A. Green, *La pensée clinique*, p. 61.

sua própria análise, o analista constituiu e introjetou uma capacidade de ausência e de negatividade, simultâneas à capacidade de presença implicada, mas discreta²⁸, que podem sustentar um tratamento bem-sucedido, mesmo na ausência das condições de enquadre consideradas ideais para um tratamento psicanalítico.

As exigências contemporâneas para a realização desses tratamentos (pacientes mais graves, diminuição da frequência em função de limites financeiros e condições urbanas adversas) geraram a necessidade de experimentações e modificações técnicas. Nesse contexto, Green relembra e reconhece as tentativas de autores como Roussillon e sua proposta de uma *conversa psicanalítica* (acrescento a proposta de Ogden de um *talking as dreaming*), como formas de contornar o que faz obstáculo à efetividade do trabalho analítico. Apesar do tom cético e da forma como comenta o que seriam as ilusões depositadas sobre técnicas como as referidas acima, sustenta que é necessário buscar alternativas que mantenham vivo o ideal psicanalítico. Afirma: “Melhor conhecer o adversário que o analista terá que enfrentar do que desconhecê-lo mantendo ilusões destinadas ao fracasso”²⁹.

Talvez essa última frase de Green deva ser tomada, de fato, em seu caráter testamentário. É o desejo de um grande analista, em seu fim de vida, ver os desafios colocados para a psicanálise sendo levados a sério pelos próprios psicanalistas, tanto em seu cotidiano clínico quanto no trabalho de elaboração teórica.

Para terminar, retorno aos dois aspectos indicados no início do texto como determinantes para a importância central de André Green na constituição de uma psicanálise contemporânea. A articulação permanente entre *tradição* e *inovação* revela ao mesmo tempo uma forma de trabalhar com a história do pensamento e da clínica psicanalítica e é a marca registrada de sua própria contribuição criativa. Em outra esfera,

»
é no cerne da descoberta freudiana, da sexualidade ao inconsciente, e no seu confronto com as teorias pós-freudianas, que os analistas contemporâneos devem buscar a inspiração para as lutas e desafios a serem enfrentados e suplantados

a defesa intransigente de um modo específico de pesquisa, consoante com o objeto e as condições particulares do trabalho psicanalítico, não fez de Green um autor dogmático e fechado às contribuições de outras áreas de conhecimento. Mas, para ele, os limites e os eventuais enganos da psicanálise não se estabelecem em contraste com as qualidades inerentes às descobertas de outras áreas, como as neurociências ou a psicologia do desenvolvimento. É no interior do próprio pensamento psicanalítico que os analistas devem reconhecer os limites que precisam ser enfrentados. É no cerne da descoberta freudiana, da sexualidade ao inconsciente, e no seu confronto com as teorias pós-freudianas, que os analistas contemporâneos devem buscar a inspiração para as lutas e desafios a serem enfrentados e suplantados. Desse modo, a psicanálise em direção ao futuro proposta por Green não será jamais uma psicanálise que se dissolve pouco a pouco por influência de outras formas de conhecimento e de dispositivos clínicos, mas uma psicanálise que avança a partir de seus limites e do reconhecimento de sua própria história.

28 Cf. L. C. Figueiredo, “Presença, implicação e reserva”, in L. C. Figueiredo e N. Coelho Junior, *Ética e técnica em psicanálise*.

29 A. Green, *Illusions...*, p. 134.

Referências bibliográficas

- Bernardi R. (2012). André Green: pensamento clínico y complejidad. Cuestiounes pendientes. *Revista de Psicoanálises – APA*, vol. LXIX, n. 1, p.217-229. Buenos Aires: Cosmoprint.
- Bollas C. (2011). *Le Moment freudien. Préface d'André Green*. Trad. do inglês por Ana de Staal. Paris: Les Éditions d'Ithaque.
- Figueiredo L. C. (2008). Presença, implicação e reserva. In: L. C. Figueiredo e N. Coelho Junior. *Ética e técnica em psicanálise*. São Paulo: Escuta. Segunda versão ampliada.
- _____. (2009). *As diversas faces do cuidar*. São Paulo: Escuta.
- Green A. (1964). Du comportement a la chair: itinéraire de Merleau-Ponty. *Critique* n. 211, p. 1017-46.
- _____. (1990). *La folie privée*. Paris: Gallimard.
- _____. (1999). *Um psicanalista engajado*. Conversas com Manuel Macias. Trad. José Martins Canelas Neto. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- _____. (2002a). *La pensée clinique*. Paris: Odile Jacob.
- _____. (2002b). *Idées directrices pour une psychanalyse contemporaine*. Paris: PUF.
- _____. (1993/2010a). *O trabalho do negativo*. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed.
- _____. (2010b). *Illusions et désillusions du travail psychanalytique*. Paris: Odile Jacob.
- Macias M. (1999). Apresentação. In *Um psicanalista engajado*. Conversas com Manuel Macias. Trad. José Martins Canelas Neto. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Morin E. (2005). *Introdução ao pensamento complexo*. 4. ed. Trad. Eliane Lisboa. Porto Alegre: Meridional/Sulina.
- Sandler J.; Sandler A. M.; Davies R. (2000). *Clinical and observational psychoanalytical research: the roots of a controversy*. London: Karnac.
- Urribarri F. (2010). Posface: passion clinique, pensée complexe. Vers la psychanalyse du future. In A. Green, *Illusions et désillusions du travail psychanalytique*. Paris: Odile Jacob.

The importance of André Green for contemporary Psychoanalysis

Abstract This paper reflects on the importance of Green's work in contemporary Psychoanalysis. The author feels that one of his main contributions for it is his effort to renovate theorization through very creative links between Freud and some of his successors, such as Bion, Winnicott and Lacan. Another important aspect of Green's thought is his final conception of the elements leading to success and to failure in psychoanalytic treatments.

Keywords André Green; history of Psychoanalysis; contemporary Psychoanalysis; psychoanalytic practice.

Recebido em: outubro/2012.

Aprovado em: abril/2013.

André Green

A representação e o irrepresentável: Rumo a uma metapsicologia da clínica contemporânea

Por Fernando Urribarri

Tradução Lilian Quintão
Revisão Ana Helena de Staal

Em 1996, a Universidade de Buenos Aires festejou seu 175º aniversário propondo, entre outras comemorações, um programa no qual foram convidadas grandes personalidades do pensamento contemporâneo. Nesse contexto, André Green, nomeado Professor Honorário da Universidade, fez uma conferência magistral, e ministrou um seminário internacional de pós-graduação. Encarregado da coordenação de suas aulas, tive então a ocasião de trabalhar e de conviver com ele durante esse período.

A visita coincidiu com a publicação da tradução para o espanhol de Propédeutique. La Métapsychologie revisitée (1995), livro que inaugurou uma nova coleção da Editorial Universitaria de Buenos Aires, "Pensamento Contemporâneo", da qual eu era e ainda sou diretor. Depois de uma semana de trabalhos e passeios em Buenos Aires, Green e eu decidimos realizar uma entrevista com a intenção de expor em grandes linhas suas principais ideias metapsicológicas. Essa conversa foi publicada mais tarde pela Revista de Psicanálise da Associação Psicanalítica Argentina (vol. Internacional, n. 6, 1998). Apresentamos aqui a primeira parte desse longo diálogo que selou o início de uma não menos longa amizade.

Os dois modelos freudianos:
a representação e o irrepresentável

FERNANDO URRIBARRI Minha impressão é que, em seus últimos trabalhos – por exemplo em *Propédeutique. La Métapsychologie*

153

PERCURSO 49/50 : p. 153-160 : junho de 2013

*revisitée*¹ –, o senhor foi se encaminhando para uma síntese metapsicológica importante. Nessa reelaboração, o senhor trabalha basicamente sobre a obra de Freud e recolhe dela dois modelos que se diferenciam principalmente pelo lugar atribuído à representação. Para começar, gostaria então que explicasse um pouco essa ideia.

ANDRÉ GREEN Digamos que sou alguém que de fato reivindica a riqueza e a força teórica do pensamento de Freud. Pois não creio que nenhuma das teorias que tentaram superá-la – a psicologia do ego, o kleinismo, o lacanismo – o tenham conseguido. No fundo, todas recaíram em algum tipo de reducionismo. Não que eu defenda um certo talmudismo ou um apego religioso à letra da obra de Freud. Pelo contrário. Penso que é preciso trabalhar sobre ela a partir do que a história do pensamento psicanalítico pós-freudiano nos trouxe e a partir dos desafios que a clínica contemporânea nos lança. Ao mesmo tempo, a própria obra de Freud é capaz de nos fornecer elementos para repensar as questões a que ele mesmo respondeu de modo equívoco ou insuficiente.

Como o senhor muito bem indica, afirmo, em linhas gerais, que é preciso considerar a existência de dois modelos na obra de Freud. É uma ideia que foi surgindo à medida que pensava na dificuldade de dar conta daquilo com que deparamos na clínica com pacientes não neuróticos: o problema da representação e do irrepresentável, ou seja, o problema dos limites e das falhas do trabalho de representação.

Na evolução do próprio Freud, podemos observar que há uma mudança. Ele passa de um primeiro modelo que opõe a neurose e a perversão, a outro que compara e relaciona a neurose e a psicose. Esquemáticamente, pode-se fazer coincidir estes dois modelos com as duas tópicas.

O primeiro modelo é construído em torno do sonho como paradigma central do inconsciente. É um modelo que se revelou relativamente eficaz para a análise dos neuróticos. Do ponto de vista clínico, ele é formado pelo par: sonho/relato do sonho. Essencialmente, ele postula a

»
*não que eu defenda
um certo talmudismo
ou um apego religioso à letra
da obra de Freud.*

Pelo contrário

compatibilidade do sonho com o relato do sonho: o sonho é fabricado de tal modo que seu relato nos dá acesso ao trabalho do sonho. Do ponto de vista metapsicológico, trata-se da teoria da representação esboçada por Freud já em 1900 e que será detalhada em 1915. Seu alicerce é a relação eficaz, conflitante mas estável, entre a representação de coisa e a representação de palavra. O sonho (representação de coisa) convertido em relato do sonho (representação de palavra) faz circular o sentido de um plano ao outro.

Ora, este modelo possui algumas características fundamentais nas quais nem sempre se repara, ou talvez não o suficiente, e que são decisivas para entender a mudança de modelo que Freud vai estabelecendo. Uma delas é que *a pulsão está fora do aparelho psíquico*, na fronteira com o soma (a pulsão, diz Freud, não é consciente, não é inconsciente, e é apreensível somente através de seus representantes). Uma outra característica é que se trata de um modelo centrado na consciência, como demonstram claramente as três instâncias da tópica: *in-consciente, pré-consciente, consciente*. A referência comum é a *consciência*. Além disso – e isto também é importante – em última instância, os sistemas são regidos pelo princípio de prazer.

URRIBARRI O que o senhor assinala é que os fracassos da clínica revelam a insuficiência desse modelo, na medida em que a pulsão de morte vem atacar esse sistema de compatibilidade que garante o trabalho de representação.

1 A. Green, 1995.



o aparelho da segunda tópica é muito mais heterogêneo que o da primeira: o trabalho de representação deve misturar elementos diversos, e se embrenha por caminhos menos garantidos

GREEN Exatamente. E Freud se dá conta. Por isso, depois de um longo processo de pesquisa, concebe um novo modelo: o da segunda tópica e do segundo dualismo pulsional. Muitas vezes se pensa que ambas as tópicas são idênticas, com nomes diferentes – o que é não somente uma asneira, mas também é falso. O que mudou foi o próprio modelo de base. A partir daí, trata-se justamente de reconhecer e de pensar as diferenças, e de ordenar uma articulação entre ambas, coisa que Freud não foi capaz de fazer.

O aparelho da segunda tópica é muito mais heterogêneo que o da primeira: o trabalho de representação deve misturar elementos diversos, e se embrenha por caminhos menos garantidos. Em primeiro lugar, as pulsões passam a se localizar *dentro* do aparelho psíquico, no Isso – e, quando digo pulsões, entenda-se: pulsões de vida e pulsões de morte. Ora, a introdução das pulsões de morte faz evidenciar de modo radical o problema do irrepresentável, ou seja, o que excede toda forma de representação, atacando portanto o próprio processo de representação.

É preciso sublinhar esta diferença fundamental: na segunda tópica, as pulsões não estão nem fora nem no limite, mas sim *dentro do aparelho psíquico*. A representação perde seu lugar central, e são as moções pulsionais que assumem o protagonismo. O Isso substitui o inconsciente, que passa a ser uma simples *qualidade psíquica*. O Isso, afirma Freud, não tem representação nem conteúdo algum. O que é preciso entender deste movimento é que a representação perdeu sua sede. No primeiro modelo, a representação tinha seu lugar, sua existência *garantidos*. No

máximo, Freud colocava o problema da sua localização em relação ao recalque (*Verdrängung*). No segundo modelo, a representação deixa de ser um dado fundamental, um elemento originário do psiquismo, e torna-se apenas um resultado possível. Sua probabilidade é mais do que incerta. Trata-se então de uma nova problemática: *pulsão/descarga ou elaboração representativa*. Este modelo procura dar conta do fracasso da palavra, da representação e da interpretação, frente à pulsão, à compulsão à repetição mortífera e à atuação (*Agieren*).

O *irrepresentável constitui a referência essencial deste modelo, no qual a atuação ocupa o lugar paradigmático que o sonho tinha no modelo anterior*. Por essa razão, Freud toma como referência a reação terapêutica negativa. A partir desta modificação, podemos constatar que o negativo mudou: já não se trata da neurose como negativo da perversão. Do trabalho do negativo como estruturante do aparelho psíquico no recalque, passa-se ao negativo da reação terapêutica negativa e da compulsão à repetição mortífera da pulsão de morte. Freud começará então a pensar a neurose em relação à psicose: o problema não é mais o recalque, mas a destruição do próprio pensamento.

URRIBARRI O senhor afirma que os impasses da clínica levam a conceber uma maior *distância* entre a pulsão e a linguagem, podendo conduzir ao fracasso da mediação representativa.

GREEN Sim, justamente a partir da perspectiva de Freud – que compartilho – de que a linguagem não pode cobrir toda a atividade psíquica. Freud passou a vida lutando contra a ideia de *psíquico = consciência*. Seguindo Freud, rejeito a ideia de *psíquico = linguagem*. Talvez, por meio de várias acrobacias, a ideia lacaniana de um inconsciente “estruturado como uma linguagem” possa ser defendida no caso da primeira tópica. Mas jamais no caso da segunda. Na medida em que a noção de representação – toda representação! – desaparece com a nova noção de Isso e é substituída pelas moções pulsionais (que foram agora para *dentro* do aparelho psíquico), a linguagem

é posta em xeque. E o que é postulado para o aparelho psíquico tem seu correlato na cura: é a própria cura, na medida em que se funda na linguagem, que é posta em xeque. Posta em xeque pelo irrepresentável, pelo que escapa à linguagem e faz transbordar o modelo cura/retrato do sonho. A interpretação fica encurralada. Surge então uma outra problemática, a do objeto – uma problemática do objeto que não é mais obrigatoriamente aquela em que a relação possa corresponder à ordem da linguagem.

Rumo a uma teoria generalizada da representação

URRIBARRI Bem, mesmo se o senhor sublinha a grande importância da pulsão de morte e do problema do irrepresentável, sua proposta é a de *salvar* a teoria da representação. Mais ainda, o senhor escreveu algo que poderá parecer uma novidade para muitos dos que o veem como o *homem do afeto*: na sua opinião, o principal componente de uma teoria do psiquismo seria uma teoria da representação. Assim sendo, há pouco tempo, o senhor propôs uma “Teoria generalizada da representação”².

GREEN É verdade. Penso que a teoria da representação – que está implícita em Freud e que procurei reelaborar – é absolutamente fundamental. Para entender a ideia que propus recentemente, de uma teoria generalizada da representação, é preciso lembrar que surgiu dessa extensão do campo da representação que fui praticando ao longo de minha obra. Até o afeto, já que o senhor o mencionou, deve ser considerado como *representante-afeto*. No fundo, a representação é quase sinônimo de psiquismo. A representação, a meu ver, não se reduz ao plano do sentido. Ela também faz parte do plano de força. Isto é justamente o que a diferencia da representação filosófica ou do significante linguístico.

Nesta ampliação do campo da representação que esteia a minha teoria, o que proponho é considerar as diversas relações da psique: com o



*o essencial é que
a psique, por trabalhar
com materiais diferentes,
vai produzir diferentes
tipos de representações*

corpo, com o outro semelhante e com o mundo. O essencial é que, a partir de cada uma destas relações, a psique, por trabalhar com *materiais* diferentes, vai produzir diferentes tipos de representações. É este trabalho com materiais heterogêneos que define o funcionamento psíquico. Consequentemente, a heterogeneidade é a chave desta reelaboração, em que a noção de limite vem carregada de um valor: o de território de passagem, isto é, de transformação.

URRIBARRI A noção de heterogeneidade constitui um dos pilares de seu pensamento, certo?

GREEN Sim. Mas mais do que uma noção, trata-se, se me permite dizê-lo assim, de uma *lógica da heterogeneidade*. Na verdade, a heterogeneidade das representações ou do significante (que, como tal, não é senão o suporte de um sentido) é tamanha, que não há sistema homogêneo passível de ser aplicado a todas as dimensões psíquicas em jogo. De meu ponto de vista, a riqueza da psicanálise provém dessa heterogeneidade, dessa diversidade dos significantes que se manifesta na pulsão, nas representações de coisa e de palavra, no pensamento, etc. Pois é disso que somos feitos: das interações, dos conflitos (que constituem uma outra dimensão essencial e complementar) entre os mais diversos registros, a partir do que tentamos depreender algum sentido – sentido que resulta justamente dessa confrontação e da transformação de um *dado psíquico* (ou seja, de uma representação) ao passar de um registro psíquico a outro.

² Cf. teoria que Green formalizou em seguida, com a apresentação, em 1997, do texto: “Le langage au sein de la théorie de la représentation”, reproduzido in A. Green, *Du signe au discours*, p. 31-60.



é certo que a questão
do irrepresentável obriga
a reconsiderar nossa compreensão
do inconsciente. ele deve ser articulado
com aquilo que está além dela:
a pulsão de morte

Pois cada vez que se passa de um sistema a outro, a representação, ao mesmo tempo, perde e ganha algo: não há processo acumulativo linear. O processo de transformação, de transposição ou de transferência é descontínuo. É por isso que proponho esta *lógica da heterogeneidade*, em que a diversidade da representação dá lugar ao conflito e à transformação. Parece-me que ela permite uma definição do funcionamento psíquico mais complexa e consistente que, por exemplo, a do significante ou a da lógica paradoxal de Winnicott.

Retomando, pois, a *teoria da representação generalizada*, o que ela procura, em última instância, é explicar enorme heterogeneidade que caracteriza a psique, por sua relação com o que está fora dela. O que quero dizer com isso? É simples. A partir da relação com o corpo, surge a pulsão e seu *representante psíquico* (*Triebrepräsenz*), que não se deve confundir com o *representante-representativo* (*Vorstellungsrepräsentanz*). Da relação com o mundo, do ponto de vista intrapsíquico essencial da busca de satisfação e de prazer, surge a representação de coisa ou de objeto. Da relação com o outro semelhante, enquanto ser falante, surge a representação de palavra. Há que se acrescentar, enfim, as representações da realidade, esses “juízos que no Eu representam a realidade”, como diz Freud.

Daí uma distinção importante que podemos atribuir a Freud, embora ele nunca a tenha esclarecido. A pulsão, tal como ele a descreve, *representa* as exigências que são impostas à psique por sua relação com o corpo. Ela mesma já é então um *representante*, uma delegação da força que se faz presente no psiquismo. Esta delegação é

o representante psíquico da pulsão (*Triebrepräsenz*). E, ao mesmo tempo que é um representante, a pulsão tem também seus representantes: o representante-representativo (*Vorstellungsrepräsentanz*) e o afeto.

URRIBARRI Resumindo: o senhor define o representante psíquico da pulsão como expressão de uma excitação somática que advém ao psiquismo e se manifesta como pura tensão psíquica. Ou seja, como *um representante que não é uma representação*. Poder-se-ia dizer que, deste modo, o senhor concede um lugar ao irrepresentável na sua teoria da representação? E isso explicaria então a necessidade de se reconhecer o valor do segundo modelo freudiano, que exige ir mais além da noção de inconsciente a fim de incluir o Isso? É possível – e como – esta articulação?

GREEN *Só se pode verdadeiramente colocar a questão do irrepresentável dentro do contexto de uma teoria da representação*. Ou seja, para nós, psicanalistas, a partir de uma perspectiva metapsicológica. Trata-se de *ultrapassar*, literalmente, a consciência. O irrepresentável não é aquilo que o sujeito não tem na consciência em um dado momento. Não é o que não se consegue ou não se sabe como dizer na sessão. Tampouco trata-se de representações que, por estarem ligadas a uma fantasia inconsciente, teriam sido recalçadas. Pelo contrário: é algo que não consegue se ligar. O irrepresentável, então, remete à questão da representação, da mesma forma que a pulsão, à questão da ligação e do desligamento.

Por outro lado, é certo que a questão do irrepresentável obriga a reconsiderar nossa compreensão do inconsciente. Se, por um lado, a noção de inconsciente continua sendo fundamental para mim, por outro, penso que deva ser articulada com aquilo que está além dela: a pulsão de morte.

Quanto à passagem para a noção de Isso, proposta por Freud na segunda tópica, a articulação me parece possível, entre outras razões, na medida em que o Isso – como moções pulsionais representantes do corpo mas não

representativas – corresponde ao representante psíquico da pulsão da primeira tópica.

De qualquer forma, a questão da articulação entre estes modelos é mais complexa. Se retomarmos o fio de minha teoria da representação, veremos que ela inclui ainda algo mais fundamental: a conceitualização da representação de coisa ou de objeto, de seu lugar no psiquismo. A representação de coisa funciona – ou melhor dizendo, pode funcionar – como uma encruzilhada, uma ponte, o elo por meio do qual trabalha a simbolização.

Do ponto de vista de sua constituição, a representação de coisa é o rastro mnêmico deixado por uma experiência de satisfação, na qual o objeto que trouxe satisfação recebeu sua inscrição. O objeto encontra assim sua inscrição, sua representação no psiquismo – mesmo quando, obviamente, não é reconhecido como tal. O desejo inconsciente é justamente o movimento pelo qual, ante a ausência do objeto, o representante da pulsão investe – literalmente monopoliza, ocupa – a representação de coisa, que se torna assim representação-meta da busca de satisfação. Isto quer dizer que a representação de coisa vai permitir uma ligação à pulsão.

No primeiro modelo freudiano, este processo se completava após o recalque originário, com a aparição das representações de palavra e das representações de coisa conscientes. Apesar de não ser possível contentar-se com este esquema, que deve ser ampliado, para mim continua sendo essencial o duplo caráter da representação de coisa: sua possibilidade de se articular, ao mesmo tempo, com a pulsão e com a linguagem.

Logo, o valor da representação de coisa decorre do seguinte: o representante psíquico da pulsão é o primeiro esboço de sujeito, mas isto não basta – é preciso que o processo de cooptação da representação de coisa pelo representante psíquico constitua essa matriz de simbolização, que é o inconsciente. Pois se algo diferencia o inconsciente do Isso é esta passagem possibilitada pelas representações de coisa, pela qual o inconsciente se torna o defensor dos investimentos e



*a representação de coisa
é o rastro mnêmico deixado
por uma experiência de satisfação,
na qual o objeto que trouxe
satisfação recebeu sua inscrição*

capaz de transformações. Graças à representação de coisa o representante psíquico se liga, entra na cadeia da simbolização. A representação de coisa opera ligando, transformando, limitando e dando figuração à energia pulsional.

URRIBARRI Se estou entendendo bem, o que o senhor coloca é que a representação de coisa tem um duplo valor: o primeiro, por ligar a tensão do representante da pulsão, abrindo caminho ao trabalho psíquico de representação, de simbolização; o segundo, porque as representações de coisa inconsciente e consciente podem estabelecer a ponte que vai da pulsão à palavra.

GREEN Sim, no melhor dos casos é assim. Porque o que é que observamos no que se costuma chamar de *casos difíceis*? Vemos que há falhas na simbolização, como se as representações não pudessem ligar a força das pulsões, que inclusive podem acabar por se expressar como passagens ao ato ou somatizações. É neste ponto que nos vemos confrontados com algo que não ocorre na neurose, ou seja, a representação de coisa inconsciente pode ser atacada e mesmo abandonada pelas pulsões devido a uma insuficiência do trabalho psíquico. Temos então que considerá-la com a força destrutiva das pulsões de morte, com seus ataques contra a representância e com suas descargas diretamente no real.

Podemos, então, perceber não apenas como a articulação entre a teoria da representação e o segundo dualismo pulsional é possível, mas também como nele a representação de coisa tem um papel privilegiado. Tomemos um outro exemplo: como entender a reação terapêutica negativa, ou



o conceito de pulsão procura dar conta de uma questão fundamental no pensamento de todo analista: a questão do chão que dá origem à psique

a repetição mortífera, que transborda o princípio de prazer? Propus uma hipótese que é a seguinte: o sistema de traços mnêmicos constituído pelas representações de coisa não pode trabalhar, nem é trabalhável. Observamos que é como se a rede de traços não pudesse ser reinvestida pela memória porque em lugar dos traços houvesse um esgarçamento do tecido psíquico. Assim, todo reinvestimento conduz à dor. E para evitá-la se constitui então um limite, que é a compulsão à repetição. Repetição que excede o princípio de prazer, pois repete o desligamento, a não representação, a expulsão para fora do psiquismo.

Sujeito, pulsão e função objetizante

URRIBARRI O senhor acaba de falar do sujeito. Gostaria de perguntar sobre sua noção de sujeito. O senhor escreveu que “a pulsão é a matriz do sujeito”³. Poderia comentar um pouco essa ideia? **GREEN** Para mim, a noção de sujeito tem uma grande importância. Em primeiro lugar, porque a única psicanálise que existe é a do sujeito – fato que as teorias modernas parecem esquecer. Ora, a originalidade da concepção freudiana sobre a subjetividade consiste em descobrir que o que permite dizer *eu* é justamente a pulsão. É a isto que me refiro quando escrevo que “a pulsão é a matriz do sujeito”.

A meu ver, assim como temos uma “linhagem objetizante”, ou seja, diversas concepções do

objeto que remetem, na realidade, a coisas diferentes (objeto primário, objeto fantasmático, objeto narcísico, objeto interno, etc.), temos também uma “linhagem subjetal”. Pois não é por acaso que certas pessoas preferem falar de “Moi” (Ego) como Anzieu, outros de “sujeito”, ou empregam, como Piera Aulagnier, o “Je” (Eu). Minha tese é que o referente comum a todos esses termos “subjetais” é a pulsão, a pulsão em sua atividade de ligação e desligamento.

Por outro lado, o senhor me pergunta sobre o lugar que dou à pulsão, pois sabe que se trata de um conceito essencial para mim. Penso que, apesar dos ataques que ele sofre atualmente, existem vários motivos de peso para revalorizar este conceito. O conceito de pulsão procura dar conta de uma questão fundamental no pensamento de todo analista: a questão do *chão* que dá origem à psique.

Se nos colocamos em uma posição metapsicológica, entendemos que Freud inventa o conceito de pulsão para dar conta da noção de força psíquica, da dimensão disto que se coloca à psique como exigência de trabalho por sua relação com o corpo, e que depois (em um devir do qual não é alheio nem ao objeto, nem ao advir das representações) poderá ser chamado de desejo; é o que nos dá a dimensão da intencionalidade, e também da capacidade de transformação. Ou seja, na psicanálise, é a pulsão que ocupa o lugar da causalidade. Não há causalidade psíquica – não há nenhum fenômeno psíquico – que não remeta à pulsão.

É claro que outras teorias existem, como a de Laplanche. Mas podemos dizer que, hoje, duas perspectivas se opõem, basicamente. Uma dá grande importância à estruturação intrapsíquica. A outra concebe diretamente esta estruturação intrapsíquica como resultado exclusivo da relação intersubjetiva. Não faço parte desta última, pois para mim a intersubjetividade pura não existe. A meu ver, cada um dos termos desta intersubjetividade remete ao intrapsíquico, a seus respectivos psiquismos. Trata-se então de uma

3 Cf. “L’objet est la fonction désobjectalisante” (“O objeto é a função desobjetizante”), in *Propedeutique*, op. cit. p. 239.

relação entre dois *intrapsíquicos* mediados pela intersubjetividade.

URRIBARRI A referência às duas linhagens, objetais e subjetais, faz-nos lembrar outra característica de seu pensamento: a proposta de levar em conta a articulação da noção de pulsão com a de objeto, considerando-as como um par dialógico.

GREEN De fato, penso que é preciso superar a antinomia entre a teoria da pulsão e a teoria das relações de objeto. Para mim, como o senhor mesmo mencionou, trata-se de sua articulação. Pois mesmo se postulamos a pulsão como um dado psíquico originário, como matriz do sujeito, este só se desenvolve em relação com o objeto. É nesse sentido que propus considerar o objeto como revelador da pulsão.

Evidentemente, o objeto só o é na medida em que nos referimos ao sujeito, à pulsão, e, depois, ao Eu. Mas ele não é uma coisa meramente externa que virá se adicionar mais tarde. O objeto tem, desde o começo, uma dupla função. Por um lado, sua função é a de estimular

a vitalidade do sujeito, de estimular e ser o revelador da pulsão; por outro, é a de promover a simbolização, a representação, ao estabelecer adequadamente os cuidados, os ritmos entre ausência e presença – isto é, ao tornar tolerável a excitação, discriminando-a. Esta demora na satisfação só é tolerável se o sujeito puder contar com outra cena, a inconsciente, em que possa reencontrar, ou melhor dizendo, reinvestir os traços do objeto, sua representação. Uma tal possibilidade existe para o sujeito, na medida em que o objeto o ajudou a criar essa internalização, criadora do que denomino de “estrutura enquadrante”, ou seja, que constitui o espaço que dá lugar à representação. Em outras palavras, retomando a minha teoria da representação, proponho justamente a ideia de que a representação, para que possa se estabelecer, necessita do objeto. De acordo com o que chamei de “segundo modelo freudiano”, sabemos que a representação não é um dado primeiro, mas sim um resultado possível do trabalho psíquico. E é neste trabalho que o objeto é essencial.

Referências bibliográficas

Green A. (2011). *Du signe au discours*. Paris: Itaque. p. 31-60.

Green A. (1995). *Propédeutique*. La métapsychologie revisitée. Paris: Champ Vallon.

José Martins Canelas Neto
 Octavio Souza
 Renato Mezan

Vacância

Jose Martins Canelas Neto é psiquiatra formado pela Universidade de Paris, membro efetivo e Analista Didata da SBPSP e Editor da revista *Ide – Psicanálise e Cultura*.

Octavio Souza é psicanalista, pesquisador do Instituto Fernandes Figueira/FIOCRUZ.

Renato Mezan é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, e professor titular da PUCSP.

22 de janeiro de 2012, um domingo. Como a buscar pares que pudessem compartilhar o sentimento de orfandade, muitos e-mails passaram a circular divulgando a morte de André Green. Ao longo das semanas seguiram-se biografias escritas por colegas de países diversos, como se ao sistematizar seu percurso e obra ou dimensionar suas contribuições, fosse possível circunscrever seu legado e diminuir a sensação de vazio pela sua ausência. Psicanalista egípcio radicado na França, Green conseguira ocupar espaços importantes no debate sobre a psicanálise contemporânea não só por transpor as fronteiras das instituições psicanalíticas ao fazer dialogar de modo fértil autores como Lacan, Melanie Klein, Bion e Winnicott, como por manter uma interlocução com a filosofia, a linguística e a antropologia. Para além do rigor e do cuidado com que agregou pensamentos de autores diversos ao seu trabalho clínico e teórico, é possível que sua morte ameaçasse deixar a comunidade psicanalítica órfã de uma posição política integradora entre espaços e grupos psicanalíticos. Ao articular a teoria pulsional e estrutural com as teorias das relações objetais, por exemplo, Green inaugurara uma abertura no modo de pesquisar, pensar e refletir sobre a clínica e a teoria psicanalítica que permitia ir além das problemáticas políticas e afiliações excessivamente devotas. Talvez um de seus maiores legados, ao se debruçar sobre a clínica dos limites ou do vazio, Green ampliou de forma significativa o papel e a função do objeto destacando o trabalho do negativo, cuja importância poderia ser constatada nesta clínica justamente pela falência da ação necessária (estruturante) do negativo ao apresentar suas manifestações extremas (patológicas), um efeito combinado do desinvestimento, da destrutividade,

da fusão com o objeto e da identificação com o objeto destruído pela separação. Tal função psíquica de desinvestimento e desligamento, bastante primitiva, marcada pela pulsão de morte e pelas características refratárias ou “depressivas” dos objetos primários, seria o contraponto da função objetualizante, de ligação e investimento. E para Green pulsão e objeto estariam mutuamente implicados, o objeto a conter as pulsões e também a despertá-las e revelá-las, e as pulsões a investir e “criar” objetos. Assim, a partir de impasses surgidos na relação analítica, os ataques ao enquadre, as defesas rígidas e resistentes, as respostas contratransferenciais inusitadas e intensas que exigiriam do analista uma forma de atuação diferenciada, quicá mais implicada, construiu-se um extenso campo de discussão teórico-clínica que ampliou significativamente a compreensão da constituição subjetiva e seus avatares.

A morte de André Green parecia anunciar, portanto, um lugar vago na história da psicanálise, aquele em que se praticaria uma psicanálise criativa e possível sem simplificações ou reduções, fora das fronteiras tantas vezes restritas e dogmáticas das instituições psicanalíticas. Uma psicanálise que postulava um sujeito em um processo de auto-organização permanente, um sistema aberto, uma realidade psíquica histórico-cultural. A seção Debates da Revista Percurso convidou alguns colegas para refletir sobre o significado desta “ausência” no campo da psicanálise.

JOSÉ MARTINS CANELAS NETO. *O legado de um psicanalista engajado*

Refletir sobre o significado da ausência de André Green para a Psicanálise é, para mim, uma tarefa muito íntima, pessoal, na qual considero impossível manter uma distância suficientemente boa para que o turbilhão que os afetos causam ao pensamento não o desvie das “ideias claras e distintas”. Também me parece que o peso dessa ausência demandará tempo para poder transformar-se em momentos criativos para a Psicanálise. O texto que serve de argumento a este debate – “Vacância” – sintetiza de maneira admirável as

»
para mim, trata-se da obra que, após a de Bion, Winnicott, Klein e Lacan, possui a maior envergadura e importância na história da Psicanálise

principais ideias e concepções que Green deixou para nós, analistas do início do século XXI. Por outro lado, a obra de Green está aí para ser estudada e discutida por todos os que se interessarem. Para mim, trata-se da obra que, após a de Bion, Winnicott, Klein e Lacan, possui a maior envergadura e importância na história da Psicanálise, tanto em relação à fecundidade dos conceitos quanto ao enorme esforço para articular em uma totalidade concepções que, muitas vezes, se opõem frontalmente.

Por tudo isso, pensei em responder à questão que nos foi apresentada por meio de um depoimento pessoal de meu contato e experiência com Green, no período de treze anos no qual me formei, em Paris. Talvez, assim, eu possa dividir com vocês, leitores, minhas lembranças e afetos despertados por essa difícil perda. Espero, no entanto, que minha contribuição seja útil aos leitores e colegas para colorir com a “ilusão da vida” esse psicanalista e pensador tão admirável que foi André Green.

Meu último contato com Green foi durante o Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa (CPLF), em 2009, em Paris. Nesse evento, cujo tema foi “A linguagem em Psicanálise”, ele coordenou uma mesa que me surpreendeu. Convidou dois pesquisadores de Antropologia, que apresentaram pesquisas e reflexões que mostraram de maneira muito surpreendente, para mim, uma relação profunda e existente desde o início da vida pós-uterina entre a aquisição da linguagem e os elementos da cultura transmitidos pela



*desde o primeiro dia,
senti-me impactado pelo rigor
de pensamento, de inovação
e de abertura aos verdadeiros grandes
autores da Psicanálise e, também,
à Filosofia e à Literatura*

mãe já dentro da linguagem. Lembro que achei curioso como Green, já com 83 anos, ainda discutia e trazia o debate da linguagem em Psicanálise e da presença da cultura no indivíduo por meio da linguagem materna. A cultura está presente na formação da psique desde o início. Entretanto, a relação afetiva com a mãe, modulada “culturalmente” por meio de sua fala com o bebê, é o tema do início da obra de Green, sobretudo de seu primeiro livro, *O discurso vivo* (1973), escrito para se distinguir das ideias de Lacan, com quem sempre dialogou, em geral, criticando-o. Eu diria que o retorno a Freud de Lacan fez com que Green penetrasse com muita profundidade na obra de Freud. O fundador da Psicanálise é o autor fundamental para Green, com quem dialogou até o fim de sua vida.

Em geral, conhecemos mais a obra propriamente psicanalítica de Green, mas cabe lembrar que ele escreveu bastante sobre temas da Cultura, pensando sobre problemas e grandes questões contemporâneas, como no artigo “Por que o mal?” (1990), em que também tratou da obra de diversos artistas (Leonardo, Henry James, Shakespeare, Proust, Joseph Conrad). Green também foi um grande pensador. Uma vez, ele me disse: “Canelas, você sabe o que é a Psicanálise? Uma grande filosofia viva!”.

Cheguei a Paris em 1983. Lacan morrera em 1981. Minha convivência maior foi, então, com essa geração pós-Lacan, com Piera Aulagnier, René Diatkine, e muitos outros. Convivi e trabalhei muito com analistas ligados à Sociedade

Psicanalítica de Paris, na qual desenvolvi minha formação, mas, também, com colegas do Quarto Grupo e dos grupos lacanianos. Havia, ainda, um intenso turbilhão causado pelas ideias inovadoras e pelo temperamento provocador e instigante de Lacan, que, retornando a fundo a Freud, revelara outra leitura da obra freudiana, trazendo-a para mais perto daquela que era, então, a modernidade intelectual francesa. Percebia que os debates entre os analistas das diferentes correntes eram muito passionais, intensos, vividos na carne, levando a impasses muitas vezes empobrecedores para a reflexão psicanalítica. Era como se pudéssemos falar de uma “neurose infantil das transferências dos psicanalistas”. Como eu vinha daquilo que era o “Terceiro Mundo”, com sua língua “menor”, ouvia tudo aquilo com certo distanciamento.

Foi, então, que comecei a frequentar um seminário aberto que Green fazia naquela época, em uma noite da semana até bastante tarde, em uma sala cedida pela Universidade de Paris na unidade de Censier. Desde o primeiro dia, senti-me impactado pelo rigor de pensamento, de inovação e de abertura aos verdadeiros grandes autores da Psicanálise e, também, à Filosofia e à Literatura. Também me marcou o fato de que Green não desprezava, de maneira alguma, o ponto de vista da Biologia na obra de Freud, tendo uma reflexão crítica muito interessante sobre isso. Ele diz que Freud construiu uma “metabiologia”. Por se tratar de um seminário “não oficial”, sem vínculo com qualquer instituição, Green era muito livre e deixava sua reflexão prosseguir por caminhos variados. Além disso, o público, que também era variado (a entrada era totalmente livre), colocava questões diferentes das que costumava ouvir nos círculos ligados às diversas instituições psicanalíticas. Desde então, comecei a estudar e frequentar seminários diversos com ele.

Uma vez mais estabelecido em Paris, com casa e emprego, surgiu a dúvida quanto ao grupo no qual faria minha formação. Tinha bastante contato com o Quarto Grupo, de Piera Aulagnier, com a SPB, de Green, e com os lacanianos da Escola da Causa Freudiana. Hoje, penso que

a influência de Green me levou a escolher seu grupo, a SPP. Tive, então, oportunidade de ter mais contato com ele e de acompanhar várias trocas entre Green e os psicanalistas do 13ème (Associação de Saúde Mental do 13º Distrito de Paris), onde eu trabalhava. Posso dizer com segurança que Green também construiu sua obra a partir dessas trocas riquíssimas que ocorriam nos encontros clínicos e teóricos com os grupos do 13ème, da Escola Psicossomática de Paris (criada por Pierre Marty, Michel Fain e Michel De M'Uzan), com o Quarto Grupo, de Aulagnier, e com os colegas da Associação Psicanalítica da França (APF). Isso é importante realçar, para não cairmos novamente nessa neurose infantil dos psicanalistas e ficarmos presos em uma idealização de Green. Ele foi um teórico que colheu nesse caldeirão de experiências e discussões psicanalíticas boa parte da matéria-prima para sua obra. Penso que devemos, assim, desidealizar Green. Sei, por contato pessoal com ele, que não queria se tornar um chefe de escola em Psicanálise, não queria que surgisse um “greenismo”.

Outra fonte principal de sua obra vem de sua clínica, mais conhecida a partir das reflexões sobre os pacientes *borderline*. Ela se revela bastante no livro *O pensamento clínico* (2000), no qual descreve certas configurações psíquicas que nos levarão a pensar em nossos pacientes. Isso é o “pensamento clínico”, que abre portas à associação com nossa própria clínica. São assim descritas, por exemplo: as relações entre narcisismo e masoquismo na análise, a analidade primária, a posição fóbica central, as relações diversas da histeria com as patologias-limite, etc. Por fim, em seu recente livro, ainda não publicado em português – *Illusions et désillusions du travail psychanalytique* (2010) –, Green se estende longamente sobre alguns casos clínicos específicos que considerou difíceis e enigmáticos. Nesse texto, podemos vê-lo melhor em sua clínica.

Um pouco antes de meu retorno ao Brasil, pude fazer uma supervisão individual com Green. Foi uma experiência muito impactante para mim. Ele era muito gentil, mas muito firme e rigoroso,

»
a melhor definição de André Green
é a de um “psicanalista engajado”,
como é o título de seu livro
de entrevistas concedidas
a Manuel Macias, no qual
revela muitas coisas
de sua história pessoal

sem ser rígido. Sempre me pedia para dizer o que aquele material tinha provocado em mim, no que eu havia pensado. Tinha a impressão de que ele buscava o que estava por trás daquela história transferencial que o paciente vivia comigo. Os movimentos da sessão eram bastante valorizados por ele, que dizia: “temos de perceber a respiração da sessão”. Parecia se interessar menos pelas recordações e a história relatada pelo paciente do que pela história do processo que vivíamos, eu e meu paciente, naquele momento. Por isso, às vezes, perguntava ou se lembrava de detalhes relatados em supervisões anteriores que me surpreendiam.

A melhor definição de André Green é a de um “psicanalista engajado”, como é o título de seu livro de entrevistas concedidas a Manuel Macias (*Um psicanalista engajado*), no qual revela muitas coisas de sua história pessoal, fato bem raro no meio psicanalítico parisiense. Um egípcio da colônia judaica de língua francesa do Cairo que encontrou em Paris a Psicanálise e a releitura de Lacan da obra de Freud, e que se engajou integralmente pela Psicanálise, sempre tentando mantê-la integrada e forte com muita paixão. Um homem assim só poderia fazer uma imensa falta a nós, psicanalistas, que continuamos aqui, nesse nosso tempo atual.

OCTAVIO SOUZA. *A reviravolta dos anos 20 e a abertura do diafragma da teoria*

Em sua fala de conclusão ao Colóquio de Cérissi de setembro de 2004, organizado em torno



*a narrativa enfatiza
muito mais sua necessidade
de compreensão, de mapeamento
e de posicionamento em relação
ao campo. Entende sua trajetória
como um esforço de “abertura
do diafragma da teoria”*

de sua obra e intitulado *Enjeux pour une psychanalyse contemporaine*, André Green faz uma apreciação autobiográfica de seu trajeto que vale ser citada em extensão, pela explicitação daquilo que melhor caracteriza sua relação com sua própria obra, assim como com as obras que constituem o campo psicanalítico.

Desde que me engajei na via da psicanálise, fui precocemente sensível ao fato de que a psicanálise do meu tempo – talvez porque fosse pós-freudiana – se apresentava de modo profundamente heterogêneo. Heterogêneo na França, principalmente, onde a presença de Lacan, cuja obra me influenciou a despeito de suas relações passionais com seus antigos colegas que sustentavam pontos de vista diferentes, contribuía para que a diversidade das abordagens gerasse uma certa confusão. Escolhi ficar na SPP, a despeito das pressões de Lacan para que eu o escolhesse de preferência a todos os outros. Foi necessário de início me reencontrar na selva francesa. Tentei escolher o melhor desses campos opostos. Mas não tardei a descobrir que Deus não era francês. Outras inspirações psicanalíticas chegavam a mim, da Inglaterra inicialmente, mas, logo depois, dos Estados Unidos e da América Latina. Mais uma razão para *abrir o diafragma da teoria* (grifo meu). Em vez de me tornar um discípulo a mais dos principais movimentos existentes, prossegui minha caminhada tentando levar em conta as ideias nascidas fora de nossas fronteiras que me chegavam aos ouvidos.

Foi assim que, tijolo por tijolo, consegui construir um edifício, utilizando, ao mesmo tempo, materiais oriundos do interior e do estrangeiro, ao mesmo tempo

que edificava minha própria arquitetura, fundada sobre minha experiência, e abrangendo um campo vasto o suficiente para não me encontrar em setores muito confinados da prática analítica. Hoje me encontro diante desse corpus que vocês chamam de a obra de André Green.

O que foi feito foi feito. Hoje não é mais tempo de evocar somente o passado, precisamos imaginar (“*songer*”) o futuro, essa é a razão desse título: “*Enjeux de la psychanalyse contemporaine*”, o presente deixando adivinhar um futuro possível.

Se então, foram os meus trabalhos que foram escolhidos como ponto de partida para essa reflexão, é precisamente pelas duas razões que evoquei. A primeira é a situação trans-societária na psicanálise francesa. A segunda é a necessidade de se situar diante das grandes teorias psicanalíticas que se desenvolveram no estrangeiro. Mencionarei sobretudo as teorias de Winnicott e de Bion que contaram para mim. Não há, no entanto, nenhuma pré-condição para refletir sobre o que os meus trabalhos apresentaram e às vezes descobriram. Os dados estão jogados. Tiremos deles as lições.

Nessa passagem, Green revela o modo de relação que entretém com a diversidade teórico-clínica que forma o conjunto do campo psicanalítico. Embora lhe fosse perfeitamente possível, não encaminha a avaliação de sua própria obra enfatizando a originalidade de seus achados. Sua narrativa enfatiza muito mais sua necessidade de compreensão, de mapeamento e de posicionamento em relação ao campo. Entende sua trajetória como um esforço de “abertura do diafragma da teoria”. Esforço que se origina de uma necessidade de localização, “foi necessário de início me reencontrar na selva francesa”, que desemboca na construção, “tijolo por tijolo”, de um corpus teórico que agrega, numa arquitetura própria, “materiais oriundos do interior e do estrangeiro” e que objetiva ser vasto o suficiente para que seu autor não se veja preso “em setores muito confinados da prática analítica”.

Em seu texto de 1975, “O analista, a ausência e a simbolização”, Green identifica três momentos históricos no movimento psicanalítico. O primeiro, o do modelo freudiano, marcado

pela descoberta do inconsciente e da transferência em função da aplicabilidade do método psicanalítico; o segundo, o momento pós-freudiano, marcado pela ênfase nas relações de objeto e na contratransferência; e o terceiro, o da psicanálise contemporânea, que se detém no funcionamento mental do analisando e do analista, assim como nas questões relativas ao enquadramento analítico. Como Fernando Urribarri observa, a obra de Green se constitui na vetorização das questões da psicanálise contemporânea. O relato de Green mostra que essa vetorização se fez através de um modo particular de relação com os momentos que antecederam o momento da psicanálise contemporânea.

Comparar o modo de relação de Green e de Lacan com os momentos do modelo freudiano e pós-freudiano pode ser esclarecedor. Para Lacan, a diversidade das orientações teóricas do momento pós-freudiano representava, principalmente, um desvio da verdade freudiana. “Quem vai varrer esse enorme monte de esterco das cavalariças de Augias, a literatura psicanalítica?” – perguntava-se em 1958. Nessa perspectiva de faxina, recusa as temáticas propriamente pós-freudianas da contratransferência e das relações de objeto e retorna a Freud através da redução da cacofonia pós-freudiana à simplicidade da lógica mínima do significante. A perspectiva de Green diante da cacofonia pós-freudiana não foi, propriamente falando, a de um retorno a Freud, mas sim a de “escolher o melhor desses campos opostos” e prosseguir, a partir de Freud, integrando a metapsicologia freudiana ao pensamento pós-freudiano. Em vez da redução da metapsicologia à lógica mínima do significante, propõe uma teoria geral da representação, mais próxima do vocabulário da metapsicologia freudiana, que reconhece no psiquismo a função básica de representar e na qual distingue várias instâncias da representação, desde o nível protorrepresentacional da moção pulsional e do representante psíquico da pulsão, até o nível representacional do afeto e das representações de coisa e de palavra. Ainda no âmbito da teoria geral da representação,

»

*talvez seja útil pensar
que as diferenças entre Green
e Lacan se originam em suas distintas
avaliações das relações entre
as duas tópicas freudianas*

desenvolve paralelamente – na trilha dos aportes de Winnicott e Bion, mas integrando também, de modo menos explícito, a valorização do próprio Lacan do papel do terceiro e da função da negatividade – uma teoria das estruturas do enquadre materno, através, principalmente, do conceito de alucinação negativa.

Talvez seja útil pensar que as diferenças entre Green e Lacan se originam em suas distintas avaliações das relações entre as duas tópicas freudianas. Lacan enxerga na segunda tópica, principalmente, a possibilidade de complexificar a primeira tópica através da introdução, no funcionamento desta última, da negatividade repetitiva da pulsão de morte. Deste modo, efetua uma operação de rebatimento da segunda tópica sobre a primeira, pela qual a compulsão à repetição do indizível da pulsão de morte é concebida como o motor mesmo do retorno do recalado. Por esse mesmo gesto, esvazia o desejo inconsciente de seus conteúdos imaginários, reduzindo-o à insistência metonímica de uma falta que se representa no intervalo entre os significantes. Também reduz a interpretação analítica ao corte que marca a escuta de um desejo que se metaforiza nas cadeias da associação livre. Com tudo isso, permanece no horizonte da primeira tópica, na qual o desejo inconsciente não cessa de se dizer nas formações do inconsciente. Em consequência, não valoriza as diferenças entre o sistema representacional do inconsciente e o caldeirão pulsional do id, ao mesmo tempo que concebe a relação com o objeto como uma relação com a falta do objeto,



concede às teorias pós-freudianas da relação de objeto uma importância fundamental para a elaboração desta função, embora ao custo de uma desvalorização do papel econômico da pulsão, que insiste em não abandonar

constituída pela castração. As relações entre ego e id são concebidas nos mesmos moldes de desconhecimento que o pré-consciente entretém com o inconsciente na primeira tópica, deixando passar em branco todas as indicações de Freud a respeito da função de ligação que o ego exerce para dotar as pulsões do id de representação. Ainda no mesmo movimento, limita sua consideração da angústia à sua função de sinal. De um ponto de vista mais amplo, a teoria permanece constituída tendo a neurose como patologia de referência, o que faz com que a questão da formação do analista, ou seja, do término da análise e da passagem do analisando para o analista, ocupe grande parte das reflexões sobre a prática clínica. Qualquer possibilidade de modificação do método, tendo em vista seus limites e o acolhimento das patologias-limite, é considerada como desvio da novidade da descoberta freudiana. É verdade que em seu último ensino Lacan retorna sobre essas questões e as remaneja de forma radical, mas o fato é que esses remanejamentos ainda tiveram de esperar quase duas décadas após sua morte para serem reconhecidos em seu alcance e para produzirem efeitos mais generalizados sobre a prática clínica dos lacanianos, os quais, hoje em dia, relativizam o papel central da castração na estruturação da subjetividade e não hesitam em falar de patologias-limite, de “psicoses ordinárias”. O papel externo que a psicanálise não lacaniana certamente exerceu sobre a sensibilidade dos lacanianos para a abertura a esse tipo de temática é passado em silêncio.

Green, por sua vez, considera a segunda tópica, a “reviravolta dos anos 1920”, como uma ampliação radical, sem retorno, das questões contidas na primeira tópica. Observa que, ao falar de id, Freud muda seu vocabulário, passando a falar muito mais em moções pulsionais do que em pulsão propriamente dita. Ao contrário do sistema do inconsciente, no qual as representações se encontram garantidas em sua permanência, no id existem moções pulsionais em busca de representação. Percebe aí o delineamento das questões relativas ao trabalho de simbolização em sua dimensão intrapsíquica. A compulsão à repetição, em sua instância primeira, é tida como indício de fracasso do trabalho de simbolização. A pulsão de morte, em seu exercício de desligamento, é compreendida em termos de falha da função objetal. Valoriza a diferenciação entre as diversas instâncias da angústia, desde as angústias de abandono e de invasão, até a angústia como sinal. Reconhece que Freud, embora tenha começado a mudar sua concepção de objeto a partir de “Luto e melancolia”, não chegou a desenvolver de modo pleno o papel da função objetal na complexificação do aparelho psíquico. Concede às teorias pós-freudianas da relação de objeto uma importância fundamental para a elaboração desta função, embora ao custo de uma desvalorização do papel econômico da pulsão, que insiste em não abandonar. Nesse sentido, recorre extensivamente às contribuições de Winnicott e de Bion para elaborar uma teoria da função objetalizante, sem desatender à necessidade de desenvolver uma teoria da função subjetivante para a compreensão da elaboração do fator econômico da pulsão e da complexificação do aparelho psíquico. Insiste no fato de que Freud, ao elaborar a segunda tópica, se afasta da referência à neurose e passa a construir suas teorias principalmente a partir da reflexão sobre as neuroses narcísicas e a psicose. Acompanha as propostas pós-freudianas de modificação do método analítico para o tratamento dos quadros de não neurose, mas valoriza, desenvolvendo as intuições de Winnicott e Bleger, a função do enquadramento analítico,

função que introduz a dimensão do terceiro na compreensão da relação analista-analisando, compreensão esta tradicionalmente formulada pelos autores pós-freudianos nos termos mais duais da relação de objeto e da contratransferência. Nesta trilha, valoriza a importância da construção psicanalítica e da participação imaginativa do analista para a simbolização das experiências traumáticas das falhas objetais.

Nisso tudo, cabe ressaltar que a originalidade das teorias de Green se fazem na referência permanente a trabalhos oriundos de horizontes diversos do campo psicanalítico, ou, em suas palavras, na “abertura do diafragma da teoria”. Esta abertura não deve ser entendida como um artifício, como um deixar-se influenciar por teorias esparsas, mas como uma tomada de posição, como um imperativo de posicionamento. Em decorrência deste modo de teorizar, compreender Green é, de certo modo, compreender a psicanálise como um todo e, em seu interior, posicionar-se. Esse é o sentido da vetorização da psicanálise contemporânea que a obra de Green representa em seu mais alto nível. Muitas obras podem servir como via de trânsito por entre as teorias psicanalíticas e exigir, de cada psicanalista, o esforço de posicionar-se, mas, a meu ver, a de Green é a que melhor encarna esse espírito dentre todas, por sua acuidade, por sua extensão, e por se fazer no esforço de contornar e atravessar o conjunto ampliado do campo analítico, agregando o que de melhor encontrar num todo original.

O momento da psicanálise contemporânea, no qual Green se inclui, não como líder, mas como partícipe, traduz uma perspectiva antidogmática em psicanálise. Sucede ao momento pós-freudiano, que trouxe para a psicanálise importantíssimos desenvolvimentos teóricos, mas que teve o custo de dividir a psicanálise em escolas voltadas sobre si mesmas de modo dogmático. Na psicanálise contemporânea a originalidade da contribuição de cada autor é melhor avaliada levando-se em conta a posição que ocupa no quadro mais amplo de um conjunto de autores que compartilham questões aproximáveis entre si, questões



*o momento da psicanálise
contemporânea, no qual Green
se inclui, não como líder,
mas como partícipe,
traduz uma perspectiva
antidogmática em psicanálise*

estas que se formaram ao longo do desenvolvimento histórico da psicanálise. A psicanálise contemporânea não se volta para a construção de uma doutrina unificadora do campo, como desejaram, por exemplo, de modo mais ou menos explícito, Anna Freud, Klein, Lacan ou Kohut, mas de muitas teorias que confluem e se redistribuem. É deste modo que cabe interpretar as palavras de Green no fim da passagem acima citada. Importante notar o quanto valoriza sua própria obra por sua função de fazedora de caminhos em um campo que se constitui em um processo permanente de invenção, de convergências e de divergências: “Se então, foram os meus trabalhos que foram escolhidos como ponto de partida para essa reflexão, é precisamente pelas duas razões que evoquei. A primeira é a situação trans-societária na psicanálise francesa. A segunda é a necessidade de se situar diante das grandes teorias psicanalíticas que se desenvolveram no estrangeiro. Mencionei sobretudo as teorias de Winnicott e de Bion que contaram para mim. Não há, no entanto, nenhuma pré-condição para refletir sobre o que os meus trabalhos apresentaram e às vezes descobriram. Os dados estão lançados. Tiremos deles as lições”.

Para mim, lacaniano de formação e que em determinado momento quis transitar pelo conjunto mais amplo das orientações psicanalíticas, a frequência da obra de Green foi a que melhor serviu para que o passeio por entre as diversas teorias psicanalíticas não se dispersasse em ecletismo teórico. Green convida, o tempo



*cada uma das escolas
pós-freudianas pretendia constituir
a única e reta continuação de Freud,
e lançava sobre as outras o anátema
de ter abastardado, diluído
e por fim traído a inspiração
essencial da obra fundadora*

todo, pela complexidade do pensamento e pela força arrebatadora do caráter que não hesita em se manifestar, à tomada criteriosa de posição no campo psicanalítico em seu conjunto. A cada passo, existem escolhas a serem feitas. Há o que de pegar e há o que de largar. A falta que sua morte representa é enorme, apenas amenizada pela consciência do trabalho conjunto em continuação permanente que seu gesto abrangeu.

RENATO MEZAN. *André Green e a Psicanálise aplicada*

Em *Un psychanalyste engagé* (1994), André Green afirma que Shakespeare quase ocupou para ele o lugar de analista. Assim, não é inapropriado iniciar estas notas lembrando como Marco Aurélio introduz seu discurso ao pé do cadáver ainda quente de Júlio César: “*the evil men do lives after them; the good is oft interred with their bones*” (o mal que os homens fazem vive depois deles; o bem é muitas vezes enterrado com seus ossos)¹.

Paradoxo: a longa e frutífera carreira de Green é um dos mais enfáticos desmentidos à validade universal do que diz o romano. Se fez algum “mal” – e deve ter feito, pois era um homem apaixonado –, o “bem” está longe de ter sido “enterrado com seus ossos”. Ao contrário, é por causa dele que o lembramos, que se tornou um dos mais importantes psicanalistas do nosso tempo, e que a ausência da sua voz tonitruante se faz sentir com tanta intensidade. E com certeza não lhe teria

desagradado – a ele, que jamais aceitou ser um “devoto” (nem mesmo do Grande Bardo) – que a obra que nos legou comprove, também neste caso, o perigo das generalizações apressadas, mesmo que feitas com a melhor das intenções.

O texto proposto pelos editores da Seção Debates resume os principais elementos desse “bem”: por um lado, contribuições de peso à metapsicologia, à psicopatologia e à teoria do processo analítico; por outro, uma “posição política integradora” entre as várias correntes da Psicanálise contemporânea. Os artigos deste número de *Percurso* dão uma ideia bastante nítida da extensão e da importância das suas realizações tanto na esfera da clínica quanto no plano da teoria; aqui, gostaria de me deter brevemente sobre o segundo aspecto – o político – e destacar, no conjunto do que produziu, um grupo de escritos que me parece de particular relevo: os que ilustram o que Freud chamava “Psicanálise aplicada”.

Quando Green deixa seu Egito natal para estudar medicina em Paris (1945), a Psicanálise está entrando na “era das escolas”. Esta fase, que perdurou até meados dos anos 1970, caracteriza-se pela organização do movimento em quatro correntes bem diferenciadas, com uma face institucional e política, e outra doutrinária: a psicologia do ego, a escola kleiniana, a das relações de objeto, e o lacanismo. Cada uma dessas tendências pretendia – ainda que com graus variados de dogmatismo – constituir a única e reta continuação de Freud, e lançava sobre as outras o anátema de ter abastardado, diluído e por fim traído a inspiração essencial da obra fundadora. A virulência desses ataques só encontra paralelo na olímpica indiferença ao que as demais podiam conter de verdadeiro: para Lacan, Melanie Klein nunca saiu do imaginário, e os *ego-psychologists* não passam de arautos da ideologia do *self-made man*; para os kleinianos, os que não compartilham das suas concepções são surdos ao clamor do arcaico; segundo a IPA, as sessões curtas de Lacan são tudo menos psicanálise; os teóricos da relação de objeto (talvez os menos intolerantes, é preciso reconhecer) não deixam de criticar o

¹ *Julius Caesar*, ato II, cena 3.

que lhes parece um inaceitável descaso dos demais para com o papel do ambiente na constituição do sujeito.

Talvez – como sugere François Duparc na sua excelente introdução ao pensamento de Green² – a origem multicultural tenha contribuído para o tornar mais sensível que outros a um fato deixado na sombra por tais polêmicas: os psicanalistas de *todas* as tendências têm bons motivos clínicos e teóricos para sustentar suas posições. Em todas, a reflexão parte de fenômenos realmente existentes e verificáveis nos tratamentos, e busca dar conta deles utilizando conceitos e hipóteses que em nada “traem” o que Freud formulou. Por outro lado, a necessidade de justificar suas opções levou cada escola a reivindicar para si a condição de única herdeira legítima do pensamento freudiano, numa mistura de sectarismo e demonização recíproca bem ao estilo do clima de Guerra Fria então vigente na política mundial.

Em oposição a isso, a convicção de que o psíquico é por natureza complexo, que é feito de elementos heterogêneos que não podem ser reduzidos a um único tipo, guiará Green no seu trabalho, e o levará a elaborar uma sofisticada metapsicologia, na qual articula de modo rigoroso e original os três grandes paradigmas da Psicanálise pós-freudiana: o pulsional, o objetal e o “subjetal” (Lacan).

A assimilação da Psicanálise britânica tem neste movimento um papel fundamental, mas tampouco é possível ignorar o que Green aprendeu nos sete anos em que frequentou o seminário de Lacan. Não é por acaso, afinal, que construiu uma teoria da linguagem que parte da noção de significante, mas se recusa a ver no inconsciente nada mais que uma combinatória desencarnada deles. Winnicott lhe servirá para complementar a teoria do simbólico com a dimensão do afeto, que vai resgatar em Freud graças à minuciosa leitura que encontramos em *O discurso vivo* (1973). Da mesma forma, a descoberta de Bion é uma das origens dos conceitos de “psicose branca” e de “mãe morta”, com os quais Green deu grandes



*em oposição a isso,
a convicção de que o psíquico
é por natureza complexo,
que é feito de elementos
heterogêneos que não podem
ser reduzidos a um único tipo,
guiará Green no seu trabalho*

passos para esclarecer os estados limítrofes (*borderline*). Por outro lado, não poupa aos americanos e ingleses a crítica de terem praticamente abolido a dimensão da sexualidade, jogando fora o bebê de que tanto falam junto com a água do banho libidinal em que Freud o mergulhara desde os *Três Ensaios*.

A circulação entre esses grandes ramos da árvore psicanalítica, e a constante referência ao tronco freudiano dela, dá a Green um ponto de vista privilegiado. É ele, creio, que lhe permite estabelecer o “diálogo” do qual falam os editores da Seção Debates, e, ao longo dos anos, “agregar” e “integrar” o que lhe parecia verdadeiro nas diversas elaborações teórico-clínicas que servem de fundamento às escolas. É também ele que o conduziu ao que Duparc chama “os grandes debates ideológicos”, na defesa intransigente da complexidade do psíquico frente às reduções – a seu ver simplificadoras e empobrecedoras – dos “devotos” de todas as obediências.

Nesse percurso, os estudos de Psicanálise aplicada estão longe de ser apenas ocasiões para exibir sua inteligência cintilante e seus formidáveis dotes de intérprete. De modo algum eles constituem um *hobby*, ou, como se diz na França, um *violon d'Ingres* (alusão ao fato de, nas horas vagas, o pintor ter se dedicado ao violino). Ao contrário, desde os estudos sobre a tragédia que enfeixou em seu primeiro livro (*Un oeil en*

² André Green, São Paulo, Via Lettera, 2000. Coleção Psicanalistas de Hoje.



é o poder metaforizante
da ideia de aplicação,
a capacidade de produzir algo novo
que se perde nos eufemismos,
e me faz manter – e valorizar –
o bom e velho conceito
de Psicanálise aplicada

trop, 1969), a análise de textos literários, assim como ocasionalmente de quadros (*Revelações do inacabado*, 1992), lhe permite refinar elementos centrais da sua visão da psique, e do trabalho emocional/intelectual tanto do criador quanto do destinatário da obra de arte.

Aqui convém abrir um parêntesis. Tornou-se comum descartar, quando se fala deste gênero de escritos, o termo “Psicanálise aplicada”. Dizem os que o recusam que a palavra remete a algo mecânico, para não dizer automático: do alto da sua sapiência, e desrespeitando a constituição singular do objeto cultural, o analista lhe “aplicaria” seus conceitos, o aplastaria sob suas certezas inquestionadas, e no fundo apenas reencontraria, após a leitura, aquilo que nela (e nele) enfiara a golpes de martelo. Tautológica para dizer o mínimo, dogmática e superficial nos piores casos, irrelevante nos melhores, a Psicanálise aplicada acabaria por levar a resultados opostos aos desejados, entre eles o de persuadir o leitor não profissional quanto à veracidade e fecundidade da teoria psicanalítica ilustrando-as num material facilmente acessível, contrariamente ao que ocorre quando o objeto da análise é um processo terapêutico em sentido estrito.

Não penso que essa posição seja adequada, nem vejo ganho em substituir a expressão “Psicanálise aplicada” por eufemismos ou paráfrases do tipo “extramuros”, “psicanálise em extensão”, e outros semelhantes. Em primeiro lugar, porque

ela é de Freud: *Zeitschrift für angewandte Psychoanalyse* era o subtítulo de *Imago*, a revista que fundou com Otto Rank precisamente para difundir esse gênero de estudos. Em segundo, e mais importante, porque uma consulta ao dicionário revela a enorme riqueza conotativa do vocábulo: aplicar um remédio, um método, uma injeção, uma penalidade, entregar-se com afinco a uma atividade (“aluno aplicado”), fazer um investimento que frutifica (“aplicações financeiras”), concentrar um sentido para perceber algo (“aplicou o ouvido à porta”, num exemplo do *Aurélio*), entre outros. Falamos de “aplicativo” para designar um programa de informática que permite fazer coisas, de “aplicável” no sentido de conveniente ou adequado (“tal lei é aplicável ao caso em questão”), de “artes aplicadas” para a criação de objetos utilitários bonitos e funcionais...

Todas essas acepções derivam do latim *applicare*. *Plica* é a prega ou dobra (também em português: o leitor, como eu, é portador de uma “plica sinovial” em certas articulações, como o joelho). *Plicare* quer dizer dobrar, e *ad-plicare* é justapor, como ocorre quando se juntam os lados de um tecido ou papel³. Desse sentido literal decorrem as conotações mencionadas, uma das quais é evidentemente infundir, introduzir algo que afeta e estimula aquilo no qual é colocado, e eventualmente revela certas características dele, como num exame médico por contraste. É esse poder metaforizante da ideia de aplicação, a capacidade de produzir algo novo (por exemplo conhecimento, quando se aplica um método a um fragmento do real) que se perde nos eufemismos, e me faz manter – e valorizar – o bom e velho conceito de Psicanálise aplicada. Café expresso é café expresso, mesmo e sobretudo se alguém prefere chamá-lo de “rubiácea dicotiledônea em solução aquosa a dez por cento”.

É nesse sentido que Green o adota – e com que resultados! A leitura psicanalítica de obras de arte não apenas o auxilia a prosseguir em sua autoanálise, desvendando os mecanismos e fantasias que o fazem se comover frente a algo belo e forte: permite avançar em pontos obscuros

3 Cf., na Internet, o site www.etimo.it.

da teoria, porque elas são objetos “transnarcísicos”, capazes de ser compartilhados pelo autor e pelo leitor/espectador, e porque, como qualquer produção psíquica, trazem em si as marcas dos processos que as engendraram. Desde que se respeite, é claro, a sua estrutura, cuja colocação em evidência é sempre um passo indispensável: Green jamais descarta a leitura atenta daquilo sobre o que se debruça, antes e aquém de qualquer tentativa de interpretação. Para ele, cada obra solicita (e mesmo impõe) um modo de abordagem específico. Assim, a *Orestíada* exige a tomada em consideração do contexto histórico-religioso do teatro grego, enquanto *Otelo* admite uma leitura “puramente textual”, e outros textos permitem “certas conjecturas sobre as relações do autor com seu escrito”, como lemos na apresentação de *O desligamento* (1992).

Não é possível, aqui, detalhar o que esse tipo de interpretação encontra em cada caso: é preciso seguir passo a passo os meandros da leitura que propõe de *Hamlet*, de *Macbeth*, de *A Dama de Paus* (Puchkin), de *Ifigênia em Áulis* (Racine), do poema *El otro tigre* (Borges), ou as fantasias inconscientes que determinam a composição plástica do Cartão de Londres, que Leonardo pintou como preparação para a “Virgem dos Rochedos”. Em todos eles, há pistas da maneira pela qual foram concebidos e executados, das sutilezas pelas quais a elaboração secundária (a “ligação”) disfarçou ou ocultou os fatores inconscientes que se encontram na origem da obra, e sobre os meios

pelos quais ela “entra em ressonância” com o inconsciente do destinatário, permitindo a este o ganho de prazer do qual Freud falou em “O escritor de ficção e a fantasia”. E, o que é mais importante, os conceitos com os quais se efetua a análise não saem dela como entraram: enriquecem-se, mostram possibilidades insuspeitadas de utilização, tornam-se mais precisos e mais flexíveis – em suma, ferramentas melhores para a compreensão do psíquico *tout court*.

Jogando com a homofonia dos verbos *lit* (lê) e *lie* (liga), Green dirá que a escuta psicanalítica da obra não a lê, mas a des-lê/des-liga (*délie*), de onde a *déliaison* que dá título a um dos seus livros. Dedicado “àqueles dos meus colegas que não creem na possibilidade de uma Psicanálise aplicada”, ele o inicia dizendo que “a crítica literária psicanalítica é, sem sombra de dúvida, uma parte integrante do patrimônio psicanalítico”. A paixão, o rigor e o brilho das suas contribuições à Psicanálise – não só à aplicada, é claro – explicam por que elas se tornaram “parte integrante” do patrimônio de todos nós.

Ler Green é uma experiência exigente, porque, embora seu intuito seja sempre o de ser o mais claro possível, os temas de que trata são complexos, e ele não obscurece esse fato. Mas quem aceitar se embrenhar com ele no que há para ser pensado quanto ao espírito humano será recompensado com um ganho considerável: o de compreender um pouco mais, e maravilhar-se um pouco mais, com aquilo que faz de nós o que somos.

Retrato calado

Marilena Chauí

Resenha de Luiz Roberto Salinas Fortes,
Retrato calado, São Paulo, Cosac Naify,
2012, 136 p.

O Dicionário Houaiss, no verbete *retrato*, registra: “retrato falado: retrato aproximado de um indivíduo procurado pela polícia, feito por um desenhista que reúne e combina determinados tipos fisionômicos com traços e sinais particulares, a partir do relato descritivo de testemunhas”. Para quem viveu o sombrio período dos anos do terror de Estado, é impossível esquecer os cartazes, espalhados pelas cidades, com os retratos dos *subversivos* procurados pela polícia da ditadura. Muitos desses retratos eram retratos falados. Por que Salinas traçou um retrato *calado*?

Pelos menos três motivos poderiam explicar essa decisão: o primeiro, mais óbvio, é a atitude irônica de quem oferece o retrato sem que precise ser *falado*, colocando-se fora do alcance policial; o segundo, mais sutil, indica que a testemunha é o próprio retratista; mas o terceiro, mais terrível e profundo, nos coloca diante do paradoxo intolerável da relação entre tortura e linguagem. Invenção humana, a linguagem institui a relação com o outro sem a mediação da violência nua. Como dissera Sócrates, visto que os deuses não colocaram

janelas em nosso corpo para que nosso íntimo fosse imediatamente dado ao outro, os humanos inventaram a palavra para que pudéssemos nos reconhecer mutuamente. O paradoxo trazido pela tortura está em destruir a linguagem no exato momento em que, usando a violência, exige de alguém não só que fale, mas sobretudo que dê ao torturador o mais precioso de todos os bens: uma palavra verdadeira. É esse jogo inaceitável entre violência e verdade que Salinas, calando-se, diz.

* * *

Conheci Salinas em 1965, nos tempos da rua Maria Antonia, quando ainda estávamos perplexos com o que se abatera sobre a universidade em 1964 e a ditadura dava seus primeiros passos sem que pudéssemos imaginar o que viria depois.

Éramos colegas no curso de pós-graduação, recém-instalado no Departamento de Filosofia. Lembro-me dele tímido e desajeitado, quando o escutei nas conversas do saguão da faculdade, no grêmio, nas rodas dos botecos da vizinhança. Descobri como era talentoso quando li seus trabalhos de estudante e seus artigos de jornalista. Enchia-me de admiração que houvesse conversado com Sartre e tivesse traduzido *L’imagination*. E era um dos homens mais bonitos que já vi.

Em 1966, recebeu uma bolsa de estudos, partindo para a França. Quando regressou, eu estava indo rumo a Paris. Só nos revimos em 1969, nos barracos da Cidade Universitária, onde fora jogada a Faculdade de Filosofia (junto com o Instituto de Psicologia), após a invasão militar e o incêndio da Maria Antonia, sob os auspícios de alguns estudantes da Universidade Mackenzie, membros do terrível CCC, o Comando de Caça aos Comunistas. Entrara em vigor o Ato Institucional nº 5. Como vários outros, também o Departamento de Filosofia estava quase dizimado: professores cassados, exilados; estudantes presos, clandestinos, desaparecidos. Os sobreviventes iniciavam o penoso esforço da resistência.

É difícil transmitir aos jovens estudantes de agora uma ideia do que foi o dia a dia

Marilena Chauí é filósofa, professora aposentada do Departamento de Filosofia da USP e autora de numerosos livros, entre os quais *Convite à Filosofia*, *O discurso competente e outras falas* e *Espinosa: a nervura do real*, sobre o autor a cuja obra dedicou-se por toda a vida.

universitário de um tempo que, à direita, alguns chamaram de *milagre brasileiro*, e outros, à esquerda, designaram como a *dura repressão*. Sem dúvida, muitos dos jovens de agora, se parentes e amigos de mortos ou desaparecidos, conhecem dramas e tragédias, e os menos familiarizados com elas ouviram falar ou leram sobre aqueles tempos. Todos eles podem imaginar, mesmo que com dificuldade, o que teria sido viver sob o medo, temendo a casa e a rua, o lugar de trabalho e o de lazer, o dia de ontem (que fiz?), o de hoje (que faço?), o de amanhã (que farão comigo?). Temer abrigar os perseguidos de agora para não se tornar perseguido depois, mas abrigá-los, embora em pânico. Ter medo da prisão e da tortura, de trair amigos e perder família. Desconfiar dos outros, de si e da própria sombra.

Talvez não seja incompreensível para os jovens de agora o que pode ser o terror, cuja regra é tornar alguém suspeito, fazer do suspeito culpado e condená-lo à tortura e à prisão sem que saiba de que é acusado e sem qualquer direito à defesa. O que me parece difícil é explicar para si e para seus contemporâneos, ao término da Segunda Guerra Mundial: que o mundo do pré-guerra (para eles) e o mundo da pós-ditadura (para nós) não é um mundo natural, existente por si mesmo, dom de Deus, da Razão ou da Natureza aos homens, um fato bruto ou uma ideia clara e distinta, mas uma instituição humana forjada na luta, na contradição, no conflito, um trabalho no tempo e sobre o tempo. E que o mundo da ditadura não foi um mundo desnaturado, irracional, obra perversa de um Gênio Maligno ou de uma razão astuta e mesquinha, de forças abstratas e sim aquilo que, naquele tempo, Salinas, lendo com seus estudantes *A República* de Platão, procurava com seus alunos: o sentido da figura de Trasímaco. Mas para depois, estupefato, descobrir que a filosofia de que dispúnhamos não podia dar conta das engrenagens do poder e que nem mesmo Maquiavel poderia imaginar-se em tal caricatura de *O príncipe*.

Após suas duas prisões e a tortura a que fora submetido na segunda, Salinas reuniu os materiais de sua pesquisa em filosofia e redigiu sua tese de doutoramento, *Rousseau: da teoria à prática*. Essa tese é uma ruptura na tradição interpretativa do pensamento de Rousseau, considerado por muitos um retórico mentiroso e por outros um escritor inconsistente porque atravessado por contradições que não soube resolver. Subvertendo essa tradição, Salinas pôde mostrar, e somente ele, agora, poderia fazê-lo, que as contradições imputadas a Rousseau não eram do filósofo, mas do mundo social e político que ele buscava compreender.

Amigos, temíamos o dia da defesa da tese, não sabendo o que poderia acontecer a Salinas diante de uma situação de interrogatório. Naquela tarde de 1974, o salão nobre da faculdade estava repleto: colegas, estudantes, amigos, velhos conhecidos, vieram todos para que Salinas soubesse do apreço merecido. Eram tempos em que solidariedades como essa nos serviam de valimento, dando valor e sentido ao trabalho e às vidas, tão desvalidas e desvaloradas alhures. A tese fora considerada excelente, mas precisava ser arguida. Arguiu-se. Arguimos. E Salinas, com o olhar perdido, não conseguia ouvir-nos. Cada um de nós sabia que ele não se via naquela sala, mas noutra, que não nos ouvia, mas escutava vozes que não podíamos escutar. Não nos respondeu. Concordamos em que nos entregaria por escrito as respostas, mais tarde. O que fez. Como é diferente a lembrança que guardo quando, anos depois, quando lutava pela democracia e por uma Assembleia Nacional Constituinte, os cinco dias em que defendeu com segurança e humor sua tese de livre-docência, ainda sobre Rousseau, mas, simbolicamente, escolhera agora a educação do cidadão e a festa cívica como expressões privilegiadas da utopia de uma nova e possível sociabilidade.

Traduziu Rousseau, escreveu uma pequena obra-prima, *O Iluminismo e os reis filósofos*, organizava o simpósio de filosofia sobre a Assembleia Constituinte e iniciava os preparativos de um simpósio sobre liberdade e escravidão, a realizar-se em 1988.

Acreditávamos que o pesadelo terminara. Nunca havia findado.

Devíamos ter prestado mais atenção nessa premonitória passagem de seu livro: “A dor que continua doendo até hoje e que vai acabar por me matar se irrealiza, transmuda-se em simples ‘ocorrência’ equívoca, suscetível a uma infinidade de interpretações, de versões das mais arbitrárias, embora a dor que vai me matar continue doendo, bem presente no meu corpo, ferida aberta latejando na memória” (p. 42).

Quantas vezes vi Salinas apertar as têmporas – gesto último, que teve ao morrer – adivinhando uma dor sem nome, embora eu não soubesse que batia contra as grades sua própria cabeça, inscrição em seu corpo das barras das prisões onde tentaram roubar-lhe o espírito. Quantas vezes ouvi Salinas tropeçar na frase iniciada, tateando as palavras, perder o fio da meada e, não podendo alcançar meus ouvidos, tentar alcançar-me os olhos, lançando-me um olhar, misto de pismo e agonia, fazendo-me adivinhar que a teia da tortura prendia-lhe a voz e voltava-lhe os olhos para cenas invisíveis aos meus. Quantas vezes pedi que me dissesse por que, escritor de clareza incomparável, falar se lhe tornara tão penoso. Às vezes, sorria apenas. Outras vezes, ria um riso tão gaguejante quanto sua fala. Por vezes, ria um riso solto, os olhos faiscantes. Um dia, deu-me a ler a primeira versão de *Retrato calado*.

Havia, outrora, um tipo de gente a que se dava o nome de sábio. Não estava isento de paixões, pelo contrário, nelas mergulhara fundo. Mas não se contentava em experimentá-las ou observá-las nos outros. Esforçava-se para compreendê-las em si mesmo. Talvez os sábios tenham-se extinguido ou, quiçá, existam dispersos pelo mundo e deles tenhamos pouca ou nenhuma notícia. Certamente Salinas acharia pomposo e descabido ser chamado de sábio. *Retrato calado*, porém, é testemunho de sabedoria.

Não nos coloca apenas diante da dor pungente da tortura física e moral, nem apenas diante do horror da vilania disfarçada em política dos servidores do pau de arara. Aqui, somos levados

a ver o traçado de uma experiência impossível: a vertigem lúcida. Esforço para compreender uma tragédia pessoal e coletiva, fazendo-a memória e medida de um tempo fugidivo que poderia cair no esquecimento.

É retrato de sabedoria por não ser um texto militante: Salinas recusa o lugar do herói e o da vítima. Aliás, ele sempre desconfiou das militâncias, perguntando-se, vida afora, se acertara nessa desconfiança. Indagação plena de sentido, pois, como escrevera um filósofo que ele estimava, quando a política se faz mania e miséria e a filosofia, fobia e rancor, caímos *numa prática manhosa e num pensamento supersticioso*.

Retrato calado não nos coloca diante de alguém soberanamente cheio de certezas, enfrentando o opressor para dizer-lhe: – estou com a razão e a história assim o provará. Livro de sabedoria porque nos coloca diante de alguém perplexo ao descobrir que o opressor não é o outro absoluto, apenas outro ser humano e que essa descoberta embaralha as ideias claras e distintas de bem e mal, vício e virtude, enigma de que não pode dar conta tudo quanto sonha nossa vã filosofia escolar. Aqui, estamos diante de alguém que se pergunta: o que é a razão? o que é a história? o que é a bondade? Alguém que atravessou, tropego e cego, o labirinto do terror para descobrir, em estado de choque, o fio condutor dessa prodigiosa máquina de produção da culpa e de destruição humana do humano pela desintegração da fala e pelo sequestro do pensamento.

Retrato calado é a reconquista da palavra pelo Salinas escritor, professor, jornalista, filósofo. Resgate da dignidade do pensamento que, no abismo de sua fragilidade, recobra energia para expor a urdidura cerrada em que a violência captura a linguagem para enredá-la na trama imperial do torturador que desintegra o outro para que dele brote uma palavra íntegra, avilta o torturado para que dele venha uma palavra verdadeira, submete a presa para que ela lhe faça o dom fantástico de uma palavra livre que o absolveria no momento mesmo em que ele a escarnece.

Apertando as têmporas, Salinas transforma o grito inarticulado em palavra articulada para encontrar *a origem das línguas*.

Transforma em verbo a dor, em frase a cólera, em escrita a vergonha, em ideia a agonia, em pensamento a matéria vociferante da experiência bárbara, para que assim se torne, como escreveu alguém antes dele, *um bem verdadeiro porque capaz de comunicar-se a todos*.

Meditação sobre o destino, o acaso, a adversidade, a razão e os afetos, despida de heroísmo porque tecida na serenidade dos perplexos, este livro é obra do autor em busca de si mesmo. Trabalho do pensamento e obra de liberdade, que por isso mesmo não cai na armadilha da revolta, essa triste

simbiose entre filosofia e política, pois, como escreveu alguém, todo mundo gosta que o filósofo seja um revoltado porque sua revolta apazigua a má consciência e, depois de ouvi-la, todos podem regressar satisfeitos aos seus costumeiros afazeres. Este livro, erguendo-se contra “os herdeiros de Trasímaco” (p. 29), diz não à revolta e à resignação.

Se *Retrato calado* diz as ideias de Salinas, também fala de sua pessoa: íntegro de caráter, puro de coração, lúcido no pensamento, sóbrio na palavra, generoso nos afetos e para quem a amizade possuía os traços com que a desenhou Aristóteles ao lembrar que, no bem-querer mútuo, os amigos superam os limites impostos pela finitude e imitam a plenitude do divino.

A luz da palavra

Priscila Nobre David

Resenha de Renato Tardivo,
*Porvir que vem antes de tudo – literatura
e cinema em Lavoura arcaica*, Cotia,
Ateliê Editorial/Fapesp, 2012, 144 p.

Em *Porvir que vem antes de tudo – literatura e cinema em Lavoura arcaica*, Renato Tardivo, psicanalista e escritor, lança-se em uma viagem por duas terras, a da palavra e a da imagem, e é justamente na fronteira entre estas que esse trabalho torna-se imprescindível ao leitor interessado na comunicação entre os pares literatura e cinema, fenomenologia e psicanálise. A propósito da comunicação, escreve Tardivo: “Passado e futuro ora se aproximam, ora se afastam, mas sempre se comunicam – naquilo que nomeamos presente. Sem embate, não há tempo, não há outro, não há nada” (p. 132). Nesse trecho derradeiro, Tardivo refere-se à temporalidade, tema primordial em *Lavoura arcaica* (romance de Raduan Nassar e filme de Luiz Fernando Carvalho), assim como em seu próprio texto. Não menos importante seria notar que o excerto aborda também a relação que se estabelece entre as duas linguagens analisadas no livro, a da escrita e a do cinema. Para esse percurso, o da correspondência entre as obras, psicanálise, fenomenologia e estética são companheiras num delinear das travessias. São quatro as seções que compõem esse caminho: “A

partir do livro”, “A descoberta do filme”, “A correspondência” e “Da linguagem aos sentidos: à linguagem”, além de uma “Apresentação” escrita pelo autor e do prefácio, cuidadoso e esclarecedor, por João A. Frayze-Pereira, “Entre o visível e o legível, a unidade dos sentidos”.

Em “A partir do livro”, encontramos uma leitura profunda e atenta da obra de Raduan Nassar, que nos mostra o poder da palavra escrita. Ao nos levar pelos caminhos trilhados por André (narrador-protagonista do romance), Tardivo retoma os pares autor/personagem, continente/conteúdo, que, nessa obra, além de atravessar o ato mesmo de escrever de Nassar, viabiliza a existência de seu personagem. Na descrição de André, empreendida por Tardivo, encontramos passagens como: “Em alguns momentos, os contornos de André perdem-se concretamente nos (des)contornos do mundo” (p. 31), ou “continente e conteúdo se confundem” (p. 31) e até mesmo a expressão “mistura insólita” (p. 33), contida antes no romance de Nassar e que retornará ao estudo realizado por Tardivo mais adiante. Ou seja, somos apresentados à anatomia (ambígua) do narrador-personagem de *Lavoura arcaica* e, por extensão, à anatomia do próprio romance, o qual, como escreve o autor, “se constrói justamente entre o novo – *lavoura* – e o velho – *arcaica*: ele é o jorro que corre entre essas margens. Ao voltar os olhos para a história de sua família e (re)criá-la em um texto, André presentifica em si – e por extensão na narrativa – conflitos e forças passadas e futuras entre os restos de tempos primitivos e novas possibilidades de existência” (p. 46). Nessa passagem, aliás, Tardivo inaugura a discussão mais relevante do seu trabalho: a temporalidade. Na perspectiva adotada pelo autor, o tempo, por meio da escrita e do olhar da câmera, firma-se como criatura e criador, apresentando-se como presente, espaço que funde passado e futuro, sujeitos sempre articulados, afinal, “é a própria palavra do pai que agora está contida nos olhos de André” (p. 51).

Em “A descoberta do filme”, deparamos com um passeio delicado pelas peculiaridades do

Priscila Nobre David é psicóloga e graduada em Comunicação Social (Cinema).

olhar cinematográfico lançado à obra literária. Por meio da análise de fragmentos de entrevistas com o cineasta Luiz Fernando Carvalho, assim como com os demais componentes da equipe, entre eles o responsável pela fotografia, Walter Carvalho, Tardivo recupera e destaca mais uma vez a temporalidade que pauta o encontro entre os dois campos, as duas criações artísticas. Ao discorrer a esse respeito, o pesquisador escreve: “Na obra de Luiz Fernando Carvalho, o compromisso é com o texto de Raduan Nassar: é ao romance que o filme se endereça. O olhar do cineasta, que parte da palavra, procura – antes de tudo e a todo momento – retornar a ela” (p. 63). Somos levados a atentar para os limites entre os dois terrenos, o da literatura e o do cinema, e por meio de contribuições psicanalíticas, como a retomada do termo *après-coup* (temporalidade do “só depois”), Tardivo posiciona a imagem como anterior à palavra, o que confirma a ideia de um porvir (preciso título do livro), no sentido em que foi necessário ao diretor encontrar-se com a obra escrita (ou até, segundo ele, encontrar-se na obra), para que o filme pudesse nascer; filme que, paradoxalmente, já estava vivo: “eu tinha visto um filme, não tinha lido um livro” (p. 66), diz o cineasta. O tempo é ressignificado pela escrita e pelo olhar, tanto de André, como dos autores (escritor e cineasta). Na história de André e sua família, há *a partida e o retorno*, e entre eles um tempo que fica suspenso, petrificado. Não parece haver separação entre esses dois destinos, um remete ao outro – a presença constante do avanço e da transgressão. O fragmento do futuro já se encontra instalado no passado.

Em “A correspondência”, o trânsito entre as linguagens é discutido em suas minúcias. Escreve o autor a respeito da experiência do cineasta: “Ele se reconhece no texto. Adentra-o por entre as frestas das palavras” (p. 66). Há nas palavras de *Lavoura arcaica* algo de luminoso, que nos convida a olhar, e foi para a construção desse olhar que a equipe de produção do filme se preparou, até realizar uma *escrita de luz na tela*. Foi ao avistar na escrita de Nassar aquilo que se escondia

por entre as palavras que a escolha da fotografia do filme se deu, trabalhando com a transição entre luz e sombra, acompanhando a história reconstruída por André. Podemos dizer que foi no percurso entre literatura e cinema que se revelou a *luz da palavra*. A esse respeito, Tardivo escreve: “Assim, quando se trata de trabalhar a imagem do cinema a partir de *Lavoura Arcaica*, cujo cenário envolve concomitantemente tradição e transgressão, a atmosfera construída no filme deve propiciar a proliferação dos mistérios, do invisível” (p. 67).

Ainda em “A correspondência”, encontramos a convergência entre a psicanálise e a fenomenologia – articulação que acompanha o trajeto entre as duas linguagens (literatura e cinema) de modo a apresentar reflexões significativas e originais. Remetendo-se ao conceito de perversão como possibilidade de interpretação do funcionamento psíquico do protagonista, Tardivo traz à discussão o movimento de circularidade encontrado no discurso e no olhar de André, mas vai além: aborda os limites da relação entre as duas obras, num movimento que sempre envolve aproximação e distanciamento, transgressão e tradição, e que por fim, de alguma forma, sugere uma volta: na trajetória de André, a busca pela transformação só é possível através da preservação. Conforme escreve o crítico Ismail Xavier na orelha do livro, “a convergência [...] de psicanálise e fenomenologia [...] marcam aqui presença no cerne mesmo do movimento de análise e interpretação, não funcionando apenas como baliza de conteúdos mas como um quadro teórico que incide na própria maneira de Tardivo operar no plano da estética, pois seu intento é assumir a contaminação recíproca entre arte e psicanálise”.

O sujeito perverso é aquele que não aceita a castração ao deparar com ela. Ocorre então uma recusa por parte do sujeito, através de um processo denominado por Freud *denegação fundamental*. É muito apropriado o empréstimo que Tardivo faz do termo, uma vez que André traz a todo momento, em sua narrativa, o peso da disputa travada com o pai, ou melhor, com aquilo

que o pai representa, a personificação da lei. A impressão que temos é a de que a história não existe sem o embate do filho com a figura do pai. André ultraja a voz que limita. O discurso paterno é constantemente desafiado, mas não descreditado. Isso porque, para violar, é preciso antes conhecer. Afastando-se do campo das psicoses (no qual se ignora a existência do interditor), a perversão reconhece o limite e credita a ele tamanho valor que o movimento de infração deste torna-se sua via de existência no mundo. Talvez a partir daqui, possamos remontar o que diz Tardivo no início do livro: “André confunde-se – de modo desviante, mas confunde-se – com aquela estrutura arcaica” (p. 50). Ao optar pela negação, o sujeito perverso abre mão do estatuto de ser desejante, pois sabemos que é justamente a impossibilidade da satisfação plena que alimenta a busca desenfreada do desejo. É possível afirmar que a perversão afasta-se da neurose na medida em que se aproxima dela, no sentido em que revela aquilo que estaria oculto – põe em ato. Já dizia Freud ser a neurose o negativo da perversão. Desse modo, ocorre nesta última a substituição do desejo, algo é colocado em seu lugar. Na trama do protagonista, podemos pensar na figura emblemática da irmã, Ana, com quem ele realiza o ato incestuoso, ou, conforme propõe Tardivo, no próprio âmbito familiar, do qual André não consegue se diferenciar. O tempo em que André está fora de casa é um tempo suspenso. Durante o exílio, não há nem realização (ato incestuoso), nem interdição (discurso do pai). Não há investimento libidinal, nem escolha de objeto. Trata-se da existência aprisionada.

Nessa medida, é interessante perceber que é para o cerne da família que André retorna – pensando na consumação do ato sexual com Ana – antes mesmo de ter partido. O personagem encontra-se encurralado entre esses dois tempos. É nesse hiato que a história se escreve. Tardivo contorna diversas vezes esse aspecto circular

do percurso de André: “A contestação toma o caminho da conservação. [...] Esse retorno desperado à família evidencia o horror à diferença. Pelo avesso, ele busca chafurdar nas entranhas ancestrais mais arcaicas. A imagem de seu corpo coberto de folhas é também alusiva a esse retorno: expressão da pulsão de morte. Em vez de o corpo irromper para fora, para o mundo, para a cultura, o que há é a recusa da alteridade; o corpo permanece imerso no caldo familiar” (p. 86).

A circularidade das obras (livro e filme) acompanha o olhar de André até o desfecho, quando ele se dirige ao pai, após os acontecimentos trágicos que acometem a família. É nesse momento que encontramos na narrativa características de recriação de sua história, a marca deixada pela irreversibilidade da tragédia é que permite que um caminho reversível se abra à frente de André. É a essa possibilidade de elaboração da experiência que Tardivo indica: “Ao escrever uma espécie de tratado sobre o tempo, é André, em *après-coup*, que finalmente se constitui. [...] É assim que a circularidade do romance aponta, na verdade, para um retorno em espiral” (p. 110).

Analogamente, no capítulo final, “Da linguagem aos sentidos: à linguagem”, Tardivo anuncia ao leitor as reflexões desde o início já contidas em seu texto, em um movimento de contorno do passado, a fim de ressignificar a experiência e redescobrir sua própria linguagem. É interessante perceber contida na palavra *lavoura* a ideia de movimento, ao significar um cultivo da terra, e por sua vez no termo *arcaico*, o sentido de anterior. Também como o protagonista, Tardivo adentra os resquícios, passeia pelos detalhes, carrega os objetos antigos para a construção de um olhar. Ele escreve: “O olhar é fundante da história” (p. 99). Tanto na narração de André, como na análise das obras realizada neste livro, a ressignificação da história se dá através de um retorno ao futuro. É o vestígio de um retorno que possibilita o correr da travessia.

Viva o ódio!

Marilucia Melo Meireles

Resenha de Mauro Mendes Dias,
Os ódios: clínica e política do psicanalista,
São Paulo, Iluminuras, 2012, 141 p.

O leitor não encontrará, nesta obra, qualquer exame sobre categorias tão comuns das ações humanas: violência; agressividade, impulsividade, fúria, incontinência psíquica, mau-humor; bondade-maldade; coragem-medo; irracionalidade; intolerância-tolerância, passionalidade.

Tampouco investigações sobre o córtex pré-frontal, esquerdo ou direito, explicativas dos processos de descontrole que regem o nosso sistema nervoso e conseqüentemente nossa conduta.

Menos ainda aprenderá algo que envolva decisões morais, nem alguma referência aos “sete pecados capitais”.

Não. O livro de Mauro Mendes Dias vai numa contradição.

Reunindo a transcrição de quatro comunicações dirigidas a uma plateia de psicanalistas, realizadas em junho de 2008, em São Paulo, durante dois fins de semana consecutivos – a última compreende perguntas e respostas de um debate com o público –, a proposição ao leitor é a de convidá-lo a desconsiderar os significados existentes acerca do ódio e deter-se, exclusivamente, na investigação de seu lugar metapsicológico no conjunto das proposições da doutrina psicanalítica.

O resultado desse esforço empreendido em torno dos ódios é este livro, lançado quatro anos depois.

Além do rigor clínico-teórico de seu autor, esta obra expõe seu pensamento e sua posição política dentro do campo das psicanálises.

Denunciando inicialmente um inexplicável silenciamento de nossa comunidade psicanalítica em torno dessa temática, sugere a existência entre nós, talvez, de “um compartilhamento com os ideais morais de nossa civilização”, uma sociedade cada vez mais produtora de sujeitos pasteurizados, equilibrados em sua pusilanimidade (p. 23).

Herdeiro da tradição lacaniana, mas nem por isso aprisionado a ela, Mauro Mendes escolhe o plural para examinar o ódio, daí, os ódios: clínica e política do psicanalista, este, singularizado.

A escolha do plural – ódios – decorre de sua determinação de evidenciar a falta de unidade encontrada em torno desse conceito no interior da obra freudiana e, num segundo momento, na de Lacan. O resultado é uma acalorada conversa epistemológica com seus interlocutores, explicitando as modulações encontradas e se negando, radicalmente, a fazer uso apressado de superposições entre as duas teorias.

Sua primeira tese é a de que a ideia de ódio encontrada em Freud – quando de seus estudos sobre a constituição do sujeito – se embaralha com a noção de desprazer.

O ódio, oriundo da incidência inexorável do mundo externo sobre o par ego-prazer, rompe o equilíbrio homeostático encontrado neste par ideal, mãe-bebê. A frustração desencadeada diante do não atendimento das suas necessidades impõe-lhe o existir, enquanto espécie humana, inscrito na condição de castrado, uma vez que a externalidade, como Outro, não se curvará diante de suas demandas.

Marilucia Melo Meireles é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, mestre e doutora em psicologia clínica e social pelo Instituto de Psicologia da USP. Autora do livro *Anomia: ruptura civilizatória e sofrimento psíquico* (Casa do Psicólogo, 2001) e coautora, com Marco Aurélio F. Velloso, de *Seguir a aventura com Henrique Jose Pichon-Rivière: uma biografia* (Casa do Psicólogo, 2007).

Nesse sentido, o ódio é ao mesmo tempo “constitutivo da concepção de espaço e de exterior”, “está antes do sujeito”, impõe-lhe assimetrias e pode, por isso mesmo, ser recoberto pela insistência dos fatores egoicos e narcísicos, obturando a presença do simbólico.

Ao agregar a noção lacaniana de ódio enquanto uma das paixões do ser, Mauro Mendes articulará, ou melhor, trabalhará de maneira dialética esta noção, ora descrevendo ora aproximando as duas teorias, decantando-as e sustentando o prejuízo que acarretou à teoria freudiana a divisão estabelecida pelos referentes internos ou externos, levando à ilusão de que a unidade poderia ser conservada caso a externalidade não se atualizasse inexoravelmente sobre o sujeito.

A teoria do simbólico, em Lacan, é mais favorável ao seu ensinamento, pois o exterior não será mais colocado do lado de fora. A suspensão da barra – significante/significado – trará ao sujeito a ilusão da fruição, do triunfo, de sua grandeza, o de ser o dono da verdade, campo fértil para o surgimento da cegueira do ódio.

Para Mendes, faz toda a diferença a introdução dessa concepção, uma vez que apaixonar é, de certa maneira, manter-se nessa indiscriminação, num bunker gerador de amores-ódios implacáveis, prontos para a destruição, caso sejam perturbados.

O ódio, nesse caso, é sem barr(a)eiras, diluído, líquido, pronto para escorrer no ato.

O corpo é seu ancoradouro, mais uma diferença evidenciada, na medida em que, freudianamente falando, o ódio é descarga quantitativa, é afeto, e em Lacan, será o gozo.

Ao redigirmos uma resenha é esperada apenas a transmissão, ao leitor, dos principais eixos contidos no livro. Tarefa inglória no nosso caso, pois, sendo comunicação oral, coube ao autor-orador transitar livremente pelos meandros de seu pensamento, nos brindando com uma infundável articulação sobre os ódios.

A virada, a meu ver, contida na proposição dessas quatro reuniões, se dá quando Mauro Mendes nos apresenta os fatores estruturantes do ódio.

Como assim? Sentir ódio é necessário, mais do que isso, é imprescindível, e deve ser, portanto, positivado. É preciso haver ódio para que aconteçam os avanços, a progressão, a constituição de nossa subjetividade. Na medida em que, desde o nascimento, somos alienados pelo que do outro capturamos como nossa imagem, só nos resta saída quando deparamos com os limites advindos do Outro, e nos vemos destituídos da permanência, da possibilidade da insistência, da birra por uma continuidade homogênea, por uma mesma natureza.

O ódio portanto é superação, é emancipação. A revolta radical de Antígona quando disse “eu não sou movida pelo amor, mas sim pelo ódio” é a confirmação suficiente de sua positividade (p. 25).

Em seu próprio dizer:

o ódio comparece promovendo uma dialetização da imagem por via do significante. O ódio, em termos da experiência psicanalítica, não é apenas o querer mal ao meu semelhante, como o moralismo ocidental apregoa. Não, o ódio é um fator de presença de sujeito, porque, na medida em que se destaca esse elemento significante da imagem, aquela constituição unitária é afetada e o sujeito é levado a ter de colocar um elemento novo no lugar (p. 41).

Encorajo-me a afirmar que um dos pontos altos dessas comunicações foi, para mim, o trabalho exaustivo ao qual o autor se dedicou ao apresentar a distinção necessária do ódio – enquanto promotor de superação das identificações primárias – e as consequências nefastas do ódio – enquanto suspensão do significante.

Esse destacamento do significante é a característica presente nas patologias sociais de um modo geral e, principalmente, no fanatismo religioso e no ajuizamento xenofóbico presente em nossa contemporaneidade.

Na clínica psicanalítica, o campo transferencial é, dentre outros aspectos, um conjunto de ações, concepções, próprio de cada analista em seu ofício de psicanalisar. Assim, a direção que tomará o tratamento dependerá exclusivamente do manejo que cada qual, à sua maneira, conduzirá sua clínica.

É o próprio Mendes quem afirma:

A nomeação “Clínica do Psicanalista” procura salientar que, na Psicanálise, a experiência se encontra na dependência do manejo do psicanalista, assim como do compromisso e responsabilidade que mantém com sua função; o que leva a situar aquele que conduz os tratamentos em função de um desejo e não de uma habilitação ou capacitação que se solidarizam com ideais de eficiência (p. 19).

Recorrendo à formulação freudiana sobre a transferência negativa, faz sua leitura e várias advertências aos psicanalistas quanto à negatividade e positividade do ódio na relação transferencial. É mais um convite à revisão do conceito de resistência – pois a eclosão do ódio na transferência não é apenas uma repetição dos aspectos infantis. A surdez do analista, neste particular, o impede de ouvir, na eclosão do ódio na transferência, o legítimo esforço de ultrapassagem exercido pelo analisando.

Desse ponto de vista: “dependendo do lugar a partir do qual o psicanalista maneja a transferência, o ódio vai poder ou não encontrar lugar numa análise, inviabilizando algumas delas no sentido dos limites da experiência” (p. 24).

O eixo estruturante deste livro, sua tese central, é o de que odiar não é o negativo do amor. O ódio tem seu estatuto próprio, sua geografia, seu nascedouro, seus limites.

Mendes vai além: apoiando-se nos fundamentos contidos em Freud, e sustentado pela robustez da leitura lacaniana, palmilha a gênese desta marca humana, sublinha seus percursos e percalços e retira desse conceito a ideia taciturna que sempre o recobriu e circunscreveu somente à categoria destrutiva.

Seguindo suas próprias recomendações quanto à clínica e à política que o analista deve exercer em seu ofício, Mauro cumpre, nessas reuniões proferidas, revisadas e transcritas, seu próprio ensinamento. Recomendando.

Balint: relações de objeto, história das ideias e do movimento psicanalítico

Paulo de Carvalho Ribeiro

Resenha de Luis Cláudio Figueiredo, Gina Tamburrino e Marina Ribeiro, *Balint em sete lições*, São Paulo, Escuta, 2012, 172 p.

Balint em sete lições resultou de aulas ministradas por Luis Cláudio Figueiredo e organizadas em forma de livro por Gina Tamburrino e Marina Ribeiro. Para aqueles a quem o título pareça sugerir um curso introdutório ou uma apresentação panorâmica do pensamento de Balint, é preciso esclarecer, logo de início, que não se trata de nenhum resumo e muito menos de uma abordagem superficial das contribuições do psicanalista húngaro, radicado na Inglaterra. Como é usual nas publicações de Luis Cláudio, cada um dos textos do autor estudado é submetido a um trabalho cuidadoso, no qual se percebe a intenção de ir muito além dos aspectos mais evidentes e consagrados, para se atingir os elementos mais problemáticos, as formulações mais complexas e até mesmo alguns pontos aparentemente contraditórios, que fazem parte da luta que todo grande autor trava com seu objeto de interesse. As sete lições sobre Balint focalizam textos das décadas de 1930, 1940 e 1950, todos eles inéditos em português. *A falha básica*, seu livro mais conhecido e já publicado no Brasil, não faz parte das obras abordadas por Luis Cláudio, mas certamente

poderá ser muito mais bem aproveitado após a leitura dessas sete lições.

Não seria nenhum exagero afirmar que o livro aqui comentado, além de tratar em profundidade do pensamento de Balint, tem também uma inserção no campo da história das ideias e do movimento psicanalítico. Quanto a este último campo, são abordadas questões relativas à filiação ferencziana de Balint, assim como às interlocuções com Anna Freud e Melanie Klein. A amizade com Lacan também é comentada brevemente e o entrecruzamento com as ideias de Winnicott é salientado em vários momentos do livro. O mais importante, no entanto, é a justificada ênfase dada por Luis Cláudio à posição independente mantida por Balint, e sua liberdade de dialogar com as diferentes correntes psicanalíticas de sua época sem se comprometer com adesões capazes de cercear seu pensamento.

Mas é no campo da história das ideias que localizamos um dos momentos mais densos e originais da exposição de Luis Cláudio. Na primeira das sete lições, ao comentar o texto de Balint *Character analysis and new beginning*, de 1932, um grande mérito dessa fase inicial de seu pensamento é salientado, a saber, a capacidade de conjugar os fatores ligados à formação do caráter e do *self*, que influenciavam o mal-estar por ele detectado em sua época, com o que ele descreveu como uma incapacidade de entregar-se às intensidades afetivas e ao prazer. O que aqui se evidencia é justamente um movimento do pensamento de Balint contrário à tendência dessexualizante que marcou a quase totalidade dos autores que, na mesma época, se dedicavam ao tema da formação do caráter e sua relação com o narcisismo (Kohut) e o *self* (Winnicott). De fato, como salienta Luis Cláudio, Balint não só atribuía essa incapacidade para a entrega afetiva e para o prazer à dificuldade de suportar a excitação sexual, como também a relacionava à conhecida teoria ferencziana da confusão de línguas. A língua da paixão utilizada pelo adulto, ao violentar a língua amorosa da ternura presente no bebê, produz efeitos traumáticos à medida que um excesso de

Paulo de Carvalho Ribeiro é psicanalista e professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG.

excitação sexual se impõe à criança ainda desprovida dos recursos necessários para com ela lidar. Em outras palavras, baseado na teoria de Ferenczi, Balint antecipa, em alguns de seus elementos fundamentais, a teoria da sedução generalizada proposta por Jean Laplanche mais de cinquenta anos depois. Luis Cláudio tem razão quando assinala que, ao mencionar Balint em seus *Novos fundamentos para a psicanálise* para acusá-lo de dessexualizar a psicanálise com sua teoria do amor primário, “Laplanche deixa na sombra aquilo que no pensamento de Balint poderia deixar na sombra a teoria laplancheana” (p. 19). Em defesa do autor francês, poder-se-ia argumentar que Luis Cláudio também deixa na sombra o reconhecimento, por parte de Laplanche, da importância da teoria ferencziana da confusão de línguas e sua proximidade com a teoria da sedução generalizada. Mas o melhor, certamente, teria sido admitir, como o fez Freud, que uma ideia nova sempre contém apenas a metade da originalidade que se imaginava inicialmente. Se alguma originalidade ainda deve ser creditada a Laplanche quanto ao efeito da sexualidade recalcada do adulto sobre a criança, ela se situa na concepção da gênese da sexualidade infantil a partir do outro sedutor. Como bem percebe Luis Cláudio, nesse ponto, Balint é mais freudiano do que Laplanche, ao afirmar que a linguagem da ternura já é sexual, logo, não se trata de uma sexualidade infantil implantada na criança pelo excesso sexual proveniente do adulto, como quer Laplanche, mas de uma sobrecarga de excitação que a linguagem da paixão vem impor à sexualidade infantil já existente. Ao contrário da tese laplancheana de uma sexualidade proveniente da sedução pelo outro, Balint parece conceber uma sexualidade endógena, tal como concebida por Freud após o abandono de sua teoria da sedução traumática, ou seja, após o que teria sido, no entendimento de Laplanche, um extravio biológico da sexualidade em Freud.

A participação desse verdadeiro trauma sexual na constituição psíquica, no narcisismo e na formação do caráter vem dar a devida dimensão

da importância que Balint atribuía à sexualidade no desenvolvimento das patologias não neuróticas por ele observadas. A inibição do prazer e a inaptidão para o desfrute da vida seriam resultantes de uma falha grave no objeto primário: um excesso de excitação não contrabalançado pela devida oferta de continência e de recursos para aliviar a tensão assim gerada. Um “novo começo” em que essas forças pudessem ser reequilibradas deveria, então, ser produzido na análise.

Sem deixar de admitir que uma tendência dessexualizante acaba por vigorar em seus textos mais tardios, Luis Cláudio nos permite ver que, em vista dessa compreensão da psicogênese das patologias que se distanciavam das neuroses clássicas e diante da proposta terapêutica a ela associada, nada poderia ser mais injusto do que acusar Balint de uma dessexualização da psicanálise. Denunciar essa injustiça por meio de uma argumentação metapsicológica e clínica de alto nível é, sem dúvida, um dos pontos de maior elegância teórica e um dos maiores méritos de *Balint em sete lições*.

Ainda na primeira das sete lições, outro importante texto, *The final goal of psychoanalytic treatment*, de 1935, é estudado em profundidade. Nele, Luis Cláudio identifica os elementos decisivos que permitiram a Balint manter-se no campo da teoria freudiana das pulsões e, ao mesmo tempo, contribuir decisivamente para a criação de uma teoria das relações de objeto. Os desdobramentos desses avanços teóricos no campo da técnica psicanalítica são destacados e não deixam dúvida quanto ao papel pioneiro de Balint na identificação e tratamento do que hoje se costuma chamar de casos difíceis, *borderline*, esquizoides, entre outras denominações.

Na segunda lição, o principal trabalho estudado é o importante artigo de 1949 intitulado *Changing therapeutical aims and techniques in psycho-analysis*. Antes, porém, de focalizá-lo, Luis Cláudio comenta um texto de 1937, *Early developmental states of the ego: Primary object love*, no qual Balint demonstra sua independência ao se posicionar sobre um duplo equívoco presente

nos psicanalistas agrupados em torno de M. Klein, por um lado, e o grupo vienense, liderado por Anna Freud, por outro. Se os vienenses não eram capazes de associar o estado de aparente harmonia e tranquilidade do recém-nascido às virtudes apaziguantes do objeto, o grupo dos londrinos, por sua vez, não conseguia relacionar a agressividade, o ódio e o sadismo do recém-nascido às inevitáveis falhas do objeto.

Ao comentar *Changing therapeutical aims...*, Luis Cláudio destaca a preocupação de Balint com a necessidade de adaptar a técnica psicanalítica à crescente importância atribuída às relações precoces de objeto e à dimensão transferencial do tratamento, onde os efeitos dessas relações sobre a constituição do caráter se manifestavam e se atualizavam. Entre os vários aspectos que tornam esse texto de Balint tão decisivo, merece especial atenção a tentativa de superação da polaridade mundo interno (pulsões) x mundo externo (relação de objeto) e sua influência na tendência, que começava a aflorar no pensamento de Balint, a destituir de importância a sexualidade, vista como uma pulsionalidade de origem biológica, em benefício das relações de objeto.

Na terceira lição, o principal texto comentado por Luis Cláudio intitula-se *New beginning and the paranoid and the depressive syndromes*. Neste texto, publicado em 1952 e dedicado aos setenta anos de M. Klein, Balint mostra as influências que recebeu da teoria kleiniana e suas divergências com ela. Um outro texto, de 1949, intitulado *On termination of analysis*, também é comentado nessa lição. A questão do término da análise e sua relação com o *new beginning* permeia todo o percurso de Balint nesses dois textos. O restabelecimento do amor objetual primitivo, pré-traumático, é considerado o término ideal de uma análise, mas o estado de vulnerabilidade que o precede é visto como responsável pela intensificação da desconfiança e das defesas contra as falhas do objeto. Este é justamente o ponto em que o diálogo com M. Klein ganha maior relevo: enquanto Balint atribui as defesas esquizoparanoides às falhas do objeto primário

no processo de constituição psíquica e às falhas do analista durante o tratamento, para M. Klein, trata-se de uma passagem obrigatória e universal tanto no desenvolvimento psíquico quanto na cura analítica.

A análise do diálogo com M. Klein prossegue na quarta lição. Ainda no texto de 1952, Balint deixa transparecer que a técnica kleiniana é responsável pela instauração de defesas paranoicas e avança na proposição de modificações na técnica que, além de prevenirem o recrudescimento dessas defesas, sejam também capazes de promover o reconhecimento das cisões e a reintegração das partes cindidas. Algo equivalente à posição depressiva deve ser produzido na análise, de forma tal que as partes contra as quais o ego do paciente tem que lutar não sejam mais odiadas ou rejeitadas, e sim “enterradas com honra”, numa espécie de “luto glorioso” a partir do qual o *new beginning* se tornaria possível.

A quinta lição nos introduz numa fase original do pensamento de Balint, iniciada com a publicação de *Thrills and regression*, em 1959. Duas atitudes observadas na clínica, e que se confundem com o caráter dos pacientes, são descritas e relacionadas com uma série de situações que ultrapassam a cura analítica. Uma delas, a atitude *ocnofílica*, manifesta o apego à terra firme, às rotinas e às ligações com o objeto. A outra, a atitude *filobática*, cultiva o desprendimento, o estar em suspenso entre o medo e a esperança, a vertigem de se lançar nos grandes espaços vazios para depois reencontrar a base que reassegura, a terra firme. Nessa lição, Luis Cláudio retoma o problema da dessexualização e procura mostrar os momentos em que a dimensão erótica dessas atitudes transparece nesse texto de 1959, e outros em que ela parece se perder. A relação que Balint estabelece entre a cena primária e a atitude filobática é um dos pontos onde o sexual ganha força. A posição da criança pequena excluída da relação sexual que se desenrola diante dos seus olhos estaria relacionada à busca de reverter passividade em atividade e à afirmação da autonomia. O filobata reproduziria voluntariamente a

exclusão da qual foi vítima, ao mesmo tempo que se identificaria com a potência fálica do pai. A reversibilidade das atitudes ocnofílica e filobática, o movimento dialético que sempre associa o extremo de uma atitude ao reencontro da outra, dão a justa medida da complexidade das elaborações de Balint e permitem a Luis Cláudio concluir que “a dialética entre *ocnofilia* e *filobatismo* cria as condições para o prazer, para o *thrill*, e é ela mesma uma encenação sexual” (p. 123).

Nas duas últimas lições, o foco recai sobre os capítulos de *Thrills and regressions* onde as atitudes ocnofílica e filobática são claramente associadas às vicissitudes das relações objetais e aos aspectos regressivos aos quais elas se relacionam no processo de análise. São abordadas desde questões atinentes ao uso dos termos “sujeito” e “objeto”, passando por reflexões sobre o teste de realidade e o amor primário, até chegar às considerações sobre os momentos iniciais da constituição psíquica e o “sentimento oceânico”. O caráter dialético das duas atitudes torna-se

cada vez mais decisivo à medida que vão sendo utilizadas para criar uma concepção original da constituição psíquica e para fundamentar uma teoria da técnica psicanalítica.

Após concluir a leitura de *Balint em sete lições*, o leitor não poderá evitar a sensação de ter ampliado significativamente seu conhecimento sobre as relações de objeto, se apropriado de uma parte importante da história do movimento psicanalítico e, principalmente, de ter sido sensibilizado para o fato de que algumas manifestações psicopatológicas e alguns desafios da técnica psicanalítica que tendemos a considerar contemporâneos são, na verdade, quase tão velhos quanto a psicanálise.

O livro de Luis Cláudio Figueiredo, organizado por Gina Tamburrino e Marina Ribeiro, não deixa também de suscitar no leitor uma indagação incômoda: quantos textos psicanalíticos tão importantes quanto esses que foram comentados em *Balint em sete lições* ainda permanecem totalmente desconhecidos da maior parte dos psicanalistas brasileiros?

Para pensar a clínica contemporânea

Marie-France Brunet

Resenha de André Green, *La clinique psychanalytique contemporaine*, Paris, Itaque, 2012, 224 p.

Com *La clinique psychanalytique contemporaine*, coletânea de trabalhos selecionados com a colaboração de Fernando Urribarri, André Green nos proporciona uma visão de conjunto de sua contribuição à clínica e à técnica psicanalítica contemporâneas. Em Green, o *contemporâneo* supõe uma contextualização histórica, fundada essencialmente em uma leitura pessoal e crítica de Freud, dos grandes autores psicanalíticos pós-freudianos, em particular Bion, Winnicott e Lacan, do diálogo com outros autores de sua geração, incorporando ainda seus próprios aportes, a fim de constituir um modelo complexo. A leitura do prefácio de Fernando Urribarri, que por sua vez faz um percurso histórico e conceitual da obra de Green, dividindo-a em três etapas, permite captar sua riqueza inovadora. Os artigos incluídos neste livro pertencem à terceira etapa, madura, do trabalho do autor (2000-2007), e a possibilidade de ler os escritos técnicos dessa fase é de grande valor. Eles

1 *Revue française de psychanalyse* 3, t. LXIII (2000), p. 743-772.

2 A. Green, *La Clinique psychanalytique contemporaine*, *op. cit.* p. 48.

Marie-France Brunet é psiquiatra e psicanalista, membro da Associação Psicanalítica do Chile e da International Psychoanalysis Association (IPA), professora do Instituto de Psicanálise do Chile e ex-secretária científica. É coordenadora do Grupo de Estudos Chilenos sobre André Green.

Tradução Lilian Quintão.

Revisão Ana Helena de Staal.

têm como eixo uma ampliação do campo psicanalítico baseada na experiência com pacientes não neuróticos, e a proposta original de um modelo clínico e um projeto de investigação a partir da teorização do enquadre psicanalítico e da noção de *enquadre interno*, abordado no primeiro artigo desta obra – “Le cadre psychanalytique” (1997) – mas presente em todos os que se seguem. O objeto psicanalítico é colocado em evidência graças ao enquadre. É o enquadre que permite tornar manifesta a força que se desdobra na transferência e que habita o discurso na sessão, avaliar as capacidades de representação do paciente e sua possibilidade de elaboração através da verbalização. Suas peculiaridades e fracassos irão revelar seus limites e a necessidade – se dele o paciente não conseguir tirar proveito – de introduzir, por meio do *enquadre interno* do analista, modificações que favoreçam o trabalho de representação (uma ampliação “que vai do corpo ao pensamento”). Em íntima relação com isto, Green se aprofunda no duplo referente do “modelo do sonho” e do “modelo do ato”, que correspondem esquematicamente ao modelo neurótico/não neurótico. Seguindo esse duplo referente, no artigo sobre o processo psicanalítico, “Mythes et réalités sur le processus psychanalytique” (2000), rejeita a ideia de uma *evolução natural* do curso da análise, independente dos modos interpretativos (e dos mitos etiológicos ou *teorias implícitas* do analista). Propõe em troca uma elaboração em torno da criação de uma *realidade segunda* surgida da análise dos intercâmbios em curso na sessão, observando os efeitos de ampliação no que chama de “generatividade”, ou seja, a abertura de novas vias associativas no material e também nas associações do analista. A meu ver, este artigo vem a enriquecer e complementar a descrição do funcionamento psíquico durante a associação livre, formulada em “La position phobique centrale”¹ (1998), que concilia a matriz dialógica e a escuta analítica. “Tenho como hipótese”, escreve Green, “que existe uma relação entre a análise e o trabalho do sonho, e que a associação livre é o modo de atividade que permite estabelecer uma ponte entre os dois”². Nas estruturas neuróticas,

a associação livre se vê coartada e vigiada por temor à experiência de pavor, surgida da reatualização de uma relação conflitiva com o objeto. Isto requer por parte do analista mudanças nas formas de escutar o material e a abertura a modalidades de pensamento diversas. Coloca aqui uma ideia original a respeito da abordagem destas estruturas: “O trabalho analítico, sempre árduo, consistirá em transformar esta negativização da percepção dos processos de pensamento em pensamentos latentes que revelem a subjetividade da qual o desejo é o correlato”³.

O artigo sobre a contratransferência, “*Démembrement du contre-transfert*” (1997), traz uma ampla análise em torno do debate da intersubjetividade. Retoma a teoria freudiana da pulsão para enfatizar a importância do entrelaçamento entre *força* e *sentido* na proximidade de um objeto do qual se espera uma satisfação, como constituintes essenciais do psiquismo, dando origem às representações afetivamente investidas. Dentro do enquadre, a força se coloca em movimento na proximidade do objeto analista, dando lugar ao interjogo permanente de transferência–contratransferência. Esta última passa a ser um elemento de referência mais ampla, que abarca o conjunto do psiquismo do analista: suas concepções teóricas e técnicas, suas formas de escuta, sua contratransferência em cada caso em particular, seu desenvolvimento associativo e imaginativo na sessão. Constitui, com a transferência, um *objeto terciário*, compartilhado entre os dois membros do par analítico, e que dará origem a construções *ficcionais* que funcionam ao modo do *achado-criado* (Winnicott), sempre submetido à prova em ressonância com seu objeto de estudo.

“*Enjeux de l’interprétation, conjectures sur la construction*” (2005) coloca em jogo os conceitos de *interpretação* e *construção*, diferenciando suas modalidades na clínica de pacientes neuróticos e não neuróticos. Para Green, o que busca a interpretação não é a produção direta de *insight*, mas o estabelecimento de vínculos que permitam vencer as resistências e possibilitar

que o pré-consciente “*sirva de espelho para adivinhar a rede de associações inconscientes*”⁴. Retoma ideias formuladas anteriormente em seu artigo “*Surface analysis, deep analysis*”⁵ (1974): não há acesso direto ao inconsciente, por conseguinte se questiona a possibilidade e o efeito das chamadas interpretações *profundas* e o que se busca é ir com o paciente, a partir do material verbal, contornando as defesas, de maneira a criar o acesso indireto ao inconsciente. Quanto à construção, descrita tardiamente por Freud em relação às falhas de memorização, Green a ressitua na psicanálise contemporânea como uma co-construção dos processos mentais pelo par analítico. O importante não é a reconstrução de uma realidade histórica, mas, a partir do estado do material, criar uma conjectura que abra a possibilidade para o paciente de tornar a regressão compreensível. Exige entretanto um Eu capaz de integrá-la, razão pela qual, no caso de pacientes com alterações na área de pensamento, esta construção deve ser uma hipótese sustentada pelo analista, usando a interpretação e a compreensão da transferência em suas intervenções. Levando em conta a mudança trazida pela segunda tópica, por causa da conceitualização do Isso, Green estima necessário favorecer a representação a fim de ampliar o campo do interpretável.

No artigo sobre compulsão de repetição, “*Compulsion de répétition et principe de plaisir*” (2007), Green revê os conceitos de *memorização*, *repetição* e *elaboração*. Retoma Freud, além de suas próprias elaborações já realizadas em outros trabalhos (*cf. Le temps éclaté*⁶): em primeiro lugar, dissocia a compulsão de repetição do ato, posto que aquela pode ser também encontrada no material. A compulsão de

3 A. Green, *La clinique psychanalytique contemporaine*, op. cit. p. 66.

4 A. Green, *La clinique psychanalytique contemporaine*, op. cit. p. 119; André Green sublinha.

5 A. Green, “*Surface analysis, deep analysis (The role of the pre-conscious in psychoanalytical technique)*”, *International Review of Psychoanalysis* 4, 1, p. 415-424; retomado in A. Green, *On private madness*, Londres, International Universities Press, 1986.

6 Paris, Minuit, 2000.

repetição consiste em repetir o mesmo, sem consciência disso e sob as mais variadas formas. É uma descarga do sentido do conteúdo repetido. Aqui, Green se distingue de Freud: para ele, a ligação opera mais precocemente na montagem pulsional, antes mesmo do processo primário, e implica, portanto, formas de ligação antes da passagem ao processo secundário. Essas ligações surgem do encontro com a mãe. Considera, portanto, o funcionamento pulsional como um processo complexo. O fracasso da instauração do princípio de prazer teria a ver com um predomínio do desligamento sobre a ligação em etapas muito primitivas. A superação da compulsão de repetição está associada à representação do objeto.

O livro termina com três artigos relativos às estruturas “no limite da analisabilidade”. “Passivité-passivation: jouissance et détresse” (1999) introduz a diferenciação entre uma modalidade de gozo e a *passivação*, que implica o submetimento a uma posição de impotência sem esperança. Inclui uma volta ao conhecido artigo “A mãe morta”⁷ (1980), passando por uma revisão dos processos de identificação narcísica, introjeção da melancolia materna, mal-estar, perda do objeto de amor ou de seu amor, situações estas passivizantes que dão lugar a um apego obstinado ao objeto.

No trabalho sobre a culpa e a vergonha, “Énigmes de la culpabilité, mystère de la honte” (2003), a culpabilidade é abordada no âmbito da metapsicologia freudiana, ligando-a às formulações do Super-*eu*, do ideal do *Eu* e do narcisismo. A vergonha, menos elaborada teoricamente, é relacionada com a perda da capacidade de um controle já adquirido, e portanto de uma manifestação pulsional atuada ou não, que emerge quando já se acreditava dominada. Green trata a diferenciação entre os investimentos de objeto e a identificação, ligados à linha materna e paterna respectivamente, e o papel desta última no desenvolvimento da terciaridade e das estruturas psíquicas mais especializadas.

Finalmente, o artigo sobre a sexualidade nas estruturas não neuróticas, “La sexualité dans les structures non névrotiques hier et aujourd’hui” (1996), considera a coexistência de pontos de fixação diversos, que são ativados alternadamente segundo as circunstâncias, com um *Eu* que emprega predominantemente mecanismos de defesa diferentes do recalque. Assinala Green que se a transferência é o melhor meio para se conhecer a intimidade psíquica, a sexualidade o é como *analisador* da relação com o outro. Outorga-lhe, assim, um lugar essencial em todo o espectro clínico, considerando a fusão entre sexualidade e amor, êxito difícil de alcançar.

7 In A. Green, *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*, Paris, Minuit, 1983, p. 222-254.

Tecendo fios: a transmissão da feminilidade

Ana Sanchez Barini ✦
Elisa Maria de Ulhôa Cintra

Resenha de Marina Ribeiro, *De mãe em filha: a transmissão da feminilidade*, São Paulo, Escuta, 2011, p. 207.

Ô mãe, me explica, me ensina, me diz o que é feminina?
Não é no cabelo, no dengo ou no olhar,
é ser menina por todo lugar.
Então me ilumina, me diz, como é que termina?
Termina na hora de recomeçar,
dobra uma esquina no mesmo lugar.
Costura o fio da vida só pra poder cortar
Depois se larga no mundo pra nunca mais voltar
[...] E esse mistério estará sempre lá
[Joyce, Feminina]

Em seu livro, Marina Ribeiro procura desvendar o enigmático percurso de transmissão da feminilidade – de mãe em filha – ou aquilo que, nas palavras de Simone de Beauvoir, permite a uma mulher tornar-se mulher. Publicado pela editora Escuta em 2011, é o resultado de uma pesquisa de doutorado que investiga a trajetória menina-mulher-mãe, movida pelo desejo de desembaraçar alguns fios da trama de identificações da linhagem feminina, vivida de forma singular em cada caso e reeditada ao longo de uma história pessoal. Fonte de intensa passionalidade e do que podemos chamar de uma *loucura primária*¹, tal relação é um vínculo intenso e ambivalente: ao mesmo tempo constitui a subjetividade e pode aprisioná-la, sendo um forte obstáculo a que a filha encontre seu próprio lugar como mulher. Marina Ribeiro nos faz caminhar na estreita

faixa entre diferenciar-se da mãe e permanecer nela encerrada; um sinuoso percurso entre o precioso e o tanático, a ligação e a ruptura, a ternura e o traumático. Trata-se da tênue fronteira entre potência e vulnerabilidade, a culpa e o desejo de reparar o espaço psíquico que une e separa mãe e filha.

Para sorte dos leitores, a autora se revela mais uma vez – já o havia feito, quando publicou *Infertilidade e reprodução assistida*² – uma pesquisadora sagaz e persistente: ela não perde de vista o seu fio condutor, até mapear as principais teorias sobre a transmissão psíquica da feminilidade e apresentá-las de forma articulada e ilustrativa em cada seção de seu trabalho.

A primeira parte do livro recorre ao mito e à tragédia grega para pensar a paixão entre mãe e filha. A história de Deméter e Perséfone põe em relevo o paradoxo entre a proximidade, por identificação com a mãe, e a necessidade de se afastar dela, através do acesso à sexualidade adulta. Suportar a tensão dialética entre estes dois polos seria o caminho para manter uma relação frutífera com um homem. Em outras palavras, a fertilidade feminina, “no sentido de sua capacidade criativa e orgástica”³, estaria associada à possibilidade de transitar produtivamente entre os mundos distintos da mãe e do pai.

Ainda nesta parte, consideram-se o amor e o ódio, a bissexualidade psíquica e os componentes corporais e pré-genitais da relação entre mãe e filha, em uma revisão do pensamento de Freud e de Melanie Klein, e depois dando voz à história de Electra como uma “metáfora extraordinária”

- 1 L. C. Figueiredo, *As diversas faces do cuidar. Novos ensaios de psicanálise contemporânea*, São Paulo, Escuta, 2009, p. 116.
- 2 M. Ribeiro, *Infertilidade e reprodução assistida*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004.
- 3 M. Ribeiro, *De mãe em filha: a transmissão da feminilidade*, São Paulo, Escuta, 2011, p. 29.

Ana Sanchez Barini é psicóloga clínica, especialista em Clínica Interdisciplinar com o Bebê pela PUCSP e mestranda em Psicologia Clínica pela PUCSP.

Elisa Maria de Ulhôa Cintra é psicanalista, professora da Faculdade de Psicologia da PUCSP e do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUCSP. Autora de *Melanie Klein: estilo e pensamento*.

para pensar o ódio, a cilada narcísica e a ilusão simbiótica que por vezes predomina entre mães e filhas. Neste momento, ela se utiliza de um livro organizado por Jacques André⁴, cujo título é revelador: “Mães e filhas. As ameaças do idêntico”.

Somos então apresentados ao conceito de *pacto negro*, de Godfrind⁵, que permite elucidar as entranhas do ódio de Electra: ele encobre o desejo inconsciente da filha pelo amor incondicional da mãe. São a nostalgia e a voracidade de um amor que possa tudo suprir que tornam tão difícil separar-se da progenitora. Para Godfrind, se o primeiro encontro é suficientemente bom, a discriminação também acontece, ao passo que se há *falhas* importantes no encontro com o objeto primário, uma impossibilidade de sustentação própria da filha apresenta-se ou através de uma diferenciação odiosa ou de uma proximidade idílica.

Nesta segunda parte do livro, Marina Ribeiro tece a trama dos conceitos relativos à feminilidade e suas origens, visitando os trabalhos de Laplanche⁶, Jacques André, e seguidores como Paulo de Carvalho Ribeiro⁷, com a noção de uma identificação feminina primária recalçada. Considera ainda Godfrind e a homossexualidade primária e Florence Guignard⁸, que diferencia as identificações iniciais com a mãe em espaço materno e feminino primário. É notável o trabalho de articulação entre as teorias que aí encontramos: a autora enfrenta o delicado desafio de percorrer correntes teóricas distintas, ora traçando paralelos entre autores e esclarecendo *nuances* de um mesmo aspecto, ora apontando a impossibilidade de superposição de suas ideias. Para tanto,

faz da seção mais teórica de seu texto um colóquio entre autores, em cinco longos capítulos.

A terceira parte do livro é dedicada à compreensão do prazer e do desprazer em jogo na relação mãe e filha, tendo como base o conceito de bissexualidade psíquica e a noção de homossexualidade secundária, proposta por Joyce Mc Dougall⁹.

Marina Ribeiro enfatiza que a experiência sensual da mãe com o corpo da filha estabelece *uma geografia sensual entre mãe e filha* que estará sempre presente na vida heterossexual das mulheres, sob a forma de uma “intensa corrente homossexual subterrânea, originária do prazer ou desprazer vivido entre elas”.

A dificuldade de sentir-se amada por um homem – a *insustentável nostalgia* do amor materno: “do que poderia ter sido, mas não foi; do que nunca foi, nem nunca será” – é pensada a partir do filme *Sonata de Outono* de Bergman. Tudo que era sensível e frágil nessas duas mulheres será desqualificado, tornando então impossível separar-se dessa mãe: a filha passará o resto da vida a fazer reparações a ela, entrando no que Godfrind chama de *pacto negro*.

Em seguida, revisita a película de Bergman através do olhar masculino dirigido à relação mãe e filha, para explicitar o lugar do terceiro no psiquismo materno e infantil, trabalhando mais profundamente a ideia de uma bissexualidade psíquica, com Freud e os outros autores acima mencionados.

A vida, diz Marina Ribeiro, exige de nós uma constante e silenciosa negociação com as diferenças entre os sexos, as gerações, e entre eu/outro. “A constelação identificatória bissexual de um adulto é decorrente do infindo trabalho de elaboração do complexo de Édipo, desse barro de que somos feitos, e sempre seremos constituídos”¹⁰. Isto a leva a dizer que em todos os encontros criativos – e, entre eles, também no encontro analítico – deve haver transição e troca entre identificações masculinas e femininas. É preciso constituir um masculino que autoriza o feminino e vice-versa, e é esse reconhecimento mútuo que leva ao potencial transformador de um encontro.

4 J. André (org), *Mères et filles: les menaces de l'identique*, Paris: PUF, 2003.

5 J. Godfrind, “Le pacte noir”, *Rev Française Psycanalyse*, v. 58, n. 1, p. 135-46, 1994.

6 J. Laplanche, *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*, Trad. Cláudia Berliner, São Paulo, Martins Fontes, 1992.

7 P. C. Ribeiro, *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*, São Paulo, Escuta, 2000.

8 F. Guignard, *Cartas ao objeto*, Trad. Marilda Pedreira, Rio de Janeiro, Imago, 2000.

9 J. Mc Dougall, *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*, Trad. Pedro Henrique Bernardes Rondon, São Paulo, Martins Fontes, 1997.

10 M. Ribeiro, *op. cit.*, p. 14.

A última parte do livro é a construção de dois casos clínicos que permitem retomar a trama dos conceitos ao vivo. Zoe teve como único investimento de sua mãe o desejo de que ela, a filha, morresse, levando-a ao limite da loucura, entre *abismar e emergir* em busca de lugares psíquicos mais arejados, para fora da “cripta sem ar erigida à mãe”. Como separar-se de uma mãe com quem não foi possível estabelecer uma ligação de amor? Essa separação só se torna possível através do contato analítico com um analista cuja presença tenha a vivacidade que antes faltou, pois essa presença poderá dar uma forma nítida à ausência da mãe e então talvez uma separação seja possível, desfazendo o *pacto negro*.

No caso de Liz, acompanhamos a fascinação entre mãe e filha, a cilada narcísica na qual a paciente fica aprisionada, uma vez que a sexualidade era vivida como traição à mãe. A análise prosseguiu sempre no “fio de navalha”, correndo o risco de ser interrompida a qualquer momento. Liz traz o sonho de tudo partilhar com a mãe, de ser um só corpo para duas, em uma perfeita unificação narcísica.

O relato dos casos permite ver uma analista intensamente implicada; é difícil deixar a leitura, tal o poder de atração de sua ficção clínica.

O seu trabalho enfatiza a importância de ver a mãe como uma mulher, com sexualidade própria – o que costuma ser recusado pela cultura, mas é sempre lembrado pela psicanálise. A mãe é a sedutora primordial que funda a

geografia de prazer e desprazer corporal nos bebês de ambos os sexos. Ela precisa ser “suficientemente boa sedutora” para criar um pedestal afetivo que suporte as passagens seguintes. Assim, caberá aos filhos, mais tarde, transformar essa paixão erótica inaugural, para chegar à sexualidade adulta. Esta passagem parece ser mais difícil para as meninas, dada a relação homoe-rótica primitiva entre ambas, que se estabelece desde o princípio. “O que separa – e justamente por separar, une – mãe e filha é a sexualidade da mulher, único território não partilhável”¹¹. É ela que pode romper com o *império do mesmo*, expressão cunhada por Jaques André, para designar a falta de fronteiras que pode se estabelecer entre duplas excessivamente iguais, tais como as mães e suas filhas.

O livro ilumina de forma bastante criativa um tema atemporal da clínica e indispensável àqueles que acompanham mulheres, meninas e mães. Além de apurar a escuta para a questão da transmissão do feminino – uma vez que a mãe é o primeiro objeto de amor – irá afirmar, de maneira bem nítida, a presença de uma feminilidade originária que põe em jogo as identificações constitutivas dos meninos e de sua relação com as mulheres, na fase adulta.

A leitura desta autora, capaz de trazer tantos elementos para elucidar a transmissão do feminino, tem ainda o dom de nos autorizar a permanecer junto à questão que não pode parar de nos intrigar: afinal, o que é ser mulher?

11 M. Ribeiro, *op. cit.*, p. 64.

Green desvenda articulações entre o narcisismo e a pulsão de morte¹

Renata Udler Cromberg

Resenha de André Green, *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*.

Trad. Claudia Berliner.

São Paulo, Escuta, 363 p.

André Green vem se destacando como um dos teóricos mais importantes do pensamento psicanalítico. Na década de 1970, sua polêmica com o pensamento de Lacan levou-o a escrever *O discurso vivo – uma teoria psicanalítica do afeto*, etapa importante do percurso de suas reflexões. Aí, apesar de reconhecer os méritos de Lacan e a influência deste em seu pensamento, ressalta que considerar o inconsciente estruturado como uma linguagem era uma mutilação do percurso freudiano pela exclusão da questão do afeto.

Muito da riqueza de seus textos deve-se à forma como ele os constrói: aponta de saída suas questões, deixando-as formarem um vivo e consistente desenho tanto no campo clínico como no teórico. Costuma convocar vários autores sobre os temas que trabalha, apontando tanto os pontos de contato como as diferenças.

¹ Publicado originalmente no jornal *Folha de S.Paulo*, 8 out. 1988.

Renata Udler Cromberg é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, doutora pelo Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Professora dos cursos de especialização de Psicopatologia e Saúde Pública na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo e Teoria Psicanalítica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Autora dos livros *Cena incestuosa* e *Paranoia*, da coleção Clínica Psicanalítica da Editora Casa do Psicólogo.

Assim, no rastro de um pensamento que vai buscando se constituir como próprio no contato com outros pensamentos, temos a satisfação de poder conhecer a rica bibliografia de que se serve através de pequenas sínteses e indicações. Não dispensa também a exegese da obra de Freud, trazendo sempre os meandros e as ambiguidades do pensamento deste que considera ainda o mais rigoroso e coerente de todos os autores psicanalistas.

É este veio que percorre esta excelente coletânea que reúne artigos de 1976 a 1982 sobre a questão do narcisismo. Esse conceito surgiu no âmbito psicanalítico em *Para introduzir o narcisismo*, escrito por Freud em 1914. Após um vacilante e rico percurso, Freud deixa-o de lado quando formula, por volta de 1920, sua segunda teoria pulsional, que postula as pulsões de vida e as pulsões de morte como as forças conflitantes na vida psíquica.

O narcisismo constitui o eixo da reflexão teórica de Green. Ele diz “haver uma articulação necessária entre o narcisismo e a pulsão de morte da qual Freud não se ocupou e que ele nos deixou para descobrir” (p. 14). Os artigos reunidos têm por objetivo pensar essas relações, conforme expõe no longo prefácio no qual faz uma espécie de alinhavo histórico-conceitual das problemáticas em torno do narcisismo e que é seguido de duas partes, uma sobre teoria e outra sobre formas narcísicas, além de um posfácio. Green propõe chamar a pulsão de morte de narcisismo negativo, duplo sombrio do eu unitário do narcisismo positivo, de modo que todo o investimento de objeto, assim como do eu, implicam seu duplo invertido que visa a um retorno regressivo ao ponto zero, que se manifesta clinicamente pelo vazio. É pela complexidade dos problemas da clínica que o lugar que ocupa o narcisismo se revela dos mais importantes e faz Green distinguir suas relações com diferentes formas clínicas. Mas é sobre os chamados casos limites que sua atenção se focaliza, ao pensar o limite como conceito e não apenas da maneira empírica que os situa nas fronteiras da psicose.

É por essa via que surge a possibilidade de aparecer a concepção nodal de seu pensamento que a bela capa do livro (da artista Ivoty Macambira) exprime de maneira muito feliz: o complexo de Édipo deve ser mantido como matriz simbólica essencial à qual é importante sempre se referir como uma triangulação axiomática, mesmo nos casos clínicos em que a regressão é dita pré-genital ou pré-edipiana, portanto, aquém da triangulação (p. 252). No entanto, é se voltando para a questão da angústia que Green propõe uma concepção estrutural organizada em torno de dois centros paradigmáticos diferentes. Por um lado, a angústia de castração, por privilegiar sua evocação no contexto de uma ferida corporal associada a um ato sangrento. Em contrapartida, quando se trata do conceito da perda do seio ou do objeto, das ameaças de abandono à perda da proteção do Supereu, a destrutividade ganha as cores do luto: preto como a depressão grave ou branco como os estados de vazio (p. 251).

O negrito de narcisismo de morte, na capa do livro, aponta bem o esforço do autor de descrever as tensões de um eu preso às malhas da lógica tecida pelo “Um, Outro e Neutro, valores narcisistas do mesmo”, título de um dos capítulos. Mas se o psicanalista se vê, no seu ofício, às voltas com a angústia e a morte, não é em nome delas mesmas, e sim da vida. O opaco de narcisismo de vida na capa aponta que, se bem Green esboce no final a necessidade de que as sociedades devolvam a Eros alguns direitos de que foi espoliado, permanece ainda a necessidade de pensar o narcisismo de vida, campo das sublimações e de Eros, como o campo da singularidade às voltas com o múltiplo, sem por isso desintegrar-se ou fragmentar-se psicoticamente. Quem sabe, assim, a multiplicidade que sustenta o feminino não corra o risco de se transformar em uma visão assustadora ou em uma nova incógnita metafísica e possa expressar-se na carne do mundo.

Do indivíduo à cultura ao indivíduo

Janaina Namba

Resenha de Ana Carolina Soliva Soria,
Do indivíduo à cultura: um estudo sobre Freud. Jundiaí, Paco Editorial, 2012, 143 p.

Podemos observar logo na introdução do livro de Ana Carolina Soliva Soria, *Do indivíduo à cultura: um estudo sobre Freud*, o modo claro como apresenta as ideias de Freud. O livro é fruto de sua dissertação de mestrado, que investiga o papel da fantasia na teoria freudiana. A autora nos anuncia neste início que dará um destaque especial para a teoria da sedução, melhor dizendo, para o abandono dessa teoria, que leva em consideração a existência de um evento real original de sedução. Isso ocorre não apenas pelo fato de o abandono da sedução ser um ponto crucial na teoria freudiana, já que “isto se deve à descoberta de que os relatos de suas pacientes não passavam de fantasias” (p. 12) e Freud passa a ter um “novo ponto de vista acerca do exame do psiquismo, em que substitui a concreitude do evento real pela realidade psíquica” (p. 13), mas também pelo fato de que, a partir de sua pesquisa sobre a teoria freudiana da cultura, Soria encontra uma brecha sugestiva de que essa renúncia não aconteceu completamente e que o evento real passa a ser procurado em outra esfera, “não mais dos acontecimentos individuais, mas no curso da espécie humana. Para isso, o recuo deste evento

marcante deve ser tão grande para que não abranja apenas pequenas comunidades, mas que seja válido para todos os seres humanos” (p. 13-14).

Para analisar de perto o estatuto da fantasia, seja ela individual, seja pertencente à espécie humana, neste último caso, as profantasias, Soria realiza uma leitura filosófica, bastante rente à concepção teórica de Freud, e utiliza como fio condutor de sua exposição a teoria das pulsões. Para isso, examina minuciosamente desde a psicologia individual, o desenvolvimento infantil e as neuroses para alcançar a psicologia dos povos na obra do pai da psicanálise: “as diferentes etapas pelas quais passam as pulsões nos trazem à luz os eventos determinantes da espécie” (p. 15).

Ainda que o título aponte para um estudo que se desloca do indivíduo para a cultura, poderíamos sugerir um complemento: *de volta para o indivíduo*, isso porque no capítulo 4, *A vivência pré-histórica e as disposições psíquicas*, encontramos um realce das profantasias como material fundamental para o estabelecimento da realidade psíquica na teoria freudiana, e, nas *Considerações finais*, a autora nos sugere que Freud constrói uma concepção de *homem* que “abrange três campos distintos do conhecimento, a saber, o biológico das pulsões, o biográfico da infância, e o sociológico da cultura; campo abarcado pelas fantasias” (p. 133).

A autora diz que ter “uma ideia clara da teoria freudiana das pulsões não é tarefa simples” (p. 17), a começar pela dificuldade de encontrar na língua portuguesa a palavra correspondente para *Trieb* em alemão. Comenta que a opção adotada foi a palavra *pulsão*, como vinha sendo utilizada por parte da antiga e recente traduções da Imago, bem como a tradução de alguns textos de Freud feita por Marilene Carone, ainda que Paulo César Souza, diferentemente, tenha optado por traduzi-la por *instinto*, o que gerou assim grande controvérsia. Ela o faz justificando que, de acordo com o dicionário “Laplanche e Pontalis (2000), do ponto de vista etimológico, *Trieb* e *pulsão* conservam a ideia de uma força de impulsão (*treiben* – impelir), sem levar em

Janaina Namba é doutora em Filosofia pela UFSCar, aluna do Curso de Psicanálise (2º ano) do Instituto Sedes Sapientiae.

conta uma finalidade objetiva, ao passo que a palavra instinto (*Instinkt*), usada por Freud num contexto nitidamente delimitado, qualificaria o comportamento animal hereditariamente fixado” (p. 17), e “que se repete segundo modalidades relativamente adaptadas a certo tipo de objeto”¹. Soria segue dizendo que, “para entendermos o sentido da palavra *Trieb* na psicanálise, é muito importante termos em mente a multiplicidade de seus sentidos” (p. 18). Quanto a isso encontramos em Laplanche, *Vida e morte em psicanálise*, que, ainda mais importante que a etimologia ou as ressonâncias semânticas, seria a descoberta dessa relação de significados, estabelecida entre esses dois termos no pensamento freudiano (*Instinkt* e *Trieb*). Relação que pode ser pensada a partir de uma analogia, uma diferença e uma derivação. Derivação real da pulsão, no homem, a partir do instinto, como, por exemplo, com o apoio inicial das pulsões sexuais sobre as funções vitais².

É notável como a autora nos introduz e nos transporta pelo conceito de pulsão, uma vez que o fio condutor de sua pesquisa é a teoria pulsional. A partir da explicação das características das pulsões – fonte, pressão (*Drang*), meta e objeto: “as quatro propriedades pulsionais nos mostram o percurso da pulsão desde a sua origem como estímulo corporal até a sua satisfação” (p. 27) – é que nos apresenta as diferentes facetas do aparelho psíquico proposto por Freud, ou ainda, como se dá a genealogia dos sistemas psíquicos e a formação dos representantes pulsionais. Isto é, apresenta o surgimento do aparelho psíquico, assim como descreve seu funcionamento quanto aos aspectos tópicos, econômico e dinâmico, enfatizando especialmente o aspecto econômico quando menciona os modos de funcionamento psíquico conforme os processos, primário e secundário: “o aparecimento dos diferentes sistemas anímicos e os diferentes modos como a pulsão ganha representação no psiquismo estão

estritamente relacionados com a mudança do funcionamento do aparelho psíquico, a saber, com a passagem do processo primário para o processo secundário” (p. 37). A partir desse “conceito-limite”, somos então levados a percorrer aspectos importantes da primeira tópica da teoria freudiana e a observar que as esferas fisiológicas e psíquicas encontram-se numa “relação de complexidade” (p. 29).

Antes de nos dirigir à segunda tópica, a autora nos ressalva a respeito da necessidade de uma reformulação conceitual que permitisse a Freud não cair num engodo teórico: o de haver um terceiro inconsciente, de modo que “não só o reprimido, mas também a instância repressora que na primeira tópica se encontrava no pré-consciente, pode ser inconsciente” (p. 48). Dado que nem todo o inconsciente é reprimido, mas continua sendo todo o reprimido inconsciente, foi necessário a Freud incluir a instância repressora, “igualmente inacessível para a consciência” (p. 48). E é justamente pela via da precisão linguística que Soria nos descreve uma instância psíquica específica: “é no pronome pessoal neutro da língua alemã que Freud vai buscar a palavra que melhor expressa esse âmbito anímico: *das Es*” (p. 48). Ainda que em português não haja “nenhuma palavra que traduza de modo satisfatório esse pronome que não é nem feminino, nem masculino”, utilizou-se do pronome demonstrativo *Isso*, por fazer referência a “eventos de causas indeterminadas, a ações que independem do sujeito ou a sensações corpóreas e psíquicas” (p. 48-9).

Independentemente da escolha da autora com relação ao pronome, é interessante notar o modo como Soria retoma a letra de Freud para descrever algumas características do *Isso* e contrapô-lo tanto tópica quanto dinamicamente ao *Eu*: “O *Isso* é um caos, “uma caldeira plena de excitações borbulhantes”, cujas leis do pensamento não encontram nenhum tipo de expressão. Nele, moções opostas e contraditórias podem coexistir sem conflito. E como não conhece divisão entre interior e exterior, não é afetado nem pelo tempo,

1 J. Laplanche, *Vie et mort en psychanalyse*. Paris, PUF, 2008, p. 21.

2 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 21 e 31.

nem pelas leis morais” (p. 49). O Eu, enquanto instância conciliadora entre o mundo externo e interno, seria a grande responsável por permitir o “inevitável transbordamento das excitações psíquicas para o exterior” (p. 52).

Ao expor as relações entre as instâncias Eu e Isso, a autora se questiona quanto à gênese da instância egoica, e acaba por nos mostrar que o modo de pensar de Freud, ao realizar um paralelo entre o organismo e o psiquismo, parte de “moldes do funcionamento orgânico, seguindo o modelo do *como se fosse assim*” (p. 52). Apresentar a gênese do Eu, instância, extensa e por excelência consciente e inconsciente, significa em seu trabalho poder acompanhar o fio condutor pulsional desde a correlação entre os sistemas psíquicos da primeira tópica e as instâncias psíquicas na segunda tópica, até a constituição de um indivíduo erotizado e fantasiado que ingressa no complexo de Édipo: “o apoio das pulsões sexuais nas de autoconservação determina a escolha do primeiro objeto de amor: este será sem dúvida a mãe. E o desejo de se unir novamente ao objeto é expresso pelo desejo de se unir a ela. Essa é a grande fantasia do Eu, que revela a impossibilidade de abandonar o estado narcísico original” (p. 64).

O ingresso no Édipo é marcado pelo primeiro tempo da eleição de objeto, pelas identificações e pela lei contra o incesto. Esse primeiro momento em que se elege objeto de amor é marcado, no Édipo dito normal, por uma grande rivalidade, bem como por identificações com o progenitor do mesmo sexo. O que significa dizer com relação às instâncias que há a edificação da terceira instância, o sobre-Eu: “esta nova instância surge com as identificações com aquele que impõe a proibição do incesto. Ao incorporá-lo em seu Eu, a instância responsável pela censura já não se encontra apenas no exterior do sujeito, mas também em seu interior. As identificações com o pai formam um precipitado no Eu, que dele se separa para dar origem à nova instância psíquica” (p. 66).

“Impedir o incesto é essencial para a saúde psíquica do indivíduo, já que interdita a fusão do

sujeito com o objeto escolhido” (p. 67). A interdição do incesto é, para Claude Lévi-Strauss, o fato que marca a saída da natureza e o ingresso na cultura. “A proibição do incesto é o processo pelo qual a natureza se ultrapassa a si mesma; ela se acende sob a ação da qual, uma estrutura de um novo tipo e mais complexo se forma e se superpõe, ao integrar-se às estruturas mais simples da vida psíquica [...] Ela opera e por ela mesma constitui o acontecimento de uma nova ordem”³.

Ainda que não haja um estado de natureza na teoria freudiana, quer dizer, um aparelho psíquico submetido exclusivamente ao princípio do prazer, é possível pensá-lo como ficção e como princípio que, para as pulsões sexuais, se prolonga, pois estas se demoram no período autoerótico e encontram satisfação no próprio corpo, “de modo que não chegam à situação de frustração” (p. 85), como às pulsões egoicas, às quais fora imposto o princípio de realidade muito precocemente.

De acordo com Soria, “a persistência do autoerotismo torna possível que a satisfação instantânea e fantasiada relativa ao objeto sexual seja mantida por mais tempo, em lugar de uma satisfação efetiva, que exige esforços e adiamentos” (p. 86). E como nos é lembrado pela autora, o grande interesse freudiano pelas fantasias diz respeito à formação do sintoma e à realidade psíquica.

A autora nos mostra assim que, para Freud, a realidade psíquica aparece como oposição à realidade material, e “as fantasias são realizações de desejos inconscientes ligadas às pulsões” (p. 95), mas considera que “Freud deve [também] atribuir uma realidade material à fantasia, pois senão, sua teoria estará condenada ao fracasso. Como buscar a realidade dos fatos se a história individual não nos fornece nenhum indício material para a origem da fantasia?” (p. 97-98). Ou seja, como atribuir uma realidade material à fantasia uma vez que, a partir dos relatos de seus pacientes, Freud conclui que o conteúdo desta é sempre o mesmo e, na maioria das vezes,

3 C. Lévi-Strauss, *Les structures élémentaires de la parenté*, Paris, Mouton&Co, 1967, p. 29.

encontra-se em desacordo com os fatos vividos individualmente. Isso faz com que Soria nos aponte ainda outra questão: “deveria Freud recorrer a algum tipo de concepção que não conceda uma realidade própria à fantasia e que não veja nela nada mais que uma expressão da imaginação que mascara a dinâmica pulsional?” (p. 99).

É sabido que para Freud as fantasias têm como fonte a pulsão. No entanto, a autora nos lembra que as fantasias com conteúdo idêntico (sedução infantil, incandescência da excitação sexual na observação do comércio sexual entre os pais e a castração) são *protofantasias* (*Urphantasien*), ou fantasias filogenéticas, e diz que essas “fantasias nos reenviam a uma dupla pré-história: à individual na infância, e à filogenética na espécie” (p. 101). As protofantasias “distinguem-se [então] das individuais pela universalidade de seus temas e por oferecerem uma resposta ao

enigma das origens” (p. 109). No entanto, temos acesso a esse enigma apenas de maneira indireta, seja pelo relato clínico, seja pela elaboração teórica. Isso leva a autora a afirmar que “para chegar ao conhecimento do conteúdo dos esquemas filogenéticos, jamais fornecidos diretamente ao indivíduo, devemos nos mover no campo das hipóteses, onde o “*proto-homem*” (*Urmensch*) não é senão uma ideia” (p. 109).

Ainda que o “estudo da neurose relaciona-se estreitamente com o estudo das origens; Freud orienta a sua busca em direção à realidade dos fatos, o homem que descobre não é um homem real, bem como a origem não indica um passado remoto” (p. 132). E é nesse sentido que o livro de Soria nos remete a uma leitura estrita das ideias de Freud, desde o indivíduo até cultura e de maneira inesperada de volta ao indivíduo, freudiano, como concepção teórica.

Psicanálise e linguística: desencontros e reencontros

Marie-France Brunet

Resenha de André Green, *Du signe au discours. Psychanalyse et théories du langage*, Paris, Ithaque, 2011, 168 p.

Du signe au discours. Psychanalyse et théories du langage se inscreve em uma linha de pesquisas do autor menos conhecida que outras – as relações entre a linguagem e o inconsciente freudiano –, inaugurada com seu texto “Le langage en psychanalyse” de 1984¹. Desde muito cedo empenhado na busca de uma psicanálise contemporânea, Green construiu um modelo pluralista, amplo e complexo, aberto ao diálogo com outras áreas do saber, tais como as neurociências, a antropologia e a linguística. Permanece no entanto um modelo especificamente analítico na medida em que o

1 *In Langages*, II Encontro de Psicanálise de Aix-en-Provence, Paris, Les Belles Lettres.

2 Descoberto em 1996, na residência de Saussure em Genebra, esses textos, originalmente escritos pelo autor, foram organizados e editados por S. Bouquet e R. Engler, e publicados em Paris pela Gallimard em 2002 (trad. bras.: São Paulo, Pensamento-Cultrix, 2004). A publicação dos *Escritos* modifica e precisa a teoria saussuriana, até então forjada somente a partir do *Curso de Linguística Geral* (trad. Bras.: São Paulo, Pensamento-Cultrix, 2006, 26. ed.), obra constituída de uma compilação de notas de curso de dois alunos de Saussure, Ch. Bailly e A. Sechehaye.

Marie-France Brunet é psiquiatra e psicanalista, membro da Associação Psicanalítica do Chile e da International Psychoanalysis Association (IPA), professora do Instituto de Psicanálise do Chile e ex-secretária científica. É coordenadora do Grupo de Estudos Chilenos sobre André Green.

Tradução Lilian Quintão

Revisão Ana Helena de Staal

diálogo com estas disciplinas se desenvolve a partir do estudo do *discurso dentro do enquadre*.

O prefácio, escrito por Fernando Urribarri, oferece pontos de referência históricos e conceituais para que se possa compreender as contribuições de Green ao tema da linguagem em psicanálise. Urribarri propõe dividi-las em três períodos: *lacaniano*, *pós-lacaniano*, e *modelo teórico e clínico contemporâneo*. Em 2012, no Colôquio em homenagem a Green (organizado pela Sociedade Psicanalítica de Paris – SPP), Simon Bouquet, linguista com quem Green trabalhou, propõe um diálogo com este prefácio. Situa Lacan e Green como os dois grandes psicanalistas franceses que pensaram as relações entre psicanálise e linguística, sendo que Green de uma forma menos dogmática. Retomando os períodos sugeridos por Urribarri, Bouquet propõe um quarto período, *neossaussuriano*, a partir do trabalho em torno dos recém-descobertos *Escritos de Linguística Geral*² de Saussure, que, segundo Bouquet, evidencia a diferença de tom entre o primeiro e o último capítulo deste livro, que vai do pessimismo ao otimismo.

No primeiro capítulo, “Le langage au sein de la théorie générale de la représentation” (1997), Green revê as contribuições de linguistas como Antoine Culioli, Michael A. K. Halliday e John Austin a respeito da natureza e da estrutura da linguagem. Retomando ideias centrais de “Le langage en psychanalyse”, posiciona a teoria da representação generalizada como eixo da teoria e da clínica psicanalíticas. Propõe o enquadre analítico como aplicação técnica da teoria do sonho, uma vez que o discurso emitido na sessão tem características próximas ao sonhar: há transformação do aparelho psíquico em aparelho de linguagem.

A partir de sua crítica do reducionismo inerente à fórmula lacaniana “O inconsciente é estruturado como uma linguagem”, Green amplia o campo da representação (representante psíquico, representante-representativo, representação de coisa consciente e inconsciente, representantes da realidade), somando a isto uma ampliação da própria tópica, que incluirá então quatro territórios

(soma, psiquismo inconsciente e consciente, e o real), divididos por zonas de transição (um limite somato-psíquico, um criado pelo pré-consciente, e o terceiro que corresponde à barreira de para-excitação). Para Green, a linguagem em psicanálise não pode dissociar-se deste conjunto. A teoria mais próxima da psicanálise, segundo ele, não é aquela de Lacan (onde a representação é reduzida a dois significantes), mas sim a estrutura triádica de Charles Sanders Peirce, que Green associa com a terciaridade do enquadre³. A partir da clínica com pacientes não neuróticos e da elaboração teórica do trabalho do negativo nela enraizada, Green dá conta do irrepresentável, da alucinação negativa do pensamento ou ainda de fenômenos confusionais ligados à identificação, antagonistas da representação. Desse ponto de vista, formula algumas hipóteses relativas a uma protolinguagem, ou temporalidade arcaica – co-construída no contato com o objeto –, bem como postula uma teoria da forma e do movimento, complementar à teoria do significado, que ultrapassa o significante. Uma das conclusões do artigo é que a linguística e a psicanálise se cruzam sem se encontrar.

No segundo capítulo, “La voix, l’affect et l’autre” (2005), Green expõe a complexidade do objeto estudado. A voz está ligada a uma pessoa, podendo inclusive ser sua metonímia e envolver toda a personalidade. É um componente da fala. Não importa a forma que assuma, ela se dirige ao outro, esteja ele presente, ausente ou participando secretamente da comunicação: refere-se portanto à subjetividade e à alteridade. No início da vida, inclusive da vida pré-natal, emerge um som entre os ruídos contínuos (ruídos intestinais da mãe), como matriz de algo que será logo reconhecido como reminiscência não concebida antes, incompleta enquanto espera ou resposta a uma pergunta: a voz da mãe. Este som inaugural dá origem a uma malha de transformações possíveis.

A principal característica deste capítulo é sua luta contra os reducionismos, e a defesa de uma complexidade sempre mantida em tensão. Remete ao que é a análise: “É a fala que, antes

de mais nada, veicula um outro sentido, que não poderá deixar intactos os meios da vocalização”⁴. Introduce uma ampliação do tema através da patologia (o autismo) e da sublimação, que, entre outros aspectos, leva em conta o papel do corpo, a sensorialidade e a pulsão. A linguagem sobrevive por sua relação com o que não é linguagem, ao mesmo tempo que enriquece aquilo que ela permitiu que surgisse.

“De ‘La négation’” (2005) examina o tema da negação na obra de Freud, desde a *Interpretação dos sonhos* até o artigo de 1925, “A negação”. A prova de realidade tem como tarefa *reencontrar* um objeto que, para tanto, teve antes que ser perdido: sob o princípio de prazer, há um estado de não separabilidade em relação ao objeto. A partir de uma perda, se acede ao domínio do princípio de realidade, instituindo-se um não eu contendo o objeto que serve à satisfação e substitui aquela presente no Eu-prazer original. Assim, conceitualmente, Eros significa unificação, e a afirmação é seu substituto. Em troca, a partir da pulsão de destruição, é necessária uma evolução para se passar da destruição – que é pulsional – à negação, juízo intelectual. Em Freud, a categoria de juízo se aproxima da linguística, mas o trajeto é diferente: há uma cadeia que vai das origens pulsionais até a aquisição dos símbolos de negação no pensamento e na linguagem. Green diferencia a relação entre negação e simbolização em Freud e Klein, do desenvolvimento que, a partir dela, supõem as obras de Bion (tolerância à frustração, função alfa, *rêverie*, capacidade negativa, -c) e Winnicott (espaço potencial, lado negativo das relações). Finalmente, retoma seu próprio “trabalho do negativo”, em suas vertentes estruturantes e patológicas, esta última dando acesso à compreensão de aspectos

3 Nos seus *Écrits sur le signe* (1978), Peirce propõe uma estrutura triádica constituída pela relação de um sujeito com um segundo, chamado seu *objeto*, para um terceiro, chamado seu *interpretante*, constitutivo do signo: “A terciaridade – define Peirce – é a relação triádica entre um signo, seu objeto e o pensamento – ele próprio signo enquanto modo de ser de um signo. Um signo serve de intermediário entre o signo interpretante e o seu objeto”. Paris, Seuil, 1998, p. 29.

4 A. Green, *Du signe au discours*, op. cit., p. 71.

da clínica contemporânea: estados de vazio, sentimentos de futilidade, desinvestimento objetal e subjetal.

O capítulo IV, “Linguistique de la parole et psychisme non conscient”, foi escrito logo depois da edição dos *Escritos de linguística geral*, de Saussure, texto que Lacan não chegou a conhecer, apesar de ter estado indiretamente em contato com a teoria de Saussure através de seu *Curso*⁵. Aqui, Green afirma existir – em que pese a distância entre a linguística saussuriana e a psicanálise freudiana – “certas zonas de intersecção”. Relacionam-se à importância dada por Freud ao vínculo do pensamento à pulsão, *corpo-pensamento*, enquanto em Saussure há uma referência ao *pensamento-som*, na medida em que o fato físico do som não pertence ao âmbito da linguística a não ser por sua relação com o signo, que implica o significado. Assim, ambos os autores se distanciam de um elo direto entre uma atividade cerebral e a atividade mental complexa. Green enfatiza o modo de produção da linguagem no enquadre, que dá acesso à heterogeneidade do significante e às diversas temporalidades que o habitam. O diálogo com os linguistas se prolonga com Charles Bally e Pierre Guiraud⁶, que fazem referência à afetividade, ao inconsciente coletivo, ao jogo e à sexualidade, aspectos que, com suas diferenças, abrem a mais pontos de convergência com a psicanálise. Com Pierce, Green encontra eco à sua teorização da “terciaridade generalizada com o terceiro substituível”. Finalmente, com Bouquet, vê a possibilidade de relançar o

intercâmbio psicanálise-linguística pela via do referente comum da ordem discursiva.

O último capítulo, “Psychanalyse et théories du langage: hésitations et conclusions”, condensa muitas das ideias expostas anteriormente. Green lembra que a psicanálise se ocupa de destinos individuais, e que nossa experiência como psicanalistas surge da clínica. Assim sendo, considera o discurso *dentro do enquadre*, ou seja, essa fala produzida por um psiquismo em associação livre, com seu poder metaforizante (ligado à simbolização), e na qual a linguagem faz a mediação até o inconsciente. Green se refere ainda aos *Escritos de Linguística Geral*⁷, onde Saussure delimita o campo da linguística do campo do psiquismo, e convida outras áreas do conhecimento a abordar esse campo mais extenso. Recentemente, Antoine Culioli⁸ enfatizou a interpretação e seu reconhecimento por dois coenunciadores, devolvendo a linguagem à esfera do diálogo. Destacando as contribuições de Pierce, Green cita Simon Bouquet e François Rastier⁹, que marcam a existência de uma polaridade *retórico-hermenêutica* na obra de Saussure sobre a *lógico-gramática* seguida por Lacan. Em Rastier¹⁰, destaca a referência à capacidade de imaginar objetos em sua ausência e às interações complexas – e, para Green, o discurso psicanalítico remete ao ausente na transferência. Em suma, os trabalhos desses linguistas, que incorporam a perspectiva histórica e interpretativa, lhe parecem contribuir mais à psicanálise que o positivismo que impera em certas correntes ideológicas atuais.

5 *Op. cit.* Cf. *supra* nossa nota 2.

6 C. Bally, *Le langage et la vie* (1913), 3. ed., Genebra, Librairie Droz, 1965; P. Guiraud, *Sémiologie de la sexualité*, Paris, Payot, 1978; P. Guiraud, *Dictionnaire historique, stylistique, rhétorique, étymologique de la littérature érotique*, Paris, Payot, 1978.

7 *Op. cit.*

8 *Pour une linguistique de l'énonciation II*, Paris, Ophrys, 1999.

9 *Une introduction aux sciences de la culture*, Paris, PUF, 2002.

10 “De l'origine du langage à l'émergence du milieu sémiotique”, *Marges linguistiques* 11, 2006. Disponível em <http://www.revue-texto.net/Inedits/Rastier/Rastier_Origine.pdf>.

Dos limites à poesia dos conceitos

Rubens Marcelo Volich

Resenha de Talya Saadia Candi, *O duplo limite: o aparelho psíquico de André Green*, São Paulo, Escuta, 2010, 341 p.

A obra de um autor é a história de suas transferências. Formam-se as imagens, as ideias, as palavras, brotam os conceitos, as controvérsias, os enredos e, por detrás das páginas, muitas vezes já amarelecidas, vislumbramos vultos, amores, violências, cenas de paixões já distantes, esquecidas, outras vezes vivas, intensas. Por entre as linhas, somos capturados por convites a conversas silenciosas, que, algumas vezes, nos acolhem, nos reconfortam; outras, nos revoltam, nos exaltam, nos convocam ao embate, ao confronto. Triste a obra que nos deixa indiferentes...

Os meandros de nossa própria história se enlaçam à narrativa do autor, a seu percurso, a seu texto e, de repente, nos vemos mergulhados em seu universo, familiares e estranhos a suas ideias, entre o perigo de nos fundirmos a ele e o cuidado para permanecermos sendo nós mesmos. Um risco que ronda, especialmente, o pesquisador, o exegeta, o biógrafo e, é claro, também o analista. Atraídos pelas transferências do autor,

Rubens Marcelo Volich é psicanalista. Doutor pela Universidade de Paris VII – Denis Diderot. Professor do curso de Psicossomática do Instituto Sedes Sapientiae. Autor de *Psicossomática: de Hipócrates à Psicanálise*, de *Hipocondria: impasses da alma, desafios do corpo* (Casa do Psicólogo, 2000 e 2002), de *Segredos de Mulher: diálogos entre um ginecologista e um psicanalista* (em coautoria com Alexandre Faisal, Atheneu, 2010) e co-organizador e autor dos livros da série *Psicossoma* (Casa do Psicólogo).

da obra, dos pacientes nos percebemos de repente arrastados pelas invisíveis mas turbulentas correntezas de suas paixões, seduzidos pela intensidade de seu discurso, de sua história, de seu estilo. E nos perdemos.

Nada mais fácil do que tentar utilizar a razão, o discurso acadêmico ou o método científico para tentar proteger-se de tais riscos. Vestir as luvas da assepsia, buscar uma leitura neutra, uma análise técnica, interpor entre si mesmo e a obra uma multidão de especialistas, evitando os riscos da proximidade e da intimidade com o autor. Leituras corretas, análises bem comportadas, obras acauteladas, sem risco. Insípidas, porém.

Talya Candi decidiu arriscar-se. Mergulhou nas complexas e revoltas correntes do universo de André Green, convidando-nos a acompanhá-la com o deleite, o prazer e o entusiasmo que acompanham as descobertas da alma e da natureza humanas. Talvez, a bem dizer, não foi propriamente uma “decisão”.... Quem sabe não tenha tido escolha, a não ser deixar-se levar pelas forças irresistíveis da história, das ideias e do percurso excepcionais de um psicanalista como ele. Porém, mesmo capturada, seduzida e envolvida por tais forças, mesmo tendo alcançado uma extrema intimidade com as ideias de Green, Talya conseguiu, ao longo de seu livro, fiel a seu desejo, não se confundir com ele.

Desse lugar, íntimo, próximo, mas protegido, ela compartilha com o leitor seu percurso apaixonado, em *O duplo limite: o aparelho psíquico de André Green*. Um livro extremamente bem escrito e claro, apesar da complexidade dos temas e conceitos que apresenta. Uma obra respeitosa, a um só tempo, da imensa produção e das ideias de Green e do leitor, familiarizado ou não com elas.

É inevitável nos perguntarmos de onde surgiu tal intimidade, evidente desde as primeiras páginas do livro. Mais do que um simples tema de pesquisa de seu doutorado, percebemos ao longo da leitura que a elaboração fina e profunda de Talya tem provavelmente outras fontes.

Talvez possamos encontrá-la na própria história errante e cosmopolita da autora,

psicanalista, nascida em Beirute, no Líbano, mas que também morou no México, na França, em Israel e que vive, já há algum tempo, no Brasil. Assim, como não sensibilizar-se com a história de Green, nascido no Cairo, em 1927, numa família judaico-sefardita, apátrida, crescido em meio a grupos étnicos diversos, imerso na cultura francesa? Como não compreender sua busca, aos 19 anos emigrando para a França, para ali alcançar, além dos estudos de Medicina, uma nacionalidade que lhe era negada como à maioria da comunidade judaica egípcia da época? Como não se sentir próxima do percurso de um psicanalista francês que ao longo de toda sua vida manteve relações importantes, significativas e fecundas com colegas de todo o mundo, em particular com os ingleses, interlocutores e inspiradores privilegiados de muitas de suas teorias?

Naturalmente, muitos outros fatores contribuíram e inspiraram o belo trabalho de Talya. Como ela mesma nos revela, encantou-se com a ousadia de Green, desde sempre convidando os psicanalistas a explorarem “novas vias da terapia psicanalítica” para lidar com os impasses, complexidades e desafios da clínica contemporânea; com a riqueza de sua produção escrita (25 livros e cerca de 50 artigos publicados em revistas psicanalíticas); com sua erudição; com sua capacidade de brincar com a teoria e transformar impasses clínicos em conceitos; com a originalidade de suas construções metapsicológicas; com sua liberdade de pensamento, que lhe permitiu, em plena era do militantismo secessionista da psicanálise francesa dos anos 1960 e 1970, manter relações e diálogo com interlocutores tão diferentes e algumas vezes visceralmente opostos como colegas da Sociedade Francesa de Psicanálise (Lacan, Laplanche, Lagache e outros), da Faculdade de Psiquiatria de Sainte Anne (Henri Ey e Delay) ou ainda da Sociedade Psicanalítica de Paris (filiada à IPA), da qual era membro desde 1956.

O duplo limite: o aparelho psíquico de André Green é um relato de transferências telescópicas, originadas em algum ponto inatingível da natureza e do inconsciente humanos, mas mais

facilmente detectáveis desde que Freud revelou a potência desse fenômeno criador e transformador de nossos desejos, de nossas identidades. Transferências de Talya, de Green, de psicanalistas famosos ou menos conhecidos, aquelas que convocam cada um de nós, em nossa própria história, à leitura dessa obra.

Ao adentrar no universo de Green, Talya se propôs a um duplo objetivo, “por um lado fazer trabalhar as suas questões clínicas/teóricas e por outro decifrar e apresentar ao leitor interessado o pensamento de um autor que permanece pouco traduzido no Brasil” (p. 17). Afinada com as construções desse autor sobre o “pensamento clínico”, percebeu-se também inevitavelmente implicada em seu próprio percurso psicanalítico, no qual as inquietações sobre sua identidade enquanto psicanalista e a sua escuta, comportando uma importante carga de sofrimento, tornaram-se também matéria-prima para a elaboração de seu texto:

minhas construções teóricas surgiram como resposta a este sofrimento, resposta possível, mas sempre temporária, resposta pela qual as minhas experiências e angústias se expressavam e se articulavam com as do autor com o qual estava envolvida tanto intelectualmente, como afetivamente. [...] ao longo do trabalho de escrita, minhas inquietações puderam em alguns momentos abrir espaço para o prazer de ver o meu texto tomar forma e vida (p. 300).

Desse processo, emerge um texto que analisa, desenvolve e descreve os elementos fundamentais do projeto teórico-clínico proposto por Green, o modelo do aparelho psíquico por ele apresentado, as vantagens e implicações técnicas desse modelo. Um texto inspirado e elaborado a partir de dois paradigmas epistemológicos utilizados por ele para construir suas ideias, o *Pensar com a história* e o *Pensamento clínico*.

Assim, em um primeiro capítulo, Talya Candi analisa a maneira como ele pensa com a História da psicanálise, apresentando as principais interlocuções greenianas. Ela focaliza as mais importantes, Melanie Klein, Wilfred Bion, Donald Winnicott

e Jacques Lacan, que alimentaram o pensamento de Green dando contorno ao seu próprio desenvolvimento conceitual. Cada um desses autores permitiu a ele revisitar e ampliar os conceitos freudianos a partir de um movimento dialético iniciado na reflexão e nas implicações clínicas das propostas de cada um. A partir de Klein, Green se debruça sobre o enigma da pulsão de morte, desenvolvendo-o a ponto de destacar o papel da destrutividade como elemento central da gênese do aparelho psíquico e da clínica dos casos-limite. Bion permitiu a ele aprofundar a compreensão dos processos de pensamento, a função da ausência, da *revêrie* implicados em tais dinâmicas, enquanto Winnicott contribuiu com o paradigma do brincar para superar os impasses da clínica psicanalítica dos casos difíceis, com as noções de *ilusão*, de *espaço potencial* e de *espaço transicional* que vieram a se constituir como pontos-chave para a sua teorização. Por fim, é no embate com Lacan em torno da noção de Sujeito, da falta e da ideia do inconsciente estruturado como linguagem que Green desenvolveu suas concepções sobre o afeto e, ampliando o que já elaborara a partir dos outros três, sobre a função da ausência na estruturação do psiquismo e do dispositivo psicanalítico.

No segundo capítulo, a autora revela como ele vive, pensa e constrói sua teoria a partir da experiência clínica. Nele são discutidas mais especificamente questões relativas à clínica psicanalítica e a seu método, aos impasses e desafios encontrados diante das configurações subjetivas da não neurose, as funções do enquadre, do silêncio, do ato, da transferência e da contratransferência, destacando o conceito do *duplo limite* como paradigma constituinte do aparelho psíquico e operador clínico precioso para a superação de tais impasses.

Através da análise cuidadosa dos principais textos de Green, Talya aponta para a busca permanente do autor por um “pensamento clínico” capaz de ultrapassar os impasses provocados pela fragmentação produzida pelas diferentes correntes pós-freudianas. “Pensamento clínico” que se

constitui como uma modalidade específica de elaboração, surgida a partir da experiência com o inconsciente, capaz de superar a dicotomia teoria-clínica. Nesse processo destaca-se a importância do outro, do terceiro, do leitor, do ouvinte, e, mesmo, do paciente, a um só tempo destinatários, avalistas e agentes de reconhecimento de tal pensamento. Nascido na relação transferência-contratransferência, esse pensamento associativo configura a experiência clínica do autor. Passando pelo caminho da escrita, este se vê confrontado a um terceiro, o leitor; ecoando na experiência clínica deste, promovendo associações e desenvolvendo a imaginação clínica. É a esse lugar de terceiros, que Talya nos convoca para a leitura de Green, mas certamente, também, para a de seu próprio livro:

Assim nós, enquanto leitores de sua obra, podemos também, ao nos reconhecer na sua escrita, nos apropriar dos conceitos e das ideias e dialogar com ele, promovendo assim o processo de transformação que faz com que a prática se mantenha viva. (p. 32).

Dessa posição, podemos contemplar com Talya Candi a gênese e o desenvolvimento de conceitos criados por Green, muitos consagrados pela psicanálise contemporânea: a função da destrutividade, do “mal” e o papel do objeto; a função do negativo e o trabalho por ele engendrado, os processos terciários, a terceira tópica; os narcisismos de vida e de morte, as contribuições originais de Green sobre as relações entre o afeto, a representação e a linguagem; o complexo da mãe morta, a psicose branca, a “morte em vida” e a “desertificação psíquica”; o duplo, a alucinação negativa e a matriz dos processos de pensamento; as funções objetivantes e desobjetivantes, os processos terciários e o pensamento clínico, a posição fóbica central, a articulação entre a função materna e a função do enquadre analítico, a cobertura psíquica e outros.

Como psicanalista, Green era um poeta dos conceitos.

Foi principalmente a partir da clínica com psicóticos e pacientes limites que Green se viu

convocado para conceber a maior parte deles. Nela revelou-se o lugar central da pulsão de morte e da destrutividade nas organizações-limite. Uma destrutividade oriunda do excesso, da urgência pulsional não atendida, do embate entre as forças de vida e de morte, do desligamento, do desinvestimento, da desobjetivação, da desobjetalização. Um excesso impossível de ser organizado devido a falhas na constituição das experiências de ausência, de continência, de separação e de abandono que resultam na dificuldade no estabelecimento e preservação de relações. O contato clínico com essas experiências permitiu a ele compreender o excesso como uma dinâmica fundante do psiquismo. O trabalho psíquico, o pensamento, a simbolização organizam-se, desde os primeiros tempos de vida, como tentativas de lidar, conter e organizar esses excessos.

Da mesma forma, a partir das dificuldades clínicas do analista diante dessas patologias-limite Green percebeu a necessidade de ampliar a metapsicologia freudiana transformando a noção de limite em conceito. Um limite inicialmente vivido em sua dimensão corporal, que pode ser compreendido como uma metáfora do envelope cutâneo que separa o interior e o exterior do corpo. Um conceito, uma experiência, que remete às noções de Bion de espaço psíquico e de continente. Na intersecção desse limite que revelou-se duplo, no cruzamento entre um eixo interno de trabalho intrapsíquico e outro de trabalho intersubjetivo, surge a atividade de pensamento. Segundo Green, o campo psíquico possui dois limites de natureza diferente, o ato e o soma. Além e aquém do psíquico, encontram-se os domínios do irrepresentável, que se concentram em dois polos opostos, um externo e outro interno (soma e Real), reino da experiência do vazio.

Talya revela ainda como, graças a Winnicott, Green compreendeu e ampliou a importância das dinâmicas da transicionalidade no estabelecimento e organização dos limites, dinâmicas capazes de criar objetos, espaços, limites metafóricos, lugares potenciais da “reunião do que estava separado e de separação do que

estava reunido” (p. 111). Nas patologias *borderline*, observa-se um não estabelecimento das fronteiras que teriam como tarefa fundamental conter os excessos, permitir a passagem entre o dentro e o fora, entre o consciente e o inconsciente, organizar a experiência da destrutividade. Nessas condições, características do colapso da transicionalidade, instala-se a lógica da desesperança (quando não existe espaço interno para alucinar o prazer e organizar os excessos pulsionais), a ausência prolongada demais é vivida pelos pacientes-limite como angústia de abandono, a presença próxima demais é sentida como angústia de intrusividade (ou de claustrofobia). A carência representativa se manifesta por meio de sensações de vazio, marasmo, passividade, destrutividade, masoquismo, narcisismo primitivo, depressão sem afeto, falta de fantasias. A elaboração psíquica fica comprometida e as vias mais curtas de descarga (a passagem ao ato ou às somatizações) acabam por se manifestar como os únicos recursos de comunicação.

Essas condições caracterizam os limites do analisável. Os estados-limite, encontrando-se no limite entre a neurose e a psicose, e, mesmo, aquém dessas organizações, marcados pelo vazio, pelo irrepresentável e pela desorganização pulsional, não conseguem utilizar a técnica associativa e não encontram no enquadre psicanalítico clássico as condições para sua organização e transformação.

Talya destaca que os pacientes-limite desafiam o analista, exacerbando a angústia na contratransferência. No corpo a corpo transferencial com esses pacientes, o analista constata a predominância de uma relação de persecutoriedade intensa do paciente que, quando dissipada, dá lugar a um vazio que desperta intensas angústias de abandono. Dinâmicas primitivas e desorganizadas que solicitam uma outra posição do analista:

Nestes casos, em que a terceiridade não conseguiu implantar-se, trata-se mais de encontrar o objeto do que de reencontrá-lo, mais de estabelecer um primeiro vínculo satisfatório do que de ter que renunciar a ele. O

fundamento da compulsão à repetição estaria na espera de um primeiro objeto, que permaneceu em suspenso; o circuito pulsional estaria girando em falso à espera de uma presença/ausência que possa de alguma maneira interromper um círculo vicioso onde o vazio se reproduz indefinidamente (p. 148).

Dessa outra posição, a resposta do analista ao funcionamento mental não neurótico, marcado pela lógica da desesperança, não consiste em reassegurar o paciente, apresentando-lhe a perspectiva de uma esperança possível, nem em se deixar levar pelo desespero do paciente. A função do analista é sobreviver ao ódio e à destrutividade do paciente e colocar à disposição dele representações e pensamentos do que se passa no universo mental do paciente, o que, para Green, “é a maior prova de amor que pode ser dada ao paciente” (p. 60).

Cabe ao enquadre sustentar a possibilidade desse amor. “É o enquadre que representa o *holding* e os cuidados maternos, mas por ser delimitado no tempo e no espaço, ele sempre inclui um terceiro ou o outro do outro” (p. 228). Cabe à palavra viabilizar e promover aquele amor. É ela que, por meio do enquadre, reproduz jogo entre as relações de afeto sensoriais e as representações entre o aparelho pulsional e o aparelho de linguagem, de forma semelhante àquelas geralmente vividas nos primeiros tempos de vida, condição de fundação do psiquismo. Cabe ao duplo limite ser o avalista do amor. É ele que se constitui como o envelope psíquico que permite o jogo elaborativo ligado aos processos terciários, desenvolvimento de Green a partir da área intermediária concebida por Winnicott, onde ocorrem os processos de criação e se configura a área de ilusão. A partir da ilusão, um dos fundamentos da função objetalizante, consolidam-se e se ampliam o mundo psíquico e o mundo objetal e as condições da economia (investimento significativo) do processo de simbolização (p. 126).

Todo processo psicanalítico clássico de uma neurose pode, em algum momento, desorganizar-se e desafiar o trabalho do analista, tornando-se

limite. A necessidade de ampliação das concepções clínicas para o trabalho no campo das não neuroses, uma outra organização do enquadre, das interpretações, do silêncio, uma outra compreensão das atuações somáticas, comportamentais e sobre o Real, permitiram também a Green redefinir o trabalho da transferência e, em especial, a noção de contratransferência. O analista é convocado a um grande esforço para preencher o vazio, para “desenhar imagens que correspondem à vida mental do paciente” (p. 227). Nesse trabalho, a contratransferência passa a ser compreendida por ele como uma vivência que inclui todo o funcionamento mental do analista, sendo “influenciada, não apenas pelo material do paciente, mas também por suas leituras ou suas discussões com seus colegas”¹.

O duplo limite... fascina e surpreende o leitor até suas últimas páginas. Nelas Talya nos oferece ainda, generosamente, a oportunidade de mergulhar ainda mais profundamente no espírito e na obra de André Green, ao nos apresentar uma biografia resumida do psicanalista e referências bibliográficas de sua obra. Através de cenas da infância, da formação, da história e da participação de Green no movimento psicanalítico francês e mundial, podemos vislumbrar o pano de fundo pessoal, social e institucional no qual a obra de Green foi concebida, gestada e cultivada. Ali, encontramos os traços da depressão materna, da doença, do encontro precoce com a morte, do desamparo, da insegurança, de questões de identidade e de pertinência, ausências, separações, germes de muitos dos conceitos por ele criados.

Talya Candi conclui com uma questão crucial: “por que e quando uma obra, um autor, exige [um] trabalho perlaborativo junto a seus leitores?” (p. 302). Segundo ela, a densidade ontológica de algumas obras pode ser considerada um excesso de pensamento com relação ao que está explicitamente sendo trabalhado pelo autor. É

1 A. Green, L'analyste, la symbolisation et l'absence [1974], in La folie privée: psychanalyse des cas-limites, Paris, Gallimard, 1990, p. 68.

nessa condição de excesso, potencialmente traumático para o leitor, que uma obra convoca a per-
laboração e suscita novos discursos. Ela destaca
na obra de Green essa qualidade traumática-per-
laborativa que a consagra como uma grande obra

de pensamento. No contato com essa obra, Talya
deixou-se seduzir, capturar, sofreu, confundiu-se
e conseguiu transformar-se a partir de tais exces-
sos. Criou sua própria obra. Cativante.

Transferências...

Colaboradores deste número

Adriana Barbosa Pereira

Praça Horácio Sabino, 22 – Jardins das Bandeiras
05412-010 São Paulo SP
Tel.: (11) 3297-9493, (11) 98926-4522
dribp@terra.com.br

Alain Gibeault

alain.gibeault@wanadoo.fr

Alejandro Rojas-Urrego

Avenue du Général Guisan 26
1800 Vevey – Suisse
alejandrorojasurrego@nant.ch

Ana Helena de Staal

165, rue d'Alésia
75014 Paris
Tel.: (33) 4545-1158
anadestaal@ithaque-editions.fr

Ana Sanchez Barini

R. João Ramalho, 325 ap. 41
05008-001 São Paulo SP
Tel.: (11) 3875-5309
anasbarini@gmail.com

Claudia Berliner

R. Dr. Paulo Vieira, 45
01257-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3871-8648
claudia.berliner@gmail.com

Christopher Bollas

1986 101st Ave.
Pekin, ND 58361 USA
christopherbollas@mac.com

Daniel Delouya

R. Capote Valente 439/cj 104,
05409-001 São Paulo SP
Tel.: (11) 3063-0018
danieldelouya@gmail.com

Decio Gurfinkel

R. Maranhão, 620, cj. 64
01240-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3825-9794
deciogur@usp.br

Elisa Maria de Ulhôa Cintra

R. Vargem do Cedro, 201 ap. 112
01252-050 São Paulo SP
Tel.: (011) 3086-4016
elcintra01@gmail.com

Fernando Urribarri

Av. Callao 1960, 4 piso (Recoleta)
Buenos Aires – Argentina
fernandourribarri.1@gmail.com

Janaina Namba

R. Alagoas, 336 ap. 21
01242-000 São Paulo SP
Janaina.namba@yahoo.com.br

Jose Martins Canelas Neto

R. Balthazar da Veiga, 24
04510-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3842-4769
josecanelas@uol.com.br

Lilian Quintão

R. Delfina, 65
05443-010 São Paulo SP
Tel.: (11) 3812.9165
liliquintao@terra.com.br

Litza Guttieres-Green

6, Avenue de l'Observatoire
75006 Paris France
litza.guttieres.green@numericable.fr

Luciano Loprete

R. Pires da Mota, 514, 1p61b
01529-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3209-9767
lulopret@uol.com.br

Luis Cláudio Figueiredo

R. Alcides Pértiga, 65
05413-100 São Paulo SP
Tel. (11) 3086.4016 / 3083.3731
lclaudio@netpoint.com.br

Luiz Eduardo Prado de Oliveira

107, Rue Mouffetard
75005 Paris France
pradodeoliveira@free.fr

Marie-France Brunet

Rafael Maluenda 1548, Vitacura
Santiago Chile
mariefranc@gmail.com

Marilena Chauí

R. Conde de Porto Alegre, 2092
04608-003 São Paulo SP
Tel.: (11) 5041-7489
mchaui@ajato.com.br

Marilucia Melo Meireles

R. João Moura, 647 cj. 101
05412-911 São Paulo SP
Tel.: (11) 3081-2811
mmeireles@usp.br

Maurice Corcos

Institut Mutualiste Montsouris
Dept. de Psychiatrie de l'Adolescent
et du Jeune Adulte
42, Boulevard Jourdan
75674 Paris – France
maurice.corcos@imm.fr

Nelson Ernesto Coelho Junior

Av. Prof. Mello Moraes, 1721
Depto. de Psicologia Experimental USP
05508-030 São Paulo SP
Tel.: (11) 3288-8202
ncoelho@usp.br

Octavio Souza

R. Visconde de Pirajá 595 cj. 905
22410-003 Rio de Janeiro RJ
Tel.: (21) 2294-6237
octaviosouza@gmail.com

Paulo de Carvalho Ribeiro

R. Bambuí 25/1600
30210-490 Belo Horizonte MG
Tel.: (31) 9993-0080
icaro.bhz@terra.com.br

Priscila Nobre David

R. Padre Manoel de Paiva, 264 ap. 74
Bairro Jardim
09070-230 Santo André SP
Tel.: (11) 98234-8386
cpspies@yahoo.com.br

Renata Udler Cromberg

R. Atlântica 776
01440-000 São Paulo SP
Tel.: 3816.2184
renatauc@uol.com.br

Renato Mezan

R. Amália de Noronha, 198 Sumaré
05410-010 São Paulo SP
Tel.: (11) 3081-4851
rmezan@uol.com.br

Rubens Marcelo Volich

Av. Washington Luis, 1527 ap. 122-B
04662-002 São Paulo SP
Tel. (11) 3862-7743 (cons.)
volichrm@dialdata.com.br

Talya S. Candi

R. Itacolomi 601 cj. 31
1239-901 São Paulo SP
Tel.: (11) 99653-1112
talyasc@uol.com.br

Errata

Publicamos a seguir nome e dados de Sergio Telles, colaborador da última *Percurso*, n. 48, que, por uma falha de edição, não constou desta seção.

Sergio Telles

R. Maestro Cardim, 560, cj. 194
013-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3283-5767
setelles@uol.com.br

Normas para envio de artigos e resenhas

A apresentação de trabalhos para publicação na Revista Percurso pressupõe o conhecimento prévio e a aceitação, por parte do articulista, das seguintes normas:

1. Os trabalhos enviados para publicação, sempre originais e inéditos, deverão ser antecedidos por duas páginas contendo, separadamente, os seguintes dados:

Página 1

- ♦ o título e o nome do autor
- ♦ sua qualificação
- ♦ endereço (incluir CEP)
- ♦ telefone (incluir DDD)
- ♦ e-mail

Página 2

- ♦ resumo do artigo enviado, com até cinco linhas, em português, e traduzido para o inglês, com redação ou revisão feita por um profissional da área
- ♦ até seis palavras-chave em português e inglês
- ♦ número exato de caracteres do texto, com espaços
- ♦ data de remessa.

2. A página de rosto é destacada quando o trabalho é remetido para avaliação, de modo a preservar, durante todo o processo, o sigilo quanto à identidade do autor. Portanto, para identificar de qual artigo se trata, o título deverá ser repetido na primeira página do texto.

3. Os trabalhos deverão ser entregues em sete cópias, pessoalmente ou por correio (sem SEDEX), à Coordenação Editorial de Percurso: Rua Amália de Noronha, 198, 05410-010 São Paulo. Não serão aceitos trabalhos enviados por e-mail.

4. Todos os trabalhos são analisados em detalhe pelo plenário da Comissão Editorial ou da Comissão Editorial de Resenhas, que poderão solicitar ao Conselho Científico Externo um ou mais pareceres. Uma vez aceito, um membro destas transmite ao autor eventuais recomendações para mudanças na forma ou no conteúdo, em particular – mas não só – a fim de adequar aos padrões gráficos da revista.

5. Os artigos enviados devem ter até 35 mil caracteres (com espaços), incluídas as notas de rodapé e não incluídas as referências bibliográficas do final. As resenhas devem ter até 15 mil caracteres (com espaços). Trabalhos que excedam esses limites poderão ser devolvidos aos autores para que possam adequá-los às normas, antes de qualquer avaliação.

6. É indispensável seguir os padrões gráficos utilizados por Percurso:

- ♦ o que merecer destaque deve vir em itálico; não utilizar sublinhado nem negrito.
- ♦ colocar intertítulos para facilitar a leitura.
- ♦ palavras estrangeiras e títulos de livros mencionados no texto: estilo itálico, sem aspas.
- ♦ títulos de artigos mencionados no texto: estilo normal, com aspas;
- ♦ citações: devem vir entre aspas, com chamada de nota de rodapé contendo a respectiva referência bibliográfica. As citações de até três linhas devem ser incluídas no corpo do texto; citações de quatro linhas ou mais devem ser destacadas do texto, em parágrafo escrito em fonte menor.

7. As notas deverão vir no rodapé da página em que figura a respectiva chamada, e ser numeradas consecutivamente em algarismos arábicos. Podem ser explicativas ou bibliográficas; neste caso, seguir o formato europeu, como indicado abaixo:

a. **Nome do autor:** em ordem direta, com maiúsculas somente nas iniciais do nome e do sobrenome. Exemplos: S. Freud; M. Klein; D. W. Winnicott.

b. **Artigos e capítulos de livros:** título entre aspas, seguido do nome do livro em que aparecem, cidade, editora, ano de publicação e página citada, precedida apenas da letra “p.” Exemplo: N. Bleichmar e c. Bleichmar, “Os pós-kleinianos: discussão e comentário”, in *A Psicanálise depois de Freud*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1994, p. 286. Caso se trate de uma revista ou periódico, colocar em itálico o nome da revista, indicando número ou volume, local de publicação, ano e página citada. Exemplo: R. Zygouris, “O olhar selvagem”, *Percurso* n. 11, São Paulo, 1993, p. 12. (Não se usa in antes do nome de um periódico).

c. **Livros:** título em itálico, cidade, editora, ano de publicação e página(s) citada(s). Exemplo: J. Greenberg e S. Mitchell, “Object Relations”, in *Psychoanalytic Theory*, Cambridge, Harvard University Press, 1993, p. 377 (ou: p. 377-378).

d. **Textos citados mais de uma vez:** a partir da segunda vez inclusive, colocar apenas nome do autor, a expressão *op. cit.* em itálico, e a página citada. Exemplos: R. Zygouris, *op. cit.*, p. 73; Bleichmar e Bleichmar, *op. cit.*, p. 289. Se entre a primeira e a segunda citação for citada OUTRA obra do mesmo autor, escolher uma forma simples de distinguir entre ambas. Exemplo: primeira citação, Marcia Neder Bacha, *A arte de formar*, Petrópolis, Vozes, 2002, p. 45; segunda citação, Marcia Neder Bacha, *Psicanálise e educação: laços refeitos*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1009; p. 70; terceira citação, Bacha, *Laços...*, p. 90; quarta citação, Bacha, *A arte...*, p. 134; quinta citação, Bacha, *A arte...*, p. 136; e assim sucessivamente.

e. **Referências bibliográficas:** Ao final do trabalho, deverão constar as referências bibliográficas em ordem de sobrenome dos autores, seguidas pelos dados da obra. Exemplos:

Mezan, R. *Interfaces da Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Levisky, D. *Um monge no divã*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

8. **Para resenhas:** título da resenha, seguido da expressão “Resenha de”, nome do autor, título da obra em itálico, cidade, editora, ano de publicação e número de páginas. Exemplo: Freud, o fio e o pavio – Resenha de Chaim Samuel Katz, *Freud e as psicoses: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: Xenon, 1994, 274 p. O nome, qualificação, endereço, telefone e e-mail do resenhador devem vir no final do texto, seguindo o solicitado no item 1 destas Normas. Colocar na página de

rosto as palavras-chave da resenha: não é necessário apresentar resumo ou abstract.

9. Uma vez atendidas as recomendações das Comissões Editoriais, os trabalhos serão entregues no endereço acima, em CD, no formato Word (.doc), acompanhados de uma cópia impressa.

10. O autor receberá cinco separatas do seu trabalho, além de um exemplar do número em que ele figura. Os trabalhos recusados não são devolvidos; o *copyright* dos aceitos pertence aos seus autores. Caso venham a ser publicados em coletâneas ou outros periódicos, inclusive eletrônicos, solicita-se mencionar que a primeira publicação se deu na Revista *Percurso*. Os autores declaram aceitar a divulgação de seus trabalhos no site da revista, www.uol.com.br/percurso.

Onde encontrar *Percurso*

Belo Horizonte

Livraria do Psicólogo
Av. do Contorno, 1390
Floresta
Tel.: (31) 3303-1013 / 3428-5000
livrariadopsicologo@livrariadopsico
logo.net

Fortaleza

Livraria Lua Nova
Av. Treze de Maio, 2861
Benfica
Tel.: (85) 3214.5488

Goiânia

Dimensão
R. 1121, nº 249 – setor Marisa
Tel.: (62) 3281.4135
dimens@terra.com.br

Porto Alegre

Livraria Cultura
Av. Túlio de Rose, 85 loja 302
Tel.: (51) 3028-4033 / 3170-4033
dqmanzano@livrariacultura.com.br

Ribeirão Preto

Núcleo Tabela – Instituto de Formação e Pesquisa em Psicanálise, Psicologia e Ciências Humanas
R. Visconde de Abaeté, 210
Tel.: (16) 3623.5780
contato@nucleotavola.com.br

São Paulo

FNAC Brasil – Pinheiros
Praça Omaguás, 34
Telefax: (11) 3815.1099 r. 271
revistaria@fnac.com.br

Livraria APG
R. Monte Alegre, 948
Perdizes
Tel.: (11) 3871-2023 / 3862-9065
livrariaapg@terra.com.br

Livraria Cultura – Villa Lobos
Av. das Nações Unidas, 4777 loja 245
Tel.: (11) 3024-3599 / 3024-3570
rodrigoh@livrariacultura.com.br

Livraria Cultura – Market Place
Av. Dr. Chucri Zaidan, 902 loja 222
Tel.: (11) 3474-4033
gaalmeida@livrariacultura.com.br

Livraria Cultura – Paulista
Av. Paulista, 2073 loja 153
Conjunto Nacional
Tel.: (11) 3474-4033
cgtorres@livrariacultura.com.br

Livraria da Vila
R. Fradique Coutinho, 915
Vila Madalena
Tel.: (11) 3814-5811

Livraria Pulsional
Rua Min. Gastão Mesquita, 132
Perdizes
Tel.: (11) 3865.8950 / 3675.1190
pulsional@uol.com.br

Maura Book's

Vila Guilherme
Rua José Gonçalves Gomide, 545
Tel.: (11) 2909.1959 / 3865-1232
mbooks@uol.com.br

Resposta Editorial

~~R. Texas, 658~~
~~Brooklin~~
Tel.: (11) 5044-7565

Sorocaba

Psicologia no Cotidiano
Av. Presidente Kennedy, 316
Jardim Paulistano
Tel.: (15) 3327-2104
contato@psicologianocotidiano.com.br
www.psicologianocotidiano.com.br

Salvador

Colégio de Psicanálise da Bahia
Urania Tourinho
R. Alfredo Magalhães, 96, 1º andar
Barra
Tel.: (71) 3264-3202

Uberaba

Ilcéa Borba Marquez
Rua Alfen Paixão, 599
Mercês
Tel.: (34) 3312.7761



A Dr. Contábil consiste na prestação de serviços contábeis, tributários, trabalhistas e societários e é composta de profissionais qualificados em constante atualização com o objetivo de atender com segurança nossos clientes.

Nosso objetivo é fornecer serviços de qualidade, com postura ética, diferenciada, competência e eficácia.



Acesse nosso site:

www.contabil.net

Avenida Caxingui 94 Butantã
CEP 05579 000 São Paulo Capital
Telefone (11) 3724 9440
menossi@contabil.net

Um produto desenvolvido por:

MEN0551
CONSULTORIA CONTÁBIL

Para assinar *Percurso*

- **Assinatura anual:** R\$ 160,00* (dois números).
- Por telefone:** ligue para (011) 3081-4851, das 9:00 às 16:30, de segunda a sexta-feira. Você receberá uma ficha de compensação, que poderá ser paga em qualquer agência bancária.
- Por cartão:** ligue para (011) 3081-4851, nos mesmos horários. Tenha em mãos o número de seu cartão. Aceitamos Mastercard, Visa e American Express.
- Por cheque:** envie seus dados pessoais e cheque nominal para
Sociedade Civil Percurso
a/c Setor de Assinaturas
R. Amália de Noronha, 198
05410-010 São Paulo SP

Autorização para assinar *Percurso* por cartão de crédito

NOME: _____		DATA: ____/____/____	
ENDEREÇO: _____			
CEP: _____		CIDADE: _____	ESTADO: _____
TELEFONE RES.: () _____		COM.: () _____	
CIC: _____		RG: _____	
E-MAIL: _____			
Mastercard: nº		<input type="text"/>	val.: /
Visa: nº		<input type="text"/>	val.: /
AmEx: nº		<input type="text"/>	val.: /
Quantidade de Parcelas: <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 5			

Remeta este cupom por fax ou ligue, informando seus dados, para:

REVISTA PERCURSO – SETOR DE ASSINATURAS
R. Amália de Noronha, 198
05410-010 São Paulo SP
Tel/Fax: (11) 3081-4851

Você também pode nos enviar um e-mail (percurso@uol.com.br) autorizando-nos a debitar em seu cartão o valor da assinatura. Neste caso, seu cadastro será feito pelo telefone. Por favor, tenha em mãos os documentos necessários.

* Alunos dos cursos do Instituto Sedes Sapientiae têm desconto de 25% (R\$ 120,00).

Impresso em Aparecida SP, em junho de 2013,
no parque gráfico da Editora Santuário,
para o Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae